

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

**SARAH NASCIMENTO DOS REIS**

**DA BAÍA À ORLA. TRAJETÓRIAS HABITACIONAIS EM**  
**PRETO E BRANCO: CIDADE, CASA E FAMÍLIA NUMA ANÁLISE**  
**ETNOGRÁFICA DA MOBILIDADE RESIDENCIAL DE DUAS REDES EM**  
**SALVADOR-BA**

Salvador-BA

2021

**SARAH NASCIMENTO DOS REIS**

**DA BAÍA A ORLA. TRAJETÓRIAS HABITACIONAIS EM  
PRETO E BRANCO: CIDADE, CASA E FAMÍLIA NUMA ANÁLISE  
ETNOGRÁFICA DA MOBILIDADE RESIDENCIAL DE DUAS REDES EM  
SALVADOR-BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade em Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Antropologia.

Orientação: Prof. Dra. Urpi Montoya Uriarte

Salvador-BA

2021

---

Reis, Sarah Nascimento dos  
R375 Da Baía à Orla. Trajetórias habitacionais em preto e branco: cidade, casa e família numa análise etnográfica da mobilidade residencial de duas redes em Salvador-BA. / Sarah Nascimento dos Reis. – 2021.  
274 f.: il.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Urpi Montoya Uriarte  
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Capitais (Cidades) – Salvador-BA. 2. Mobilidade residencial. 3. Casa própria. 4. Famílias. I. Uriarte, Urpi Monton. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 307.2

---

**SARAH NASCIMENTO DOS REIS**

**DA BAÍA A ORLA. TRAJETÓRIAS HABITACIONAIS EM  
PRETO E BRANCO: CIDADE, CASA E FAMÍLIA NUMA ANÁLISE  
ETNOGRÁFICA DA MOBILIDADE RESIDENCIAL DE DUAS REDES EM  
SALVADOR-BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade em  
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia como requisito  
parcial para obtenção do título de doutora em Antropologia.

**BANCA DE AVALIAÇÃO**

Prof. Dra. Urpi Montoya Uriarte

Orientadora/ Presidente

PPGA-UFBA

Prof. Dra. Cíntia Beatriz Müller

PPGA-UFBA

Prof. Dr. Rafael de Aguiar Arantes

PPGCS-UFBA

Prof. Dra. Julie Sarah Lourau Alves da Silva

PPGPSC-UCSAL

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani

PPGAS-USP

Para Elisa Maria e José Tibúrcio, que me fizeram o que eu sou.

Para Marília e Lindaiá, a quem entrego tudo o que sou.

## **AGRADECIMENTOS**

Embora tenha se tornado lugar-comum afirmar que ninguém faz nada sozinho, em tempos de forte personalismo e espetacularização da vida, me parece fundamental mencionar e agradecer a todas e todos que me deram as mãos e apoiaram a realização e finalização deste trabalho.

Em primeiro lugar, agradeço ao Universo, a Olorum pelo dom da vida, da saúde e pelas condições físicas e materiais de realizar este trabalho. Estamos entregando este estudo no segundo ano de uma pandemia sem precedentes na história, na qual, apenas no Brasil, morreram mais de 600 mil pessoas. Agradeço a Iya mi Oxum, orixá para o qual me consagrei durante o curso de doutoramento, deusa do amor, da fertilidade, da sabedoria, dona do oculto. A quem todos dizem que pertence esta cidade. A ela, rendo graças cotidianamente por ter me escolhido para ser uma das suas filhas, por me reconstruir pelo amor, por estar mudando minha forma de olhar o mundo e me sustentar até aqui. Agradeço também a Babá Odé, orixá da caça, da fartura, da abundância por ter me sustentado na travessia desta mata escura que é a produção acadêmica, cuja caça é um resultado digno e dignificante para uma coletividade na qual muitos não conseguiram e não conseguirão chegar aonde eu estou chegando. Agradeço ainda a Exu, orixá dos caminhos e da comunicação entre os mundos, da verdade, pela possibilidade de colocar minha mensagem, minha verdade ao mundo. Que elas cheguem a todos de boa-fé. Mojubá!

Agradeço aos meus sacerdotes Babá Ricardo Bonfim e a Iya Luciene Mary pelo acolhimento e amparo em momento de grande vulnerabilidade, pelo ombro amigo e abraço afetuoso, por me abrigar em sua família, assim como a Iya Émile, Iya Tainã e o Assogbá Jorge Ribas pela amizade, carinho, confiança e estímulo. Agradeço a meu pai José Tibúrcio e minha mãe Elisa Maria por terem me feito como sou, por me terem transmitido o valor e a necessidade do capital simbólico que o conhecimento acadêmico representa numa sociedade tão desigual como a brasileira, sendo este o único bem que levamos para o túmulo. Agradeço pelo incentivo e pelo suporte, mesmo quando decidi sair da casa na qual fui criada para me aventurar na capital, em busca deste capital. Este sonho nutrido desde, pelo menos, meus dez anos de idade, de trabalhar com a ciência, de ser pesquisadora. Entrego a vocês o fruto de tamanho investimento feito desde o meu nascimento.

Agradeço às minhas filhas Marília e Lindaiá pela compreensão em tantas ausências, em tantos domingos de sol dentro de casa, pois uma tese é feita de muitos domingos ensolarados e pôr-do-sol na janela, pela paciência com tamanho tempo dedicado a um trabalho solitário numa fase tão delicada como a primeira infância e a adolescência. Agradeço ao pai de Lindaiá, Carlos Napoleão, por ter assumido muitas tarefas e dedicado muito do seu tempo aos cuidados com nossa pequena, na falta de uma rede de apoio na minha maternagem e conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora Urpi Montoya, esta peruana também adotada pela cidade do Salvador, pela generosidade, apoio, incentivo e fé nas possibilidades deste trabalho, quando nem eu mesma queria continuá-lo. Por, tal qual uma boa filha de Oxossi, apontar sempre os melhores caminhos, de forma alegre e leve! Firmamos uma parceria e amizade que quero levar sempre comigo, aprendendo sempre mais com sua maestria. A antropologia que eu faço é antropologia que aprendi a fazer contigo, à parte isso, é somente de minha responsabilidade as mazelas da escrita que se segue.

Agradeço aos docentes, colegas e funcionários do Programa de Pós pelas aulas, discussões e debates, nem todos em sala de aula, muitas vezes era na rua e nos barzinhos do Largo de São Lázaro que boas ideias e risadas irrigavam a nossa produção. Agradeço à turma do ano de 2016: Iacy, Adriana, Vanessa, Flávio e especialmente Tatiana e Elayne com quem estreitei a convivência e trocas nos temas da vida e do urbano. De Elayne recebi um dos livros fundamentais para pensar a diferenciação espacial das cidades.

Agradeço a Universidade Federal da Bahia nas pessoas do Pró-reitor de Ensino de Graduação, Prof. Dr. Penildon Silva e das minhas coordenadoras Prof. Dra. Ana Verena Madeira, Prof. Dra. Noemi Santana e Prof. Dra. Denise Guerra, pelo estímulo e apoio com redução de carga-horária de trabalho, bem como concessão de licença entre os anos 2018 e 2020 para a realização de trabalho de campo e finalização do texto. Agradeço ainda às minhas colegas de equipe de trabalho: Izabel Oliveira, Vanúbia Silva, Rosi Mendonça, Tina Brás, Sandra Silva, Daiane Luz, Taise Macedo, Selmo Alves e Carolina Mendonça que, umas mais de perto outras mais de longe acompanharam essa saga colaborando, diminuindo a demanda por minha presença em atividades e eventos. Esta foi uma tese produzida com recursos próprios, sem bolsa de pesquisa dos órgãos de fomento. Assim, o principal capital que me foi concedido foi o tempo para realiza-lo.

Agradeço imensamente a Edgar Igor, companheiro desde o início da pandemia, que de forma paciente e ativa me ouvia longamente sobre percalços e possibilidades de abordagem das questões de pesquisa, fazia sugestões, buscava referências, comprou inúmeros livros no sebo ao ar livre do Largo Dois de Julho, fez os esquemas do primeiro e do sétimo capítulos, além da linda capa que ilustra este trabalho, transcreveu entrevistas, me comprava lanches quando eu estava triste e me abraçava forte quando estava ansiosa e com medo de tudo. Não tenho como te agradecer pelo que fez por mim desde que nos conhecemos, preto. Você é meu porto seguro.

Agradeço à minha amiga e irmã de axé Rani Teles pela transcrição primorosa das entrevistas, a Arthur Prudente pela paciência na confecção dos mapas, a Nathalie Pavelic pela tradução do resumo para o francês e a Rômulo Emanuel que traduziu para o inglês. Agradeço a todos os interlocutores sem os quais este trabalho não se realizaria especialmente a Anahí pelas trocas constantes mesmo depois de terminado o campo e demais interlocutores que não são citados diretamente no texto. Todos vocês foram imprescindíveis para construir esta reflexão sobre esta cidade.

Por fim, agradeço a todas as minhas pessoas amigas que de alguma forma contribuíram com a minha entrada, permanência e conclusão neste curso e que aguardam pela finalização deste trabalho, vocês foram fundamentais para eu não me sentir sozinha e conseguir enxergar a luz no fim do túnel quando não via mais sentido em continuar: Nainalva Reis, Aline Moreira, Davi Santos, Naila Souza, Flávio Franco, Gabriel Nascimento, Iara Leão, Simon Delabie, Maria Oliveira, Amanda Silva, Helder Bonfim, Taíse Sá, Juci Santana, Mel Trindade, Roberta Fragoso, Aninha Teles, Lorena Volpini, Isabel Inês, George Hora, Marlon Marcos, João Ritter, Ana Marta Silva, Alex Reis, Efsom Lima, Jorge Ribas e Elder Arimatéia, estamos juntos! O trabalho de psicoterapia iniciado com Daniela Evangelista e continuado por Lorena Dantas foi também grande contributo para chegarmos até aqui, minha imensa gratidão.



*“Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”*  
Maria Carolina de Jesus, Quarto de despejo (2014)

*“nem tudo que se ajunta se mistura e nem tudo que se mistura se ajunta”*  
Antônio Nêgo Bispo (2020)

REIS, Sarah Nascimento dos. **Da Baía à Orla. Trajetórias habitacionais em preto e branco.** Cidade, Casa e Família numa análise etnográfica da mobilidade residencial de duas redes em Salvador-BA. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

## RESUMO

A partir da análise da trajetória residencial de uma rede familiar e de uma rede de amigos, na qual a primeira é majoritariamente negra e a segunda é majoritariamente branca, tomando como referência suas escolhas habitacionais enquanto residentes na cidade do Salvador, vamos compreender os fluxos, os sentidos da mobilidade residencial, da construção da diferenciação espacial, bem como da busca por dignidade e status ao longo do tempo e na contemporaneidade. A produção e consolidação de três grandes áreas de *status* distintos entre si: a aporotopia, lugar da subalternidade, dos negros e pobres, identificados pela autoconstrução; a protopia, lugar da melhoria relativa, intermediária e a arquitopia lugar da parcela dominante, majoritariamente rica e branca identificados pela presença massiva de investimentos e urbanização formal, orientam a busca por moradia destas famílias enquanto constroem seu status pessoal e coletivo sem deixar de nutrir suas redes de relações consanguíneas e vicinais fazendo e refazendo laços imersos em circuitos de redes de casas vizinhas e familiares em seus novos e antigos bairros da cidade. Esta tese demonstra como aspectos da dimensão de escala global, tais como políticas públicas, imaginário urbano e segregação social se articulam a interesses e necessidades de escala humana tendo como elemento mediador a materialidade urbana cujo viabilizador é a aquisição da casa própria.

PALAVRAS-CHAVES: Salvador, Cidade, Mobilidade Residencial, Casa Própria, Família

REIS, Sarah Nascimento dos. **From the Bay to the shore. Housing trajectories in black and white:** City, House, and Family in an ethnographic analysis of the residential mobility of two networks in Salvador-BA. Thesis (Doctorate in Anthropology) Faculty of Philosophy and Human Sciences, Federal University of Bahia, 2021

From the analysis of the residential trajectory of a family network and a network of friends, in which the first is mostly black and the second is mostly white, let us understand, based on their housing choices while residing in the city of Salvador, the flows, the meanings of residential mobility beyond the construction of spatial differentiation, as well as the search for dignity and status over time and contemporaneity. The production and consolidation of three large areas of status that are distinct from each other: the aporotopia, place of subordination, of the blacks and the poor, identified by self-construction; protopia, the place of relative improvement, intermediate, and architopia, the place of the dominant portion, mostly rich and white, identified by the massive presence of investments and formal urbanization, guide these families' search for housing while building their personal and collective status without ceasing to nurture their networks of consanguineous and local relationships making and remaking ties immersed in circuits of networks of neighboring houses and family members in their new and old neighborhoods of the city. This thesis demonstrates how aspects of the global scale dimension, such as public policies, urban imaginary, and social segregation, are linked to human scale interests and needs, having as a mediating element the urban materiality whose enabler is the acquisition of one's own home.

**KEYWORDS:** Salvador, City, Residential Mobility, Own Home, Family.

Reis, Sarah Nascimento dos. **De la Baie au Rivage. Trajectoires de logement en noir et blanc** : Ville, Maison et Famille dans une analyse ethnographique de la mobilité résidentielle de deux réseaux à Salvador-BA. Thèse (Doctorat en Anthropologie), Faculté de Philosophie et Sciences Humaines, Université Fédérale de Bahia, Salvador, 2021

## RÉSUMÉ

A partir de l'analyse de la trajectoire résidentielle d'un réseau familial et d'un réseau d'amis, dans lequel le premier est majoritairement noir et le second majoritairement blanc, nous allons, en fonction de leurs choix de logement en tant que résidents de la ville de Salvador, comprendre les flux, les significations de la mobilité résidentielle, de la construction de la différenciation spatiale, ainsi que la recherche de la dignité et du statut au fil du temps et de la contemporanéité. La production et la consolidation de trois grands espaces de statuts distincts les uns des autres : l'*aporotopia*, lieu de subalternité, des noirs et des pauvres, identifiés par l'auto-construction ; la *protopia*, lieu d'une certaine amélioration, intermédiaire et l'architopie, lieu du groupe dominant, majoritairement riche et blanc, identifié par la présence massive d'investissements et d'urbanisation formelle, guident la recherche de logement de ces familles qui construisent leur statut personnel et collectif tout en entretenant leurs réseaux de relations consanguines et de voisinages en créant et recréant des liens immergés dans des circuits de réseaux de maisons voisines et de membres de la famille dans leurs nouveaux et anciens quartiers de la ville. Cette thèse démontre comment des aspects de la dimension à l'échelle mondiale, tels que les politiques publiques, l'imaginaire urbain et la ségrégation sociale sont articulés aux intérêts et besoins à l'échelle humaine, en ayant comme élément médiateur la matérialité urbaine dont le catalyseur est devenu propriétaire.

MOTS-CLÉS : Salvador, Ville, Mobilité Résidentielle, Être Propriétaire, Famille

## Lista de figuras

<b>Figura 1</b>	Ocupação socioespacial da cidade do Salvador	19
<b>Figura 2</b>	Diagrama das relações de parentesco da Família Pitanga	36
<b>Figura 3</b>	Relações de parentesco da Família Aroeira	37
<b>Figura 4</b>	Relações de parentesco da Família Tupinambá	38
<b>Figura 5</b>	Relações de Parentesco da Família Jequitibá	39
<b>Figura 6</b>	Rede familiar 1	40
<b>Figura 7</b>	Trajatória habitacional da Rede 1	50
<b>Figura 8</b>	Limites dos bairros da Prefeitura-Bairro III – Liberdade/São Caetano no município de Salvador-BA	70
<b>Figura 9</b>	Percentual de domicílios em aglomerados subnormais por bairros	74
<b>Figura 10</b>	Bairros da Prefeitura-Bairro da Cidade Baixa	75
<b>Figura 11</b>	Densidade demográfica da Prefeitura-Bairro V – Cidade Baixa	77
<b>Figura 12</b>	Domicílios em Aglomerados subnormais	78
<b>Figura 13</b>	ZEIS da Prefeitura-bairro da Cidade Baixa	78
<b>Figura 14</b>	Trajatória Autônoma da Geração de Yara da Rede 1	83
<b>Figura 15</b>	Trajatória Habitacional da Geração de Aruanã da Rede 1	116
<b>Figura 16</b>	Rede 2 – Trajetória familiar inicial	135
<b>Figura 17</b>	Trajatória Autônoma da Rede 2	158
<b>Figura 18</b>	Prefeitura-Bairro VI – Barra/Pituba na Orla Atlântica	184
<b>Figura 19</b>	Densidade demográfica da Prefeitura-Bairro Barra/Pituba	185
<b>Figura 20</b>	Áreas com domicílios em aglomerado subnormal da PB-VI- Barra/Pituba	187
<b>Figura 21</b>	ZEIS da PB VI - Barra/Pituba	187
<b>Figura 22</b>	Bairros da PB IV - Itapuã/Ipitanga	189
<b>Figura 23</b>	Densidade demográfica da PB IV - Itapuã/Ipitanga	190
<b>Figura 24</b>	Presença de aglomerados subnormais na PB IV - Itapuã/Ipitanga	191
<b>Figura 25</b>	ZEIS da PB IV - Itapuã/Ipitanga	191
<b>Figura 26</b>	Mapa de Salvador produzido pelo EPUCS para diagnóstico e atuação	207
<b>Figura 27</b>	Diagrama da rede de casas e do circuito de relações a partir da Família Pitanga	231

## **Lista de tabelas**

**Tabela 1**  
**Tabela 2**

41  
46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 1   APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA.....</b>	<b>27</b>
<b>1.1   A Rede 1 – A rede das famílias Pitanga, Tupinambá, Aroeira e Jequitibá.....</b>	<b>29</b>
<b>1.2   Núcleo 2 - Unidos pelo Colégio Nossa Senhora da Soledade .....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 2   O COMEÇO DESTA HISTÓRIA: COMO NOVOS MORADORES SE ESTABELECEM NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, MARGEM URBANIZADA DA CIDADE ORIGINÁRIA DE SALVADOR ....</b>	<b>49</b>
<b>2.1   As famílias da Rede 1 iniciam sua jornada na cidade do Salvador.....</b>	<b>51</b>
<b>2.2   As regiões da Liberdade, São Caetano e Cidade Baixa na atualidade.....</b>	<b>69</b>
2.2.1   A Prefeitura-bairro de Liberdade e São Caetano .....	69
2.2.2   A prefeitura-bairro da Cidade Baixa .....	74
<b>2.3   A Salvador aprotópica.....</b>	<b>79</b>
<b>CAPÍTULO 3   COMO MORADORES DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS MIGRAM PARA A CIDADE EXPANDIDA .....</b>	<b>82</b>
<b>3.1   A trajetória dos nossos interlocutores partindo dos bairros da Baía.....</b>	<b>84</b>
<b>3.2   A moradia protópica em Salvador .....</b>	<b>111</b>
<b>CAPÍTULO 4   ESTABILIDADE E INOVAÇÕES: AS ESCOLHAS HABITACIONAIS QUE FORJAM A TRAJETÓRIA DA TERCEIRA GERAÇÃO DA REDE 1.....</b>	<b>115</b>
<b>4.1   Estabilidade econômica e social: o legado da segunda geração em ação .....</b>	<b>132</b>

<b>CAPÍTULO 5   OUTRO LADO DA MESMA HISTÓRIA: A BAÍA DE TODOS OS SANTOS COMO MORADIA FIXA OU TEMPORÁRIA DE UM GRUPO DE AMIGOS .....</b>	<b>134</b>
<b>5.1   Entre a aporotopia, a protopia e a arquitopia: trajetórias em ascensão.....</b>	<b>156</b>
<b>CAPÍTULO 6   O CAMINHO ATÉ A ARQUITOPIA .....</b>	<b>157</b>
<b>6.1   A Orla Atlântica na contemporaneidade .....</b>	<b>183</b>
6.1.1   Prefeitura-Bairro VI – Barra/Pituba.....	183
6.1.2   Prefeitura-Bairro IV – Itapuã/Ipitanga.....	188
<b>6.2   Os desbravadores da cidade arquitópica .....</b>	<b>192</b>
<b>CAPÍTULO 7   DESTRINCHANDO RAÇA, CLASSE, FAMÍLIA E GÊNERO NAS DUAS REDES PESQUISADAS.....</b>	<b>195</b>
<b>7.1   As interações entre as dimensões de raça e classe na experiência da busca por moradia em Salvador, nas 2 redes pesquisadas.....</b>	<b>195</b>
7.1.1   Sair da Liberdade: racismo, diferenciação e segregação habitacional.....	197
7.1.2   A casa própria – autonomia, respeitabilidade e estabilidade.....	212
<b>7.2   Relações familiares e de gênero .....</b>	<b>221</b>
7.2.1   Rede 1 – Círculo familiar e Círculo vicinal.....	222
7.2.2   Rede 2 – Vicinalidade familiar e o papel da mãe/mulher .....	233
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>243</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>253</b>



## INTRODUÇÃO

Esta tese é um estudo sobre aspectos materiais e simbólicos da materialidade urbana da cidade do Salvador, suas rupturas e continuidades, investigadas a partir do deslocamento intraurbano de algumas famílias e indivíduos. Divididas em duas redes, as trajetórias habitacionais de cada uma são comparadas e analisadas, seguidas pelo fio condutor de suas próprias memórias e histórias de vida.

Salvador, como muitas outras grandes cidades brasileiras, passou por grandes transformações, nas últimas décadas, que aprofundaram, por um lado, e modificaram, por outro, a dinâmica socioespacial que começou a se desenhar no início do século passado. De cidade densa, concentrada e voltada para a baía, ela passou a cidade espalhada pela Orla Atlântica e ainda povoou sua região central, o chamado Miolo.

Novos padrões de urbanização se somaram às formas urbanas herdadas do período pré-republicano e escravocrata. Imbuídos do desejo de inserir a cidade no caminho do “progresso” e da “modernização”, planos foram elaborados e decisões políticas tomadas apontando o rumo a ser seguido para que a cidade apanhasse o bonde que o sudeste e o sul do país dirigiam em direção ao desenvolvimento.

No curso destas transformações, indivíduos e famílias buscam novas posições no tecido urbano de Salvador. Muitos são chegados de outras cidades como parte do fluxo que a modificou indelevelmente. Eles foram mobilizados por condições climáticas em seus lugares de origem, além das perspectivas de trabalho e melhores condições de vida na capital.

Estes migrantes serão acolhidos pela região majoritariamente pobre e negra da cidade desde o início do século, a região da baía, mais afastada da cidade original. É principalmente esta massa de trabalhadores negros sem especialização, oriunda de cidades do interior do estado, atuando com vínculos precários de trabalho e moradia, construindo a cada dia a sua subsistência que vai se tornar a imagem predominante dos habitantes desta área, na qual tem a autoconstrução como principal meio de materializar a produção do seu espaço no mundo. Estabelecidos nesta área vai cada grupo, a seu tempo, deixando-a para se habitar nos novos bairros na área da orla atlântica.

Michel Agier (1990, 1995, 2011) foi quem apreendeu e analisou este fenômeno da melhor forma no âmbito da antropologia urbana. Interessado especialmente nas transformações provocadas pela industrialização na segunda metade do século

passado, ele investigou as mudanças na organização familiar do chamado “novo operariado” durante sua longa permanência na cidade em um dos bairros da baía, a Liberdade.

O fenômeno do surgimento de um novo operariado, organizado em setores industriais diversos do instalado na Península de Itapagipe e das atividades econômicas tradicionais na cidade, com salário e um poder de consumo superior aos seus colegas e vizinhos de bairro da região da Estrada da Liberdade, se deslocando para residir em novos bairros, foi abordado e analisado por Michel Agier (1990, 1995), Nadia Castro e Michel Agier (1995).

Naquele momento, o autor apresenta a escolarização e a estabilidade empregatícia com salários robustos como via para a aquisição da casa própria, fora da sua região de origem através de financiamentos. A Liberdade, bairro que “em 1980, 18,1% da população ativa trabalhava na indústria de transformação” (AGIER, 1995, p. 77), foi o *locus* prioritário de seus estudos onde observou e analisou o modo de vida de operários que ali permaneceram, apontando as inovações na sociabilidade que o acesso a este novo mercado de trabalho inseria naquela realidade.

A partir dos *insights* analíticos deste pesquisador é que me debrucei sobre este fenômeno específico da mobilidade residencial entre duas áreas simbolicamente demarcadas na cidade, buscando compreender como os interlocutores percebiam o movimento do qual faziam parte, justificavam suas decisões e como avaliavam as áreas de onde saíram e para onde foram.

A apreensão do imaginário social que engendra a cartografia social da cidade do Salvador pelos nossos interlocutores foi um dos objetivos que a pandemia do novo coronavírus não permitiu que se alcançasse. Assim como a investigação histórica da formação deste imaginário o qual informa ser o lado da baía, formado por bairros populares e o lado da orla formado por bairros formais, foi cancelado pelo fechamento de arquivos e demais repartições públicas entre elas, bibliotecas e universidades.

Embora o tema da pobreza em si e da sua espacialização seja complexo e gere discussões aparentemente longe de consensos como sugerem Santos (2009), Vasconcelos (2006), Telles (2013), Rosa (2014) e Cortina (2020), há alguns elementos que demarcam o reconhecimento de um “bairro popular”, entre os mais fortes está a presença de pessoas negras, sendo este o tipo social do “popular” na cidade e a autoconstrução, expressão da organicidade e espontaneidade na produção da moradia nos limites dos recursos disponíveis.

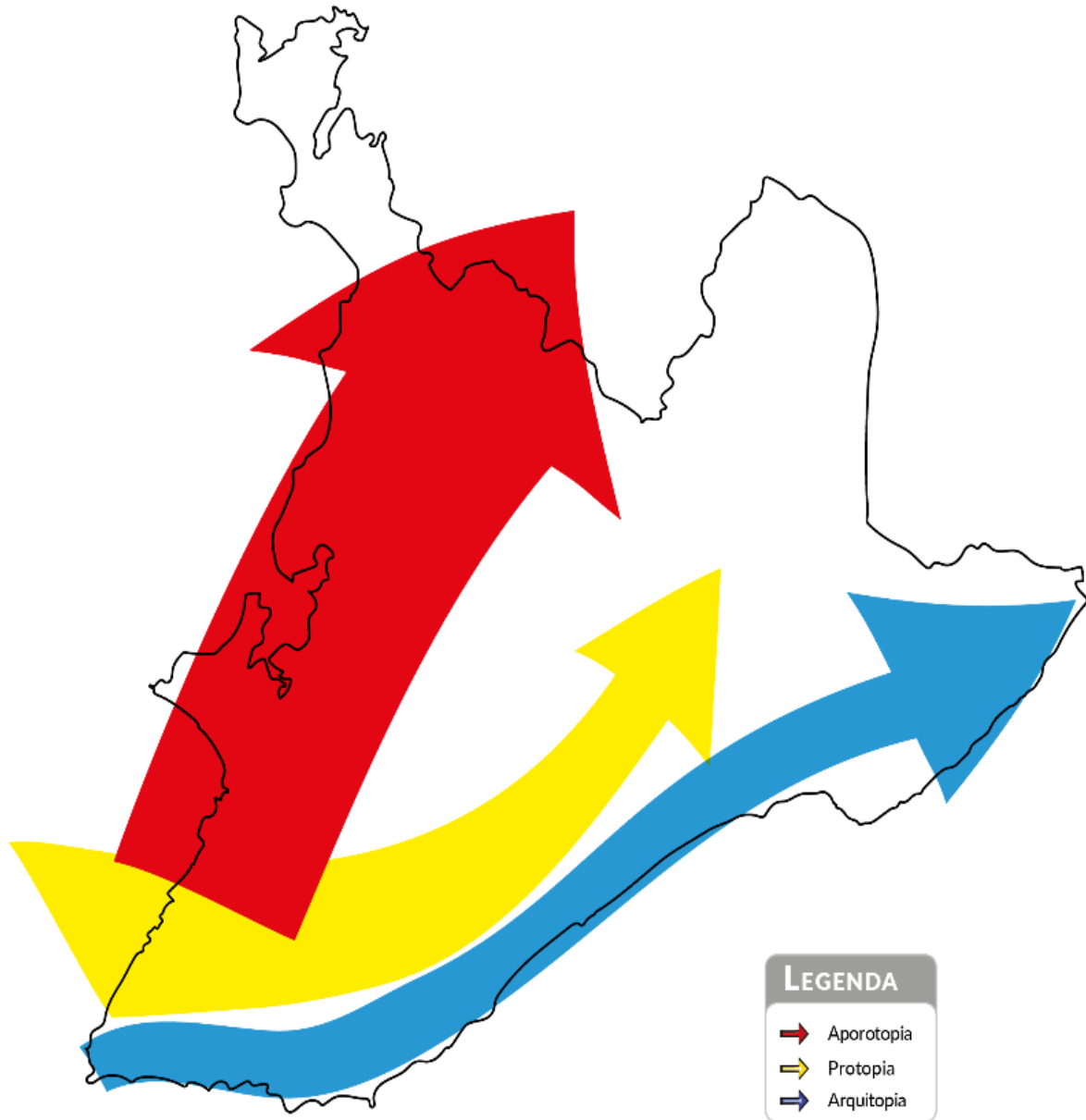
A compreensão da autoconstrução, tipologia de arquitetura vernácula brasileira que compõem “invasões” e favelas, como expressão da precariedade, vulnerabilidade e em última instância da pobreza pode ser considerada um certo consenso entre os estudiosos do urbano. No entanto, a questão racial tem sido subsumida dos estudos da cidade, via de regra, por ainda se apostar numa democracia racial que se expressa na preponderância da chave analítica de classe em detrimento da de raça, ignorando a constituição de um “lugar de negro” (cf. GONZALEZ E HASENBALG, 1982) e um “lugar de branco” na espacialização das cidades. Em Salvador, os bairros da baía se tornaram lugar de negros e os da orla em lugar de branco.

Por outro lado, os bairros formais são reconhecidos pelo atendimento dos parâmetros legais de parcelamento e planejamento urbanístico cuja arquitetura foi erguida por profissionais especializados sob vigilância dos órgãos de fiscalização. (cf. GORDILHO-SOUZA, 2008) A formalização, em contraste com a autoconstrução, se tornou por si um valor que, somada a qualidade dos materiais e a incorporação de elementos das mais novas tendências de arquitetura e urbanismo, aumenta o *status* destes empreendimentos e bairros. Expressão ostensiva da intencionalidade e racionalidade no urbano, o bairro formal é o lugar do branco na cidade.

Retirar os aspectos que revelam a colonialidade na qual se fundam as relações de poder em países construídos sobre passado colonial e escravagista, cuja dominação exercida por europeus se estruturou em uma pretensa superioridade racial destes em detrimento dos nativos de outros continentes, permanecendo como aspecto intersubjetivo das relações sociais ainda que o colonialismo político tenha sido superado (cf. QUIJANO, 2002), é uma das maiores provas da eficácia do modelo de subordinação racial na academia e nas demais instâncias da vida contemporânea como um todo.

Neste sentido, a autoconstrução e a formalidade, compõem a materialidade majoritária de um lado e do outro da cidade criando uma lógica dual e hierarquizada onde a orla é considerada de tipo superior e a baía de tipo inferior, exercendo, portanto, uma atração para cada um dos tipos sociais que se reconhecem ou se projetam nestes espaços. A figura abaixo representa um esquema preliminar desta ocupação na cidade do Salvador e será discutida e analisada nos capítulos desta tese.

**Figura 1** – Ocupação socioespacial da cidade do Salvador



Fonte: autoria própria

Além da compreensão dos elementos que compõem a produção de macroáreas, local de atuação do que Henri Lefebvre (2002) chamou de nível global de atuação e análise do espaço, onde operam “o poder, o Estado, como vontade e representação” (Idem, p. 77), a escolha de onde e como morar passava pela decisão de como e onde adquirir o seu imóvel. A aquisição da casa própria, esta espécie de rito de passagem para a vida adulta, quase sempre ensejava esforços empreendidos pelo casal e sua família de origem.

Neste sentido, a escolha da moradia onde se vai investir recursos ou com o qual vai se comprometer por um longo período através de financiamentos se inscreve nos jogos de representação das áreas da cidade, dos projetos pessoais e coletivos dos “campos de possibilidades” (cf. VELHO, 2004), que têm por base valores e formas de habitar nos quais foram socializados.

A casa, bem que é muito mais que um imóvel, é unidade simbólica e material que compõe uma das matrizes explicativas como as produzidas por Freyre (1985) e DaMatta (1997). Já para Marcelin (1999) MacCallum e Bustamante (2012), Hita (2014), Montoya-Uriarte (2019) entre outros autores, ela materializa mundos, modos de habitar, revela e reserva o domínio pessoal, expressão de autonomia e respeitabilidade. A necessidade de ter a sua casa própria dá cor e vida aos projetos de cidade concebidos pelos especialistas em bairros e loteamentos ainda sem o urbano, ainda não-lugares.

Assim, pela importância da casa, este foi o fio escolhido para analisar a relação dos interlocutores com a cidade, seus macroespaços e como produzem microespaços. Este estudo se concentra em analisar o deslocamento residencial de famílias através de algumas gerações, pelo menos três na Rede 1 e duas na Rede 2, enquanto expressão da reformulação ou reafirmação de valores pessoais e coletivos diante das propostas das políticas públicas e do mercado imobiliário.

Embora a ideia de família e de amizade tenha um entendimento corrente propomos utilizar a noção de rede para, ao utilizar uma categoria cara e muito tradicional aos estudos antropológicos, enfatizar as relações sociais latentes ao longo do tempo imbuídas de solidariedade, ajuda mútua e afeto entre seus membros através de conexões e interações estáveis e regulares (cf. BARNES, J. 2010 [1969]).

A família é unidade mínima de configuração social neste estudo, os indivíduos não se veem como independentes, mas copartícipes de um conjunto, e este conjunto continua sendo mais importante que a filiação profissional ou de categoria de trabalho,

por exemplo, ou relações de afinidade. A primazia relacional e de afeto pertence à consanguinidade. As relações exteriores à família que se fortalecem e ganham tamanha importância pelo nível de consideração mútua alcançada são equiparadas e se tornam família, por mecanismos já discutidos por Agier (1990, 2011), Marcelin (1999), Hita (2014) e Montoya-Uriarte (2019).

Ainda que inseridos em relações econômicas e de trabalho cada vez mais modernas e profissionalizadas, são de situações e eventos com pessoas com laços consanguíneos que os interlocutores se reportam, rememoram, dão relevo. São destas pessoas que recebem apoio, trocam favores e esperam afeto. As relações construídas além do espaço doméstico têm relevância secundária, mesmo que a profissão seja o meio de acesso aos bens e consumo, ela demarca poucos elementos identitários de categoria profissional, denota um certo *plus* no *status* pessoal, no entanto, o pertencimento principal reivindicado é o familiar consanguíneo.

Como já mencionado, a produção de habitação é uma das necessidades humanas básicas (SEGAUD, 2016), bem como uma das características que humanizam a nossa espécie (HEIDEGGER, 1954). Desta forma, a busca e a produção da moradia se emolduram em um emaranhado de aspectos simbólicos que produzem valores e status. Diferente do que idealizou Le Corbusier, não é possível extrair todo o arcabouço simbólico das habitações e conseqüentemente das formas de habitar reduzindo-as apenas ao seu aspecto funcional: “a máquina de morar”. (LECORBUSIER, 1993)

Com efeito, as especificidades da forma de habitar na Bahia e mais precisamente em Salvador vem sendo abordadas por um conjunto de estudiosos do campo dos Estudos Urbanos, capitaneados por arquitetos e urbanistas, seguidos por sociólogos e antropólogos, entre outros, que buscam contribuir com o estudo da experiência baiana ao panorama que os Estudos Urbanos fazem sobre as cidades brasileiras.

Assim, ao compreendermos que um conjunto de agentes concorre para produção e escolha da moradia, bem como da cidade, sua estrutura, bens e serviços, procuramos através deste estudo compreender como este conjunto de elementos contribui e influencia a agência dos interlocutores na busca por moradia.

Por outro lado, o que queremos investigar é o quanto as escolhas individuais, e não somente as políticas públicas ou corporativas, definem as características da cidade. Há poucos estudos que enfatizem as histórias de vida relacionando-as com as decisões sobre habitação e, portanto, acreditamos que o enfoque desenvolvido neste

trabalho seja uma pertinente contribuição aos estudos sobre habitação e produção da cidade do Salvador.

As formas de acesso e uso deste bem de alto valor aquisitivo, e que muitas vezes leva toda a vida produtiva para ser paga, serão apresentadas e analisadas como elementos de distinção e *status* para além dos aspectos econômicos envolvidos.

Neste sentido, a eleição da mobilidade residencial como prática espacial a ser investigada se mostrou um recurso poderoso de acesso aos modos como esta diversidade de forças atuam na agência e produção de espaço num curso de duração maior, analisados a partir da história de vida. O movimento capitado no estudo de tais trajetórias não tem sido o alvo prioritário dos estudos urbanos em grandes cidades, voltados de maneira geral para a apreensão de fluxos cotidianos que se repetem no modelo casa-trabalho-casa e na circulação por espaços públicos em atividades habituais ou eventuais. Sendo estas umas das tipologias de mobilidade espacial, entre as quais ainda se pode incluir as migrações e viagens. (cf. JORGE, et. al, 2018)

Seguindo este entendimento, neste estudo consideraremos que “mobilidade residencial corresponde a uma forma de mobilidade espacial que deve ser apreendida como uma mudança de habitação – dimensão espacial – ao longo de um período de tempo – dimensão temporal”. (BONVALET E BRUN, 2003 apud JORGE, et. al, 2018)

No âmbito dos estudos de Demografia, Geografia e Planejamento Regional, a mobilidade residencial é considerada “como um fenômeno do mercado residencial: as famílias mudam seu estoque de moradias à medida que são experimentadas alterações seja no *status* familiar, seja no *status* socioeconômico”. (MAGALHÃES, RIOS-NETO, 2004, p. 138) E ainda há o aspecto da localização a ser levado em consideração. Segundo Villaça (2001, p. 23), “a localização urbana é um tipo específico de localização: aquela na qual as relações não podem existir sem um tipo específico de contato.” Portanto, as mudanças são encapadas pelo conjunto de relações engendradas na sua localização atual e as expectativas sobre a futura localização.

A análise da mobilidade residencial pode apontar para as transformações em níveis macro, quando os interlocutores e suas famílias seguem os vetores de investimento público e privado, e para níveis micro, com mudanças de valores pessoais e familiares expressos em variações de uma geração para outra, de um irmão para outro, por exemplo. A compreensão das razões ditas, não-ditas e até interditas para os deslocamentos, é um dos objetivos desta tese.

Partindo de um olhar atento à cidade, interrogando-a sempre em seus silêncios e euforias, do que ela era feita? Porque tão singular em sedução e hostilidade, ora aprazível, ora madrasta, um sem-fim de jogo de opostos e contrários que faz desta cidade tão barroca e tão singular. Entre estas características recorrentes observáveis em sua paisagem está a autoconstrução enquanto forma urbana predominante e presente em todas as áreas da cidade mesmo nas escolhidas pelas parcelas de maior renda.

Esta observação constante de alguma forma acompanha os pesquisadores debruçados em suas cidades de moradia, quando o campo é a própria cidade na qual vive, trabalha, pratica esportes, se diverte, visita amigos, ou seja, o campo pode se alguma forma não ter tido começo e pode não ter fim. Me sinto assim em relação a Salvador, cidade que escolhi viver há 16 anos e da qual me afasto e me aproximo em seus amiúdes, suas quebradas, seus novos bairros e condomínios... como toda grande cidade sempre há um lugar novo para conhecer, com pessoas novas em eventos e situações novas.

Como trabalho situado no campo dos estudos urbanos de base antropológica, esta tese tinha como meta inicial uma aproximação mais cotidiana e continuada com os interlocutores que a princípio estariam circunscritos à Rede 1. Já havia um contato inicial com muitos componentes desta rede, como será descrito no capítulo 1, e a expectativa era de que a aproximação se aprofundasse e se ampliasse para demais membros, mas isso não ocorreu.

Ao estarem pouco à vontade para falar de aspectos aparentemente simples sintetizadas nas questões: “onde moravam antes e onde moram agora e por que?”, estes interlocutores da Rede 1 me informavam sobre a importância simbólica e material deste aspecto, em primeiro lugar pelas condições de desigualdade profunda evidenciada na cidade na qual falar sobre a aquisição de um bem de tamanha monta pode atrair certa desconfiança, em segundo, por tratar da superação de mazelas sociais das quais fazem muito tempo já estão de alguma maneira afastados, uns mais que outros, e o que isso revela de sua intimidade, sua história de vida singular e ao mesmo tempo plural.

Assim, a pesquisa que previa ter um caráter mais “de perto”, com observação e participação de eventos, reuniões de família e situações cotidianas, passou a se concentrar em visitas pontuais, entrevistas semiestruturadas e em profundidade, reconstruindo histórias de vida com ênfase nos aspectos habitacionais e memórias de



experiências na cidade e nos bairros por onde passaram, buscando concatenar projetos de vida e o campo de possibilidades de cada escolha realizada.

A Rede 2 foi montada como meio de ampliar o estudo de campo e possibilitou a análise comparativa em forma de estudo de caso. Com esta rede, também foram realizadas entrevistas de roteiro semiestruturado e em profundidade buscando nas histórias de vida, a trajetória pelos bairros e casas por onde passaram. Todas as entrevistas foram gravadas e depois transcritas para melhor explorar os aspectos de cada narrativa.

Os encontros exploratórios ocorreram a partir de 2018 para dar suporte ao texto de qualificação do projeto de tese. Já o trabalho de campo se realizou majoritariamente em 2019 e início de 2020, quando foi interrompido para atender os protocolos de segurança desenvolvidos contra a pandemia do novo coronavírus. Com alguns interlocutores retomei o contato por mensagens de texto e me foram concedidas algumas entrevistas via áudios enviados por aplicativo de mensagem.

Desta forma, não podemos falar em uma etnografia em seu sentido clássico, no qual se investiga “alguns espaços, muito tempo, interlocutores privilegiados, apresentação aberta e franca do pesquisador e suas intenções, mistura de observação e observação-participante.” (MONTROYA-URIARTE, 2019, p. 16) Mas de um estudo, em que técnicas que compõem a etnografia, foram utilizados como meio de se chegar o mais próximo possível destes interlocutores.

Assim, a escrita que se segue é fruto de encontros com interlocutores majoritariamente em seus locais de moradia atual com quem pude dialogar e ouvir de maneira interessada as experiências trazidas. Com alguns poucos pude percorrer o bairro onde residem atualmente. Nenhum interlocutor se sentiu à vontade para voltar ao seu bairro de moradia original, e este fato se deve em grande parte pelo medo da violência que aflige cotidianamente os bairros da baía, especialmente com a ascensão do tipo de organização em facção que tem endurecido os limites e contatos entre territórios distintos e seus respectivos moradores. Além disso, estamos tratando de uma pesquisa em uma grande metrópole cujo tempo, enquanto bem, é escasso e, portanto, supervalorizado, do qual muitos deles já estavam cedendo uma parcela valiosa para a nossa conversa, dificilmente restaria mais para uma incursão em regiões com as quais tem pouco ou nenhum laço.

Deste modo, estar, andar e observar de maneira engajada em alguns destes bairros somente foi possível com a ajuda de pessoas amigas moradoras das imediações

e com as quais tive cuidado de aprender como fotografar o movimento e espaços sem chamar a atenção do “pessoal do movimento” sem gerar constrangimentos, nem riscos para mim. Foi deste modo que pude andar pelo São Caetano e pelo bairro do Uruguai e Jardim Cruzeiro para além das imediações da residência da família pesquisada lá.

Utilizei como recurso, ainda, eventos acadêmicos, turísticos e culturais para acessar alguns destes bairros em grupo guiados por lideranças, como mecanismo de aumentar a minha segurança pessoal. Foi deste modo que pude acessar os bairros de Curuzu, Lobato, Alto do Peru e Capelinha de São Caetano.

Os recursos de georreferenciamento da empresa *Google* também foram utilizados para acessar algumas localidades que não puderam ser acessadas fisicamente, ou nas quais não pude fotografar quando lá estive.

Deste modo, este é um estudo que parte da abordagem da experiência particular e microssociológica com análise de dados qualitativos para pensar a cidade, seus fluxos e dinâmicas de transformação da sua materialidade, num estudo que se propõe a articular decisões políticas de estado, construção de imaginário urbano e práticas e experiências pessoais na produção da cidade.

\*\*\*

Esta tese está organizada em sete capítulos além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo é uma apresentação dos interlocutores, sujeitos desta pesquisa que cederam suas histórias como caminho para entendermos um pouco como se sucederam as transformações socioespaciais da cidade do Salvador nas últimas décadas a partir das escolhas habitacionais feitas por cada um. Este capítulo foi pensado como um guia para o qual recorrer quando sentir necessidade de situar melhor o interlocutor e sua trajetória em tela.

Nos capítulos 2, 3 e 4 são apresentadas e discutidas as trajetórias da Rede 1 distribuídas temporalmente em três gerações começando pela vida adulta dos pais dos nossos interlocutores principais situados na segunda geração, considerados o ego deste estudo. Esta é a rede familiar e majoritariamente negra. Vamos acompanhar nestes capítulos a saga de alguns destes núcleos para conquistar a casa própria nos bairros da baía, e como, geração após geração, a maioria se estabelece fora desta macroárea.

A partir dos elementos destes capítulos vamos apontar as características da área da baía que a tornam uma aprotopia na cidade, representação e materialidade do espaço dos rejeitados, da precariedade, dos negros e pobres. Apresentamos na sequência a noção de protopia, espaços no quais as famílias investem com expectativa

de manutenção ou melhoria das condições em alguns dos aspectos da aporotopia de onde estão saindo.

Já nos capítulos 5 e 6 são abordadas as trajetórias da Rede 2. Neste caso as trajetórias estão apresentadas em duas gerações, se iniciando pela vida adulta dos pais dos nossos interlocutores. A maioria dos filhos desta rede não estava experienciando a sua vida adulta de forma autônoma, e desta forma não participou como uma geração a parte neste estudo. Esta rede é de amigos que estudaram juntos por um período num colégio particular da região da Estrada da Liberdade, ela é majoritariamente branca. Nestes capítulos vamos entender como metade da rede saí da área da baía ainda na infância e juventude. Os demais saem logo que entram na vida adulta e vão buscar, em maioria, os bairros da orla atlântica para habitar.

É a partir dos relatos desta rede que vamos discutir e apresentar a noção de arquiteopia, espaço da formalidade, do afluxo de altos investimentos público e privado, do alto *status* e da parcela dominante. Alguns dos interlocutores desta rede chegam neste espaço de privilégios na orla atlântica da cidade.

Por fim, no capítulo 7, analisaremos mais a fundo os aspectos que emergiram de forma recorrente nas trajetórias já abordadas através de chaves de leitura das ciências sociais como classe, raça, família e gênero. Vamos apontar como tais aspectos se relacionam para contribuir com a configuração atual da espacialidade soteropolitana assim como contribuem para a inserção de cada família neste tecido urbano que está sendo forjado entrelaçando passado, presente e futuro.

## CAPÍTULO 1 | APRESENTAÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA

Neste capítulo introdutório apresentaremos os nossos sujeitos interlocutores de pesquisa, bem como se estabeleceu o campo, a maneira de abordá-lo e a construção do problema de pesquisa que deu origem a este trabalho. Os quadros de referência que seguem poderão ajudar na compreensão dos capítulos seguintes.

Ao estabelecer como campo de pesquisa a produção da cidade formal<sup>1</sup> de Salvador, ainda no mestrado, me chamou a atenção e pude observar, a partir das minhas relações pessoais e de pesquisa, o trânsito habitacional de uma faixa da classe média da cidade. No entanto, este não era o meu alvo prioritário para a continuidade dos estudos nos anos do doutorado. Naquela época, me interessavam, como ainda me interessam, os modos do mundo das faixas de mais alta renda. Pretendia penetrar num dos novos condomínios de alto padrão recém-construídos e produzir uma etnografia, ao estilo clássico, a partir do modo de vida dos condomínios verticais soteropolitana.

As condições de entrada e estadia num condomínio de alto padrão para mim, pesquisadora negra e periférica do interior do Estado, nunca se concretizaram. E antes que o desânimo completo me fizesse desistir da nova titulação, aceitei a sugestão da minha orientadora para fazer um estudo mais dinâmico no tempo e no espaço da cidade, que, a partir das relações que já havia estabelecido, pudesse dar conta do movimento de produção da cidade por e para uma camada de classe média que saiu de bairros populares<sup>2</sup> e se estabeleceu em bairros formais.

Através deste primeiro contato com pessoas que ascenderam socialmente pela educação e trabalho formal, estabeleceu-se um novo recorte ou problema de pesquisa que, desta vez, jogou luz nas histórias de vida e nas trajetórias construídas ao longo da jornada em busca de moradia.

Assim, compreender os fluxos habitacionais, suas rotas, origens e destinos mais buscados, bem como as características destas pessoas que buscavam outros bairros para viver – diferente daqueles no quais nasceram e cresceram –, suas ideias, valores e opções envolvidas nas escolhas passaram a constituir o objeto de pesquisa a ser trabalhado nesta tese de doutorado.

---

<sup>1</sup> Segundo Gordilho-Souza (2008, p. 50), a formalidade na produção da cidade se inscreve na observação da legalidade jurídica sobre a propriedade do imóvel e do respeito às normas e ordenamentos urbanísticos estabelecidas pela municipalidade.

<sup>2</sup> Expressão de entendimento corrente localmente, de maneira geral, se refere ao lugar de moradia do “povo”, de pessoas de “baixa- renda”, dos pobres, de trabalhadores cujas características quase sempre incluem precariedade de serviços públicos e infraestrutura urbana além de estarem distantes da centralidade.

Desse modo, busquei interlocutores que contribuíssem com a compreensão da dinâmica de mobilidade residencial intraurbana na cidade do Salvador, para, através de estudos de caso, levantar dados e discutir elementos envolvidos nas tomadas de decisão em torno da aquisição deste bem material de alto custo que é a moradia urbana.

É importante destacar que a moradia é um bem material e simbólico de grande relevância social no nosso país e na cidade do Salvador, especialmente. Há um conjunto de valores envolvidos na posse de um imóvel, que podem denotar hierarquização social e posição de *status* – vão desde o lugar (local geográfico de moradia) até os materiais envolvidos na sua concepção e construção, passando pelas formas de posse e propriedade de cada habitação. Assim, tendo conhecimento do profundo abismo social que separa a população brasileira, a colocando entre os países com recorde de desigualdade social no mundo, sabemos que tratar da aquisição de um bem de alta monta produz melindres e muitas lacunas com as quais tivemos que lidar e buscar preencher com informações trianguladas com mais interlocutores, publicações na imprensa e demais trabalhos etnográficos que se aproximaram deste campo, ainda que com objetivos diferentes.

Como é próprio de uma pesquisa multissituada na sua própria cidade de residência, outros interlocutores foram surgindo no decorrer do trabalho de campo com contribuições relevantes para a compreensão da dinâmica de movimento habitacional. Eles não serão descritos como um núcleo específico, pois o único vínculo relacional que os ligam é o de fazerem parte das minhas relações, ou seja, estão vinculados com a pesquisadora.

Por outro lado, a casa constitui um refúgio íntimo, não estando nem o acesso a seu interior nem a sua abordagem como tema disponível para ser tratada de maneira despretensiosa em conversas informais com estranhos. Na maioria dos casos analisados a aquisição da moradia está ligada a projetos de vida individual do chefe da família bem como da inserção social da família como um todo.

Logo, a primeira iniciativa foi buscar interlocutores que já tivessem alguma relação comigo e já compreendessem, de algum modo, qual o tema a ser pesquisado, possibilitando que algumas questões pudessem ser aprofundadas.

## 1.1 | A Rede 1 – A rede das famílias Pitanga, Tupinambá, Aroeira e Jequitibá

A primeira incursão foi junto a uma rede familiar extensa, cujos interlocutores pertencem a núcleos domiciliares distintos entre os que decidiram contribuir com o estudo. Estes participantes têm origem em áreas da margem urbanizada da antiga cidade do Salvador: Liberdade, Caminho de Areia e São Caetano. A esta rede familiar chamaremos de **Rede 1** – formada por um conjunto de pessoas, na maioria, soteropolitanas e com relações de parentesco entre si. Este parentesco é, em sua maior parte, consanguíneo: pais, mães, filhos, irmãos, primos ou sobrinhos uns dos outros. São três gerações distintas. Na primeira geração estudada, há migração de membros, assim como de parentesco ascendente vindo do interior da Bahia.

Há, também, pontos de parentesco por afinidade – maridos e esposas, por exemplo – que permitem a transição de um núcleo familiar a outro, de modo que, nesta rede, contamos com 14 interlocutores de 12 núcleos familiares distintos. São pessoas que residem em 12 domicílios distintos, ou seja, ainda que sejam da mesma geração, muitos não coabitam e vivem sua vida adulta de forma autônoma.

O acesso a esta rede foi proporcionado por mim mesma, na medida em estive em união estável e tive uma filha com um dos membros da família Pitanga<sup>3</sup> – o que oportunizou ter contato com a história da família e da cidade através de longas conversas com meu ex-sogro. Ele, como muitos senhores de sua idade, com necessidade de falar, adorava quando encontrava alguém disposto a ouvi-lo.

Mas, infelizmente, ele não quis participar formalmente da pesquisa, apenas deu uma pequena contribuição na fase final deste texto. Ficou tímido, e durante muito tempo, quando eu chegava em sua casa para visitas, ele se esquivava de tal forma que passava a impressão de que se escondia de mim. As informações relacionadas a ele vão aparecer nas falas de seus irmãos e seu filho mais velho, meu ex-cunhado, que consentiram em dividir a história de suas vidas à investigação acadêmica, assim como

---

<sup>3</sup> A pedido de dois interlocutores, um de cada rede, os nomes de todos participantes deste estudo foram substituídos por nomes fictícios. Ainda que, pela característica do estudo que tem por objeto principal a cidade de Salvador e seu mapa social e que, portanto, teria muito da sua discussão prejudicada com a substituição dos nomes dos bairros e localidades, e este fato possibilitar a identificação dos interlocutores, me pareceu relevante tentar diminuir o acesso aos interlocutores ocultando seus nomes verdadeiros, preservando, minimamente, a sua intimidade. Os nomes escolhidos para a substituição são todos de origem indígena, e de alguma forma tenta reproduzir a lógica dos nomes originais nas suas repetições silábicas e apelidos utilizados pelos interlocutores. A matriz indígena foi escolhida como uma forma poética de trazer os povos nativos para esta conversa polarizada entre negros e brancos, numa cidade fundada sobre aldeias e vilas construídas por indígenas primeiramente.

muito do material que já havia levantado antes de começar a investigação da história da família propriamente dita.

Minha ex-sogra, por seu turno, que, de modo geral, se irritava com os momentos verborrágicos do marido, decidiu participar, demonstrou especial interesse em rememorar os tempos no bairro no qual passou a adolescência na casa construída pelo seu pai, falecido há muito tempo.

O fio desta rede se iniciou não por este núcleo, com o qual tive relação mais direta, mas pelo interlocutor que já tinha me apoiado na pesquisa de mestrado, Seu **Jurandir Pitanga**, 64 anos, um dos irmãos mais novos de meu ex-sogra e tio do meu ex-companheiro. Ele é arquiteto aposentado e demonstrou muita boa vontade em contribuir novamente com a continuação do trabalho sobre as transformações da cidade do Salvador, cujo patrimônio arquitetônico foi o seu objeto de trabalho durante muito tempo enquanto servidor público do Estado da Bahia.

Seu Jurandir, ou Seu Dizinho, como é chamado na família, mora no Imbuí, com a esposa, Inara Tupinambá, e a filha, Maya Pitanga, que estava em fase de mudança para sua própria residência, no período de entrevistas. Jurandir nasceu no município de Terra Nova, no Recôncavo da Bahia, onde estava a fazenda na qual o pai trabalhou como químico de uma usina de açúcar. Como empregado, tinha direito a uma casa para a família. Esta casa é sempre rememorada pelos irmãos Pitanga, onde quase todos nasceram e viveram a primeira infância. Segundo Seu Jurandir, a demissão do seu pai, deste trabalho na usina, ocorreu por envolvimento com sindicato. Voltando para Salvador, foram morar na Liberdade, na rua denominada, àquela época, como rua da Favela – hoje é a rua Raimundo Mesquita. A família da mãe de Seu Jurandir era de Salvador e a casa na qual ela viveu ainda está com a família, na Mouraria, bairro de Nazaré, Centro de Salvador. Lá residem duas tias que não formaram família. A família materna de Seu Jurandir gozava de maior prestígio econômico e social, pois teve tio exercendo cargo na vereança municipal.

Por seu turno, **Inara Tupinambá**, 68 anos, esposa de Seu Jurandir, é economista, sempre atuou na área de administração de empresas do setor privado e está atualmente aposentada também. Ela é originária da região do Largo do Tanque, em Salvador, mas cresceu no São Caetano, na localidade da Sussunga, perto da Quarta Delegacia de Polícia Civil e dos “apartamentos”, como são chamados os conjuntos construídos pela APEB na segunda metade do século passado. Eles são um dos poucos imóveis com construção formal e por terceiros no bairro, cuja principal característica

arquitetônica é a autoconstrução. A casa em que cresceu no São Caetano foi a primeira que o pai construiu para a família depois de morar alguns anos de aluguel entre os bairros do Largo do Tanque e Subúrbio Ferroviário. Inara e seus irmãos saíram do bairro para se casar e para sua própria casa, a mesma em que vive até hoje, no Imbuí.

A família teve uma terrível perda no ano de 2011. A filha mais velha do casal, Moana, faleceu, vitimada por um acidente de carro no período das festas de São João. Estava no carro com o noivo e mais um casal amigo. Não houve sobreviventes. A filha mais jovem, **Maya Pitanga**, 36 anos, é pedagoga e trabalha atualmente no Senac. Ela já nasceu no Imbuí, viveu no mesmo apartamento em que seus pais moram a vida inteira. Cresceu junto ao bairro e ao condomínio. Em 2018, por incentivo do pai, adquiriu com eles um apartamento através do Programa Minha Casa Minha Vida, no município vizinho de Lauro de Freitas, no bairro de Buraquinho. Tem ficado no seu apartamento pouco tempo, pois percebe que seus pais ficam solitários. Por isso, prefere ficar com eles mais dias da semana.

O segundo núcleo acessado foi a da família da irmã de Seu Dizinho, Dona **Yara Pitanga**, 74 anos, uma das irmãs mais velhas. Dona Yara, assim como os irmãos, nasceu na fazenda em Terra Nova e veio para Salvador ainda pequena, mas, pela diferença de idade, já tinha maior noção da mudança que a família estava fazendo e sentiu muito mais falta da vida no interior. Ela é professora do ensino básico, atualmente aposentada. Lecionou durante muito tempo no bairro do São Caetano. É casada com um funcionário aposentado da Petrobrás e também originário da Liberdade. Tem dois filhos, Anahí e Rudá Paraguassu. Depois que chegou em Salvador, e se fixou no bairro da Liberdade, saiu de lá quando se casou e foi morar com o marido num conjunto habitacional em Patamares, pouco tempo depois se transferiram para a atual residência em Pernambués, num edifício na região do Detran e da rodoviária municipal, ao lado do Conjunto Habitacional João Durval.

Já sua filha, **Anahi**, 36 anos, profissional de Relações Públicas, é servidora do IFBaiano, casada com Cauã Tupinambá, com quem tem um filho, Raoni, de 2 anos. Anahi nasceu quando os pais ainda moravam em Patamares, foi muito pequena para o Edifício Fábio. Este edifício fica numa região limítrofe entre os bairros de Pernambués e Saramandaia. Está situado numa ladeira que dá acesso ao bairro de Pernambués. No entanto, pela proximidade com a Avenida Antônio Carlos Magalhães, do lado oposto ao bairro de Brotas, é recorrentemente associado à região do antigo *Shopping Iguatemi*.



Antes de se casar, Anahí teve breve experiência morando sozinha no município de Aracaju-SE, por ter ido trabalhar no Instituto Federal daquele estado, após aprovação em concurso. Com a decisão de se casar e o conseqüente retorno à cidade, o casal optou pela aquisição de um imóvel no Conjunto Habitacional João Durval, ao lado da sua antiga residência. A nova moradia agradou muito a mãe, que diariamente faz visitas ao neto, porém, desagradou muito ao pai, para quem a moradia no conjunto indica declínio no padrão de vida da família.

Por outro lado, **Rudá**, 34 anos, economista, atuando como servidor público na Empresa Bahiagás, já nasceu e cresceu no Edifício Fábio. Após concluir a graduação e o mestrado em Economia, ele decidiu ir morar sozinho e alugou um apartamento na localidade do Dois de julho, no Centro de Salvador. Para ele, o Centro exala os verdadeiros sentidos da cidade e ele queria viver neste ambiente. Após morar em alguns apartamentos no mesmo bairro, foi “convidado” pela atual namorada a residir com ela no seu apartamento, também alugado, no bairro do Garcia, local onde foi realizada uma das entrevistas de campo. Naquela semana, ele estava se preparando para receber sua família na atual residência e apresentar a namorada aos pais.

**Cauã Tupinambá**, 42 anos, é casado com Anahí, sobrinho de Inara e “primo carnal” de Maya. Seu nome é em homenagem ao avô, pai da sua mãe. É formado em Comunicação Social com ênfase em Cinema e Vídeo e atua na empresa social Mídia Étnica. Nasceu e cresceu no bairro de Castelo Branco, para onde os pais se mudaram ao se casarem. Na adolescência, a família se transferiu para o bairro de Vila Laura, lá ele residiu até sair da faculdade, quando adquiriu um apartamento no bairro do Rio Vermelho. No momento da união com Anahí, o casal decidiu vender o apartamento que ele tinha no Rio Vermelho e adquirir um novo, em comunhão de bens, no Conjunto João Durval.

Na sequência, temos a família de **Apoema Pitanga**, 43 anos, funcionário da Petrobrás, residente do bairro do Stiep. Apoema é filho mais velho de Dona Amanacy, ou Maninha, como é carinhosamente chamada pela família. Dona Maninha é a primogênita entre os irmãos de Seu Dizinho. Assim como os demais, nasceu em Terra Nova, mas, ao se mudar para Salvador, residiu na casa da família de sua mãe, na Mouraria, e não na Liberdade, com o seu núcleo familiar. No entanto, ao se casar, Maninha e seu marido alugaram uma casa na mesma rua em que sua mãe morava. Nesta residência, Apoema nasceu. Um ano depois se mudaram para o bairro do Cabula, onde cresceu.

Apoema se casou com Indira e logo se acomodaram num apartamento próprio no bairro do Stiep. Ali nasceu Tainá, filha do casal, hoje com 13 anos. Após situações de violência urbana, a família decidiu experimentar a vida numa cidade pequena. Ele pediu transferência na empresa para uma unidade que estava se formando no interior do Mato Grosso e seguiu com família para a cidade de Três Lagoas. O empreendimento naquela região não continuou e ele e a família foram para Aracaju e depois retornaram para Salvador, para o mesmo apartamento onde residiam.

Agora chegamos à minha ex-sogra: Dona **Jurema Aroeira**, 74 anos, nascida na região da Baixa do Tubo, próximo ao bairro de Brotas. Ainda pequena se mudou com a família para o bairro Jardim Cruzeiro, na Cidade Baixa. Já “mocinha”, na adolescência, a família se transferiu para o bairro do São Caetano, na localidade da Gomeia, cujo terreno próprio seu pai construiu uma casa para a família. Dona Jurema permaneceu em sua residência familiar até se casar com Seu Jandir Filho, 76 anos, irmão mais velho de Seu Dizinho. Seu Jandir Filho, ou Jandinho, como é chamado intimamente pela família, trabalhou a vida toda em empresas da indústria pesada da região metropolitana de Salvador. Vivem no Loteamento que deu origem ao atual bairro do Stiep, na região do Costa Azul, local hoje conhecido pelos moradores como “as casinhas do Stiep”, pela manutenção da sua horizontalidade original em contraste com os prédios construídos nas adjacências. Dona Jurema e Seu Jandir tiveram 3 filhos: Aruanã, Roama e Kaluanã. A família reside na mesma casa até hoje.

Ligada ao núcleo originário de Dona Jurema, temos sua sobrinha, mas criada como irmã adotiva, **Araci Aroeira**, 61 anos. Artesã e costureira, é filha de Inaiá, irmã mais velha e já falecida de Dona Jurema. Araci também nasceu na Baixa do Tubo e fez o mesmo trajeto habitacional da irmã, até se casar. Com o casamento, alugou uma casa também no São Caetano. Morou em diversos imóveis no bairro. Teve um filho: Kayke. Após se separar do marido, Jussara comprou uma casa na Liberdade.

Além de minha ex-sogra, participou também o meu ex-cunhado, **Aruanã Pitanga**, 44 anos. Ele é engenheiro mecânico e atualmente servidor público na Bahiagás. Está separado e tem dois filhos. Aruanã é mais velho da prole de Dona Jurema e Seu Jandir. Nasceu e foi criado no bairro do Stiep. Chegando à idade adulta e começando a trabalhar já na área de formação profissional do nível técnico, decidiu investir os recursos que estava angariando num imóvel. Assim, ele entrou num sistema de consórcio e dois anos depois comprou um apartamento no bairro do Costa Azul, nas proximidades do Stiep. Neste apartamento ele formou sua família.

O núcleo seguinte é o de **Niara Tupinambá**, 70 anos. Professora com atuação em projetos sociais. Casada, reside em Vila Laura. Niara é irmã de Inara e mãe de Cauã. Além de Cauã, ela tem uma filha mais velha, chamada Amandy. Tal qual Inara, Niara também nasceu no Alto do Peru, na região do Largo do Tanque. Ela se recorda de ter passado pelos bairros de Fazenda Grande do Retiro e Base Naval, uma vez que o pai havia se empregado na Marinha. A família chegou ao São Caetano quando ela tinha de 7 para 8 anos de idade, período em que seu pai construiu casa própria, onde viveu até o falecimento de sua esposa. Ao se casar, ela e o marido adquiriram um imóvel na terceira etapa da Urbis, em Castelo Branco. Lá, viveram até 1998, quando se mudaram para um apartamento na Vila Laura, onde permanecem até hoje.

Por fim, os dois últimos interlocutores são primos de Niara e Inara. Trata-se de Jaciara e Moacir Jequitibá. **Jaciara Jequitibá**, 58 anos, filha mais velha de Dona Jandira e Seu Marani, um mestre de obras, nasceu na região do Largo do Tanque, na Avenida que se sobrepôs à antiga Estrada Velha de São Caetano.

Quando ainda criança, o pai construiu um imóvel que compartilhava com o sogro. Após desentendimentos, a família se mudou para o Pau Miúdo. Depois partiram para nova residência no Jardim Cruzeiro. Neste bairro Jaciara e Moacir cresceram ao lado de mais três irmãos. Já com a vida profissional estabilizada, trabalhando na Petrobrás, Jaciara adquiriu um apartamento num condomínio na Avenida Paralela, onde residiu até se casar. Após o casamento, ela e o marido foram para Jaguaribe. Ali tiveram dois filhos. Depois adquiriram um apartamento na Pituba, onde vivem hoje em dia.

Já **Moacir Jequitibá**, 57 anos, saiu de casa logo após terminar a graduação, quando conseguiu um emprego de professor substituto numa Universidade Estadual e iniciou os estudos do mestrado. Ele saiu do Jardim Cruzeiro e dividiu apartamento com um colega da faculdade no bairro dos Barris, Centro de Salvador. Moacir tem a trajetória mais errática e diversa entre os interlocutores acessados. Ele voltou a morar com os pais na casa nova, na Rua Heráclito Pires, passou um período na casa dos pais, na Ilha de Itaparica. Retornou à casa paterna, no Caminho de areia. Ingressou no serviço público como professor de nível superior. Para realizar uma pesquisa, se mudou para Lisboa, Portugal, onde viveu por dois anos. Retornou ao Brasil e foi morar num apartamento no bairro do Rio Vermelho. Casou-se pela primeira vez e residiu, com a esposa, na cidade de Piatã, na região da Chapada Diamantina. Lá, viveram por dois anos. Ele retornou para Feira de Santana por mais dois anos.

Neste interim, se separou da primeira esposa. Morou numa casa alugada no Imbuí, em Salvador, por quase quatro anos. Casou-se novamente e teve uma filha. Com a família se mudou para Pituaçu, onde viveram por três anos. Mudaram-se novamente para a localidade rural de Monte Gordo, no município de Camaçari. De lá foram para o município de Lauro de Freitas. Separou-se da esposa e voltou para a casa da família, na rua Heráclito Pires, na qual reside atualmente. Os pais de Moacir e Jaciara alternam períodos entre a moradia em Salvador e Ilha de Itaparica.

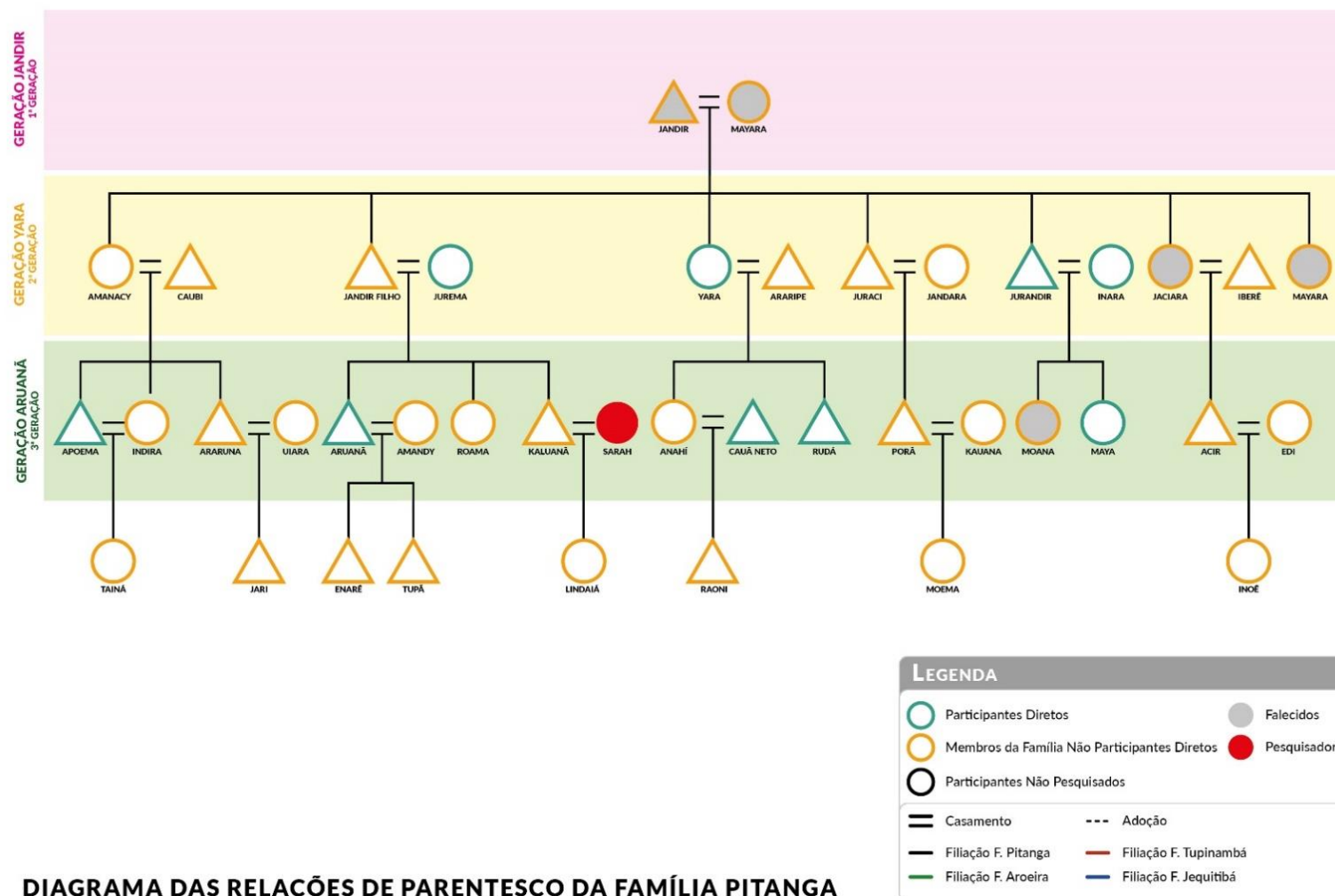
Sobre a minha relação com esta rede familiar é importante ressaltar que meu relacionamento afetivo com o filho mais novo de Dona Jurema e Seu Jandir, Kaluanã, chegou ao término no primeiro ano do ingresso do curso de doutorado, em 2016. Sendo assim, toda a pesquisa de campo foi realizada após a separação, ainda que o contato anterior com a família tenha me permitido participar de eventos e conversas, assim como maior disponibilidade de alguns parentes do meu ex-companheiro. Diferente de muitos dos primos, Kaluanã é o mais distante e não se envolve em questões da família, o que não me facilitou as coisas em muitos momentos. Mas é relevante constatar que o fato de ter tido uma relação e uma filha com o membro da família foi sim um ponto de força no alcance das pessoas retratadas.

A família é maior do que estes núcleos apresentados e no decorrer do texto o leitor poderá compreender a dinâmica e as dificuldades enfrentadas para ampliar o círculo de participantes desta rede familiar na pesquisa.

A seguir, apresentamos uma síntese das características principais dos interlocutores desta rede para auxiliar na leitura do trabalho, se tornando apoio e fonte de informação rápida para a compreensão das histórias de vida e trajetórias que analisaremos no decorrer deste texto.

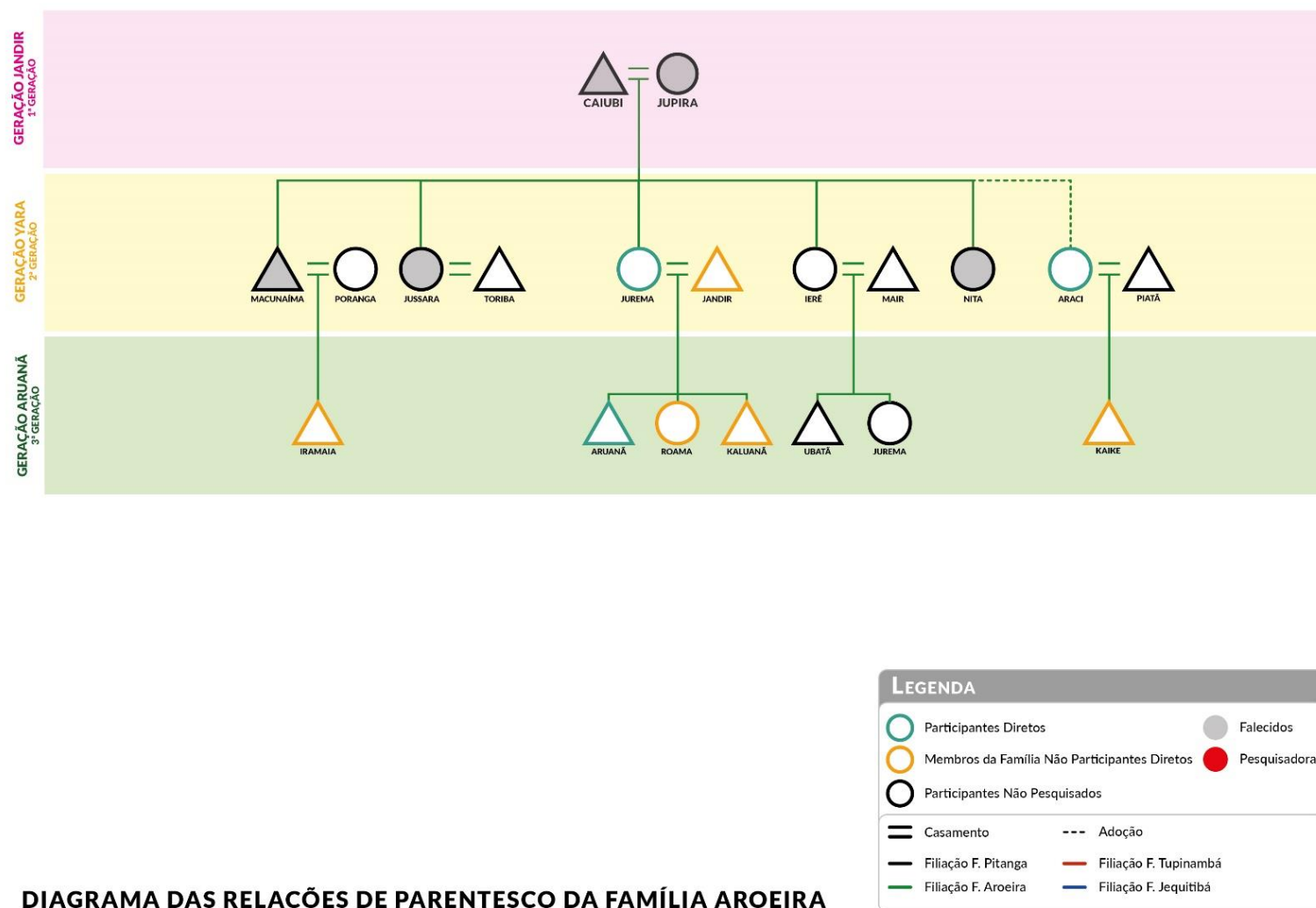
Há, ainda, o diagrama das relações de parentesco a partir da família Pitanga – a mais extensa e com mais interlocutores participantes. O diagrama tem o objetivo de ajudar na visualização das relações entre interlocutores desta rede e auxiliar na compreensão do seu formato, bem como seus fluxos. Na sequência, temos os diagramas da Família Aroeira (Figura 2), Família Tupinambá (Figura 3), Família Jequitibá (Figura 4) e, por fim, todo o conjunto representado em apenas um esquema (Figura 5).

**Figura 2 - Diagrama das relações de parentesco da família Pitanga**



Fonte: dados da pesquisa

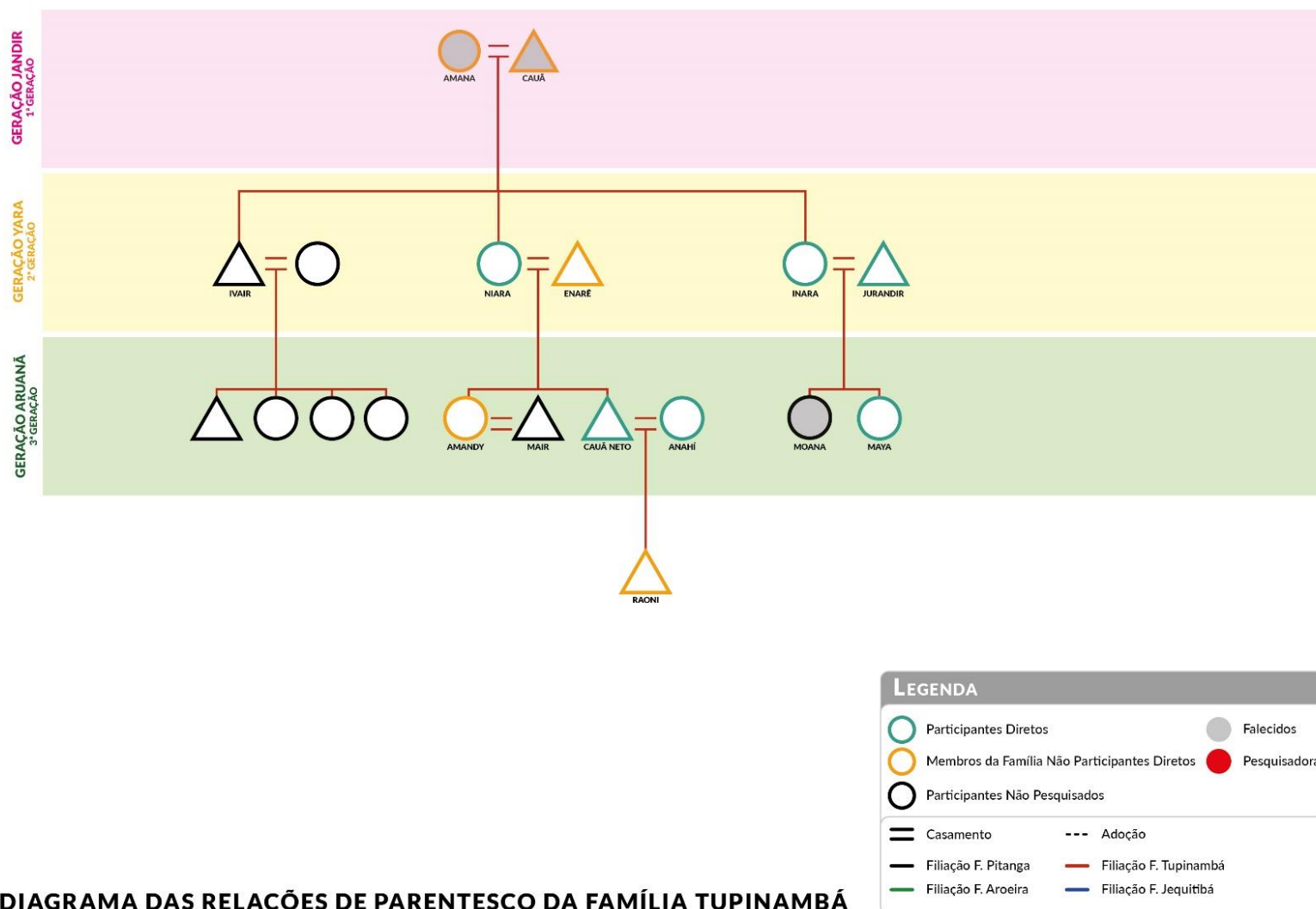
**Figura 3 -** Relações de parentesco da família Aroeira



**DIAGRAMA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO DA FAMÍLIA AROEIRA**

Fonte: Dados da pesquisa

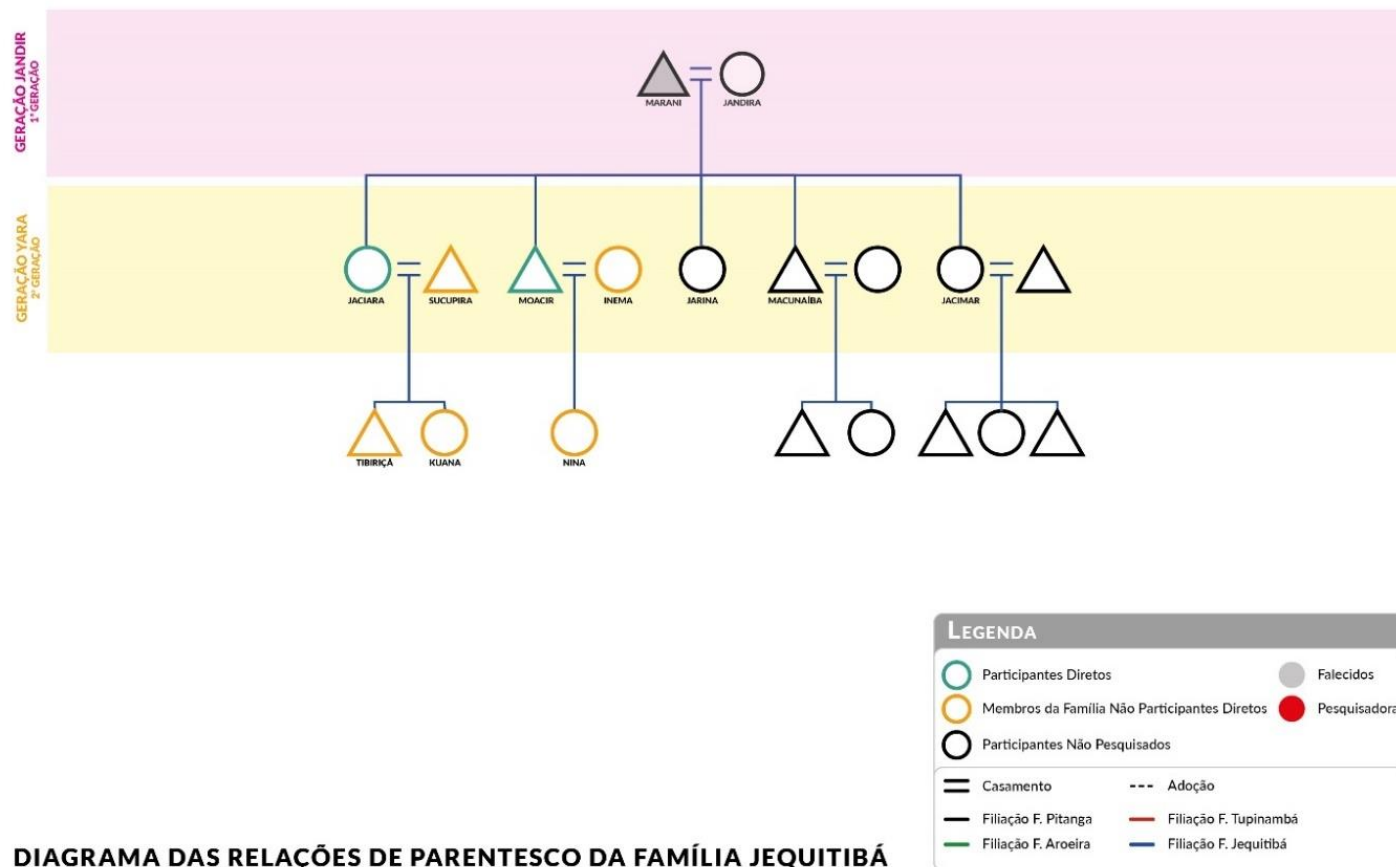
**Figura 4 -** Relações de parentesco da Família Tupinambá



**DIAGRAMA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO DA FAMÍLIA TUPINAMBÁ**

Fonte: Dados da pesquisa

**Figura 5 -** Relações de Parentesco da Família Jequitibá

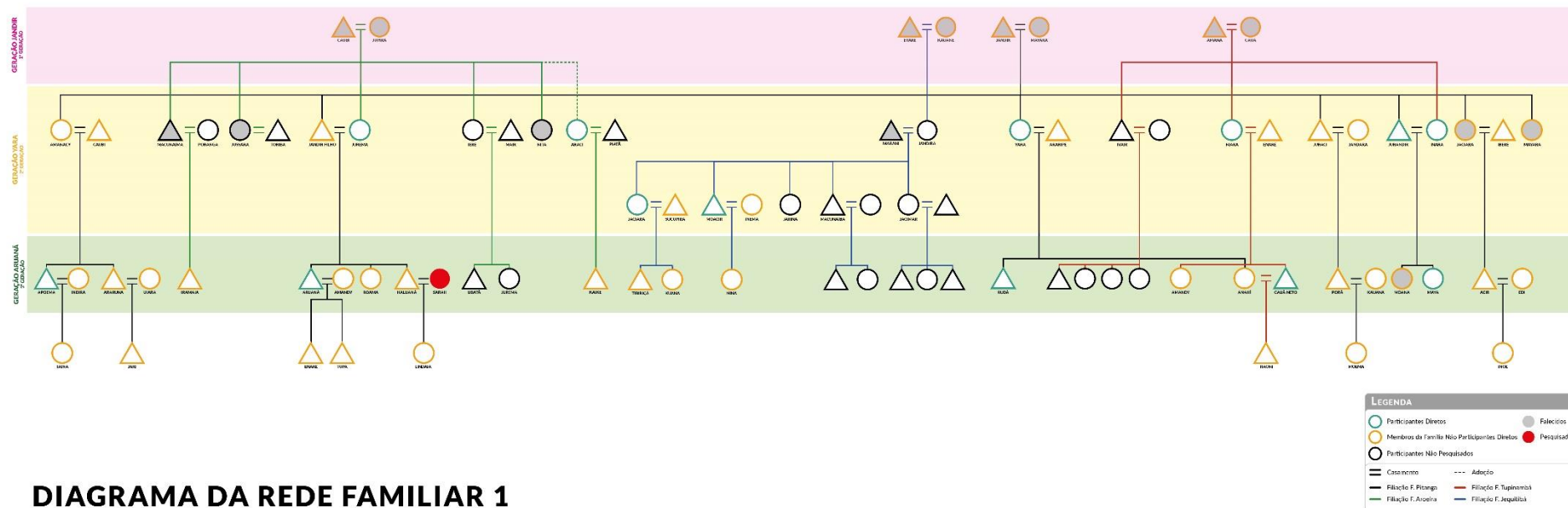


**DIAGRAMA DAS RELAÇÕES DE PARENTESCO DA FAMÍLIA JEQUITIBÁ**

Fonte: Dados de pesquisa



Figura 6 – Rede familiar 1



### DIAGRAMA DA REDE FAMILIAR 1

Fonte: Dados de Pesquisa

Tabela 1 – Rede 1										
Nº	Nome Fictício	Ano de /idade	Bairro de origem	Ensino básico	Ensino superior	Profissão	Empresa/ v. empregatício	E. civil	Prole	Bairro atual
01	<b>Jaciara Jequitibá</b>	1962/58	São Caetano/ Jardim Cruzeiro	Cefet	UCsal	Profissional técnica	Petrobrás	Casada	02	Pituba
02	<b>Moacir Jequitibá</b>	1963/57	São Caetano/Jardim Cruzeiro	Cefet	UFBA/UCSAL	Professor Universitário	UESF	Separado	01	Caminho de Areia
03	<b>Niara Tupinambá</b>	1950/70	Alto do Peru/São Caetano	C. E. Pinto de Carvalho	UFBA	Professora Ensino Básico	Projetos Sociais	Casada	02	Vila Laura
04	<b>Inara Tupinambá</b>	1952/68	Alto do Peru/São Caetano	C. E. Teixeira de	UFBA	Economista	Aposentada	Casada	02	Imbuí
05	<b>Jurandir Pitanga</b>	1956/64	Terra Nova/Liberdade	CEFET	UFBA	Arquiteto	Aposentado	Casado	02	Imbuí
06	<b>Maya Pitanga</b>	1984/36	Imbuí	Colégio Água	FIB	Pedagoga	Senai	Solteira	-	Buraquinho-Lauro de Freitas
07	<b>Yara Pitanga</b>	1948/73	Terra Nova/Liberdade	ICEIA	UCSAL	Professora Ensino Básico	Aposentada	Casada	02	Pernambué
08	<b>Anahí Paraguaçu</b>	1984/36	Iguatemi	ISBA	UCSAL	Relações Públicas	IFBA	Casada	01	Iguatemi
09	<b>Cauã Tupinambá</b>	1981/39	Castelo Branco	Tereza de Lisieux	FTC	Comunicólogo	Mídia étnica	Casado	01	Iguatemi
10	<b>Rudá Paraguaçu</b>	1986/34	Iguatemi	ISBA	UFBA	Economista	Bahiagás	Solteiro	-	Garcia
11	<b>Apoema Pitanga</b>	1976/44	Liberdade	CEFET	Ucsal	Profissional Técnico	Petrobrás	Casado	01	Stiep
12	<b>Jurema Aroeira</b>	1946/74	Baixa do Tubo/ Jardim Cruzeiro/ São Caetano	C. E. Pinto de Carvalho	-	Dona de casa / Artesã	-	Casada	03	Stiep
13	<b>Araci Aroeira</b>	1958/62	Baixa do tubo/ Jardim Cruzeiro/ São Caetano	C. E. Pinto de Carvalho	-	Costureira/ Artesã	Autônoma	Separada	01	Liberdade
14	<b>Aruanã Pitanga</b>	1976/40	Stiep	CEFET		Eng. Mecânico	Bahiagás	Separado	02	Costa Azul

Fonte: Dados de pesquisa

## 1.2 | Núcleo 2 - Unidos pelo Colégio Nossa Senhora da Soledade

Num segundo momento, tive acesso a um novo grupo de interlocutores, que tem como laço relacional o passado escolar. Todos são egressos da mesma turma de estudantes do Colégio Nossa Senhora da Soledade. O convento de Nossa Senhora da Soledade tem como data de fundação o ano de 1739. Era, à época da fundação, uma instituição de “recolhimento” para moças com vocação para a vida religiosa. Foi construído anexo à capela que já existia, no então sítio do Queimado, em 1711. O tradicional colégio começou a oferecer em 1901 a educação primária e internato. Depois, em 1928, implantou-se o Curso Fundamental, e em 1931, o Magistério<sup>4</sup>.

A toponímia de Queimado, ou Queimadinho, ainda existe e é utilizada pela população. Ali, naquele local, também esteve situada a primeira empresa de distribuição de água da cidade do Salvador, e atualmente conta com um Museu da Embasa – Empresa Baiana de Águas e Saneamento. Ela está situada no atual bairro da Lapinha, na macrorregião da Liberdade, e este é um dos elementos que aproximam os dois núcleos estudados nesta pesquisa: quase todos os interlocutores deste núcleo moraram nos bairros próximos ao colégio em algum momento da vida.

O grupo tem características diferentes da rede familiar abordada inicialmente, mas muitas similaridades entre si. A este grupo chamaremos de Rede 2, exclusivamente formado por pessoas egressas de uma turma de ensino fundamental do Colégio Nossa Senhora da Soledade. A instalação da capela e colégio ainda no século XVIII dá nome à localidade na qual se encontra a instituição ainda hoje. O Largo da Soledade, ou apenas “a Soledade”, é uma toponímia muito utilizada por estes interlocutores, especialmente em oposição ao Largo da Lapinha e suas adjacências.

A maioria dos seus estudantes hoje, assim como na época em que este grupo de amigos se conheceram, é de pessoas residentes num perímetro próximo ao Colégio. Esta é uma instituição do sistema privado de ensino, na qual os pais custeiam diretamente a educação dos filhos. Entre estes interlocutores apenas uma informante mencionou ter recebido bolsa de estudos.

Todos os informantes tiveram seus estudos iniciados mais ou menos na mesma época e ingressaram no Colégio Soledade para iniciar a educação formal na primeira série do Ensino Primário, como era chamado o Ensino Fundamental.

---

<sup>4</sup> Conforme a página: [www.colegiosoledade.com.br](http://www.colegiosoledade.com.br) consultada em 25/03/2020.

A turma que ingressou em 1974 na primeira série do colégio – e seguiu praticamente inalterada até a oitava série, quando os meninos foram obrigados a seguir os estudos em outros cursos, em outros colégios, e as meninas para a formação em Magistério – mantém laços de amizade e encontros anuais até hoje.

Como todos moravam nas imediações do Colégio, isso se adequa ao critério de origem estabelecido para a pesquisa sobre suas trajetórias habitacionais. Na medida em que a Soledade, situada no bairro da Lapinha atualmente, está na região da margem urbanizada do Centro Histórico de Salvador, fazendo limite com o Barbalho por um lado e com o bairro da Liberdade pelo outro, foi relevante a inclusão destes interlocutores no trabalho.

A primeira entrevistada foi **Bartira Araribóia**, 52 anos, professora do Ensino Básico na Rede Estadual de Ensino. Ela nasceu no Matatu, região de Brotas, onde residia sua família materna. Na adolescência, se mudou com a família para o Cabula e depois para a Pituba. Ela ficou com a família até ir estudar em Minas Gerais. Lá, fez pós-graduação. Quando retornou, morou num apartamento adquirido na Vila Laura. No momento da realização da pesquisa, Bartira estava se preparando para colocar o apartamento à venda e voltar a passar um período na casa dos pais.

Em seguida foi **Jaoci Guabiroba**, 51 anos, quem contribuiu com dados para este trabalho. Moacir é engenheiro civil e conduz sua própria construtora. Ele nasceu no bairro da Soledade, localidade na qual residia a família da sua mãe. Ainda muito pequeno, a família foi para a Ilha de Itaparica, moraram lá por alguns anos. Quando retornaram, residiram numa casa própria na Avenida Vasco da Gama. Foi neste bairro que ele passou a infância. No início da adolescência, o pai comprou um apartamento na Barra e a família residiu ali até que cada um se casasse. Moacir é filho do meio de 6 irmãos. Quando se casou, morou com a esposa num apartamento financiado no Stiep. Alguns anos depois, após formar sua empresa, residiram no *Aquarius* e depois na Pituba, onde estão atualmente.

O terceiro participante é **Raoni Arruda**, 52 anos, analista de sistemas do TRE. Ele nasceu na cidade de Alagoinhas. Aos 5 anos de idade veio para Salvador com a família, foram morar no bairro de Periperi, Subúrbio Ferroviário de Salvador. Dois anos depois a família se mudou para a Liberdade. Alguns anos depois a família se transferiu para Vila Laura, região de Brotas, quando o pai conseguiu comprar imóvel próprio, pois antes morava de aluguel. Já adulto, Raoni comprou seu primeiro imóvel, um apartamento no Engenho Velho da Federação, mas ele permaneceu na casa dos

pais até se casar, quando se transferiu para a sua residência atual, na Federação, apartamento que era da família da esposa.

Em quarto lugar está **Moema Jacarandá**, 52 anos, arquiteta, servidora pública do Estado. Ela nasceu no bairro da Cidade Nova, em Salvador. Ainda pequena, a família se mudou para um prédio construído pelo pai, no IAPI. Anos depois, compraram um sobrado na Caixa D'água, onde a família residiu até a separação do casal. Moema mudou-se com a mãe e os irmãos para o Itaipara. O seu pai havia se mudado para o caminho das Árvores. Pouco tempo depois, ela se casou e foi morar com o marido no bairro do Imbuí. Quando a filha do casal nasceu, se mudaram para o bairro de Costa Azul. Mais tarde, o pai de Moema deu-lhe de presente um apartamento bem localizado, no Itaipara. Depois de algum tempo, a família se mudou para o atual apartamento, em Patamares.

O quinto interlocutor neste grupo é **Uirá Aimoré**, 52 anos, analista de sistemas aposentado e professor do Ensino Básico. Uirá tem ascendência espanhola – a família de seu pai veio da região da Galícia. Ele nasceu na Federação, mas ainda pequeno se mudou para a Soledade, morava em frente ao Colégio que frequentava. Viveu nesta mesma casa até se casar, quando se transferiu com a esposa para a Vila Laura. Poucos anos depois, se mudaram com os dois filhos para Itapuã. Passados alguns anos, adquiriram novo apartamento em Patamares, no qual residem atualmente.

A sexta contribuição é de **Janaina Caiçara**, 50 anos, professora universitária. Ela nasceu na região da Avenida Sam Martin. Ainda pequena, o pai adquiriu terreno e construiu residência ao lado da sua empresa no bairro da Santa Mônica. Janaina viveu nesta casa até ingressar no ensino superior, quando passou a morar com a avó materna, na Barra. Assim que começou a vida profissional, via financiamento, comprou seu primeiro apartamento, na Federação. Decidida a não se casar, permaneceu bastante tempo morando naquele bairro. Há poucos anos, adquiriu novo imóvel na Barra, no Jardim Apipema.

A sétima participante é **Tainara Japiassu**, 53 anos, professora do Ensino Básico, mas trabalhando com o Ensino de Línguas Estrangeiras. Ela nasceu e cresceu no Queimadinho. Mudou-se com família de uma casa para outra, mas no mesmo bairro. Seus pais vivem nesta residência ainda hoje. Quando se casou, Tainara foi morar com o esposo num imóvel que havia adquirido em Stella Maris, num loteamento criado especialmente para empregados da Petrobrás, o Petromar. Depois de muitos

anos morando ali, decidiram ir para Vilas do Atlântico, na cidade de Lauro de Freitas, onde residem atualmente.

A oitava participante é **Açucena Arauna**, 51 anos, aposentada da Petrobrás. Ela nasceu na Espanha e veio com 1 ano e 7 meses para o Brasil. O seu pai já morava aqui e comprou um apartamento na Lapinha onde a família residiu até ela se casar. O pai de Açucena faleceu quando ela tinha 3 anos de idade. É a mãe quem se responsabiliza pelo sustento da casa. Ao se casar, Pilar levou a mãe para morar com ela num apartamento no Barbalho. Ela tem dois filhos. Após a separação, ela se mudou com a mãe e os filhos para a Vitória, onde reside atualmente.

A nona participante é **Indira Mirim**, 52 anos, professora de Ensino Básico, mas atuando como professora de Línguas Estrangeiras, autônoma. Ela nasce em Salvador, mas a família estava morando em Alagoinhas. Eles vieram para Salvador quando ela tinha em torno de 3 anos de idade, e se domiciliaram na Lapinha. Mais tarde, já na adolescência, o pai comprou uma casa no Barbalho. Os pais se separaram e ela fica com a mãe até sair para morar sozinha dividindo apartamento com uma colega no Jardim Apipema. Casou-se e continuou morando no Jardim Apipema. Pouco tempo depois foram morar na Federação. Na fase inicial do casamento, mudaram-se algumas vezes para diversos apartamentos alugados na Federação. A primeira filha nasceu, eles retornaram para morar na casa de sua mãe. Nasceu a segunda filha e o casal financiou um apartamento no Barbalho. Atualmente, ela está separada e morando com uma das filhas neste imóvel.

Por fim, **Tauan Jatobá**, 51 anos, engenheiro civil. Ele nasceu e viveu a primeira infância no Bairro Guarani, na Liberdade. Na adolescência, o pai comprou um apartamento no Centro da cidade, para ficar mais próximo do trabalho, e a família se mudou para a Rua Nova de São Bento. Já na idade adulta, Tauan adquiriu seu primeiro imóvel no bairro de Sussuarana. Residiu um tempo em Itabuna, cidade no Sul da Bahia. Ao retornar para Salvador, comprou um apartamento no bairro do Imbuí, onde vive atualmente.

Tabela 2 – Rede 2										
Nº	Nome Fictício	Idade	Bairro de origem	Ensino básico	Ensino superior	Profissão	Empresa/ V. Empregatício	Est. civil	Prole	Bairro atual
01	<b>Bartira Araribóia</b>	52	Matatu /Cabula /Pituba	Soledade	Ufba	Professora de ensino básico	Governo do Estado	União Estável	-	Vila Laura
02	<b>Moacir Guabiroba</b>	51	Soledade / Ilha de Itaparica / vasco da gama/ Barra	Soledade	Ufba	Engenheiro civil	Empresário da construção civil	Casado	02	Pituba
03	<b>Raoni Arruda</b>	52	Alagoinhas/ Periperi/ Liberdade/ Vila Laura	Soledade	Ufba	Analista de sistemas	TRE	Casado	02	Federação
04	<b>Moema Jacarandá</b>	52	Cidade Nova/Iapi/ Caixa D'água / Itaigara	Soledade	Ufba	Arquiteta	Governo do Estado	Casada	01	Patamares
05	<b>Uirá Aimoré</b>	52	Federação /Soledade	Soledade	Ufba	Analista de sistemas / Professor do ensino básico	Governo do Estado	Casado	02	Patamares
06	<b>Janaina Caiçara</b>	50	Sam Martin / Santa Mônica	Soledade	Ufba	Professora do ensino superior	Uefs	Solteira	-	Barra
07	<b>Tainara Japiáçu</b>	53	Caixa D'água	Soledade		Professora de Línguas	Rede privada	Casada	-	Vilas do Atlântico
08	<b>Açucena Araúna</b>	51	Lapinha	Soledade / Cefet	Ufba	Profissional Técnica	Polo Petroquímico	Separada	02	Vitória

<b>09</b>	<b>Indira Mirim</b>	52	Alagoinhas/Lapi nha / Barbalho	Soledade	Ufba	Professora de Linguas	Autônoma	Separada	02	Barbalho
<b>10</b>	<b>Tauan Jatobá</b>	51	Liberdade / Centro	Soledade	Ufba	Engenheiro civil	Embasa	Casado	01	Imbuí



O acesso a este grupo de ex-alunos do Colégio foi intermediado por uma pesquisadora associada ao grupo de pesquisa do qual faço parte, o “Panoramas Urbanos”. Diante das dificuldades enfrentadas para ampliar a participação dos membros que formam a Rede 1, a colega teve a ideia de mobilizar o grupo do qual seu marido faz parte, sendo ele egresso do Colégio em questão, e solicitou ajuda no trabalho. Apenas dez pessoas se dispuseram a contribuir com o estudo.

Assim, foram realizadas visitas e entrevistas em profundidade com estes interlocutores, buscando compreender a trajetória residencial realizada no âmbito da cidade do Salvador. Embora os dados principais já tenham sido apresentados neste capítulo, nuances e detalhes virão à tona, quando os interlocutores aparecerão em contraste com os bairros da cidade em que vivem.

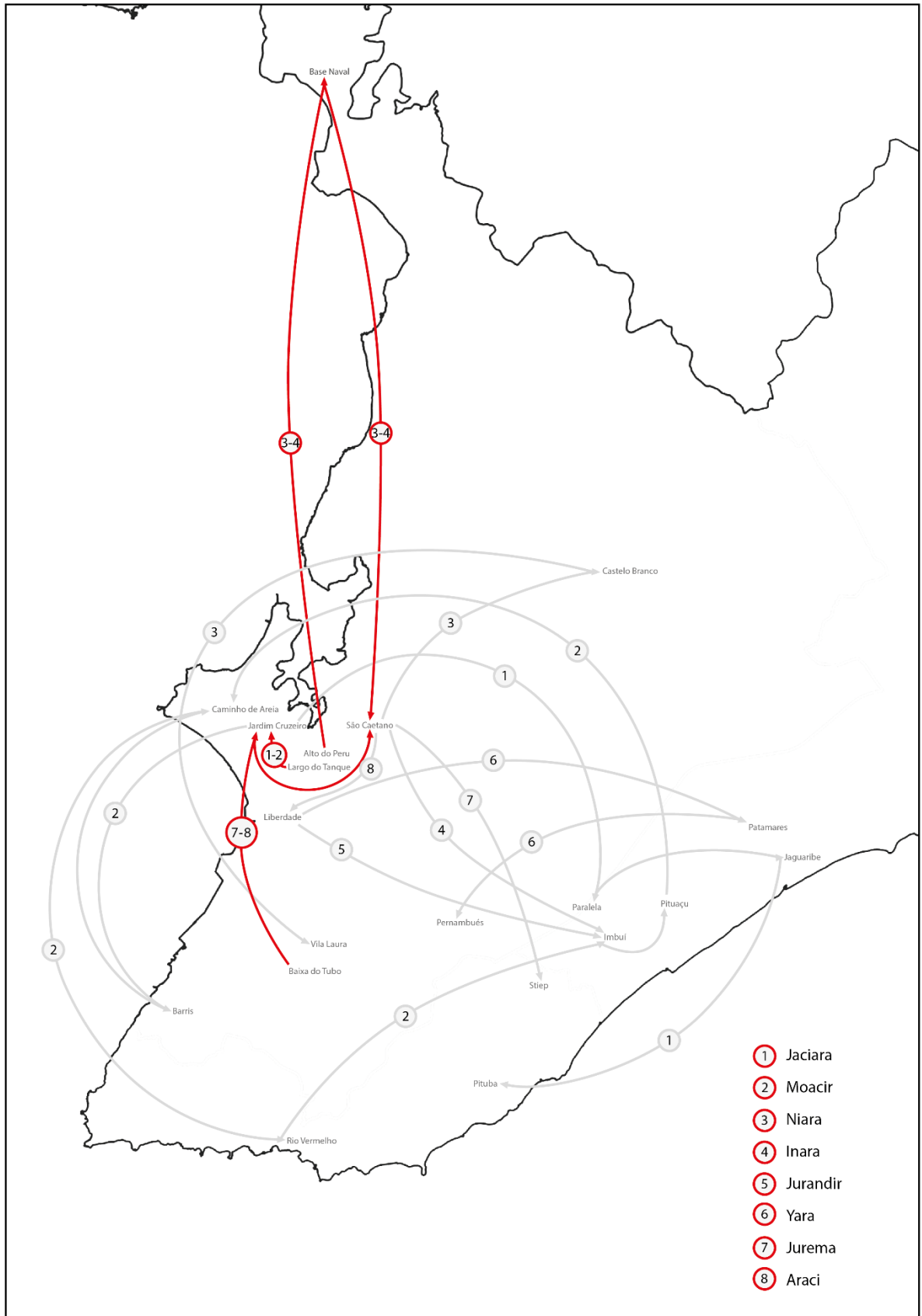
## **CAPÍTULO 2 | O COMEÇO DESTA HISTÓRIA: COMO NOVOS MORADORES SE ESTABELECEM NA BAÍA DE TODOS OS SANTOS, MARGEM URBANIZADA DA CIDADE ORIGINÁRIA DE SALVADOR**

Aqui analisaremos como famílias formadas em meados do século XX se estabeleceram em terras altas e baixas da Baía de Todos os Santos, na margem urbanizada mais próxima da cidade, em busca de moradia e tendo a casa própria como objetivo maior a ser alcançado – sinônimo de dignidade e segurança.

Vamos tratar de quatro famílias que, após circular por outros bairros e residências, chegam aos bairros da Liberdade, São Caetano e Jardim Cruzeiro, onde encontram alternativa barata de acesso à terra, oportunidade de construir imóvel e oferecer às suas famílias um teto. É o início da trajetória de nossos interlocutores, que usufruem de recursos e possibilidades que seus pais poderiam prover e estão com eles na jornada pela casa própria, na segunda metade do século passado.

A Rede 1 é formada por 4 núcleos familiares, como descrevemos no capítulo anterior. Estas famílias se formaram entre as décadas de 1940 e 1960 do século passado, num contexto de grandes migrações para a capital do Estado da Bahia.

**Figura 7 – Trajetória habitacional da Rede 1**



Fonte: dados de pesquisa

## 2.1 | As famílias da Rede 1 iniciam sua jornada na cidade do Salvador

A ponta deste fio é puxada pela trajetória da Família Pitanga, formada pelo casal Jandir e Mayara – ele, “químico prático”; ela, professora primária – e sua prole de nove filhos, dos quais sete chegam à fase adulta. Embora tivessem família em Salvador, após o matrimônio, o casal se estabeleceu no município de Terra Nova, Recôncavo da Bahia, por causa do emprego de Seu Jandir, numa usina de açúcar.

Quase todos os filhos já haviam nascido quando Seu Jandir saiu deste trabalho e retornou a Salvador. Os detalhes da chegada na cidade e dos primeiros tempos aqui são relatados por Dona Yara, uma das filhas do meio do casal, hoje com 73 anos de idade, e por Seu Jurandir, hoje com 70:

*A gente veio num pau-de-arara, numa tristeza porque a gente [os filhos] não queria ir embora de Terra Nova, a gente veio inconformado [...] logo quando chegamos ficamos um tempo na casa da minha avó paterna que já morava na Liberdade, enquanto meu pai resolvia a compra da casa. Minha mãe até tinha visto casa na Rua do Céu [atualmente pertencente ao bairro do Pero Vaz], mas meu pai não gostou. Então a gente passou um tempo com minha avó [paterna] que morava na Liberdade. Maninha e Jandinho ficaram um tempo com meus avós maternos na Rua da Mangueira em Nazaré e nós ficamos na Liberdade até que meu pai comprou a nossa casa na Rua Raimundo Mesquita. Aí Jandinho voltou pra ficar com a gente e Maninha ficou lá com minha avó.*

Dona Yara descreve o sentimento e as condições da chegada na cidade, com a qual ela tinha relação, pois seus avós já residiam em Salvador. A escolha do chefe da família por um imóvel numa rua transversal da Estrada da Liberdade ao invés de um numa rua nova (a Rua do Céu) nas imediações, e talvez resultado da “invasão” do Corta-Braço, nos informa sobre as tensões na região naquele momento e sobre a minoração das condições de vulnerabilidades materiais e simbólicas na moradia: já estavam morando num bairro de baixa respeitabilidade, mas não gostariam de ser confundidos ou tratados como “invasores”.

A Estrada da Liberdade, parte da antiga Estrada das Boiadas, adentra o século XX em franca expansão de suas margens e adjacências tanto de maneira informal, através da posse e ocupação de vazios e parcelamentos clandestinos, quanto de maneira formal, através de loteamentos.

Segundo Ramos (2007, p. 27), o primeiro parcelamento urbano do bairro da Liberdade foi feito de forma particular na Vila Curuzu e registrado na prefeitura em

1943. Foram 57 lotes com 160m<sup>2</sup>. Outros parcelamentos privados, mas sem registros oficiais, também são relatados: Vila Hermínia, em 1938, Sociedade Amparo dos Operários, em 1939, e Loteamento de Jovelino Castro (Japão), no mesmo ano.

Estas vilas foram criadas para atender à demanda de moradia dos trabalhadores que buscavam a região para residir aproveitando-se da sua condição de limiar da cidade originária e da zona industrial na Península de Itapagipe. Assim como as “invasões” eram o recurso disponível para muitos migrantes que chegavam à cidade na primeira metade do século das zonas rurais do interior do estado. Entre os marcos de ocupação coletiva organizada da região está a do Corta-Braço.

A “invasão” do Corta-Braço efetivamente se impõe como marco político da disputa por espaço para a habitação dos despossuídos na cidade do Salvador. Além da atuação de forma coletiva, resistindo às incursões policiais para debelá-la, havia a participação de militantes dos partidos operários, em especial, o Partido Comunista. A extensão da Estrada da Liberdade é palco de “invasões” sucessivas entre as décadas de 1940 e 1970 – muitas delas conseguiram se consolidar como bairros.

É esta tensão pela disputa e materialização das possibilidades de moradia que quem se estabelecia ao longo da Estrada Liberdade estava exposto e à qual Seu Jandir e Dona Mayara tentavam reduzir seus danos na criação e vida dos filhos. Deste modo, se estabelecer numa transversal da cumeeira mais próximo ao Largo da Lapinha do que do Largo do Tanque, extremidades da Estrada da Liberdade, parece ser uma possibilidade de reduzir danos de morar num bairro de baixo *status* social.

No início do século, os serviços públicos não ultrapassavam os limites do Largo da Lapinha, ali era o final de linha do bonde. Na Estrada da Liberdade, não havia calçamento, luz elétrica, transporte público ou água encanada. Toda a modernização que transformava o núcleo original da cidade e seu sentido ao sul não era notada naquela imediação.

Na metade do século, muitos equipamentos e serviços públicos já tinham chegado aos bairros do entorno da Estrada da Liberdade: no Barbalho foi criada a Escola de Aprendizes Artífices, em 1909, e o Instituto Central de Educação Isaias Alves (ICEIA), em 1936; na Lapinha foi instalado o Pavilhão Dois de Julho, em 1918; na Liberdade, o Cinema Liberdade já funcionava em 1937 e a Escola Duque de Caxias foi fundada em 1938; no bairro de Sete Portas foi inaugurado o Mercado das Setes Portas, em 1941; por fim, no Pau Miúdo, foi fundado o Hospital Santa Terezinha, em 1942, para atender tuberculosos. (cf. VASCONCELOS, 2016, p. 363) Estes equipamentos

públicos denotam a relevância populacional da região, mas não fazem nenhuma frente aos investimentos públicos e privados direcionados à porção da cidade que se desenvolvia ao sul da porção urbana original.

A família materna de dona Yara era melhor posicionada socialmente. A casa da família de Dona Mayara, sua mãe, estava situada no Centro Antigo de Salvador, numa localidade chamada, ainda hoje, de Mouraria<sup>5</sup>. Apesar da expansão em direção ao sul, os bairros de Nazaré e a Avenida Joana Angélica, nas imediações da Avenida Sete de Setembro e da Praça da Piedade, guardavam ainda alto *status* social naquele momento. Entre os cunhados de seu Jandir havia um vereador, a família contava com boas relações e influência política. Dona Yara revela a seguir uma espécie de tensão com a escolha do bairro de moradia que seu pai podia oferecer à sua família:

*Ali a gente foi muito feliz, a casa era grande, mas era menos do que em Terra Nova, tinha um quintal... todo mundo formou, até o prefeito Heitor Dias, que era muito amigo do meu tio que foi vereador três vezes aqui em Salvador, ele foi na formatura de Maninha e deu a ela de presente de formatura uma nomeação na prefeitura...[...] este tio que era vereador era irmão da minha mãe, ele não gostava da Liberdade, ele dizia: “você vão morar na Liberdade? Ali é terra de índio<sup>6</sup>...”*

Esta preocupação expressada na opinião dos parentes maternos sobre o bairro e que sugere ter raiz um pouco mais profunda na dinâmica da escolha de parceiros para casamento e, por extensão, a manutenção, perda ou ganho de *status* social parece, por um lado, ser um tema evitado pela família que não falou abertamente em nenhum momento, ou ainda, ser tratado como um tema de entendimento corrente e, portanto, compreensível, sem necessidade de maiores explicações para a maioria das pessoas deste lugar.

A união de Dona Mayara com Seu Jandir, um homem de *status* social abaixo do seu e que lutava para garantir o sustento, dignidade e condições de ascensão da

---

<sup>5</sup> A localidade da Mouraria está situada no Centro Antigo da cidade de Salvador, se divide com o Centro Histórico na Avenida J.J. Seabra na Baixa dos Sapateiros e com o bairro de Nazaré na Avenida Joana Angélica. É uma localidade muito antiga, remonta ao século XVIII como local de acampamento dos ciganos que chegavam à cidade. Dona Yara se refere à localização da residência de sua família materna por Mouraria, Nazaré e Rua da Mangueira, mas todos estes nomes se reportam à mesma localização do imóvel na Rua da Mangueira em frente ao Quartel da Mouraria.

<sup>6</sup> No momento da entrevista eu, como pesquisadora, associei esta expressão à bravura dos indígenas e as notícias de violência sempre ligadas ao bairro, por isso não explorei com Dona Yara o que esta expressão queria dizer. Repeti este mesmo raciocínio em uma outra conversa com um cronista contemporâneo do bairro da Liberdade e do Curuzu e analisando posteriormente percebi que estava enviesando a interpretação desta expressão, que pouco aparecia nas entrevistas subsequentes. Foi apenas com uma das últimas informantes, que neste trabalho contribui de forma esparsa e não como fonte principal, que pude clarificar o sentido da expressão. Na conversa com Dona Iandara Itaúna sobre a sua infância e juventude na Ribeira ela repete o que se dizia do seu bairro naquela época, o meado do século passado: era “terra de índio”, ao que indaguei sobre o significado da expressão ela me responde com certo pesar: “ohhh minha filha, significava o mesmo que os índios significam até hoje para a nossa sociedade: o atraso!”

família, seria esta questão de fundo presente nas oportunidades que o parentesco materno poderia prover e que, de alguma forma, não estava acessível para todos os irmãos de Dona Yara e Seu Jurandir.<sup>7</sup>

Assim, podemos notar aqui neste ponto como vão se configurando algumas desigualdades familiares deste núcleo e como a dinâmica destas relações forjam ou alimentam competições internas.

A família Pitanga se estabelece na Rua Raimundo Mesquita, antiga Rua da Favela, uma das paralelas da antiga Ladeira do Inferno, onde foi instalado o Plano Inclinado da Liberdade. Ali ela cria quase toda a sua prole. Ao acessar este imóvel próprio, a família cessa a busca por moradia e vai estabelecer suas estratégias para lidar com o entorno e as características do tipo social majoritário do bairro, bem como a sua imagem no imaginário urbano.

Dona Yara descreve assim o bairro e a sua rua na infância e juventude:

*Já tinha muita casa na rua quando a gente foi morar lá. Tinha muita briga também, uma gritaria, a família de Seu Marinho era uma discussão, uma brigaiada entre os irmãos, mas nunca ninguém morreu, mas brigavam o tempo todo... nhéhéhéhém [como quem imita o som de muitas vozes em discussão] ... aí minha mãe dizia: vocês não têm um bocado de irmão? Então brinquem com seus irmãos aqui dentro de casa mesmo...  
[...] porque as pessoas diziam: ‘ave maria, você mora na Liberdade’ e coisa e tal, mas assim eu não tenho o que me queixar da Liberdade! Porque tinha crime, negócio de assassinato... nunca vi crime! Tinha aquelas festas, aquelas bagunças, mas a gente não ia... eu andava, pegava meu ônibus, saltava, voltava, ia pra faculdade de noite, normal! Nunca vi negócio de assalto... [...] teve um dia na Semana de História Natural [na faculdade] que terminava mais tarde e eu falei com Jandinho, que estava indo me pegar naqueles dias, que não precisava, ali sempre foi um irmãozão pra mim... aí o sinal tocou e já era 11 horas da noite ou 11 e meia, o medo que eu tinha de andar na rua a noite, quando eu cheguei falei com Jandinho: ai eu não tenho coragem, hoje eu morri de medo de vir sozinha... e ele me disse: a partir de hoje eu vou te pegar [de carro], pode ficar tranquila que eu vou te buscar... tinha muita notícia de violência, mas a gente nunca viu nada... todo mundo se criou ali e nunca teve nada...*

Já seu irmão Jurandir resume assim o que era o seu bairro na juventude: “A Liberdade era um bairro de negros com melhor poder aquisitivo, negro boçal<sup>8</sup>, o

<sup>7</sup> Neste trabalho todos os nomes foram trocados para preservar os nossos interlocutores. O sobrenome Pitanga se reporta a substituição do sobrenome paterno, o sobrenome que Seu Jandir deu a todos os filhos. No entanto, socialmente, o nosso interlocutor Jurandir utiliza o sobrenome materno. Nunca o interroguei sobre este fato, mas esta opção me sugere uma afinidade maior com a família da mãe no que ela representa de inserção social em si, e pelo nome que, por não ser tão comum quanto o paterno, confere maior distinção. Este é mais um dos elementos que reforçam o meu entendimento sobre a existência desta tensão da qual tratei no texto.

<sup>8</sup> A palavra “boçal” tem origem e significado completamente racista. O seu verbete dicionarizado remete o seu surgimento ao que se falava do africano escravizado recém-chegado ao Brasil e que ainda não dominava a Língua Portuguesa. O uso atual da palavra tem como sinônimo: alguém sem cultura, grosseiro, rude ou alguém desprovido de inteligência, besta, toupeira. (cf. o Dicionário Michaelis Online. Consultado em 25.08.2020). No entanto, o

*sonho de todo pai era que um filho trabalhasse na Petrobrás e no Banco do Brasil e de toda garota era namorar com um deles...”. E, ainda, se refere desse modo ao cuidado dos vizinhos com as crianças e organização comunitária: “Quanto mais pobre o bairro, maior o calor humano!”*

Este pequeno relato de Dona Yara e de Seu Jurandir nos remete a algumas nuances da vida e da experiência da moradia no bairro da Liberdade, na segunda metade do século passado. Em primeiro lugar, está a convivência com um imaginário negativo de criminalidade e violência sobre a região<sup>9</sup>. Embora não tenha havido questão diretamente relacionada a situações de violência nas suas respostas, Yara se refere à violência, ou ideia de bairro violento, como se necessitasse defender o seu antigo bairro das ideias correntes.

Deste ponto, decorre o segundo, que são as constantes recomendações feitas pela sua mãe e as precauções tomadas para que os filhos não se envolvessem em confusões na rua e no bairro, não participando das festas de largo que eram muito comuns, além do carnaval e das atividades das agremiações e blocos carnavalescos pelos quais o bairro ficou mundialmente conhecido. Num ambiente de forte julgamento social pelo local de moradia, parece ser muito importante construir possibilidades de diferenciação e ascensão. Além da inserção precoce no mundo do trabalho, quando os meninos começavam ainda na infância ou adolescência e as meninas na juventude, conciliando com os estudos e a busca pelo mais alto grau de instrução possível nas melhores escolas disponíveis para permitir uma inserção profissional melhor e o *status* social mais alto.

No entanto, trabalhar e estudar não é suficiente para membros deste grupo, é necessário ainda estar longe de situações nas quais possam ser “confundidos” com pessoas desonestas, desordeiras, que não estão engajadas na melhoria de vida. A “confusão” possível entre “pobres honestos” e “pobres marginais” no dizer de Lourau-Silva (2015, p. 83) é uma das situações cotidianas a serem evitadas por pessoas

---

sentido empregado por nosso interlocutor subverte em algum tanto o sentido da expressão. Aqui ele quer dizer que boçal é o negro que ousou querer e conseguir mais do que estava assegurado pelo seu lugar de subalternidade. É um negro que alcançou lugar social de superioridade aos demais. Correntemente, na Bahia, o termo boçal também é interpretado como arrogante, pedante, ou seja, um sentido ainda negativo, porém em tom diverso do que está dicionarizado.

<sup>9</sup> Como parte do objetivo de compreender a experiência e o imaginário sobre a vida nos bairros investigados neste trabalho, tínhamos como expectativa buscar nos jornais correntes informações que dessem conta da construção da reputação de cada região explorada. No entanto, a ocorrência da pandemia do novo coronavírus e do conseqüente isolamento social instituído como meio de prevenção à infecção impediu que continuássemos o trabalho de pesquisa nos arquivos públicos sobre o período analisado, ficando estes elementos a serem incluídos e analisados em trabalhos futuros.



subalternizadas e fonte de preocupação por pessoas em exercício de poder ou em melhor posição social.

A fala de Seu Jurandir sugere, ainda, que o *status* do bairro já estava melhorando e a maioria dos tipos sociais residentes lá estavam empenhados em ascender socialmente pelo trabalho no serviço público e já eram reconhecidos por isso, inclusive a aquisição de bens de alto valor como automóvel é um sinal de que a remuneração alcançada pela família era boa. Porém, as desigualdades econômicas e sociais internas do bairro estão presentes e são sentidas pela família e um dos meios de evitar as situações de violência é não estar nos espaços públicos e eventos sociais e populares do bairro.

Por fim, esta recomendação feita pela mãe revela como se entendia a construção do *status* social e da reputação a partir de suas posturas pessoais e familiares, bem como a fala de Dona Yara representa o olhar de uma mulher sobre a vida no bairro e que, portanto, tem circulação restrita e diferenciada fora da casa.

A família Pitanga se difere das demais tratadas neste estudo por ser a única que se fixa no bairro na primeira alternativa habitacional e já com sua casa própria. Como veremos na continuidade, as demais famílias têm uma trajetória mais longa até encontrar onde se fixar, além de demonstrar a centralidade da casa própria para estas famílias e sua reputação.

Em continuidade, a trajetória da família Tupinambá, se inicia numa localidade chamada de Alto do Peru muito próxima do Largo Tanque, na antiga Estrada de São Caetano e atual Rua Engenheiro Austrícliano, via que liga o Largo aos bairros altos de Fazenda Grande do Retiro e São Caetano.

Seu Cauã, pai de dona Niara, nasceu em Santo Antônio de Jesus e veio para Salvador muito pequeno com uma tia que o criou como filho sob as condições que possuía, Niara rememora as falas do pai sobre a infância:

*Ele dizia: “eu não tive pai e mãe, fui criado com minha tia, ela me trouxe de lá, mas me deixou... desassistido” porque ela não deu as orientações para ele e ele conviveu na rua, como se chama hoje ... “naquele tempo o que eu vivia era capitão de areia, eu convivía com a turma no meio da rua, o tempo todo minha tia lavava, era lavadeira de...” dos navios, dos mirantes lá, dos marinheiros lá, deixava ele à vontade, ele disse que não teve nenhuma, um controle, ele vivia mesmo ao léu, era bem banda voou, um menino mesmo desassistido, teve pouco, lia com dificuldade, mas lia bastante, pegava comprava jornal, só assinava o nome dele Cauã Tupinambá bem com dificuldade.*

Então, seu Cauã cresceu aprendendo a fazer um pouco de cada coisa, se virando para sobreviver, no ambiente da feira de Água de Meninos e das ruas da Cidade Baixa. Ele não tinha profissão definida, depois de adulto e casado, ao que parece, aprendeu a dirigir, vindo a trabalhar como motorista. Assim, conseguiu emprego na Marinha, e passou a morar na Base Naval.

Dona Amana, por outro lado, cresceu em Salvador com sua família materna no Alto do Peru, onde seu irmão, Evaré, tinha casas de aluguel e vivia desta renda. Seus pais e irmãos mais velhos se mudaram para o Rio de Janeiro e ela, caçula, ficou aos cuidados do irmão. Dona Niara descreve o seu tio como *“um homem de poder, o bambam, era porreta. Quando nasci, sou de 1950, eles tinham ido pra o Maracanã, foi quando o Brasil perdeu a [copa], foram para o Rio de Janeiro quando eu nasci”*.

Atualmente, a localidade do Alto do Peru faz parte do bairro de Fazenda Grande do Retiro. Segundo relatos de dona Niara, a família vivia numa das casas de aluguel do irmão da mãe dela e que, após desentendimentos com ele, a família foi morar numa residência cedida para funcionários da Marinha, na Base Naval, no Subúrbio Ferroviário de Salvador.

*Nós saímos da Base [Naval], viemos para Salvador<sup>10</sup>, ele [meu pai] ainda trabalhando na Marinha, mas nós viemos para o São Caetano por que eles moraram um tempo bom, quase sempre de aluguel. Na Base Naval era cedido para os funcionários, foi uma boa época na base... meu pai conquistou a independência dele, ele morou em casas do meu tio, mas depois conquistou sozinho a moradia.*

*Mamãe morou com meu pai, no início do relacionamento, em casa de aluguel que meu tio Evaré tinha no Alto do Peru, ali no Largo do Tanque, foi ali que eu e meus irmãos nascemos... Meu tio era um homem de posses, tinha muitas casas de aluguel. Ele prometeu: “vou deixar pra vocês, vou deixar vocês ficarem com a casa...” ele disse que iria vender uma destas casas mais baratas, mais em conta para meu pai, mas quando meu pai chegou fazendo as contas, foi pra comprar ele alterou a conversa e começou a exigir... aí minha mãe disse: “tome sua casa, eu vou ficar com meu marido, a gente pode ir para debaixo da ponte!” Então, ela enfrentou este tio e meu pai sempre naquela: “eu vou conseguir...” Como eu te falei, [meu pai] nunca viveu sob as asas dele, meu pai lutou e relutou, se virou por cá com aluguel, até quando tentou uma que ele achava que poderia comprar e ele não cumpriu com a palavra, mudou o que tinha dito, para poder colocar em cheque: “é minha irmã mas não vou dar [a casa], vai ter de comprar”... [Ele] fez um outro trato, não manteve a palavra. Aí minha mãe foi defender meu pai: “não, você teve uma conversa com Cauã desta forma e não é justo e não queremos mais...” Então meu pai lutou e relutou e conseguiu a primeira casa própria e minha mãe tinha uma promessa que se eles conseguissem uma casa própria ela rezaria o Santo Antônio e ela sempre rezou Santo Antônio, e faleceu rezando Santo Antônio... e quem era que rezava o Santo Antônio para ela? A*

<sup>10</sup> Falar que está vindo para Salvador quando se sai de bairros distantes é comum entre os moradores da cidade, reforça a distância entre os pontos e as quebras relacionais entre os bairros próximos ao centro e as localidades mais afastadas. Essa fala reforça, ainda, a percepção de que o bairro de São Caetano já estava integrado à cidade e era reconhecido assim.

*Jandirinha [filha de Evaré] da vida, que sempre foi assim com mamãe, era aquele amor roxo com mamãe... mesmo mamãe tendo essa questão com o pai dela, pois ele rejeitava meu pai, mas elas eram muito amigas, pois quando Jandirinha<sup>11</sup> nasceu mamãe ainda estava sob o jugo de meu tio, mamãe pegou ela nos braços...*

A ida para a Base Naval representou uma alternativa de moradia para a família, na medida em que os conflitos familiares em torno da possibilidade de garantir sustento e teto se acirravam. No período que passou na Base, a família de Dona Niara não pagou aluguel, fato que possibilitou a poupança para a aquisição do terreno no São Caetano, onde construiu a sua residência e viveram até que os seus filhos se tornassem adultos e com suas próprias famílias. Quando ocorre o falecimento da esposa de seu Cauã, este vai morar na Liberdade e depois no Jardim Cruzeiro.

Evaré, o irmão de Dona Amana, atua como o patriarca da família e quer subjugar economicamente o núcleo familiar que Cauã constrói com Amana. O meio principal para alcançar este objetivo é a dependência do teto de moradia que o cunhado não podia oferecer à família quando se casou.

Após o desentendimento com o cunhado por uma promessa de doação ou venda abaixo do preço que não foi cumprida, a família de Dona Niara se mudou para o atual bairro de Base Naval, que é assim chamado por ter surgido a partir da vila construída para a moradia dos militares e trabalhadores da Marinha. A família foi para lá porque o pai dela estava empregado na Marinha e assim gozava do direito de ter um imóvel cedido pela Base.

O relato de Dona Niara dá ênfase a conflitos familiares em torno da fragilidade econômica de seu pai perante a posição do seu tio, irmão da sua mãe, e por ela responsável. A moradia e a possibilidade de alcançar casa própria ganha centralidade na história deste núcleo familiar, como exemplo de engajamento no bem-estar de todos que o chefe da família engendrou ao conseguir, após muitas lutas e humilhações, a casa própria e a estabilidade que ela representa. Em homenagem ao pai, Dona Niara colocou o nome de Cauã Neto no seu filho, sendo esta a forma de preservar a memória de bravura e sucesso alcançado durante a vida sofrida.

Com as economias, durante o período que viveu na Base, Seu Cauã comprou o terreno e construiu a casa, na Sussunga do São Caetano. O bairro ainda era muito carente de infraestrutura, como percebemos no relato de Dona Niara:

---

<sup>11</sup> Mãe de Jaciara e Moacir, família de quem trataremos mais adiante.

*A nossa casa ficava na Praça Marechal Teixeira Lotti, não tinha a Quarta Delegacia [Civil] ainda, era ali atrás de onde hoje é Quarta Delegacia, ali tudo era mato era um terreno a gente via tudo ali embaixo, depois construíram o conjunto e a gente morava na primeira rua da Sussunga, porque o São Caetano é dividida em Sussunga, Gomeia, Capelinha do São Caetano de Xandy do Harmonia (risos) e a Formiga... a Gomeia talvez seja a origem do São Caetano, a Gomeia de Joãozinho da Gomeia que tem ainda lá, ela é bem próxima à BR, quando se entrava para Salvador se passava por ali, subia a ladeira do Bambuí, mais a frente... pela Estrada de Campinas, pela ladeira de São Caetano vai se chegar na ladeira que dá no Largo do Tanque e atualmente de chama Ladeira Engenheiro Austrícano para pegar toda a região da Península Itapagipana...*

*[...]*

*Minha mãe nos educou... ela costurava, era dona de casa e sempre ali cuidando da gente, sempre dizia: “não quero vocês nas portas [das casas dos outros, ou dos vizinhos], nós morávamos na frente de rua, na frente da gente só tinha mato, onde hoje tem o Colégio Assis Chateaubriand, em frente, ali era área livre, tinha a vizinhança, mas a gente foi criando bem, bem dentro de casa. Mamãe saía para a fonte do Benjamim, era uma fonte natural, as pessoas iam lavar, não tinha água encanada, levou muito tempo sem água encanada, o Benjamim ficava perto da Gomeia, um matagal, um lugar bem íngreme, ela deixava a gente trancada às vezes, para não ir para a porta de ninguém...*

*A gente brincava muito das brincadeiras de rua também... Quantas quedas eu tomei, minha filha, me chamavam de perna mole, perna de banana...tudo era terra, a gente caía na terra, barranco, subia e descia, íngremes, as ladeiras, não era nada asfaltado, era tudo com desnível, a gente sabia o que era brincar... brincava com a vizinhança, mas com a vizinha de perto, concentrados na nossa rua, aquele horário controlado, a gente não ia para outras ruas não, nem para a porta de ninguém, minha mãe controlava muito isso...*

Como muitos bairros da redondeza, os serviços públicos de água encanada e calçamento ou asfaltamento das ruas demorou de chegar ao São Caetano. A mãe de Niara percorria quilômetros para poder lavar as roupas da família e trazer água potável para casa. Ela complementava a renda da família costurando.

*“Dentro do possível a gente teve uma vida boa, não foi um mar de rosas, mas dentro da realidade do bairro de São Caetano foi de normalidade de uma família humilde, mas ajustada”.* Relata-nos Dona Inara, irmã caçula de Niara e que viveu no bairro até se casar com Seu Jurandir Pitanga.

Diferente da família Pitanga, a família Tupinambá se instala num bairro com mais precariedade, com muito mais déficit de infraestrutura. Nesta época, em torno da década de 1960, a região estava sendo ocupada pelos trabalhadores e imigrantes que chegavam à cidade e buscavam por moradia acessível economicamente.

Esta comparação evidencia as desigualdades internas da região da Liberdade, além do fato da urbanização e do “desenvolvimento” chegar à região a partir do centro da cidade originária, pouco a pouco. Assim, a própria Estrada da Liberdade e suas

transversais estavam num estágio de urbanização à frente da Estrada das Boiadas, da Estrada de São Caetano e Estrada de Campinas, vias principais do bairro de São Caetano.

Mas assim como seu Jandir Pitanga, seu Cauã Tupinambá buscou alternativa de moradia dentro do que entendia como legalidade, sem participar dos movimentos de ocupação coletiva que se ampliavam naquele momento. As humilhações e desafios que enfrentou se impunham como caminho para afastá-lo da marginalidade que participar de uma “invasão” poderia reforçar. O intuito de seu Cauã é demonstrar ser um homem honrado e de boa reputação ainda que sua origem fosse muito desfavorecida. A sua casa própria era seu emblema.

Dona Amana, assim como dona Mayara, cuidava para que seus filhos fossem criados com sua supervisão, dentro de casa, sem “se misturar” com outras crianças desconhecidas na rua. Sua prole brincava dentro de casa e com seus vizinhos próximos, com a expectativa de que se tornassem pessoas direitas e não se envolvessem em confusão. Esta parece ser a regra da criação para os filhos das famílias de baixa renda, na qual a criação e o comportamento são caminhos para subverter condições de marginalidade e más expectativas ligadas às origens destas famílias e suas possibilidades de inserção na sociedade moderna.

Já a família Aroeira, cuja filha do meio, Jurema, se casou com Jandir Pitanga Filho, reside inicialmente na área de Cosme de Farias, numa localidade chamada até hoje de Baixa do Tubo. Nesta época, toda a região era derivada da antiga freguesia de Nossa Senhora de Brotas, conhecida também como Matatu e ainda estava afastada da cidade original voltada para a Baía de Todos os Santos.

Foi neste bairro em que Jurema e Araci nasceram junto aos demais irmãos. *“Naquele tempo não era Cosme de Farias, era Quinta das Beatas, agora é Cosme de Farias”*, diz Dona Jurema sobre seu local de nascimento. Considerando que há uma diferença de idade de mais ou menos 14 anos entre as duas e que Araci é filha natural de uma irmã mais velha de Jurema, mas que foi adotada formalmente pela avó, podemos inferir que a família viveu um tempo razoável neste bairro.

O bairro de Cosme de Farias era chamado até a década de 1960 de Quinta das Beatas. Antiga vivenda de freiras de onde advém seu nome até que foi alterado com a chegada do rábula Major Cosme de Farias ao bairro. Esta localidade vem sendo descrita desde o final do século XIX e início do século XX como ocupada majoritariamente por ex-escravizados e, portanto, a parcela mais pobre da população.

Além disso, contava com conhecidos terreiros de candomblé como o de Mãe Virginia do Paquetá, noticiado no Jornal A tarde de 24/08/1937 (cf. NUNES, 2017, p. 87-88) e o de Dona Olga do Alaketu, nascida e criada no bairro, e com 61 anos quando em reportagem ao Tribuna da Bahia, em 30.03.1987, disse que o “lugar agora está uma cidade” e que, no “Antigo Matatu<sup>12</sup>, as casas eram salteadas nas ruas estreitas e cheias de árvores e a gente podia deixar as janelas e portas abertas”. Na mesma reportagem se informa que o terreiro desta senhora tinha, na data da publicação, 345 anos de fundado e estava lá há cinco gerações.

Esta reportagem do Jornal Tribuna da Bahia informa alguns elementos importantes sobre o desenvolvimento do bairro do Matatu e adjacências no final da década de 1980. Uma delas é que o bairro de Matatu era formado por localidades que posteriormente se tornaram bairros, como Luis Anselmo e Vila Laura.

A região conhecida como Baixa do Tubo representa o limite entre os bairros de Cosme de Farias e Matatu. Tem este nome por causa das grandes tubulações de água que passavam na localidade. Tem hoje características dos bairros populares de Salvador: alta densidade, ruas estreitas, casas autoconstruídas e fama de violência. Na infância de nossas interlocutoras, a precariedade era ainda maior. Dona Jurema relata as condições da moradia e do bairro no qual a família morava de aluguel:

*Era um lugarzinho pequenininho, pobrezinho, não tinha esgoto, não tinha nada, um lugar muito precário, isso eu me lembro. Não tinha nada em relação de esgoto, a gente ficava pisando naquelas águas de esgoto... Quando chovia que ficava aquele esgoto todo cheio da casa dos outros, a gente adorava brincar naquelas águas, mas tá tudo vivo, ninguém morreu! Quando chovia logo misturava água suja com lixo, mas depois continuava a chuva aí a água já vinha limpinha, aí gente ficava brincando, às vezes catava até moeda do lixo, criança não sabia nada. Chovia descia aquela água, aquela enxurrada, aquela lixarada toda, a chuva continuava, ela vinha limpar, a gente ficava andando pra lá e pra cá dentro d'água, era bom.*

Buscando melhorar as condições de vida, a família se mudou para o Jardim Cruzeiro, onde viveram pouco tempo, cerca de um ano, até o chefe da família e pai de Dona Jurema adquirir um grande terreno no bairro de São Caetano e começar a construir a residência da família. Na metade do século passado, os bairros do entorno do Caminho de Areia, como o Jardim Cruzeiro, estavam em franca expansão tanto pela

---

<sup>12</sup> A palavra Matatu teria origem na língua Tupi segundo Theodoro Sampaio e significaria “a mata escura ou a floresta negra”, mas segundo Yeda Pessoa de Castro ela teria origem nas línguas do tronco bantu e significaria “lugar deserto, isolado”. (Cf. DOREA, 2006. p. 110)

abertura de novos loteamentos como pela ocupação e construção de palafitas sobre a maré.

Araci descreve o bairro de São Caetano quando chegaram para morar lá:

*Quando a gente foi morar em São Caetano, ali na Gomeia, a lembrança que eu tenho é de lá ser assim como uma cidade do interior, aquele interiorzinho assim: sem energia, aquelas casas de palha... quando a gente foi para lá era assim não tinha energia... a nossa casa não [era de palha], a nossa casa era mais ou menos, mas lá tinha estas casas de palha. Tinha duas ruas: uma em cima outra embaixo, a de cima era a que ia para a Gomeia e a outra era o lugar que nós morávamos, pela rua de cima ser mais habitada a gente fazia o percurso pela rua de cima. Depois de muitos anos é que o Baneb, eu acho que foi o Baneb loteou, fez umas casas e ficou muito bonito... mas antes quando a gente foi morar lá era assim, não tinha energia, a luz da gente era de gato que vinha do Bom Juá, eles cediam a energia para a gente naquela gambiarra até chegar lá em casa, eu devia ter mais ou menos uns 10 anos quando a Coelba chegou... o Bom Juá já era muito habitado, tinha muita gente morando lá...*

*Depois que entrou o conjunto habitacional do BNH, aí ele já entrou com o asfalto... Agora o ônibus já entra lá, antes não entrava... e agora não está mais como antes, está cheio de casa do início ao fim, antes não, era tudo espaçado... o dono do terreno daquela área toda era Renato Schindler, um grileiro que tinha lá, e ele não permitia que construísse ali não, o lugar que a gente chama de buracão, não tinha nada, era tudo mato... mas depois que ele morreu os filhos dele vendeu tudo, agora já está tudo habitado... da última vez que tive lá, tomei até um susto: meu Deus tá tudo habitado... quando a gente era criança tinha até nevoeiro....*

*Por que assim, a rua era assim, era um buraco, tinha esta rua aqui e tinha casa de um lado e do outro a nossa casa na frente de rua e nesse buraco embaixo tinha um campo... agora já está tudo cheio de casa, ele loteou tudo... agora lá era um lugar bonito, muito bonito...*

*A gente pegava água no Bom Juá, tinha um brejo, lata d'água na cabeça... tinha fonte de beber e a fonte de gasto... descia para lavar roupa também... Antes deste conjunto grande tinha o conjunto dos bancários e eles já tinham água... mas eu não lembro quando chegou água na nossa casa... ainda assim quando chegou era um sofrimento, faltava muito... tinha um chafariz lá em cima na Gomeia e as vezes subia para pegar água lá também... mas ele era mais distante, a gente ia mais no Bom Juá... Ali no Bom Juá, eu lembro eu era pequena, tinha uma cachoeira linda, linda... hoje ainda existe mas é esgoto puro, tinha um riacho com peixinho a gente ia pegar piaba... os brejos as pessoas aterraram tudo...mas tinha muito minadouro, muita fonte, muito minadouro mesmo de água cristalina...*

Assim como a família Tupinambá, os recursos da família Aroeira não permitiram a sua inserção com casa própria num bairro com maior urbanização e infraestrutura. O bairro é o mesmo, mas numa localidade diferente, a Gomeia. A descrição nos remete a uma situação de penúria geral, mas na qual a família Aroeira se diferenciava um pouco, ao menos no olhar de Dona Araci. Os novos terrenos, fruto provável de loteamento clandestino, não contavam com nenhuma infraestrutura e a sensação era a de estar “numa cidadezinha do interior”, tamanho contato e dependência da natureza.

Com o passar do tempo, chegam energia elétrica e água encanada, também novos conjuntos habitacionais e loteamentos particulares, que consolidam o bairro como alternativa preferencial para moradias populares.

O terreno que Seu Caubi, pai de Jurema e Araci, comprou ficava na localidade da Gomeia<sup>13</sup>, uma das mais antigas do bairro, na qual está situada também a igreja de São Caetano, que dá nome ao bairro e a caixa d'água que é ponto de referência na localidade.

Sobre a casa própria que o pai estava construindo para a família, Araci descreve:

*Ah, eu gostava da casa [do São Caetano]! Era uma casa grande, era uma loja na verdade que meu pai fez, mas não deu tempo de terminar, ele morreu antes de concluir. Ela já era uma casa moderna porque foi arquitetada, quando meu pai comprou o terreno foi, fez planta, teve arquiteto, era uma estrutura toda arquitetada, não foi casa assim... tinha planta, agora como nós morávamos na loja, ainda não tinha construído em cima porque o terreno era assim de ladeira, apesar de ser na rua principal, era na rua principal, mas o terreno era de ladeira, era uma rua boa, um lugar bom, mas era de ladeira. Ele fez primeiro a loja pra pegar o nível da rua pra subir os apartamentos, só que aí mãe não deu sequência, vendeu. Era na parte de baixo, era considerado loja porque chamam loja pra poder pegar o nível da rua, mas era uma casa com a divisão muito boa, muito grande, casa ampla: os quartos era amplos, três quartos, duas salas, cozinha grande, banheiro grande. [...]tinha quintal, tinha muito, era mais de 300 metros o terreno. Tinha um bocado de pé de planta, tia Neca<sup>14</sup> que gostava de plantar um bocado de coisa...*

Araci viveu com a família nesta casa até se casar, aos 25 anos. Ela morou com o marido, em imóvel alugado, no mesmo bairro. Sua mãe vendeu a casa da família quando seu filho Kayke nasceu, no final da década de 1980, para morar no Rio de Janeiro.

Jurema viveu no bairro de São Caetano até se casar, aos 30 anos, quando se mudou para uma casa própria no Stiep. Ainda assim, ela é uma das poucas interlocutoras que demonstrou dissabor em ter saído do bairro onde passou a adolescência e, principalmente, com o fato de a mãe se desfazer do imóvel, fruto do trabalho e empenho do pai, que não viveu para terminar a construção da casa da família. Para ela, o projeto que o pai começou deveria ter sido continuado e todos os filhos poderiam continuar construindo em cima e morando juntos.

<sup>13</sup> Segundo referências o nome da localidade seria uma corruptela do nome Abomei, nome da capital do antigo Daomé, reino de onde foram trazidos muitos africanos para serem escravizados. Foi levantado também, que durante o século XIX, esta localidade era esconderijo de negros que participaram de levantes após a Revolta dos Malês.

<sup>14</sup> Forma carinhosa que Araci chama a irmã Jurema.



Com o conjunto de dados levantados sobre a família Aroeira podemos compreender o dissabor de dona Jurema com a venda da casa da família. Além de ter se desfeito do investimento que o pai proporcionou à família, dona Jupira deixou alguns de seus filhos e netos sem a segurança de um lar. Tomamos sua irmã Araci como exemplo, que foi viver de aluguel com o marido, e outros netos que não tinham como adquirir a própria residência. Demonstrando-se mais uma vez a centralidade da casa própria como patamar mínimo de segurança e estabilidade para este grupo.

Da década de 1950 até o momento atual, os bairros aqui tratados superaram algumas mazelas e melhoraram alguns índices de desenvolvimento, no entanto, alguns elementos permanecem muito parecidos com os da época na qual os nossos interlocutores ali moravam.

É importante reafirmar que nenhum dos nossos interlocutores integrantes dos núcleos criados para o estudo de caso desenvolvido nesta pesquisa participou do movimento de “invasão” de terrenos para moradia. Todos os nossos interlocutores, com níveis econômicos diferenciados, foram proprietários de seus imóveis. Nenhum deles, nem seus familiares próximos, participou das ocupações que estavam ocorrendo na região no meado do século passado. Havia a convivência com moradores destas ocupações, e a realidade da vulnerabilidade socioeconômica era muito próxima da maioria deles, o que pode nos ajudar na compreensão de algumas decisões tomadas por eles na idade adulta, mas nenhum participou diretamente ou viveu numa “invasão”.

Por fim, temos os irmãos Jaciara e Moacir Jequitibá um pouco mais jovens do que os interlocutores anteriores, no entanto, ainda dentro da mesma geração. Filhos mais velhos de uma prole de cinco de Seu Marani e Dona Jandira, eles nasceram na mesma localidade em que as primas Niara e Inara, no entanto eles se reportam ao lugar pelo nome de Largo do Tanque, referência mais próxima da localidade.

A família se inicia numa das casas de aluguel do sogro do pai de Jaciara e Joaci, depois o pai deles, mestre de obras, constrói um prédio no qual vai morar junto com o sogro. A relação não dá certo, a família deixa o imóvel e fica um período no Pau Miúdo, em condições muito precárias, o que faz com que tenham que se mudar rapidamente. Moacir nos relata:

*Eu nasci em Salvador no bairro do Largo do Tanque, fiquei lá até uns 6 anos de idade, depois a família foi morar no Pau Miúdo em razão de um atrito que houve entre meu avô e meu pai, morávamos no mesmo prédio que o meu pai construiu. A gente morava no mesmo prédio. Era um prédio de 2 andares, o*

*prédio era uma lojinha que eles começaram a fazer negócio, brigaram por causa dessa loja. No primeiro [andar] moravam meus avós por parte mãe e no segundo morávamos nós. [A propriedade] era [do meu pai], mas não nasci exatamente nesse lugar. Nasci em uma casa que era alugada, depois ele construiu esse prédio e aí fomos morar lá.*

Moacir dá ênfase à propriedade do pai do imóvel no qual moravam com os seus avós. Com esta família, especialmente nos tratos dados pela figura do avô materno de Moacir, seu Evaré, percebemos como a ausência de casa própria se torna um elemento de vulnerabilidade para o bem-estar de uma família. Mais de uma vez, há conflitos com ele envolvendo a questão de imóveis e de a família dependente dele ficar desamparada, ou tendo que improvisar soluções para se abrigar.

Seu Marani, genro de seu Evaré, então, vai buscar moradia em bairros próximos ao Largo do Tanque, os quais estavam em pleno crescimento, muitos por loteamentos populares e clandestinos, além das “invasões” e alguns investimentos em moradia formal promovidos pelo poder público. É o caso do Pau Miúdo, para o qual ele recorre emergencialmente, e depois Jardim Cruzeiro, onde se estabelecem.

É no ano de 1946 que vai ocorrer uma das grandes ocupações coletivas mais marcantes do período: a de Massaranduba, que dará origem aos “Alagados”, forma como era chamada a região na qual se instalaram palafitas sobre a maré e posteriormente aterradas. A região da Enseada dos Tainheiros na Península de Itapagipe vai se transformando completamente ao longo do século XX. A Ilha de Santa Luzia foi unida ao continente e uma extensa faixa de água da Enseada foi aterrada para dar origem a muitos bairros desta região.

Diferente do que ocorria nas ocupações espontâneas em outros bairros de Salvador, a ocupação da Enseada dos Tainheiros se erguia em terrenos sobre a maré propriamente dita em palafitas. Já foi observado, anteriormente que os terrenos alagadiços dos vales também eram ocupados pelos estratos sociais mais vulneráveis, a novidade deste caso era avançar sobre a maré. As casas eram feitas com materiais diversos, bem como os aterros feitos à base de lixo. As condições de vida eram muito precárias, havia muita insalubridade. (SANTOS, 1959, p. 50)

A região ocupada pelos migrantes da Península de Itapagipe sofria com disputas judiciais sobre a posse da terra. Prefeitura, Marinha e Corporações privadas, com interesse na expansão fabril da região, debatiam de quem seria a responsabilidade sobre os invasores e o direito à exploração da área. (NEGRO, 2012, p. 154)

Esta ocupação se tornou símbolo da crise habitacional urbana no país e foi objeto de múltiplas políticas públicas através de décadas. Não sem continuar envolvendo tensão entre proprietários, judiciário, moradores e a polícia. Primeiro, optando-se pelo realojamento dos moradores desta área para locais com maior salubridade. Para tanto, foi criado o Instituto do Lote Popular, desapropriando duas grandes áreas para habitação popular em 1953. (GORDILHO, 2008. p. 110)

Na esteira das “invasões”, alguns bairros se adensaram e novos surgiram na Enseada dos Tainheiros e do Cabrito. Muitos loteamentos populares foram aprovados nestes bairros: Itapagipe, em 1942, Massaranduba, Baixa do Petróleo e Mangueira, a partir de 1946; Jardim Cruzeiro, Caminho de Areia e Vila Rui Barbosa, em 1949; Uruguai, no começo dos anos 1950; e Lobato na Península do Rio Joanes, também nos anos 1950.

As moradias improvisadas pelos migrantes que ocupavam a enseada chamavam muita atenção pela precariedade de sua estrutura. As palafitas, que se estendiam sobre a maré, feitas de materiais aproveitados do lixo, sem esgotamento sanitário ou água encanada, se tornaram símbolo nacional da crise habitacional vivida no país naquele momento. Do lixo veio também o primeiro material utilizado para o aterro da região. A prefeitura alocou nas imediações um aterro sanitário que foi utilizado para produzir terra nos novos bairros que surgiam.

Segundo as fontes consultadas, as políticas públicas dirigidas à ocupação para Alagados demarcaram uma mudança no tratamento das invasões. A proposta de urbanização das favelas foi uma inflexão na política adotada até então, que era a de remoção e de reassentamento das famílias. Os projetos de urbanização desta região atravessaram várias gestões governamentais – o auge ocorreu durante a vigência do SFH e BNH, nos anos 1970 e 1980.

No ano de 1976 mais uma área ocupada na Enseada do Cabrito também com palafitas e aterros. Esta ocupação foi chamada de Novos Alagados, ela ainda resiste, mesmo com muitas famílias já reassentadas em bairros distantes no Miolo.

Ao que consta, o último projeto de urbanização da Enseada dos Tainheiros foi o Borda da Baía Azul, da gestão do Governador Jaques Wagner (2007-2014), com proposta de construção de uma orla na borda da enseada. No entanto, há poucas evidências da execução deste projeto.

Então, foi neste contexto que seu Marani comprou um terreno no Jardim Cruzeiro e construiu a residência da família na Cidade Baixa, na Rua Duarte da Costa. Esta rua é uma das transversais da atual Avenida Caminho de Areia.

Nesta casa, eles cresceram e residiram até o início da vida adulta. Quem nos conta sobre a vida no bairro durante a infância é Moacir:

*Eu morava em uma rua que não era asfaltada, quando chovia a rua alagava, tinha muitos buracos na rua. Meu pai tinha carro, tinha que ir muito vagarosamente para não ter problemas no carro. Não era uma rua tão movimentada, passava carro, mas dava para gente brincar, lembro que a gente brincava de garrafão na rua, não era uma rua com um trânsito tão intenso. A rua era predominantemente constituída por casas residenciais, hoje em dia é quase metade de casas comerciais e metade de casas vendendo, muita casa comercial. Os amigos estavam todos próximos, havia muitas crianças da minha idade, então era minha turma com quem eu brincava bastante. A gente tinha brincadeiras infantis que a gente organizava, empinava arraia, jogava gude e eventualmente a gente tinha uma brincadeira muito próxima da casa ou dentro de casa porque minha mãe não gostava muito que a gente ficasse na rua, então a gente improvisava ping-pong, jogava ping-pong [dentro de casa]. [...] Me lembro que a rua quando foi asfaltada o governador Antônio Carlos Magalhães ainda era vivo, então houve uma grande cerimônia de inauguração da rua, ele veio até aqui. Meu pai sempre foi carlista. Ele asfaltou a rua e a dinâmica do bairro veio em decorrência disso, rua asfaltada, melhores condições de transporte... não tinha problema nem de água, nem de energia elétrica. Toda essa área aqui era um bairro que foi aterrado, então aqui era tudo alagado, então foi aterrado e o asfalto veio na sequência.*

A casa na qual Moacir e seus irmãos cresceram na Rua Duarte da Costa fica numa esquina em frente a um larguinho, onde Antônio Carlos Magalhães armou um pequeno palanque e inaugurou as benfeitorias do bairro quando era governador.

Este imóvel ainda pertence à família. Quem reside nela, atualmente, é uma prima deles que trabalha na floricultura que Jaciara montou em 2015 na parte de baixo. Ela faz visitas regulares ao seu negócio, no entanto, não consegui encontrá-la lá nas visitas realizadas ao local. Lá reside também a irmã mais nova deles, Jacimar.

Não fica claro na conversa quando a família constrói a residência na Rua Heráclito Pires de Carvalho, do outro lado da Avenida Caminho de Areia, local que a irmã Jaciara chamou de Baixa do Bonfim, mas que oficialmente pertence ao bairro de Caminho de Areia, recém-criado pela lei municipal de 2017. Foi neste imóvel que conversei com Moacir, uma casa grande de dois pavimentos na frente, com pátio lateral e pequenos apartamentos no fundo, que não se relacionam com a casa principal e tem como objetivo o aluguel.

Seus pais não estavam na residência, passavam uma temporada na casa que possuem na Ilha de Itaparica. Seu Marani estava doente e a estadia na ilha favorecia seu tratamento. Na casa da ilha também mora a família do irmão do meio, Macunaíba, além da irmã Jarina, que se dedica a acompanhar e cuidar dos pais.

Compartilhando as mesmas histórias de infância, Jaciara conta as precariedades do bairro na época em que lá viveu: sem calçamento, sem encanamento de esgoto, próximo ao bairro de Alagados. *“O convívio [social] era próprio de um bairro popular.”* Tanto ela como Moacir estudaram na Escola Técnica durante o colegial e começaram a trabalhar logo que terminaram o curso técnico: *“Quando eu comecei a trabalhar a convivência foi muito pouca no bairro porque eu trabalhava e fazia faculdade a noite, então não ficava muito no bairro.”*

Moacir saiu da casa dos pais aos 25 anos, ao iniciar os estudos na pós-graduação e se tornar professor substituto na Universidade Estadual de Feira de Santana. *“Já saí tarde”*, ele diz, ao relatar que foi dividir uma casa no bairro dos Barris, no Centro de Salvador, com um colega de curso. Jaciara saiu algum tempo depois para imóvel próprio financiado, num condomínio, na Avenida Paralela.

Este núcleo familiar, assim como os demais, vivencia com os pais a busca pela casa própria, após passar por bairros próximos em que nasceram, vão se estabelecer na região que se expandia fortemente com a ocupação de Alagados e a criação de loteamentos. No entanto, eles se diferenciam pelo fato de sair de casa para exercer sua autonomia na vida adulta, não porque casou ou formou família. Os dois irmãos que são interlocutores deste núcleo formaram família anos depois de terem saído da casa paterna.

O movimento realizado pelos interlocutores que estão na segunda geração da Rede 1, acompanhado dos pais, é marcado fortemente pela busca e aquisição da casa própria. Os pais destes interlocutores se orientam na cidade à procura de terrenos em bairros da margem urbana da cidade, em franca expansão, com pouca infraestrutura urbana e de serviços, mas cujo preço da terra cabia no seu orçamento. Ao conseguirem acessar este bem, conquistado com muito esforço, eles se estabilizam e cessam a procura por moradia.

Os chefes das famílias tinham como meta oferecer a segurança de uma moradia própria, uma vez que havia poucas garantias de segurança financeira e profissional que oportunizasse almejar sonhar com novas aquisições de bens de tão alto valor. Estamos

falando de quatro famílias de trabalhadores negros, almejando assegurar *status* e segurança num ambiente de vulnerabilidade e insegurança social.

Neste esquema local de valores, a casa própria tem alto destaque. Este valor é tão naturalizado que poucas pessoas se prestam a refletir e justificar a escolha por ela. O primeiro desdobramento que podemos fazer analisando esta geração é que o alcance da casa própria encerra a busca por moradia pelos seus pais.

Deste modo, a região da Liberdade, São Caetano e Cidade Baixa é ponto de chegada para os pais dos nossos interlocutores. E estas regiões se tornam o ponto de partida para aquela geração.

Os interlocutores da segunda geração vão sair de casa apenas para formar a sua família, na maioria dos casos, ou em busca de sua autonomia e quase todos têm como meta inicial adquirir seu próprio imóvel, de forma análoga a seus pais. Abordaremos tal comportamento um pouco mais à frente.

## **2.2 | As regiões da Liberdade, São Caetano e Cidade Baixa na atualidade**

### **2.2.1 | A Prefeitura-bairro de Liberdade e São Caetano**

As transformações descritas nos pontos anteriores vão densificar o entorno da antiga Estrada das Boiadas e Estrada da Liberdade, formando o conjunto de bairros que hoje está sob o domínio da Prefeitura-bairro de Liberdade/São Caetano, criada no início da segunda gestão de Antônio Carlos Magalhães Neto, em 2017.

A prefeitura-bairro de Liberdade/São Caetano unifica duas Regiões Administrativas contíguas vigentes em gestões anteriores: a RA IV- Liberdade e a RA III – São Caetano, criando a Prefeitura-bairro III.

Os bairros que a compõem são, por ordem alfabética: Alto do Cabrito, 17.051 hab.; Baixa de Quintas, 2.135 hab.; Boa Vista de São Caetano, 17.688 hab.; Bom Juá, 15.528 hab.; Caixa D'água 22.446 hab.; Campinas de Pirajá 11.673 hab.; Capelinha, 16.033 hab.; Cidade Nova, 18.722 hab.; Curuzu 16.681 hab.; Fazenda Grande do Retiro 53.806 hab.; IAPI 24.452 hab.; Lapinha 5.004 hab.; Liberdade 41.802 hab.; Marechal Rondon 19.4700 hab.; Pau Miúdo 20.7400 hab.; Pero Vaz 22.050 hab.; Retiro 262 hab.; Santa Mônica 7.389 hab.; e São Caetano 51.159 hab. São 19 bairros, concentrando 384.091 habitantes. Estas informações constam no *site* da Prefeitura Municipal de

Salvador. Abaixo, podemos observar a localização geográfica dos bairros que compõem esta prefeitura-bairro.

**Figura 8** - Limites dos bairros da Prefeitura-bairro III – Liberdade/São Caetano no município de Salvador-BA



Fonte: Painel de Informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairros, 2016.

Segundo o “Painel de Informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairro e prefeitura-bairro”, publicado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia – CONDER, com dados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, comparando edições até a última disponível, o perfil social não se alterou muito, a região continua sendo popular, majoritariamente moradia de classe média baixa.

Em 2010, a população total desta região era de 385.095 habitantes. O bairro mais populoso era o da Fazenda Grande do Retiro, com 53.086 habitantes, seguido de perto por São Caetano, com 51.159 moradores. O de menor população era o do Retiro, com apenas 447 habitantes e o segundo menor a Baixa de Quintas, com 2.135. (cf. BAHIA, CONDER, 2016, p. 118)

Em 1991, a densidade demográfica bruta da região era de 249,13 habitantes por hectare. Em 2010, o índice passou para 265,64 hab/ha. Os bairros com maior densidade são Pero Vaz e Curuzu, com taxas entre 383 e 483 hab/ha. O bairro mais denso populacionalmente é Pero Vaz, com 482,84 hab/ha. (Idem, p. 119-120)

A média de renda nominal da Prefeitura-Bairro VII Liberdade/São Caetano era, em 2010, de R\$ 1.185,83<sup>15</sup>. Em 2000, a renda média estava em R\$ 1.171,11. Na Liberdade, a renda média era, em 2010, de 1.237,40 reais, havendo um decréscimo em relação ao censo de 2000, no qual a renda domiciliar média era de 1.268,50 reais. Já o bairro da Lapinha tinha em 2010 como renda média domiciliar 2.067,20 reais, em 2000 o valor era de 2.016,00 reais. A Lapinha era o bairro com maior percentual de domicílios com renda superior a 10 salários-mínimos no censo de 2010: 2,6%; e o Alto do Cabrito era onde havia maior número de domicílios com renda de 0 a 1 salário-mínimo: 49,21%. (cf. BAHIA, CONDER, 2016, p. 121 e 129)

Os dados sobre renda explicitam as desigualdades internas na região. Embora já bastante decadente, o bairro da Lapinha ainda se destaca pela concentração de renda mais alta da prefeitura-bairro.

Nas vias principais dos bairros se desenvolveu um forte comércio com supermercados, restaurantes, lojas de roupas e utensílios diversos, móveis, bancos e lotéricas. Há, nesse sentido, uma autossuficiência em relação à centralidade da Avenida Sete de Setembro ou do Iguatemi, especialmente nos casos da Liberdade e do São Caetano. Há também comércio informal, muitas barracas de feira e demais

---

<sup>15</sup> Para ajudar na compreensão do dado temos que ter em perspectiva que em 2010 o valor do salário-mínimo era de 540 reais e no ano de 2000 ele era de 151 reais. Não fizemos cálculos de correção monetária para este estudo.



variedades. Como em outras regiões da cidade, convivem pessoas, carros e comerciantes nas vias principais dos bairros.

A urbanização foi feita seguindo os traçados espontaneamente criados pelos moradores em relação com as moradias já existentes. Há poucas calçadas e as que existem são estreitas. As avenidas e ruas principais são mais largas, e as ruas secundárias, travessas são bem estreitas. Há muitos becos e vilas. As casas, em geral, têm pouco recuo sobre a rua, os terrenos são estreitos e compridos e há grande verticalização das casas com construção sobre lajes.

Há escolas e colégios para os ensinos fundamental e médio da rede oficial de educação, pequenas escolas particulares e creches para a educação infantil. Há clínicas e laboratórios e até um *shopping center* no bairro da Liberdade. Há uma ligação com a Cidade Baixa feita pelo Plano Inclinado Liberdade/Calçada, situado à Avenida Lima e Silva, na Praça Nelson Mandela, que foi inaugurado em 1981.

Assim como na cidade original do Salvador, as cumeadas destes bairros são ocupadas por empreendimentos comerciais e de serviços, além de ser moradia das parcelas em melhores condições econômicas. À medida que descem às baixadas, se encontram os imóveis mais precários e as populações mais vulneráveis.

Em 2010, o total de domicílios desta prefeitura-bairro era de 121.614, destes, 31.429 eram considerados subnormais pelo IBGE. Em 2000, era 98.406 domicílios em toda a sub-região e apenas 1.028 eram considerados subnormais. O bairro da Fazenda Grande do Retiro tinha o maior número de domicílios subnormais em 2010, perfazendo 8.326. Em seguida, o Bom Juá, com 4.612, e São Caetano, com 3.371 domicílios subnormais. (BAHIA, CONDER, 2016, p. 130)

Destes domicílios, em 2010, 75,1% eram próprios, 21,44% eram alugados e 3,1% eram cedidos. Havia, ainda, 99% de cobertura de água encanada, 95% de rede de esgoto e 96% de lixo coletado. (Idem, p. 131-132) A cobertura de serviços parece bastante avançada na região, chegando bem próximo da universalização. Este dado enfraquece a leitura desta região da cidade como precária. Assim como os dados sobre domicílios em condições subnormais representava cerca de 1/4 do total dos domicílios, o que também nos leva a questionar a interpretação sobre a vulnerabilidade e precariedade desta região. Neste sentido, deve-se observar a qualidade da cobertura dos serviços.

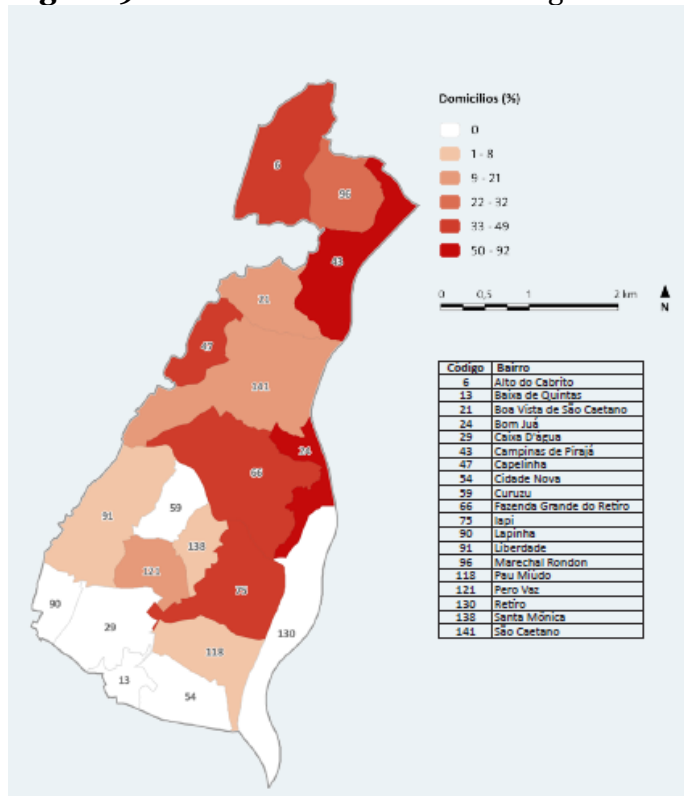
Ainda segundo o censo de 2010, os bairros de Santa Mônica, IAPI (Jardim Eldorado), Caixa D'Água (Jardim Joana d'Arc), Lapinha e São Caetano (Rua Clériston

Andrade) possuem os melhores Índices de Desenvolvimento Humano – IDH desta prefeitura-bairro: 0,854; 0,851; 0,841; 0,798; e 0,781 respectivamente. Os três primeiros têm índice considerado muito alto e os dois últimos com índice considerado alto. Já Curuzu, São Caetano (Convento São José), Boa Vista de São Caetano, Caixa D'Água (Avenida Peixe) e São Caetano (Rua Fonte da Bica de Cima) têm os piores índices: 0,690; 0,690; 0,680; 0,668; e 0,668 respectivamente. Todos considerados índices médios. (BAHIA, CONDER, 2016, p. 134)

O IDH da região demonstra que, embora a desigualdade pareça grande, os piores resultados estão em nível médio de desenvolvimento humano. Este elemento também parece ser desconsiderado quando se lê tal região da cidade como precária, vide Carvalho e Pereira (2008). O que nos leva ao ponto abordado na figura abaixo, em que se descreve o percentual de domicílios em aglomerados subnormais nesta prefeitura-bairro. Dos 19 bairros que a compõem, apenas 6 não possuem nenhuma residência em condição subnormal. Os outros 13 possuem aglomerados, sendo que dois têm entre 50 e 92% de sua composição formada por aglomerado subnormal e quatro, entre 33 e 49% de seu território composto por edificações deste tipo.

Assim, junto aos critérios jurídicos-urbanísticos de propriedade e posse da terra, sendo este também levado em conta pelo IBGE na sua classificação sobre os aglomerados subnormais, a forma que a edificação foi produzida, assim como seus arruamentos, parece produzir a imagem da precariedade evocada por alguns autores, tendo como principal marca a autoconstrução.

**Figura 9** - Percentual de domicílios em aglomerados subnormais por bairros



Fonte: CONDER, BAHIA, 2016.

Por fim, o noticiário local também é rico em citações aos bairros desta região com episódios de violência promovido por bandidos ou forças policiais. Sendo um dos temas mais recorrentes, secundado pelas precariedades da vida no bairro e prestação de serviços públicos. O bairro da Liberdade, particularmente, equilibra o imaginário de *locus* da cultura e identidade negra na cidade, especialmente a partir dos blocos Afros e terreiros de candomblé, e de violência urbana.

### 2.2.2 | A prefeitura-bairro da Cidade Baixa

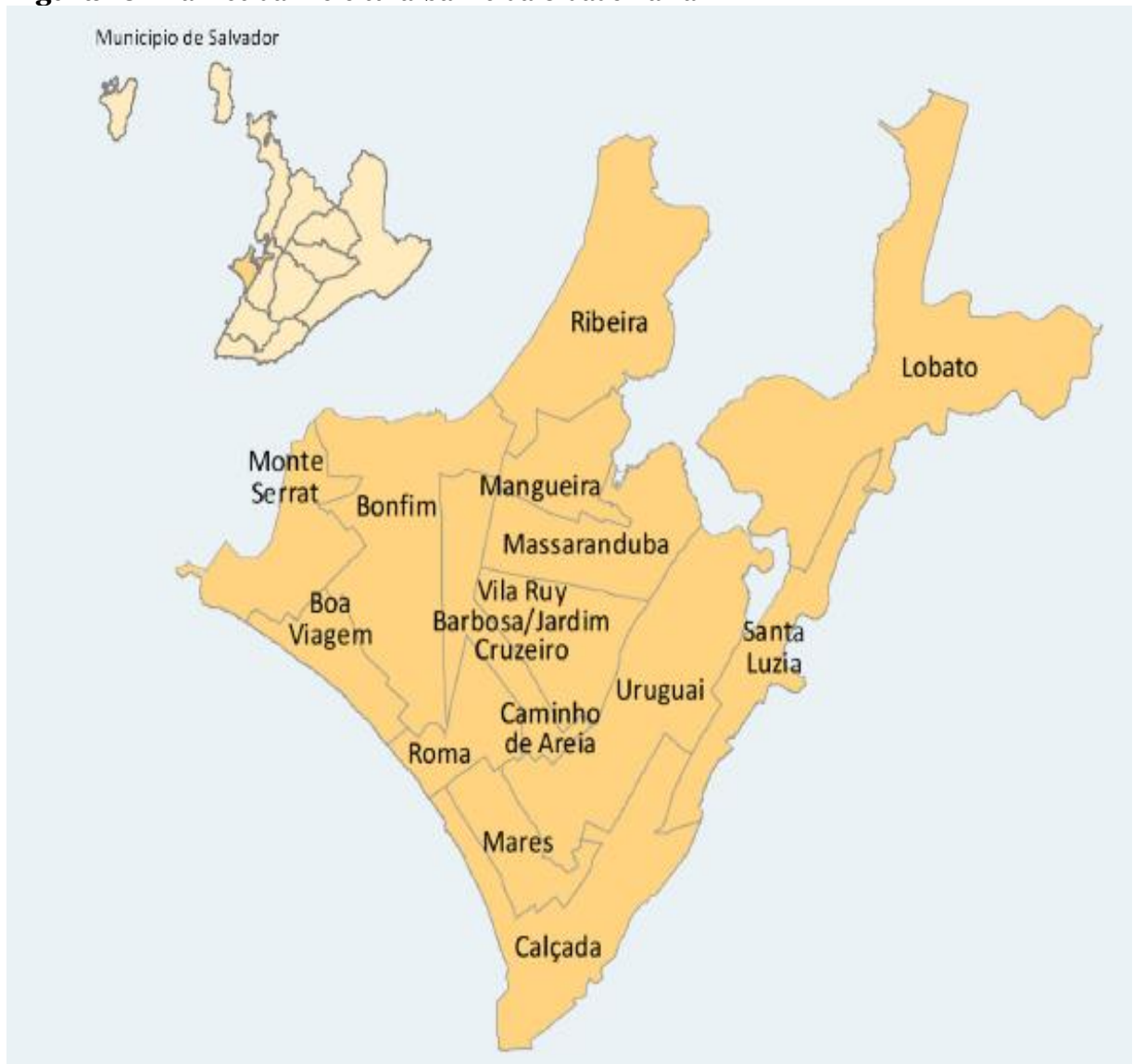
A região compreendida pela subprefeitura da Cidade Baixa é composta por bairros que têm origens e desenvolvimento um tanto distintos entre si. A parte da Boa Viagem, Monte Serrat e Bonfim se constituiu, ao longo do tempo, junto ao crescimento da cidade, ainda que fosse composta por seguimentos sociais díspares.

Já a região que surge a partir do Largo dos Mares em direção à Ribeira e Enseada dos Tainheiros, pelo Caminho de Areia, mesmo tendo algum povoamento, durante o século XX, vai se adensar fortemente com loteamentos particulares para a população de baixa renda, “invasões” e aterros sobre o mar da enseada. Uma grande

parte desta região é composta por uma Zona Especial de Interesse Social - ZEIS, reconhecendo a vulnerabilidade socioespacial ainda existente. Esta parte sofre até hoje com alagamentos na época das chuvas, urbanização precária e arquitetura que denota o perfil social de baixa renda.

A região a que chamamos atualmente de Cidade Baixa, em Salvador, reúne os bairros da Península de Itapagipe e da Enseada dos Tainheiros, na Baía de Todos os Santos. Pela lei promulgada em 2017, a Prefeitura-Bairro da Cidade Baixa é composta pelos bairros de Boa Viagem, Bonfim, Calçada, Caminho de Areia, Lobato, Mangueira, Mares, Massaranduba, Monte Serrat, Ribeira, Roma, Santa Luzia, Uruguai, Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro. São 13 bairros que em 2010 abrigavam 180.432 habitantes.

**Figura 10** - Bairros da Prefeitura-bairro da Cidade Baixa



Fonte: Conder - Governo do Estado da Bahia

Em 2010, a densidade demográfica da área era de 222,58 hab/ha. O bairro de maior densidade era o Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro com 462,59 hab/ha. As proporções da densidade podem ser observadas na figura 43. Quanto ao aspecto de cor e raça, a região estava composta por 15,02% de autodeclarados brancos, 26,64% de pretos, 0,91% de amarelos, 57,23% de pardos e 0,20% de indígenas. (CONDER, BAHIA, 2016, p. 84-85) O maior percentual de pretos estava no bairro do Uruguai com 58,99%. Seguido pelo bairro do Lobato, com 58,20%. O maior percentual de brancos estava no bairro do Bonfim: 29,65%, seguido pelo bairro de Roma com 28,85%. A renda média desta prefeitura bairro era, em 2010, de R\$ 1.604,07. (Idem, p. 89)

Os bairros da Calçada, Lobato e de Santa Luzia foram os que registraram maior número de domicílios com rendimento de até um salário-mínimo: 49,6%, seguidos da Massaranduba, com 46,2%. Santa Luzia registra o maior número de domicílio sem renda: 25%. Já o Bonfim se destaca pelo maior número de domicílios com renda entre 10 e 20 salários-mínimos: 5%. Este percentual já foi maior, em 2000, era 15%. Já o Monte Serrat tinha 2,5% com este rendimento. (CONDER, BAHIA, 2016, p. 93)

Esta região possui 15.535 domicílios considerados subnormais de um total de 56.289. O percentual de domicílios próprios e alugados acompanha o de toda a cidade: 76,22% próprios e 19,7% alugados. Em 2010, a região tinha 99,30% de rede de água encanada, 96,15% de recolhimento de esgoto e 97,13% de coleta de lixo. (Idem, p. 94)

Sobre o IDH a UDH, os menores índices são Vila Ruy Barbosa/Jardim Cruzeiro (entorno da Igreja São Jorge, Calçada, Alto do Cabrito/Lobato/Santa Luzia); Massaranduba (Baixa do Petróleo); e Uruguai (Alagados), com 0,690; 0,679; 0,661; 0,642; 0,608 respectivamente. Estes índices são considerados médios. Já os índices mais altos da região estão nas UDH de Bonfim (Jardim Belvedere); Boa Viagem/Bonfim/Monte Serrat; Ribeira (Madragea); Mares/Roma; e Boa Viagem/Bonfim/Caminho de Areia, com 0,854; 0,841; 0,828; 0,799; e 0,783 respectivamente. Os três primeiros são considerados conceitos muito altos e os dois últimos são altos. (CONDER, BAHIA, 2016, p. 98)

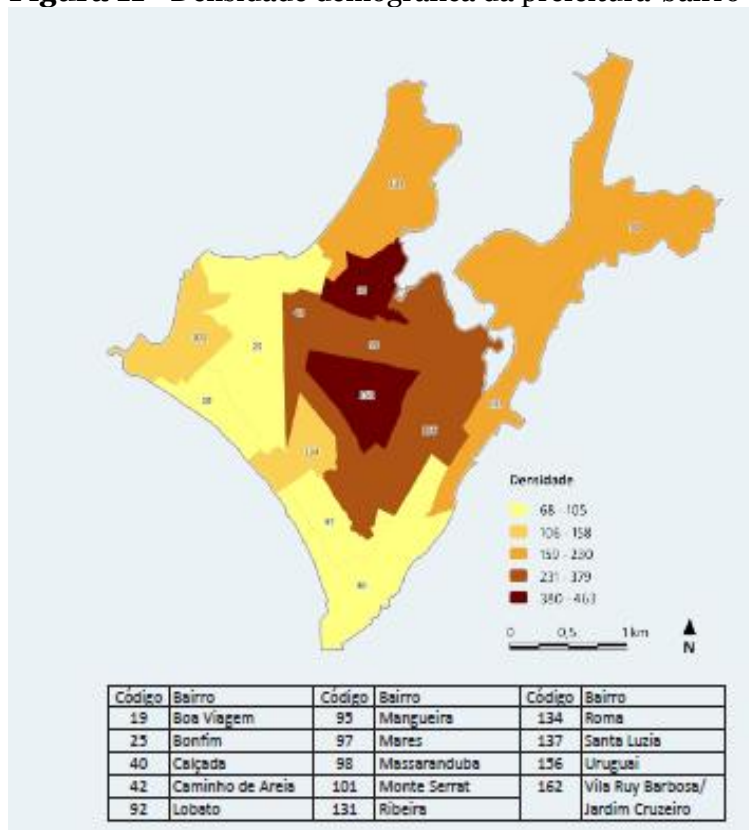
Nas ZEIS que há nesta Subprefeitura estão 120.886 domicílios no bairro de Uruguai/Alagados, 6.393 em Lobato e 980 em Novos Alagados. Como pode ser observado abaixo, as ZEIS da Cidade Baixa se aproximam muito do percentual do território conquistado pelas ocupações do século XX. (Idem, p. 99)

Pelos dados apresentados deste último censo disponível permite-se observar que a composição da região permanece dual: a faixa que segue dos Mares pela Boa

Viagem, Monte Serrat passando pelo Bonfim até a Penha atingiu bom nível de renda, refletidos na urbanização e infraestrutura. Já a faixa que segue a partir dos Mares pelo lado direito do Caminho de Areia, fruto da expansão com os aterros da Enseada dos Tainheiros, ainda luta para superar as mazelas históricas.

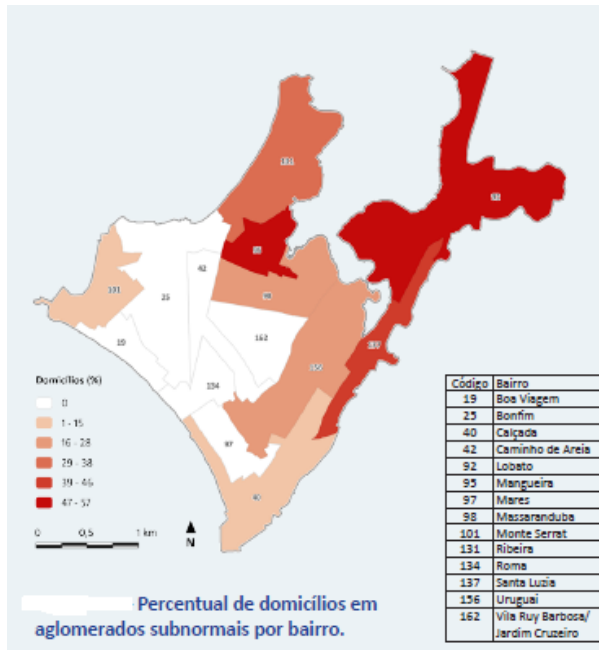
A margem produzida sobre o mar na Enseada dos Tainheiros é muito maior que a porção produzida ao longo dos séculos de povoamento da região, e que está voltada para a Baía de Todos os Santos. Estes elementos nos levam a crer que o impacto da produção urbana de baixa renda durante a segunda metade do século passado, bem como a permanência de indústrias, se colocara como ideia relevante no imaginário da cidade, se sobrepondo à imagem de bairro “chique” que a região ostentava até a metade do século. Embora com muitas belezas naturais, festas de forte apelo popular, como a Lavagem do Bonfim, e sofrendo pressão imobiliária por renovação urbanística via desapropriação, como no governo municipal de João Henrique, a Cidade Baixa é sinônimo de lugar pitoresco, decadência e pobreza. Estes são motivos pelos quais não entra no rol de escolhas de famílias que buscam aumentar prestígio a partir do local de moradia.

**Figura 11** - Densidade demográfica da prefeitura-bairro V – Cidade Baixa



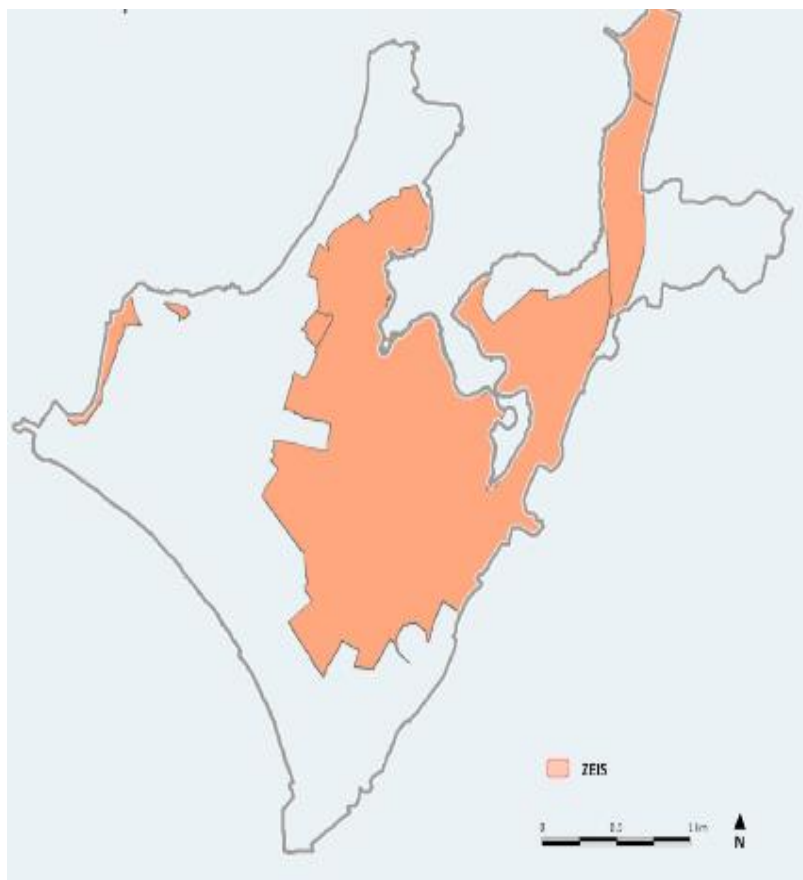
Fonte: CONDER, BAHIA.

**Figura 12** - Domicílios em Aglomerados subnormais



Fonte: CONDER, BAHIA, 2016, p. 84-85

**Figura 13** - ZEIS da Prefeitura-bairro da Cidade Baixa



Fonte: CONDER, BAHIA, 2016, p. 84-85

### 2.3 | A Salvador aporotópica

Com os elementos apontados até aqui, podemos considerar que as regiões da Liberdade, São Caetano e Cidade Baixa representam a porção aporotópica mais antiga de Salvador. Muitos bairros da cidade de outras regiões e prefeituras-bairros também podem ser arrolados como parte desta aporotopia soteropolitana, no entanto, pelo escopo do material em estudo, vamos nos limitar a explorar os elementos destas regiões em tela.

As duas regiões abordadas carregam características históricas sociais e de urbanização, além de permear o imaginário urbano municipal de maneira muito similar, compartilhando estigmas sobre violência, insegurança pública, baixa qualidade de vida, serviços públicos de baixa qualidade, *locus* da pobreza, da marginalidade e da decadência.

As duas regiões, ainda no século XIX, eram consideradas pobres, pelo tipo social majoritário que a compunha, mas com pequenos núcleos e edificações que expressavam riqueza e opulência, como a Soledade e a Lapinha, na Liberdade, e o Solar Machado e a residência do arcebispo na Penha, na Cidade Baixa. Esta dualidade nos convoca a pensar sobre como a hierarquia socioespacial se desenvolve a partir da segunda metade do século XIX, quando dois importantes fatos políticos vão transformar em alto grau a ideia de *status* e pertencimento de classe da sociedade brasileira.

A abolição do sistema de exploração escravagista e a Proclamação da República mexem nas engrenagens da estrutura ideológica brasileira, mudando de lugar elementos que expressavam distinção e classe. Entre estes elementos estão justamente a escolha do local de moradia. Morar próximo de pessoas de alto *status* ou em bairros que expressassem estilo de vida superior passou a ser objeto de desejo compartilhado pelas classes altas e médias, em oposição às classes baixas que ainda estavam na fase de desejar morar, posto que seu modo de habitar era o alvo preferencial dos higienistas e sanitaristas que pretendiam reformar as grandes cidades brasileiras.

Os casebres, os mocambos, os pardieiros, as cabeças de porco, as avenidas, os cortiços, as vilas, as lojas como formas arquitetônicas, expressão material da vulnerabilidade econômica, são identificados com o modo de vida a ser superado.

Assim, a Estrada da Liberdade e das Boiadas, desde o início de seu adensamento, e a Península de Itapagipe um pouco mais tarde, tornam-se expressão



do lugar dos pobres da cidade do Salvador, na ordem em que, embrionária até o século XIX, vai se estabelecer e se solidificar como expressão da cidade contemporânea, na qual há um lugar para cada classe social, engendrando *status* no imaginário urbano e informando a qualidade dos que a habitam.

Estas regiões serão as primeiras margens urbanizadas da cidade, ainda que guardem sua condição de ambivalência na formação histórica e existência de diversidade de tipos sociais e de renda entre seus habitantes, as regiões em questão não conseguiram superar a sua condição de expressão da pobreza na cidade, sinalizada fortemente pela presença massiva da autoconstrução e da espontaneidade de sua urbanização em vários becos e vielas.

Ainda que muitos empreendimentos imobiliários tenham sido implantados nestas regiões – loteamentos oficiais ou conjuntos habitacionais, mesmo com asfaltamento, rede de água e esgoto, escolas de todos os níveis, postos de saúde, transporte público, cujas condições de desenvolvimento humano tenham melhorado a níveis acima da média, denotando um avanço social por um lado e profunda desigualdade social por outro –, a imagem dos bairros permanece com baixo *status*, pois estão associados a banditismo e violência e subalternidade social.

Tal qual a pele de um guepardo, que de longe expressa uma cor uniforme ou com manchas grandes bem definidas e que ao chegar mais perto pode-se observar suas pequenas manchas disformes, estas regiões são formadas por manchas de urbanizações distintas entre si, ora cumprindo ordenamento moderno, ora com estruturas autoconstruídas, antigas e novas. As cumeadas são mais bem equipadas e as encostas e baixadas ainda sofrem com precariedade.

É esta pele de guepardo que é vista pelos estudos que fazem uma mirada do alto, ao estilo de voo de pássaro. Do alto, o que salta aos olhos é a materialidade formada pela autoconstrução e esta é tomada em si mesma como marca da precariedade, pobreza constituída de muitas nuances e níveis internos. Em comparação com a porção escolhida pelos mais ricos e a forma urbana produzida, ficam mais evidentes “as faltas” das regiões voltadas para a Baía de Todos os Santos e é este desejo de que toda a cidade seja produzida como o é para a parcela abastada, que projeta estas tais “faltas”, nas localidades antigas e pobres da cidade.

Chamo de Aporotopia a este lugar reservado aos pobres na cidade. *Aporos* é prefixo grego que nos remete à pobreza, deficiência, somado ao sufixo *topia*, que significa espaço.

Ainda que muito estudada a pobreza nas cidades, prevalece o tom no qual ela é uma mazela a ser vencida pelo progresso cultural ou econômico, tanto individual quanto coletivo. No entanto, o que passo a evidenciar é que não há cidade contemporânea sem que na qual não esteja estabelecido o lugar dos que habitam as margens morais, sociais e, portanto, urbana. Espaço com marcas do improvisado, da sobrevivência, lido como expressão da vulnerabilidade e da precariedade, mesmo que sejam também expressão da organicidade, criatividade e espontaneidade. Este lugar é a aporotopia.

Em Salvador, a aporotopia produz uma aporofilia. Ela atrai novos pobres. Ao tempo em que repele os que estão ascendendo economicamente. Segundo esta cartografia social da cidade é completamente sem sentido permanecer num bairro no qual não haja compatibilidade com o nível atual de renda, bem como com seu projeto pessoal de vida.

A partir da leitura das falas dos entrevistados, podemos notar a naturalização com que é encarada a saída do bairro em que muitos nasceram e/ou cresceram. As políticas de urbanização e melhoria da maioria dos bairros tratados na pesquisa, neste capítulo, não foram suficientes para proporcionar a permanência dos membros das gerações posteriores.

Cada interlocutor, à sua maneira, construirá sua família em bairros com reputação em construção, com o argumento principal de buscar a casa própria. Esta transição será abordada nos capítulos seguintes.

A ordem urbana que Salvador, como caso específico em estudo, assume é aquela na qual há área para os pobres, para os que estão em transição ou ascensão social, e outra para os que já gozam de estabilidade econômica em níveis mais altos.

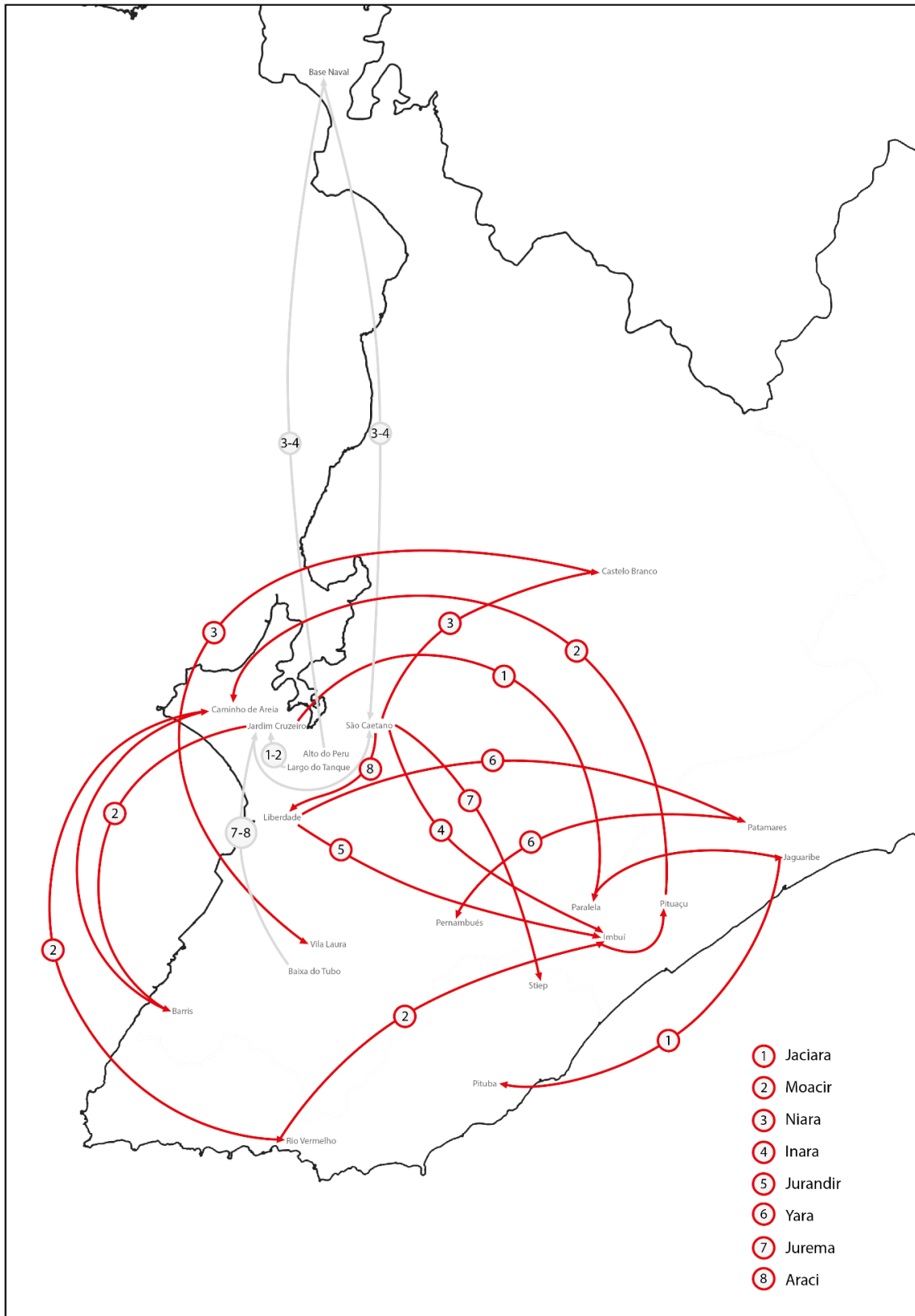
### **CAPÍTULO 3 | COMO MORADORES DA BAÍA DE TODOS OS SANTOS MIGRAM PARA A CIDADE EXPANDIDA**

Neste capítulo, analisaremos as escolhas habitacionais que os interlocutores da Rede 1 fizeram ao chegar à idade adulta. Como veremos no mapa abaixo, são eles: Jaciara e Moacir Jequitibá, Niara e Inara Tupinambá, Jurandir e Yara Pitanga e Araci e Jurema Aroeira.

Perceberemos que a maioria se desloca do bairro da casa própria de seus pais para bairros novos, sem *status* construído no imaginário urbano, mas com maiores níveis de formalidade tanto no acesso à propriedade como na arquitetura dos imóveis.

Para esta geração, a casa própria é o ponto de partida e a busca por inserção no mapa social da cidade, numa localização com melhor reputação. E a facilidade de crédito passa a ganhar peso na tomada de decisão. Esta geração viveu os surtos de crescimento econômico da década de 1970 e, ao final, puderam usufruir dos investimentos em políticas públicas habitacionais criados no período.

**Figura 14** - Trajetória Autônoma da Geração de Yara da Rede 1



Fonte: dados de pesquisa

### 3.1 | A trajetória dos nossos interlocutores partindo dos bairros da Baía

Retomamos, pois, a trajetória da família Pitanga, cujo casal, Jandir e Mayara, residiu na rua Raimundo Mesquita, na Liberdade, até o falecimento. Seus filhos, fora Amanacy, também viveram com seus pais até formar suas próprias famílias e buscarem suas próprias moradias.

Entre os primeiros a se casar ainda na década de 1970 está Jandir Filho que, ao se unir a Jurema Aroeira, adquiriu uma casa num loteamento recém-lançado no atual bairro do Stiep. Jandir Filho era trabalhador de nível técnico na Cia Norte de Indústria Pesada, no Centro Industrial de Aratu, situado nas cidades de Candeias e Simões Filho, na recém-criada, à época, Região Metropolitana de Salvador. Explicamos:

*Sempre, minha vontade era comprar uma casa para morar... um amigo que trabalhava numa imobiliária me chamou para ir no stand de vendas que estavam fazendo vendas de casa no Stiep, então viemos até o stand e iniciamos as conversas, estava iniciando a construção [das casas]... depois fechamos negócio.*

Dona Jurema Aroeira, como sabemos, residia na Gomeia de São Caetano e saiu de lá ao se casar com seu Jandir e constituir a sua família na casa do Stiep, onde permanecem até hoje. Quem rememora os detalhes do início da vida no bairro e da sua infância é o filho mais velho do casal, Aruanã:

*Aqui [no Stiep] era areal, né? Aqui era mato, areia e lago, não tinha muito o que [fazer]... aí embaixo tinha muito mato e tinha três lagoas, uma mais pra lá que a gente sempre ia pescar, tomar banho, tinha uma aqui, tinha a lagoa grande lá. [...]. Quando você vai para o centro de convenções você sobe aqui pela FIB e desce para pegar o centro de convenções tem uma pracinha, ali perto do posto de gasolina, é Lagoa dos Pássaros, ela existe ainda. Tinha uma pra lá que era próximo ali... não tem a FIEB? A ladeira? Entrou um pouquinho tinha uma lagoa, só que tinha bem mais mato ali, então até pra entrar era bem complicado, tinha uma lagoa ali, se você fosse aqui, onde você desce a escadinha chegando na penúltima rua tinha um caminho pelo mato que você saía lá embaixo, para cortar caminho a gente ia por ali e aí você via a lagoa, às vezes a gente ia para lagoa tomar banho, às vezes subia ia lá para o areal, brincar no areal lá...*

Aruanã descreve o entorno do Rio Camarajipe próximo à sua foz, no Costa Azul, trecho hoje em dia entre o Centro de Convenções da Bahia e as instalações da FIEB. São fortes os elementos naturais que ele destaca para caracterizar o bairro: “Era mato, areia e lago”. O loteamento do Stiep foi instalado numa mancha de Mata

Atlântica cortada pela construção da Avenida Paralela e próxima aos equipamentos implantados posteriormente como o Terminal Rodoviário e o *Shopping Iguatemi*. Ele continua narrando suas experiências de infância em relação ao bairro e à vizinhança:

*[...] então tinha muita criança aqui na rua, nessa época [quando tinha entre 08 e 10 anos de idade] e tinha muita árvore, então a gente ficava brincando muito por aí... aqui tinha muita criança, tinha menino de tudo quanto era lugar... a gente tinha o costume aqui na rua de fazer café da manhã no final de semana, fazia almoço, a galera que tinha o vício do carteadado, os coroas aqui [da rua], tinha mesa de dominó, de baralho, pôquer, começava de manhã era cachaça, era jogo e... sempre tinha café da manhã, fazia aquela festa, [...] era tradição da vizinhança, eu não lembro bem como transcorria tudo, mas tinha o café da manhã, depois do café da manhã tinha o churrasco. Depois do café, 15 minutinhos contados começava a cerveja e aí ia ficando e até a essa hora assim [início da noite] tinha a galera do carteadado jogando, bebendo, brigando [por causa do jogo].*

Este trecho do relato é interessante, pois descreve uma relação de vizinhança que não foi reportada por nenhum outro interlocutor, o nível alto de unidade e regularidade na organização de evento comunitário sem motivação especial como algo próprio da rotina que criaram para si, no novo bairro em que passaram a residir.

A organização de café da manhã e almoços dominicais com direito a campeonato de jogos de cartas e tabuleiro serve à integração entre as famílias da rua e do entorno. Na medida em que estão residindo num bairro novo, com poucas opções de lazer, estas famílias criaram suas próprias alternativas, indo além, ousando dizer, do que tenham aprendido em seus bairros de origem.

Diferente dos bairros nos quais estes interlocutores foram criados, o loteamento era habitado majoritariamente por trabalhadores empregados em empresas da indústria que se consolidava no estado. De alguma forma havia uma homogeneidade social e um alinhamento na perspectiva de vida que escolheram ao optar pelo novo loteamento. Ainda que tivesse características de “vila”, no dizer de Aruanã, parecia haver riscos menores de se envolver com pessoas de índole duvidosa.

Por outro lado, no Stiep, assim como em Castelo Branco, como veremos adiante, há alguns elementos que podem favorecer a aproximação e formação de laços comunitários. O primeiro, como já citei, é o fato de que o loteamento era distante do restante da cidade, promovendo uma espécie de isolamento destes vizinhos que só tinham a si mesmos. O segundo é que todas as famílias estavam em seu início, as casas eram ocupadas por jovens casais no início da vida, de forma que deviam passar por situações parecidas na mesma época, como ter filhos pequenos para entreter, levar e

buscar na escola, necessidades cotidianas nas quais se produz solidariedade nas trocas de favores.

Sobre os serviços disponíveis na região, sua evolução e o tipo de urbanização em que o Stiep se enquadrava, ele emenda:

*Fiz [a educação infantil] aqui na rua de baixo, na rua principal, tinha uma escolinha que todo mundo aqui no bairro estudava, todo mundo aqui da rua estudou lá que era pertinho, na época também não tinha muita coisa aqui porque aqui era bairro longe... longe do centro da cidade, o centro ainda era o centro e aqui era... na época era digamos acho que vila, então naquela época o Stiep era o que... o centro se deslocou, né? O centro comercial tá aqui, Tancredo Neves, ACM, o outro centro lá tá mais morto. O centro se deslocou...*

Aqui aparecem duas ponderações importantes: a de que o novo bairro estava muito distante da cidade consolidada até a década de 1960, restrita aos limites da cidade original na Baía de Todos os Santos, num período no qual as avenidas que ampliaram a expansão e conexão em direção ao nordeste da cidade ainda estavam sendo construídas. Esta distância era traduzida na escassez de serviços locais e de transportes para realizar a conexão entre os novos bairros e a cidade originária.

A segunda é que ao longo das décadas seguintes foi o centro que se transferiu para as imediações da Pituba e Caminho das Árvores, através das políticas urbanas e administrativas. Assim, o desenvolvimento desta região foi estimulado por políticas direcionadas para tal fim.

Há ainda mais uma coisa que ele diz, meio sem jeito, e que nos ajuda a pensar aquele bairro novo que buscava se consolidar, ele chama o bairro de “vila”, e, historicamente, vilas são moradias dos menos favorecidos economicamente. Assim, o bairro se tornou de “classe média”, mas antes era moradia de desfavorecidos, de trabalhadores, ainda que trabalhadores de nível técnico muito bem remunerados, um dos poucos exemplos de valorização de bairro em nível tão alto na cidade do Salvador.

Ele continua relatando a dinâmica de relação do seu bairro com o restante da cidade no início da década de 1980:

*[Quando fui para a 1ª série no Colégio Salesiano em Nazaré] Eu saía da escola 17:30 e aí [o ônibus da escola] entregava todo mundo, eu me lembro bem que deixava, o ônibus passava ali no Largo do Tamarineiro, isso eu tenho boa lembrança, depois na Caixa D'água, deixava gente no IAPI e no final vinha me deixar aqui, acho que já 20h da noite. Então era distante, naquela época era complicado você pegar um busão. O ônibus nem subia, me deixava lá embaixo... às vezes ia pro centro, tinha coisa pra fazer lá, minha*

*mãe tinha coisa lá no centro, minha mãe comprava muita coisa no Comércio, era uma Odisseia sair daqui e voltar, na época aqui era loucura, querer morar aqui era doideira, não tinha quase nada, era areia, mato, tinha poucas casas. A mesma coisa foi quando meu tio [Jurandir] foi morar no Imbuí, lá no Imbuí só tinha muriçoca porque ainda era mato. O Imbuí era longe demais, tinha que pegar um avião [para chegar lá].*

Nesse trecho, evidenciamos os entraves que a distância proporcionava para as atividades do cotidiano, assim como era o imaginário corrente sobre a opção de morar naquelas regiões à época. Notemos, no entanto, que o seu pai já tinha automóvel, o que de alguma forma favorecia a locomoção. Mas para fazer atividades nas quais a família se separava, como nas visitas às avós de Aruanã, e para circular na cidade como adolescente e jovem, a dificuldade permanecia.

Algum tempo depois de Jandir, foi o momento de Seu Jurandir se casar e formar família. Ele se uniu a Inara Tupinambá que residia na Sussunga, no São Caetano. Seu Jurandir já havia adquirido há algum tempo um apartamento no Imbuí, com previsão de entrega para a época em que se casou. No entanto, a entrega atrasou e passaram um período na casa do irmão dela, no bairro de Castelo Branco.

Logo após ter terminado o curso técnico, Jurandir começou a trabalhar no Polo Petroquímico e tal inserção profissional teve forte impacto na sua vida financeira:

*Trabalhar no Polo [petroquímico], na época, era como trabalhar na Petrobrás. Eu comprei meu primeiro carro com 18 anos, trabalhando lá. Eu comprei meu primeiro apartamento, um apartamento no Parque Júlio César na Pituba... Comprei e não comprei, porque era um colega nosso do trabalho que fazia corretagem também e ofereceu este apartamento a todo mundo, pegou o dinheiro de todo mundo e nada de entregar as chaves, só enrolando a gente... Aí a gente descobriu que ele era picareta, que tinha passado a gente pra trás e a gente começou a correr atrás dele, até que ele devolveu o dinheiro e eu decidi deixar esse negócio de apartamento para lá e comprei meu primeiro carro...*

Diferente do irmão mais velho, Jurandir concluiu o ensino superior em Arquitetura, além do curso técnico na antiga Escola Técnica. Ele fez o curso superior conciliando com o trabalho no Polo Petroquímico. Foi ainda durante o curso de Arquitetura, quando estagiava no Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), que tomou conhecimento do lançamento de um empreendimento nas imediações do ainda chamado Conjunto Habitacional Guilherme Marback<sup>16</sup>, que

---

<sup>16</sup> Segundo Seu Jurandir o Conjunto Marback é anterior ao surgimento do bairro do Imbuí e era a referência para descrever o local onde moraria. Hoje, o Conjunto Marback, com características arquitetônicas distintas e mais popular, foi completamente englobado pelo bairro do Imbuí.



“ninguém queria porque ali era tudo mato”, mas ele e outros colegas resolveram adquirir, era uma oportunidade que não podia ser perdida.

*Quando eu comprei isto aqui, ninguém queria! Eu era estudante de Arquitetura ainda e no Ipac os colegas comentavam deste conjunto que o Inocoop estava produzindo... era baratinho, ninguém queria vir para o lado de cá, porque não tinha nada. Então eu comprei e fui pagando devagarzinho e depois me mudei. No começo isso aqui era um areal só, a gente ainda teve que tirar do bolso para terminar a obra... não era murado não, as meninas brincavam à vontade por aí”*

O Inocoop era uma organização criada como parte da política de expansão imobiliária que o país viveu nas décadas de 1970 e 1980. O Parque Residencial Quintas do Imbuí, onde ele adquiriu seu imóvel, nasceu com uma dezena de torres, incluindo apartamentos de padrões diferenciados, além dos apartamentos de dois quartos, havia de três e quatro quartos: *“tinha apartamento de quatro quartos, de três quartos... aí eu preferi este aqui [de dois quartos] por uma questão de segurança [financeira]...”*

E sobre a saída do bairro da Liberdade, ele comenta:

*A questão de eu, de meu irmão [Jandir Filho] ter saído de lá foi uma questão de oportunidade. Eu não renego o bairro, a Liberdade, eu gosto de lá. Mas, veja, eu trabalhava no polo, com muito barulho, quando eu chegava em casa eu queria tranquilidade.... Quando a gente é adolescente a gente não liga para nada, adorava as festas, mas depois...*

Segundo ele, pelos pais, todos os filhos deveriam morar juntos, batendo lajes em cima da casa paterna. Porque tinha área, tinha espaço para construir, *“com aquela visão de família com todos os filhos embaixo das asas dos pais...”*

Neste ponto, seu Jurandir toca em dois temas importantes, o primeiro é sobre a *oportunidade* de sair da Liberdade, muitos interlocutores vão se reportar ao momento da compra da casa própria como uma oportunidade. A palavra é quase sempre colocada como algo autoexplicativo, um fato, como o próprio Jurandir faz acima: *“uma questão de oportunidade”*.

A análise contextual do uso desta palavra nos remete às situações de dificuldade para a aquisição deste bem de grande monta para as gerações anteriores e demais pessoas da sua geração que não alcançaram a inserção profissional que ele e os irmãos alcançaram. Então, a compra de um imóvel em condições facilitadas era uma chance que talvez não fosse se repetir mais.

Outra leitura do uso da palavra “oportunidade” ocorre nas questões históricas de inserção social dos trabalhadores negros e as possibilidades de acessar o direito à moradia. Políticas públicas voltadas ao acesso de habitação popular de forma massiva nunca haviam sido presenciadas e, pelas características aristocráticas dos governos que se sucederam, é possível que tal momento não se repetisse.

Por fim, para a população negra baiana, de maneira geral, o acesso a serviços sociais e políticas públicas sempre foi precário, pois, além de o racismo ser uma força que pode promover a perda da fonte de sustento a qualquer momento e dificultar possibilidades de reinserção no mesmo nível, faz com que este público estabeleça como meta assegurar o mínimo de dignidade para si e os seus. Em nossa sociedade, a dignidade se engendra na propriedade e/ou posse de imóvel.

O segundo ponto que seu Jurandir toca é na vontade que seus pais expressavam de que todos morassem juntos, verticalizando a casa paterna à qual ele caracteriza como um excesso de proteção, pois todos estariam “embaixo das asas dos pais”. Este aspecto é importante pois coloca em contraste duas ordens de organização socioespacial das famílias e suas descendências.

Neste caso, a vontade dos pais de seu Jurandir representa tanto a organização da casa rural-patriarcal, cuja autoridade se mantém nas mãos do patriarca ou da pessoa mais velha mantendo sua influência sobre os demais, quanto a organização comunitária de base afro, na qual a família pertencente ao mesmo clã se mantém espacialmente próxima à casa materna.

Ramos (2007, p. 103-105) vai apontar as semelhanças desta prática do habitar em família, no bairro da Liberdade, com vilas familiares e clânicas de alguns países africanos. A mesma autora, em trabalho subsequente (RAMOS, 2013), vincula as formas habitacionais de bairros negros, no caso em estudo, o Engenho Velho da Federação, com as práticas comunitárias de terreiro e sua familiaridade religiosa.

Esta forma de organização habitacional tem sido analisada há bastante tempo nos estudos sociais sob a categoria de “habitar baiano” e será mais bem explorada no capítulo 7. No aspecto religioso, todos os interlocutores deste grupo que mencionaram a religião reportaram professar o catolicismo.

O fato de quase todos os filhos do casal Pitanga terem saído da sua propriedade, como do bairro e da região, pode ser tomado como indício de uma mudança para a lógica moderna na qual cada núcleo familiar formado por pai, mãe e

seus filhos deve ser independente do núcleo que o gerou, mantendo distância para alicerçar sua autonomia.

Segundo ele, sua mãe o incentivou a comprar o imóvel como forma também de investir o volume de dinheiro que estava adquirindo com o trabalho: “*Minha mãe ficava dizendo: ‘Menino, você está novo só gastando dinheiro, para cima e para baixo, por que não compra um apartamento?’ Aí eu resolvi comprar meu primeiro apartamento...*”. Mas, ao adquirir seu imóvel, a desagradou a distância na qual ele se estabeleceu: “*Meu filho, você vai morar naquele lugar que só tem mato, tão longe?*”

Pelo seu lado, Dona Inara também reforça o estranhamento dos familiares pela escolha de ir morar num “*lugar tão longe, naquele areal.*” Ela diz ainda:

*Foi uma experiência ímpar. Nunca tinha morado em andar, sempre morei em casa, eu achei que iria estranhar. Mas foi exatamente o contrário. Me senti muito bem acolhida. Eu nunca manifestei vontade de sair daqui... o décimo andar é muito integrado, a gente compartilha, um faz um cuscuz, vem trazer, a minha chave fica lá, a da casa dela fica aqui, os dois apartamentos parecem extensão um do outro. São vizinhos que entraram na mesma época no condomínio. O clima aqui é muito bom, oramos para ficarmos bastante harmonizados.*

Ela chama a atenção para o clima de cordialidade e proximidade entre a sua vizinhança e do seu andar em especial, além do fato de suas vizinhas terem chegado no mesmo tempo que ela no prédio. Isso nos faz pensar que o público que estava chegando ao prédio vinha de uma experiência de casas térreas nas quais a amizade entre as vizinhas era alimentada com cortesias e trocas de favores, típico de bairros tradicionais e populares.

O Imbuí estava nascendo naquele momento e havia poucos condomínios, assim como bens e serviços nas imediações. Foi ali que as duas filhas do casal nasceram e cresceram e onde eles permanecem até hoje. Seu Jurandir conta que teve oportunidade de mudar de apartamento recentemente, mas preferiu ficar no seu apartamento atual:

*Eu não queria pagar mais prestação. Eu iria morar naquele condomínio ali com três quartos [aponta para um condomínio novo surgido durante o boom imobiliário], aí colocaria mais móveis, por exemplo, a diarista hoje não veio. Hoje a gente não acha mais ninguém para trabalhar, o mundo hoje está todo diferente...*

Ele considera que o imóvel atual atende suas necessidades e preferiu incentivar a filha a comprar um também. Teve a oportunidade de encontrar um condomínio do Programa Minha Casa Minha Vida, em Lauro de Freitas.

*A gente insistiu, insistiu e ela comprou. É um Minha casa minha vida, mas é muito bom. Tem piscina, tem tudo... quando eu liguei era o último, ela: 'ahhh meu pai...' Eu disse: minha filha você não tem condições de comprar uma coisa cara, você tem que comprar algo que você pode pagar, eu não vou ficar pagando prestação...*

De forma análoga a sua mãe, ele incentiva a filha a também adquirir o próprio imóvel dentro das condições econômicas de que ela dispõe no momento, como forma de começar uma vida autônoma.

A quarta irmã da família Pitanga a casar foi Dona Yara, com Seu Araripe, cuja família também vivia na Liberdade. Foram morar no conjunto habitacional dos Securitários, em Patamares. Ela explica a seguir a escolha da nova residência:

*[...] O casamento ele queria porque queria casar, a casa foi ele que decidiu tudo, do apartamento... porque ele queria mudar de vida, ele queria ir pra um lugar melhor, assim como ele tava lá em Patamares, gostava do apartamento bem fresquinho, bem dividido...*

Assim como os demais irmãos, foi o companheiro quem decidiu onde a família iria residir a partir das condições colocadas para a aquisição da casa própria. No caso de Dona Yara e Seu Araripe<sup>17</sup>, são os únicos que deixam claro, verbalizando, que desejavam sair da Liberdade para melhorar de vida. Ainda que fossem morar num conjunto habitacional muito novo, sem vizinhança, nem rede de serviços nas proximidades, como Patamares.

Caberia aqui refletir quais seriam os aspectos que fazem de um bairro tão distante da cidade ser melhor do que o bairro onde cresceram. No entanto, Dona Yara não tece análise nem julgamento sobre esta escolha, parece-lhe ser uma trilha natural, tanto a saída do bairro quanto seguir a decisão do marido.

*Ele [Seu Araripe] antes tinha um apartamento que ele não morava com Raíra. Ele teve um apartamento ali na Ladeira do Cabula, mas depois não deu certo [com ela] aí ele vendeu o apartamento de lá antes de - acho de me conhecer - depois me conheceu e aí ficamos quatro anos e depois casamos. [...]o apartamento [em Patamares] não tinha elevador, que era três andares. É o Securitários, era o nome do condomínio. O meu edifício... tinha Irlanda*

<sup>17</sup> A família de seu Araripe ainda reside na Liberdade. Pedi a Anahí que sondasse a possibilidade de seu pai participar da pesquisa com depoimentos, mas ele não se interessou.

*e Islândia, o meu era Islândia, era aparte, que tem azul na frente. [...] adorava o apartamento, gostava da divisão, gostava demais do apartamento [...] moramos até 1986 lá.*

Os seus filhos, Anahí e Rudá, nasceram ainda em Patamares, mas cresceram no Edifício Fábio, em Pernambués, para onde a família se mudou pouco tempo depois. Embora pertença formal e atualmente ao bairro de Pernambués, a escolha deste condomínio em detrimento do conjunto habitacional no qual residiam foi em função de empreendimentos de grande porte que estavam se instalando na região, bem como bairros direcionados à alta renda, como Caminho das Árvores, situado atrás do antigo *Shopping Iguatemi*. Seu Araripe já vislumbrava ali uma nova centralidade para a cidade do Salvador:

*Mas quando ele [Araripe] viu construindo aqui [no Edifício Fábio em Pernambués] que a gente vinha de lá [de Patamares], pegava dois ônibus pra chegar [no trabalho dela] em São Caetano "isso aí tá construindo, avemaria", eu: ah, a gente vai conseguir pagar aquele edifício nada. Ele: "não, não, vamo ver quando juntar o meu com o seu dinheiro". Mas quando a gente foi para Caixa Econômica não precisou usar o meu que o salário dele na época, a Petrobrás pagava bem, aí não precisou ele pegou o apartamento e pagou todo sozinho.*

O Edifício Fábio está situado num dos acessos a Pernambués, ao lado do Detran, na Rua Chorrochó, no lado oposto ele faz fronteira com o Conjunto Habitacional João Durval. Construídos na mesma época, havia uma rivalidade entre os moradores dos dois empreendimentos habitacionais e uma hostilidade direcionada aos moradores do condomínio para os do conjunto. Quem explicita estas questões é Anahí, filha mais velha de dona Yara:

*Ele [o edifício Fábio] é independente, o primeiro prédio de minha mãe. Ele é o primeiro prédio. O edifício Fábio ele é todo isolado, tanto que ele é todo murado e há uma segregação, uma divisão entre o Fábio e o Edifício João Durval. [...] primeiro eu acho que é porque o Fábio ele era um apartamento maior, não veio da URBIS, o Fábio é mais elitizado, tanto que tem uma garagem própria. Tem uma grande área para brincar ali dentro, era um mundinho. O parquinho era só do prédio, a garagem do prédio, a quadra da gente que não era bem uma quadra, mas uma parte da garagem. Aqui [no João Durval] não, aqui se divide entre esses 8 edifícios e, o apartamento é menor, de fato é menor, dividido de uma maneira diferente. Enfim, tinha sempre essa rixa do Fábio com o João Durval. Ele [João Durval] foi construído com a rua de acesso ao Detran e Rodoviária. Tinha essa segregação, meus pais não deixavam a gente passar para o lado de cá, tanto que meu grupo de amigos que eram do Fábio não passavam pro lado de cá. A gente só passou a vir mais quando vinha mais de galera, mas sempre teve essa rixa entre João Durval e Fábio. Lá era a elite e aqui os mais pobres, acho que isso era construído pelos pais.*

Anahí não consegue trazer nenhum fato que justificasse a hostilidade entre os vizinhos, além da pretensa diferença de classe, na qual o conjunto habitacional representava os pobres e o condomínio, os ricos. Como muitos conjuntos habitacionais construídos à época, ele tinha acesso liberado às suas vias internas como um logradouro público, além de ter espaço para instalação de pequenas conveniências como padarias e bares.

Por seu turno, o condomínio escolhido por seu Araripe e dona Yara tem instalações completamente exclusivas para seus moradores com itens de lazer, como parque e quadra, além da garagem. As unidades eram maiores e conseqüentemente o preço também deveria ser, ainda que os prédios do conjunto habitacional ao lado tivessem boa altura e estrutura, com elevador, diferente de conjuntos habitacionais comuns como o que a família vivia antes.

Ao que parece, a cultura interna do novo condomínio vai ao encontro do ideal de moradia que o chefe da família buscava. Melhorar de vida, neste caso, era se afastar dos símbolos que os ligassem aos extratos inferiores da sociedade, entre estes símbolos está a moradia em conjunto habitacional, ainda que situada em bairros sem reputação ligada a classes populares.

No entanto, os recursos da família permitiam que se situassem na margem da nova centralidade, em Pernambués, e não no outro lado do Rio Camarajipe, onde estavam Pituba, Caminho das Árvores e Itaigara. Talvez tal posição de fragilidade quanto à posição social justificasse a hostilidade aos vizinhos do Conjunto João Durval.

Voltando agora para a família Tupinambá, vamos tratar da trajetória de Niara, irmã do meio da prole de Seu Cauã e dona Amana. A trajetória autônoma de sua irmã Inara foi tratada junto à de Jurandir Pitanga, com quem forma uma família.

Dona Niara se casou com Enarê nos meados da década de 1970. Ela já tinha terminado o ensino básico, fez magistério no Colégio Estadual Pinto de Carvalho, no São Caetano, e estava cursando Licenciatura em Desenho e Plástica, na UFBA. Seu Enarê era profissional de nível técnico e atuava na área de refrigeração. Ele era oriundo do bairro de Cosme de Farias.

Segundo dona Niara, apenas com a renda de Seu Enarê, uma vez que ela ainda era estudante e não trabalhava com vínculo estável, apenas esporádico, eles só poderiam adquirir um imóvel que fosse de caráter popular:

*Eu era assim retada mesmo, queria cara que tivesse sonhos com uma vida melhor e eu via o caminho através dos estudos, embora quando conheci*

*Enarê ele com os sonhos dele de fazer Engenharia Elétrica, tudo mais, só que ele não chegou a concluir, a gente começou a se relacionar, eu já na faculdade conheci ele e resolvemos casar. A condição econômica não dava tanto, mas ele bem atento, aí fomos para o sistema da Urbis que era sistema primeiro, você sabe que as casas de Castelo Branco é um sistema Urbis, foi uma das etapas, a terceira etapa de Castelo Branco, no Brasil todo foi uma das melhores etapas em termos de construção. Nós conseguimos com a renda dele, deu entrada na documentação necessária pra conseguir ser sorteado, teve a época que se inscreve e aí... a gente conseguiu essa casa pelo sistema, ele se inscreveu e aí pronto, nós fomos morar com aquela mensalidade que era popular, uma casa de quatro quartos, grande naquela época. Eles entregam tudo, nós reformamos a casa, as condições que eles dão inacabada, aquela casa popular que tem que fazer acabamento, ele se virando com o trabalho dele, pai dele ajudando, meu pai ajudando também...*

Ele não chegou a concluir o curso superior, pois priorizou o trabalho para organização e sustento da família que estava construindo. Ela terminou o curso já casada. Dona Niara expressa uma ideia corrente na qual a escolarização é o caminho para alcançar melhor patamar de renda e ela busca um companheiro engajado neste pensamento também, ainda que a necessidade de trabalhar seja premente e impossibilite que termine seu curso superior.

Mas quando Enarê consegue entrar nos Sistema Financeiro de Habitação para ser contemplado com umas das casas produzidas pela URBIS<sup>18</sup>, eles marcam o casamento e se casam quando o imóvel é liberado. Eles contaram com a ajuda de seus familiares no momento inicial da vida conjunta, como ela conta para mobiliar a casa e para que ela continue o curso superior. Seu irmão mais velho já estava casado e também morava no Castelo Branco, naquela época.

O bairro de Castelo Branco, na região do Miolo de Salvador, nas proximidades da BR 324, surgiu com a implantação de casas populares e conjuntos habitacionais, construídos em três etapas. Considerada zona rural até a década de 1950, a região foi escolhida para abrigar o excedente populacional que a região central não conseguia abarcar.

Construído todo entre as décadas de 1960 e 1970, em três etapas, o Conjunto Cidade Castelo Branco foi uma das primeiras iniciativas de ocupação e urbanização do Miolo de Salvador. A partir de então, surgiu um dos maiores complexos habitacionais da cidade promovido pela URBIS: o complexo Cajazeiras-Fazenda Grande, vizinhos de

---

<sup>18</sup> Segundo o site da Conder, a Habitação e Urbanização da Bahia (URBIS) foi criada pela Lei no. 2.114, de 4 de janeiro de 1965, como uma empresa de economia mista, para operacionalizar a política habitacional do Governo do Estado, vinculada estruturalmente à então Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social. [Cf. <http://www.conder.ba.gov.br/sites/default/files/documentos/2018-08/Hist%C3%B3rico%20da%20Conder.pdf> acessado em 23/05/2021]. O alvo principal da URBIS era atender o mercado popular de habitação.

Castelo Branco, e um dos maiores aglomerados urbanos de Salvador, cumprindo a sua promessa de ser uma “nova cidade”.

Os bairros produzidos pela URBIS daquele tempo eram orientados pelos regulamentos urbanísticos que prescreviam a necessidade de arruamentos, largos, praças, escolas e postos de saúde nas proximidades. Estes elementos, aliados ao tamanho dos lotes e à qualidade do material utilizado para os imóveis, tornavam o local bastante atraente. No entanto, três problemas típicos de novos bairros em região desabitada perseguiram seus moradores durante muito tempo: a distância em relação à cidade, o sistema de transporte precário e a dificuldade de abastecimento, pela ausência de mercados e feiras livres na região.

Na edição do jornal A Tarde, de 28/11/1974, uma moradora se queixa do tempo esperando pelo transporte público: *“A falta de transporte aqui no Conjunto é o que de mais absurdo existe: nos dias de semana o tempo mínimo que passamos esperando por uma locomoção para a cidade nunca é inferior a uma hora e nos domingos e feriados esta espera se prolonga por mais de duas horas.”* Dona Niara reitera as dificuldades com transporte para frequentar as aulas, após se mudar para Castelo Branco, ao se casar:

*Quando eu casei, eu casei no Salesiano, mas morando em São Caetano, saí de lá quando casei e fui pra mais longe ainda, Castelo Branco, mas existia isso, a distância e o desgaste de pegar vários transportes e o horário de chegar nas aulas e como eu pedi restaurante universitário porque eu não tinha condição, gente, eu passei momentos muito desgastantes. O que eu quero dizer, de enfrentamento, de horas sem alimentação [...]*

Neste ponto, às distâncias se juntavam as dificuldades de alimentação que configuravam a inserção socioeconômica da família, o que reitera a narrativa de luta e de insistência em melhorar de vida através da educação, se mantendo e finalizando o curso. Dona Niara se forma e se torna servidora do Governo do Estado.

Ela e sua família viveram 23 anos em Castelo Branco. Ela resume assim as relações que fizeram e a experiência de moradia:

*Era um bairro bem estruturado, tudo novinho quando a gente foi pra lá, foi um bairro, conjunto residencial implantado pela Urbis, por sinal na época era um dos melhores conjuntos, bem organizado e tudo novo, era assim muita gente também iniciando família, conhecemos muitos outros familiares também que foram pra lá, pessoas amigas assim que a gente também tinha conhecido que se relacionaram e foram morar lá em outra etapa, porque tinha as etapas - primeira etapa, segunda e terceira - nós moramos na terceira. Então, construímos amizades, essas amizades de muita...*



*compadres, pessoas que até hoje nós nos relacionamos, um tanto bom de casal ainda temos uma boa relação de pessoas lá em Castelo Branco. Então, a estrutura era uma dificuldade pra se pegar transporte, a gente não tinha na época condução própria quando fomos pra lá ainda dependemos de transporte coletivo ainda assim por volta até Amandy nascer.*

*A gente ficou no grupo religioso, [...] fizemos encontros de casais com Cristo, então a gente tinha uma relação de amizade não com quem era da rua da gente, mas nas outras ruas mais distantes, mas dentro da primeira etapa, da segunda etapa de Castelo Branco, então, nós tínhamos amizade com o grupo bem da segunda etapa, primeira etapa que eram os moradores assim mais antigos de lá e aí criamos muitos vínculos de amizade, não tenho o que me queixar.*

Apesar dos vínculos e da adaptação ao bairro, eles resolveram sair de lá. Entre os motivos que os fizeram deixar o bairro ela enumera:

*Um dos motivos que a gente se mudou de lá, gostava muito, ainda gosto, é que faz a gente ter às vezes essa necessidade de se estruturar, de melhorar de vida, quando diz assim "melhorou e mudou do bairro", não podia ficar melhor no mesmo bairro? Mas sempre nas nossas condições medianas de subsistência era tudo controlado, a gente dispunha de carro, mas os meninos começaram a crescer aí estudaram em escola de lá do bairro, quando chegou no curso fundamental I eu já transferi Amandy pra o [Colégio] Tereza de Lisieux na época na Avenida Antônio Carlos Magalhães que hoje é o hospital e [depois] botamos Neto também lá. E aí foram essas as necessidades de mudanças, aí a gente ainda manteve uns dois anos por aí pagando transporte pra ir pro Teresa, o pai levava às vezes...*

*[...] por que mudamos? Porque entendemos, a empresa ficou na primeira casa, depois mudamos para outra [ainda em Castelo Branco], depois resolvemos alugar, ficou um tempo alugada, viemos para Vila Laura, e aí nós conseguimos as questões econômicas, financeiras, fomos ampliando, progredindo, prosperando porque foi muito importante a gente colocar esses filhos no colégio Tereza de Lisieux aonde tá Pituba e etc., pagavam mais escolarização, uma vivência não tão... preparei meus filhos para não renegar as origens, sempre assumimos, para entrar no Tereza existia a seleção por poder aquisitivo, econômico porque tivemos que ser apresentados, as escolas particulares já na época de mudar a educação, eu já concursada, sendo professora da rede pública entendia que não pudemos fazer filtros e conteúdo de dar alunos porque tem acesso a um ensino cá diferente da escola particular de centro da cidade - Itaigara, Pituba, Coliseu, escola Americana, tudo mais - aí meu olhar já foi nessas questões sociais, já envolvia questões raciais, tudo isso, sociais e econômicas, poder aquisitivo de oportunizar a ter aqui [a escolarização], mas assumindo nossa questão econômica, financeira, nossa classe social, você tem a periferia. Então, como eu já ralei como periférica que perguntavam assim "onde fica São Caetano?", mas eu não tinha o poder aquisitivo porque eu vivia no meio<sup>19</sup>, sofria muito essas questões de ralhar por conta de questões econômicas e sociais.*

<sup>19</sup> Aqui Dona Niara parece descrever a seu lugar entre mundos, sua condição de origem humilde, filha de trabalhadores sem especialização, que morava num bairro que ela descreve como periférico, mas que “não é nem cidade baixa, nem alta é cidade média” e conviver com filhos bem-nascidos da sociedade soteropolitana que optava pela carreira nas Artes, opção não muito comum nem entre trabalhadores nem entre as elites, uma vez que estava associada a dons e aptidões que não renderiam muitos dividendos a quem vivesse deste ofício. Assim, Dona Niara podia ser tratada como outsider duas vezes, uma por estar no Ensino Superior e outra por ter optado por uma área que era refúgio de bem-nascidos que não careceria necessariamente desta formação para sobreviver.

Embora longa, esta passagem é importante para refletir os três aspectos que parecem principais para a decisão de deixar o bairro no qual a família construiu tantos laços. Em primeiro lugar, mais uma vez, a distância e as condições de mobilidade para o acesso e a escolarização dos filhos aparecem como motivo para a família decidir deixar o bairro e conciliar o trabalho e a rotina escolar dos filhos, o que gerava grande impacto na qualidade de vida.

O segundo motivo é o engajamento empresarial de Seu Enarê, marido de Dona Niara, que criou uma empresa e transformou a casa em sua sede. Eles se mudam para outra residência, no mesmo bairro, e posteriormente conseguiram adquirir um apartamento no bairro de Vila Laura. É possível que a manutenção da empresa no bairro funcione como manutenção do vínculo e das “raízes”, diminuindo assim o pesar da mudança.

Por fim, e talvez mais importante, está o desejo de diminuir os impactos dos preconceitos por local de moradia que seus filhos poderiam sofrer por morar na “periferia”. Como pessoas negras e filhos de trabalhadores que estavam ascendendo, eles poderiam continuar sujeitos a alguma discriminação nos locais que frequentavam. Assim, para a mãe deles parecia razoável retirar o item local de moradia da lista de possibilidades de mau julgamento dos filhos. Evitando que eles passassem pelos constrangimentos que ela passou quando estava na faculdade.

Entre os interlocutores deste estudo, Dona Niara é a primeira de sua geração a tocar no tema da discriminação por local de moradia existente na cidade, assim como em outras formas de discriminação – de classe e de raça. Embora consciente da força que empurra os que melhoram de vida para fora de seus bairros (evidenciada pelo autoquestionamento: “*não podia ficar melhor no mesmo bairro?*”), parece ser necessário para ela, como uma espécie de coroamento pela árdua luta para sustentar a família e criar bem seus filhos, ir para um bairro que expressasse esse degrau da vida que eles estavam alcançando.

Ela compara as duas moradias:

*Quando chegamos na Vila Laura, Centro, eles [os filhos] já estavam em outra fase. Amandy e Neto todos dois já tinham terminado o curso médio, já tava lá na faculdade todos os dois, praticamente, iniciando, tudo bem. Não fizeram vínculo [no bairro de Vila Laura], nós [ela e o marido] temos vínculo agora, fui pra lá em 1998. A estrutura do bairro, todas as condições, mas uma diferença incrível porque morar em apartamento a gente não tinha essa experiência, eu vinha de moradia de casa, sempre casa, Enarê também e nossos filhos também. Apartamento você tem quatro por andar, a gente mora no primeiro, são três andares abaixo, três acima a estrutura do prédio*

*da Vila Laura e você tem quatro apartamentos por andar nem sempre você conhece o seu vizinho de defronte, o do 101, do 102, nós moramos no 101, não conhece as vezes nem o 102, nem do 103, 104. Era um prédio novo também teve um pouco essa diferença, deu pra gente conhecer os primeiros moradores, reunião de condomínio e tal, mas o que vai acontecendo? Os primeiros vão indo embora, não permanecem, vendem, aluga e a gente não faz aquele vínculo permanente, tudo bem.*

Dona Niara menciona primeiramente a facilidade de circulação e de acesso ao bairro que ela e os filhos podiam desfrutar estando na Vila Laura, embora quando eles se mudaram os filhos já estavam numa fase de maior autonomia e já circulavam sozinhos pela cidade.

Em segundo lugar, ela retrata as dificuldades de fazer vínculos com os vizinhos e aponta a estrutura de prédio com a organização em apartamentos por esta dificuldade, mesmo sendo eles os primeiros residentes no condomínio. Havia ainda a rotatividade nos apartamentos, tornando a proximidade ainda mais complicada.

Ela segue falando sobre a violência e a infraestrutura no bairro:

*A violência que lá em Castelo Branco a gente não sentia tanto, a distância, a dificuldade mais do deslocamento, mas a violência [não!]. Aqui quando chegamos logo, assalto, então um agonia, corre-corre mesmo, ficava até tarde esperando eles chegarem, ficava pra poder ver quando soltava no ponto do ônibus que visualizava, ainda nosso prédio na rua Nilson Costa ali acima das Sete Portas e entre a Barra Falcão, ali você entra por um lado, sai por um outro com as novas avenidas e tal, é um bairro centro, um local de boa moradia, de boa estrutura, tem supermercado, tem banco próximo, tudo mais que o Castelo Branco não tinha assim tudo, a gente as vezes tinha que se deslocar pra... Na Vila Laura tem shopping, tem tudo, também foi edificando, quando a gente chegou logo não tinha tudo mais sempre ali próximo 7 Portas, né, já era uma área mais comercial e tudo mais, não era nada distante, mas assim, a gente teve esses problemas e não fizemos muito vínculo até hoje, temos poucos vizinhos e eles [os filhos] não fizeram amizade porque já chegaram adolescentes.*

Aqui ela menciona que o bairro periférico provia maior sensação de segurança do que o bairro central e de classe média. A insegurança a fazia aguardar até tarde da noite o retorno dos filhos para casa. Segundo ela, a causa seria acessos que as ruas faziam a avenidas e centros comerciais, sendo mais fácil a dispersão de malfeitores.

Por outro lado, ela reporta a ótima infraestrutura de bens e serviços encontrados no bairro que possibilita o acesso rápido para resolução de necessidades do cotidiano como pagamento de contas e outros. Ela assistiu ao crescimento e desenvolvimento do bairro ao longo deste tempo.

Além da residência, em Vila Laura, a família adquiriu uma unidade num *village* em Stella Maris para veraneio e lazer nos finais de semana:

*Quando a gente pegou aqui esse Village tem uns 17 a 18 anos, então vimos eles se... fomos um dos primeiros compradores ainda em planta e tudo mais e pronto, a gente tá aqui já, os meninos a gente tinha aqui como casa, lugar pra lazer, vim final de semana e Neto ficou, depois foi cada um tomando seu rumo e aí a gente se concentra aqui em Stella sempre pra curtidão pra vim e tal pros eventos daqui, é um condomínio dos Villages, são 100 Villages, é onde eu tô agora nessa pandemia, isolada nessa quarentena aqui.*

Por outro lado, temos a família Aroeira, cuja interlocutora de mais idade, dona Jurema, tem sua trajetória unida à do senhor Jandir Pitanga Filho, de quem já tratamos neste capítulo. Devemos então tratar das escolhas habitacionais da caçula, dona Araci Aroeira.

Ela passou parte da infância, adolescência e juventude no São Caetano como já relatado anteriormente. Dona Araci terminou o ensino médio também no Colégio Pinto de Carvalho, no mesmo bairro. Ela namorava, desde os 18 anos, um rapaz que residia no entorno, Piatã, e por volta dos 26 ou 27 anos resolveram morar junto, decidindo permanecer no mesmo bairro em que ela morava, pois Piatã era oriundo da Fazenda Grande do Retiro. Assim, alugaram uma casa:

*[...] não programamos [como seria a moradia], a princípio a gente chegou a olhar um financiamento, mas não foi não, Piatã não tinha interesse em financiamento e eu não trabalhava na época, então a gente foi para o aluguel. A gente decidiu ficar por lá mesmo [no São Caetano], eu não tive... não sei se foi por comodismo, mas eu nunca pensei em sair de lá não, sempre gostei muito de lá. Piatã é da Fazenda Grande [do Retiro], ele cresceu lá e para ele tanta fazía Fazenda Grande ou São Caetano então ficamos lá... Eu estava acostumada, o hábito de estar ali no lugar então nunca me interessei em sair, depois de um certo tempo foi que me deu vontade, mas aí já estava lá... então continuei... Eu tive Kaike com 32 anos... a primeira casa que moramos foi na rua principal do São Caetano, na estrada de São Caetano, era quarto e sala, mas era uma casa muito bonitinha, bem arrumada, tinha uma área grande no fundo, um quintal ficamos lá até Kaike nascer, porque ela ficou pequena, e a gente foi para uma casa maior de dois quartos, perto de onde morávamos numa transversal... era uma casa grande, tinha quintal, dois quartos e ficamos lá até Kaike fazer 4 anos a outra casa também era muito bonita, bem arrumadinha até ir para aquela que você conheceu na Formiga e de lá vim pra esta aqui [na Liberdade]... Fiquei uns 6 ou 7 anos na casa da Formiga, me separei e vim para cá, a gente já estava morando na mesma casa mas separado... ele continua morando lá...*

Aqui temos a primeira trajetória dissonante entre os interlocutores da primeira geração. Ao contrário dos demais, Dona Araci não formalizou a sua união, nem adquiriu casa própria ao se unir ao seu companheiro. Além disso, permaneceram no mesmo bairro em que ela já morava e do qual ele, seu companheiro, conhecia por morar no entorno.

Eles residiram em muitas localidades de São Caetano enquanto permaneceram casados, de modo que Dona Araci não conseguia lembrar detalhes nem os nomes das ruas. Segundo seu sobrinho, Aruanã, ela “*morou na Formiga, morou na Boa Vista, morou na Sussunga, morou em vários lugares*”.

Assim como parecia natural para outros interlocutores buscar uma casa própria para iniciar a vida a dois, Dona Araci demonstra também naturalidade pela opção pela moradia de aluguel, como uma escolha comum à época, seja pelas condições econômicas, seja pelo desejo de efetivar mesmo a união, na qual ela estava sendo “enrolada”.

Ela não tece nenhum julgamento de valor sobre a opção feita no passado, diferente da que fez recentemente ao adquirir casa própria no bairro da Liberdade. Pela forma como ela relata, parecia haver um fluxo e o casal estava seguindo.

A sua trajetória se assemelha à de seus pais na qual a aquisição da casa própria fazia parte da conquista do casal durante a união e não condição inicial para a sua concretização. Enquanto permaneceu casada, sempre morou de aluguel com o companheiro, em São Caetano.

A sua primeira casa própria foi adquirida após a separação. A costureira e artesã foi morar com o filho Kayke no bairro da Liberdade nas imediações do Largo do Japão. Ao receber um apartamento em Cajazeiras como herança de sua irmã Nita, que faleceu em 2013, ela resolveu comprar a sua casa própria:

*Eu estava procurando casa para comprar, e queria qualquer lugar só não queria lá pra cima, pros lados de Cajazeiras, queria um lugar mais central, aí eu vi no jornal, vim aqui ver a casa, o dinheiro dava para comprar, eu gostei da casa, a casa era arrumadinha, aí eu decidi: vai ser essa! Não precisou de reforma. O que fez aqui foi besteira [no sentido de pouca coisa]. Jandir veio ver a fiação elétrica e estava tudo bem, nem as paredes eu pinte... Eu gosto muito daqui [da Liberdade], quem me incomoda aqui? Eu moro aqui sozinha, aqui eu acho de tudo, descí aqui só não compro se não tiver dinheiro, acho tudo que eu preciso na rua: de aviamento de costura a comida, então não tenho... tem Le biscuit, tem Americanas, tem Marisa, só não tem Riachuelo... Bancos! todos os bancos tem aqui: Itaú, Caixa, Banco do Brasil, Santander... Até a clínica de fisioterapia que eu fazia era aqui perto... saio pouco daqui [de dentro de casa]... Kayke gostou também... o problema daqui é minha locomoção por causa da escada e a gente está pensando se vai mudar e tal... mas eu gosto daqui tanto da casa como da morada, ninguém me incomoda eu gosto de lugar assim, de ficar assim: sozinha, isolada, sem muito vizinho, sem entra e sai...naquela casa que você foi no São Caetano era tranquilo também apesar de ser frente de rua, mas era tranquilo eu ficava no quarto costurando a única casa de ficar isolada assim de não ver rua, de não ver nada foi aqui, mas estou adorando...*

A casa escolhida por dona Jurema fica na Vila Belo Oriente, situada na Rua Belo Oriente, uma transversal da Rua Gonçalo Coelho, na qual se encontra a Feira do Japão, também transversal da Avenida Lima e Silva, cujo acesso é apenas a pé. Na frente da entrada da vila há um pequeno alargamento da rua e alguns carros e caminhões que fazem carga e descarga para a feira ficam estacionados. A Rua Belo Oriente segue descendo a ladeira, paralela à Avenida Lima e Silva.

A Feira do Japão é antiga e tradicional no bairro, a prefeitura já tentou transferi-la para uma central de abastecimento no segundo Largo do Japão, mas não houve adesão da população nem dos feirantes. Nela se encontram frutas, verduras, legumes, temperos diversos em barracas a céu aberto e também carnes, peixes e frutos do mar, além de mercearia entre outros produtos em lojas de alvenaria localizadas atrás das barracas. A feira se estende até a Avenida Lima e Silva e o movimento dificulta o trânsito especialmente nos finais de semana.

Depois da Rua Belo Oriente, o movimento da Rua Gonçalo Coelho diminui, mas ainda persiste com alguns mercadinhos, poucas barracas, entre outros tipos de comércio, até chegar à antiga Cesta do Povo, desativada há anos, transformada em central de abastecimento, contendo alguns boxes e pouco movimento.

Para entrar na Vila Belo Oriente é necessário que alguém abra o portão principal que dá acesso ao corredor mal iluminado e às casas do fundo. Há um ponto comercial desativado na frente da vila e o acesso às casas que estão na “frente de rua”<sup>20</sup> também se faz por este corredor. Para o acesso às casas que estão no fundo e nos andares superiores há ainda um segundo portão e que Dona Jurema tem de descer para abrir aos seus convidados.

A fala de Dona Jurema nos remete a alguns elementos da forma de morar em bairros populares de Salvador e, especialmente, presentes na Liberdade. Em primeiro lugar, ela chama a atenção das características do imóvel que adquiriu: fazia parte de uma propriedade e foi desmembrada em várias partes para os filhos da proprietária quando estes ficaram adultos. Esta é uma prática muito comum em bairros populares juntamente à construção de vários imóveis de familiares e filhos na propriedade de um outro mais velho ou com melhores condições financeiras. Dona Jurema estava morando numa casa de vila, no segundo andar. A casa dela era a última, só havia vizinhos abaixo. E no térreo ainda moravam os donos que originaram a vila.

---

<sup>20</sup> Expressão descritiva típica das formas de morar em Salvador, faz referência às habitações localizadas imediatamente na rua em oposição às que estão em becos, fundos, escadarias ou caminhos que não são ruas propriamente ditas, especialmente por não passar carros.

Segundo ela, a Liberdade está numa região central e atende a todas as necessidades que ela, como costureira e artesã, tem, bem como a sua subsistência. Consegue comprar alimentos secos e perecíveis na Feira do Japão ou nos grandes atacados da Calçada. Compra material de trabalho e resolve questões financeiras e de saúde na Avenida principal do bairro. Ela se posicionou de maneira bastante estratégica em relação ao bairro e ao circuito que faz na cidade.

Ela segue relatando sua experiência na nova moradia:

*O primeiro carnaval que eu passei aqui, passei sozinha, Kayke tinha ganhado um passeio da empresa e viajou e eu fiquei aqui sozinha. Ahhh minha filha, pense o que é ficar dentro de casa? Eu saí no sábado de carnaval comprei as coisas de dentro de casa, fruta, refrigerante, uma cervejinha que eu nem tomei, fiquei aqui dentro de casa presa... o pior foi que no primeiro dia teve um tiroteio lá na frente, não foi nem tiroteio um cara que passou atirando, disse que ele passou atirando, que não foi briga, que não foi nada, passou na televisão, ele passou atirando e pegou num cara evangélico que estava na rua porque foi buscar a mulher que trabalha na pizzaria e ele foi buscar, 11 e tanta, meia noite, ohh Sarah eu morri de medo e se viesse para cá? (risos), imagine? e eu só foi saber no jornal de segunda feira... minha filha morri de medo, sozinha... quando foi no outro dia passou o Ilê, minha sobrinha falando: “vai ver o Ilê, vai ver o ilê” ... não vou mesmo! Eu vou descer sozinha? Não vou mesmo... no domingo teve carnaval, passou... Fui botar a cara na rua, quarta-feira de cinzas, porque Kayke iria chegar e eu descí para comprar um peixe, aqui mesmo... Mas sempre tem carnaval aqui, já teve Igor Kanário, tem aquele Márcio Vitor que faz aniversário... Aí outro dia eu fui para uma feira de artesanato sábado e domingo de carnaval, aí eu liguei pra Iramaia [sobrinho que vive com ela desde que Kayke se mudou para o Rio de Janeiro]: “Iramaia pelo amor de Deus venha me buscar”...[Aqui] tem Festa de Reis, tem Parada Gay, tem micareta e tem Márcio Vitor... já me bati umas duas vezes com estas festas... Aí fecha as ruas todas, fecha a Liberdade toda e se você vem da rua tem que para lá, bem longe... Réveillon também fecha a rua de manhã no dia primeiro. Teve um dia que eu vim do Stiep e o Uber teve de vir por dentro porque estava tudo fechado, e essas coisas não tinham no São Caetano, não eram perto da minha casa...*

Agora ela chama a atenção para a vida festiva do bairro, e sua intensa programação cultural: Carnaval, Micaretas, Arrastão de Márcio Vitor, Parada Gay, Festa de Reis, Procissão de Cosme e Damião, Réveillon... além dos ensaios dos blocos de carnaval, com destaque para o Ilê Aiyê, sediado no Curuzu.

Ao lado deste elemento de grande porte cultural estão os episódios de violência, que ela faz referência a uma ocorrência, mas que é tema recorrente no noticiário local. Em 2012, foi publicado um mapa da violência de Salvador e os bairros da região, incluindo a Liberdade, estavam entre os mais perigosos para o risco de homicídio. (Cf. reportagem do Correio de 22.05.2012, acessada em 10.09.2020)

Por fim, ela destaca o gosto por morar “*isolada, sem vizinhos, sem entra e sai*”, aspecto que ao ser enfatizado descreve, por oposição, a vida dos bairros populares de alta densidade e, portanto, de vizinhança muito próxima com convivência nem sempre pacífica ou silenciosa.

Com a mudança de Kayke, quem vai morar com ela é o sobrinho Iramaia, com mais de 40 anos e ainda sem sua própria família ou casa própria, ele passa a ser a companhia dela, fazendo as vezes do filho, sendo este um dos aspectos fortes dos laços de familiaridade recorrentemente encontrados na Bahia, no qual a família extensa continua se apoiando ao longo da vida.

Por fim, abordaremos a trajetória autônoma dos interlocutores da família Jequitibá, os irmãos Jaciara e Moacir. O primeiro a sair de casa assim que reúne condições é Moacir Tupinambá. Como já mencionado, a família destes irmãos se estabeleceu no Jardim Cruzeiro, bairro da expansão do Caminho de Areia para o mar da Enseada dos Tainheiros.

Ao chegar à idade adulta, após terminar o ensino técnico na Escola Técnica, concluiu duas graduações: História e Filosofia. No mestrado, lecionando numa Universidade Estadual, Moacir decidiu sair da casa paterna para morar sozinho, dividindo apartamento de aluguel com um colega.

*[Saí aos] 25 anos, saí tarde de casa. Não para brasileiro e baiano, uma vez que as pessoas saem mais tarde de casa, ainda mais eu com uma situação econômica... Foi logo no final do mestrado da UFBA e passei a ser professor da UEFS, então uma vez que eu tinha essa bolsa, ainda que fosse professor substituto, mas tive o salário durante 2 anos, a bolsa era de 4 anos, então eu fiquei até terminar esses proventos.*

*Saí de casa e fui morar nos Barris e aí sim eu começo a ter uma reflexão sobre esse bairro dos Barris porque eu era muito ligado ao cinema, aquela sala ali, a Walter da Silveira. Eu era cinéfilo assíduo porque assisti praticamente tudo de filme de muitos diretores naquele cinema ali, foi um centro de formação cinéfila da melhor qualidade.*

A saída de Moacir aconteceu no início da década de 1990. Diferente do pessoal desta geração, ele saiu de casa para morar sozinho, num arranjo doméstico muito utilizado por estudantes de nível superior para diminuir despesas e manter a sua autonomia perante a família de origem, experimentando seus gostos e vontades.

O bairro dos Barris, no Centro de Salvador, está próximo dos *campi* da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica de Salvador. Lá está situada a Biblioteca Central da Bahia, espaço com fontes de pesquisa, assim como está próxima a Estação da Lapa, a maior e mais importante estação de transbordo da cidade que



facilitava acesso ao Arquivo Público da Bahia, permitindo o desenvolvimento do seu trabalho acadêmico. O bairro está entre as escolhas pelos estudantes que podem e precisam residir perto do local de estudo, assim como outros bairros do Centro: Tororó, Dois de Julho entre outros.

*Eu tinha necessidade de estudar, de ter um local ideal para estudar, morar com amigo que também era da área de Antropologia e da História me oferecia condições de debate, de discussão, de enriquecimento intelectual que eu não teria se ficasse em casa com minha família, a todo momento estávamos discutindo questões de história e antropologia.*

*[...] eu fui o primeiro a entrar na universidade, minha irmã Jaciara fez depois, meu irmão Jacir fez depois curso de Economia, mas muito improvisado. Eu fui o primeiro a entrar e até eu sair minha irmã não tinha ingressado ainda no curso de Filosofia. Foi esse o caminho que me levou a sair de casa.*

Assim, entre os principais motivos que levaram Moacir a sair da casa dos pais era a necessidade de priorizar a atividade acadêmica e participar de um círculo intelectualizado onde se consomem artes, livros e ideias, além de precisar de liberdade e de ambiente mais apropriado para o trabalho de leitura e escrita que não encontrava no bairro em que morava.

Quando os proventos que recebia e proporcionava a sua moradia nos Barris terminaram, voltou para a casa dos pais, mas desta vez para a propriedade que dispunham na Rua Heráclito Pires, no Caminho de Areia, para aluguel. Ele ficou num dos apartamentos deste prédio, enquanto os irmãos permaneceram na casa do Jardim Cruzeiro. Algum tempo depois, ele foi para a Ilha de Itaparica, residência na qual estavam seus pais. Permaneceu lá por cerca de oito meses, produzindo o trabalho final do curso de mestrado.

Após este período, ele se tornou professor efetivo na UEFS e retornou para morar na casa da Heráclito Pires. Passava alguns dias da semana em Feira de Santana e os outros em Salvador, no Caminho de Areia. Dois anos depois do início de trabalho efetivo na universidade, ele viajou em intercâmbio para a cidade de Lisboa, em Portugal, vivendo lá por dois anos.

Ao retornar para Salvador, decidiu se mudar para o bairro do Rio Vermelho, e lá morou em várias residências com diferentes configurações domésticas:

*Quando voltei de Lisboa fui morar no Rio Vermelho, fui morar sozinho. Morei no Rio Vermelho de 1999, na verdade eu cheguei no final de 1998 e em 1999 vou morar no Rio Vermelho na rua Fonte do Boi em uma kitnet que aluguei por 6 meses e paguei adiantada inclusive. Dali eu fui morar na rua*

*Carijós no Rio Vermelho também. Em 1999 eu acabei constituindo uma relação de companheirismo com uma mulher que é da Chapada Diamantina e ela morava lá, mas sempre vinha a Salvador e ela tinha dois filhos, acabou indo morar eu e os filhos dela, passaram um tempo comigo lá no Rio Vermelho em um apartamento de dois quartos em 1999. Eu fiquei de 1999 até final de 2000 no Rio Vermelho, nessa casa na rua Carijó [...]*

*Outro aspecto do Rio Vermelho que me interessou muito também foi o fato de ser perto da rodoviária, era um bairro que eu gostava de morar, morava em uma rua linda, toda arborizada, tinha uma escola em frente, eu acompanhava o ciclo da escola, era uma ótima casa, fresca, dava para ver o mar. Morava bem, desfrutei de boa morada.*

Com o desenvolvimento deste relacionamento, ele residiu com a companhia na Chapada Diamantina, na cidade de Piatã. Lá, permaneceu por mais ou menos dois anos e retornou para Feira de Santana. Com o término da relação em 2004, ele voltou para Salvador, desta vez para morar no Imbuí, num novo relacionamento. Ele viveu lá até 2008, quando conheceu aquela que se tornaria a mãe da sua filha. Juntos, decidiram morar no bairro de Pituauçu,

*[...] porque era uma casa e a gente queria uma casa por conta da criança. [...] moramos lá de 2009 até 2011 em Pituauçu, tinha quintal, então para minha filha foi ótimo. Minha filha nasceu em 2009, em 6 de junho. Em 2011 a gente foi morar em Monte Gordo [distrito de Camaçari] em um sítio, estávamos juntos. Era um sítio da minha irmã e a gente precisou economizar uma grana para depois comprar um apartamento e aí fomos morar em um sítio. Era perto de praia, tinha rio, era ideal, tinha espaço para minha filha, a gente queria dar essa possibilidade de ela crescer com área, isso até 2013. Em 2013 a gente sai de Monte Gordo e vai morar em Lauro Freitas, minha filha já completa três anos, começou a idade escolar e aí a gente vai para lá para ela estudar em uma escola de pedagogia waldorf, tanto eu quanto ela [a esposa] nos deslocávamos para Feira de Santana e aí nos mudamos para um sítio em Lauro de Freitas. Um sítio grande que eu aluguei por conta da escola de Nina. Eu me separei de Inema quando Nina tinha sete anos, até 2015, mas continuei morando no sítio até 2017. De 2017 vim para cá [casa da Rua Heráclito Pires]*

Com o nascimento da filha, Moacir e a esposa começaram a escolher os locais para moradia orientados pelos ideais de bem-estar promovidos pelo contato com a natureza e a fruição de espaço livre, como quintais e sítios. Ele optou por uma casa ao invés de apartamento e depois por sítios ao invés da cidade, assim como por uma cidade menor da região metropolitana ao invés da metrópole e capital do estado.

Mesmo sendo nascido e criado na cidade do Salvador, Moacir relata que as experiências de visita à família do pai na cidade de Amélia Rodrigues, na região de Feira de Santana, interior da Bahia, foram muito marcantes, e que, hoje, ele avalia que de alguma forma desenvolveu o gosto pela liberdade que pôde experimentar na zona rural e no contato com a natureza.

Ele elenca aspectos para a escolha de moradia: *“A questão ambiental, também de mobilidade urbana e de lazer. Pituacu também era estratégico, Imbuí também, os três lugares [incluindo o Rio Vermelho] ali muito próximos da rodoviária.”*

Outro ponto importante sobre a trajetória de Moacir é que ele não adquiriu imóveis em Salvador em nenhuma das oportunidades em viveu na cidade. Sempre optou pelo aluguel em distintos bairros ou pelo retorno ao imóvel da família no bairro em que cresceu, como faz agora. Ele conta que adquiriu dois terrenos na Chapada Diamantina, na região do município em que morou e não gostaria de se desfazer deles.

A trajetória bastante errática e fora dos padrões analisados até aqui, na qual ele passa em média dois a quatro anos em cada bairro, pode ser aquela exceção que, ao mesmo tempo, reforça a regra e pontua tendências que poderão se estabelecer em tempos futuros. Sua trajetória é guiada pelo interesse em viver plenamente possibilidades que lhe estão postas, sem se prender a expectativas sociais de bem-viver, como fica evidente nesta fala: *“Gostei de morar em Feira de Santana, saí de Feira porque casei e tinha meio que saturado, tem aquele ponto de saturação também, não estou casado, não devo obrigação a ninguém, então posso morar onde eu quero, posso experimentar à vontade minha vida.”* E por esta: *“Meu modo de ser é viva e deixe viver.”*

Enquanto a maioria das pessoas entrevistadas se mudaram entre 1 e 5 vezes, circulando no município de Salvador, ou em no máximo uma ou duas cidades fora, ele se mudou pelo menos 13 vezes, morou em diferentes bairros de Salvador e em pelo menos 6 outras cidades, incluindo um período fora do país e idas e vindas à casa paterna, como a do momento atual. Ele continua:

*Atualmente moro aqui [no Caminho de Areia], não moro satisfeito, não moro feliz... primeiro porque eu não estou perto da minha filha, vejo minha filha quase todos os finais de semana, portanto estou longe dela, não tenho uma relação mais cotidiana com ela e segundo também porque a cidade não me satisfaz. Fico muito em casa trabalhando, quando não estou trabalhando, estou lendo alguma coisa ou escuto música, agora que eu estou na casa de meus pais tenho visto muita televisão, mas já saturado, estou vendo pelo tédio porque não tem muita programação, [...] eu tenho amigos [aqui], tem pessoas que conheço, mas que eu não tenho muito mais o convívio. Afinidade eu tenho, uma amiga que era do teatro sempre está aqui, sempre vem, sempre me convida para as peças que ela dirige, ela sempre me convida, mas eu não tenho muito convívio. Eu estou em uma fase que eu não tenho saído muito de casa, eu tenho saído muito na verdade para ir para restaurante para comer, para isso eu saio com muita frequência.*

[...]

*meus irmãos e meus pais moram aqui [nesta casa da Rua Heráclito Pires de Carvalho]. Tem uns 3 a 4 meses que eles estão passando uma temporada lá [na casa da Ilha]. Eles moram aqui e moram lá. Eles passaram uns 20 anos*

*morando na ilha. Daí eles vieram morar aqui. Tem uns 3 ou 4 anos que eles moram aqui. Eles gostam da ilha, estão passando uma temporada lá. Meu pai tem problema de saúde, então lá ele fica mais descansado... aqui ele tava indo mais ao médico. Eles vêm e vão... por meu pai eles moravam na ilha, mas minha mãe gosta de morar aqui porque está próximo dos outros filhos. [...] [A minha irmã que mora] na Duarte da Costa de vez em quando ela vem aqui, eu vou muito pouco lá, também não costumo muito ir na casa. Também quando morava lá não costumava vim, nem em festas assim de Natal, atualmente nem mais isso eu quero. [...]*

*Estou tendo algumas dificuldades econômicas e as vezes eu preciso do dinheiro mesmo emprestado, já precisei, mas agora está mais organizado a onda, já não estou precisando tanto, controlo mais e tentei até vender meu terreno de Piatã, mas até isso tava ruim de vender. Até isso essa crise, como essa crise ela deprime o seu comportamento em várias coisas, acabou que minha mãe ainda tá viva e sã, se eu preciso de alguma coisa falo com minha mãe, jamais pediria dinheiro a ele [ao pai], jamais. Já pedi várias vezes a minha mãe, ela mesma oferece. Agora, por exemplo, estou em um perrengue da porra por conta de corte de salário [em virtude da greve das Universidades Estaduais em curso], não fui pedir dinheiro a minha mãe, mas ela vem, diz que vinha, que transferiu, não transferiu, [então] peguei de um amigo que eu podia contar, tomei emprestado, estou sobrevivendo, estou indo adiante, mas dele eu não peço.*

*[...]*

*Apesar dessa coisa da relação [com a família] e me incomoda, se eu pudesse não estaria aqui e vendendo o terreno lá por um bom preço e o caminho é rapidinho de outro canto, mas apesar disso... De qualquer sorte aqui é da família, não é de meu pai e de minha mãe, é da família, tanto que quando eles morrerem vai ser dos herdeiros. É da família porque também foi construído com meu suor, eu trabalhei aqui na construção dessas casas aqui de trás[...].*

Moacir expressa um descontentamento e certo cansaço com a dinâmica contemporânea que Salvador tem. Revela predileção pela proximidade com a natureza, temperaturas mais amenas, altitudes mais elevadas e modo de vida do interior brasileiro. De maneira intelectualizada e livre ele vai explicando o movimento “meio cigano” que fez buscando moradia.

As falas duras em relação à família denotam uma visão de mundo mais cosmopolita e liberal nas relações interpessoais e sociais, se distanciando muito dos exemplos encontrados na cidade, em outras famílias, especialmente na geração dele, nas quais, mesmo havendo dissabores ou divergências, a autoridade do mais velho e provedor permanece e relações amigáveis e recíprocas são mantidas.

Por outro lado, mesmo sendo mais desprendido em relação aos familiares, é a eles que Moacir tem recorrido e de quem tem recebido apoio neste momento de fragilidade econômica após a dissolução da última relação da qual nasceu sua única filha. Para tanto, ele argumenta que também ajudou a família em tempos passados e que os imóveis não são do patriarca e sim da família, dos herdeiros. A propriedade do imóvel não seria um bem individual e sim do conjunto familiar.

O tempo que tem vivido no Caminho de Areia, na temporada em que conversamos, está entre os maiores de permanência em uma estadia: já estava próximo dos quatro anos vivendo na casa dos pais.

Por seu turno, Jaciara, sua irmã mais velha, permaneceu mais tempo com sua família originária, no Jardim Cruzeiro. Ela cursou a Escola Técnica como o irmão, e seguiu trabalhando na área de formação. Após alguns anos na Petrobrás, ela adquiriu um imóvel da Avenida Paralela e foi morar sozinha.

Seu primeiro imóvel foi no condomínio Amazônia, na Avenida Paralela, onde atualmente é o bairro do Imbuí. *“A escolha do apartamento foi uma oportunidade. Eu e mais alguns amigos estávamos procurando durante um tempo e foi uma boa escolha... Eu sabia que não queria mais cidade baixa...”*. *“Nós estávamos procurando um condomínio com infraestrutura, piscina... ele também é perto da mata...”* Morou na Avenida Paralela, de 1992 a 2002.

Na década de 1990, a Avenida Paralela estava em franco crescimento urbano e populacional, o bairro do Imbuí é dos que mais cresceram neste período. O Amazônia já era um condomínio de torres, como outros do Imbuí, mas raros em demais bairros formais da cidade. Ele fica no lado esquerdo da Avenida Paralela, sentido Aeroporto, pouco antes do acesso ao bairro do Imbuí.

Como Jaciara relata, a busca por esta moradia fazia parte do seu projeto pessoal de deixar a Cidade Baixa: *“Quando eu comecei a estudar na escola técnica já projetava uma mudança. Quando eu fui para o Amazônia, era porque eu queria uma coisa diferente do que tinha na Cidade Baixa. Não tinha condomínio na cidade baixa. Não tinha e nem vai ter por que não tem espaço!”*

Embora não tenha apontado muitos problemas ou feito críticas ao bairro em que cresceu, Jaciara o descreve apenas como “bairro popular”, pois considera uma vitória pessoal ter saído de lá, diferente de outros familiares e vizinhos:

*A sociedade impõe situações limites e tem de ser muito empreendedor, tem de estar lutando o tempo todo para conseguir alguma coisa na vida, e ainda tem a questão da família, as vezes você tem de carregar a família... eu fui a única que saí do bairro, os outros três<sup>21</sup> estão lá. Vejo os vizinhos lá ainda... alguns poucos que saíram, muitos construíram na laje dos pais, vão subindo, vão subindo [a construção]... continuam lá.*

---

<sup>21</sup> Aqui ela se reporta aos três irmãos mais novos, é provável que ela entenda a presença de Moacir no bairro como passageira e ela não o inclui. Quando Moacir foi entrevistado, os dois irmãos do meio residiam na ilha com os pais e a caçula na casa antiga da família.

Assim, construir a sua trajetória pessoal com o fruto dos seus estudos e trabalho, indo residir onde julgou mais conveniente para a vida que almejava ter e sem a ajuda dos pais e parentes, e ainda auxiliando familiares mais vulneráveis, é uma espécie de premiação, pode ser o significado da expressão “vencer na vida”, superando suas condições sociais iniciais.

Como uma parte da família permanece no bairro, ela ainda o frequenta. Além dos irmãos e parentes que vivem na casa onde cresceu, Jaciara mantém um comércio no térreo, uma floricultura, na qual uma prima trabalha.

*Saí [do Condomínio Amazônia] quando casei e engravidei do meu primeiro filho. Então começamos a procurar uma outra casa para morar pois meu marido gosta mais de casa, ele queria se mudar para uma casa, aí fomos passar um tempo num village em Jaguaribe. A gente sabia que o village não era nossa perspectiva. O nosso projeto era ficar lá um tempo, cinco ou seis anos e depois mudar para uma casa.*

Quando Jaciara forma sua família e engravida do primeiro filho, a questão da moradia ganha foco novamente, uma vez que o seu marido vem de uma experiência de moradia em casa e acredita que este tipo de imóvel é melhor para as vivências da infância. Eles saem do apartamento e vão para um *village*<sup>22</sup>, na praia de Jaguaribe, na Orla Atlântica de Salvador.

Jaguaribe fica situada entre os bairros de Patamares e Piatã, o seu nome é em virtude do rio Jaguaribe, que desagua na região. O povoamento se intensificou entre as décadas de 1970 e 1980, quando surgiram muitos loteamentos e posteriormente condomínios fechados horizontais.

Pelas características que possuem os *villages*, especialmente a proximidade entre as casas e os poucos espaços de usos coletivos, eles têm um *status* um pouco abaixo dos condomínios tradicionais de casas. Talvez por isso Jaciara e o marido não tenham pensado em se fixar neste tipo de imóvel.

*Quando a gente partiu mesmo para procurar uma casa surgiu a questão da mobilidade. Foi a época que Tibiriçá nasceu. O trânsito estava muito complicado para o lado de cá naquela época, eu estava demorando muito para chegar no trabalho. Saía de casa às 7 horas, chegava as 8 e 30 aqui [na Pituba]. Para voltar era a mesma coisa, saía 17 horas e chegava 19 horas, os meninos pequenos... e eu não gosto e dirigir, dirigia por obrigação. Então eu conversei com ele, se não era melhor a gente procurar um apartamento por*

---

<sup>22</sup> Villages são condomínios horizontais construídos próximos ao litoral, no exemplo de Salvador, e que em muitos casos tem suas casas construídas unidas umas às outras pelas laterais como alternativa de aproveitamento de pequeno terreno. As casas são construídas em modelos duplex e triplex.

*aqui, perto de do trabalho... ele resistiu um pouco, mas antes não tinha o sítio, aí depois que adquirimos o sítio ele aceitou mais a ideia.*

Os valores em tela na escolha da moradia após a saída de Jaciara do seu bairro de origem estão em torno das questões de condições de deslocamento, proximidade do local de trabalho e ambiente de casa *versus* ambiente de apartamento. As negociações que chegaram a termo entre o casal estabeleceram que a família teria a experiência de liberdade e espaço amplo no sítio que adquiriram no Litoral Norte e a residência se fixaria nas proximidades do trabalho, para aumentar o tempo com a família, não perdendo tempo no trânsito. Assim, a família se desloca para residir na Pituba.

Jaciara enumera as vantagens de morar no seu bairro atual e a escolha acertada ao optar pelo apartamento ao invés de insistir na aquisição da casa:

*As vantagens da Pituba são muito grandes, primeiro porque me tranquilizou a questão da mobilidade. E depois tem tudo aqui perto, a gente vai andando, os meninos vão andando para o dentista, para o balé, faz um acompanhamento psicopedagógico aqui perto também... então é muito acessível, tem muita infraestrutura. Tem muita padaria aqui, farmácia, muito shopping, tem um teatro aqui em frente à igreja. Tinha um cinema do Itaigara, agora só tem no shopping Paseo Itaigara... então é essa facilidade, não é como alguns condomínios em que tudo você precisa de carro, tem alguns condomínios distantes, que se você esquecer de um tomate você tem de pegar o carro e comprar... até pensando nas funcionárias, [para não] ter de andar 600 e 700 metros para chegar no ponto de ônibus...*

Para ela, a Pituba consegue oferecer comodidade e conveniências, além de estar próximo do seu local de trabalho. O bairro proporciona uma experiência de cidade caminhada, ainda que ela nem sempre o faça, na qual se pode acessar a pé padarias, lojas, bancos e supermercados, além de estar próxima a uma rede de escolas, hospitais, clínicas e *shoppings centers*, entre outras modalidades de cursos e práticas de esportes para os filhos, como balé que a filha faz e as aulas de inglês.

Assim, de diferentes formas, a segunda geração, a geração de Yara, consegue se estabelecer fora do bairro de origem e fora da aporotopia de Salvador, alguns intencionando mesmo melhorar a sua posição social na cartografia da cidade, enquanto outros buscavam a segurança da casa própria e aproveitaram as oportunidades que as políticas públicas para habitação estavam oferecendo no momento.

### 3.2 | A moradia protópica em Salvador

Ao analisar os pontos intermediários e finais da trajetória habitacional dos nossos interlocutores desta rede notamos aspectos semelhantes que levam a pensar nestas escolhas como soluções de características protópicas.

O escritor norte-americano Kevin Kelly cunhou o termo protopia em seu livro *“The Inevitable – Understanding the 12 Technological Forces that Will Shape Our Future”*, lançado em 2016, para pensar uma ideia de futuro melhor que a realidade atual, mas ainda imperfeita diante da ideia de utopia. A protopia seria o oposto realista da distopia. Na medida em que a utopia é o lugar não existente, no qual todos os grandes problemas atuais estariam resolvidos, e a distopia, pelo contrário, o futuro como caos ou barbárie e sem saídas, a protopia seria a ideia da melhoria continuada – nem distante e impalpável (utópica) nem derrotista e pessimista (distópica).

A protopia nos leva a pensar que estamos *“apenas tentando progredir, avançar em pequenas melhoras incrementais”* e esta noção que tomo como chave para pensar os espaços, os bairros e os imóveis nos quais nossos interlocutores autônomos vão buscar se estabelecer na cidade.

As características dos espaços nos quais cada interlocutor se dirige têm, quase sempre, os mesmos *status* do espaço deixado, ou algum elemento de superioridade. Assim o espaço protópico é sempre relacional e está diretamente associado ao estado e condições deixadas pelas pessoas quando se mudam. Para cada cidadão que muda, mantidas as condições estáveis do desenrolar da sua vida, ou seja, a mudança não está sendo motivada por nenhuma perda ou ruptura da condição social, ele o faz buscando se inserir da melhor forma no tecido urbano, no mapa social da cidade.

Entre alguns elementos que podem ser enumerados para identificar que o espaço ao qual o cidadão está se dirigindo é protópico, ou seja, melhor que o anterior, mas ainda não é a sua manifestação do seu desejo mais completo, são os seguintes: no caso de Salvador, e tomando o movimento dos nossos interlocutores, sair de um bairro no qual a massa dos imóveis é autoconstruída e ir para um bairro, até mesmo popular, mas com características de urbanismo e arquitetura formal, tais como loteamentos ou conjuntos habitacionais horizontais ou verticais. De acordo as condições de posse e propriedade: sair de um imóvel alugado ou cedido para um imóvel próprio. Ainda pode-se acrescentar imóvel próprio com documentação válida, excluindo-se a propriedade fruto de ocupações ou posse não autorizada.



Sair de bairro popular para bairro classe média, ou ainda sair de bairros com grandes parcelas de população pobre nas adjacências, para um bairro com maioria de classe média, ou ainda com reputação de classe média. As principais características de bairros de classe média em Salvador são a ausência de autoconstrução, com imóveis em lotes de tamanhos médios a grandes em boas condições de manutenção, respeitando-se recuos das fachadas e ordenamento urbanístico, além da presença de serviços públicos regular, tais como recolhimento de lixo e limpeza das vias.

Sair de condomínios construídos em décadas anteriores, no qual o fator tempo é sinônimo de depreciação e ir para condomínios de configurações contemporâneas. A história inscrita no patrimônio arquitetônico será protópica ou arquitópica, que discutiremos nos próximos capítulos, mediante um conjunto de elementos que o associe a nobreza, riqueza e tradição. Estas condições não se estendem a todos os imóveis antigos. Há uma seleção dos que receberão tratamento superior, todos os demais estão na faixa inferior.

Sair de um imóvel com pouco espaço para um com mais espaço. A disputa por espaço é a realidade mais concreta da cidade contemporânea, da qual Salvador é grande emblema. Para existir arquitopia com fartura de espaço para seus usuários é mandatário que exista a aporotopia e suas aglomerações e alta densidade demográfica. A fruição de espaços livres e a presença de espaços públicos como praças e parques aumenta o *status* deste bairro, bem como o número de cômodos e a metragem alta de seu imóvel faz da sua escolha uma protopia.

Sair de um edifício com muitos vizinhos para um com poucos vizinhos, ainda que a convivência no condomínio seja cada vez mais restrita, a maior privacidade é um aspecto protópico. A proximidade entre as residências se tornou criticável durante a ascensão do urbanismo sanitaria da virada do século XIX para o XX, quando as classes altas se mudam para casas e sobrados distantes entre si e cortiços e cabeças de porco são perseguidas e destruídos. No entanto, as moradias para operários, concebidas no início do século XX, utilizava o conceito de casas geminadas ou de “correr de casas”, consolidando e mantendo no imaginário local a ideia de que a proximidade e aglomeração está relacionada à pobreza e ao operariado. Ainda que as moradias em edifício tenham se tornado a grande opção da classe média a partir da década de 1980, ela busca a sua inserção em condomínios nos quais tenha que compartilhar sua rotina com poucos vizinhos.

Sair de bairros e espaços distantes da centralidade e da oferta de serviços para bairros próximos a estes serviços. A relação com a centralidade é a mais evidente e mais antiga na cidade. Durante séculos, a cidade do Salvador se manteve comprimida ao redor de seus dois bairros principais, a Sé e o Comércio. Mesmo que a dinâmica da cidade tenha se alterado completamente ao longo do século XX, não foram engendradas centralidades que dessem conta de autossuficiência de todas as regiões da cidade. Muitos bairros permanecem dependendo da grande centralidade, reduzindo assim o seu status no imaginário local.

Sair de conjuntos habitacionais ou loteamentos populares para condomínios. A estrutura de conjunto habitacional é muito bem-marcada em nossa sociedade: são ajuntamentos de prédios de até 4 andares construídos com economia de recursos e pouca infraestrutura de lazer e disponibilidade de espaço livre, o espaço é aproveitado ao máximo para a construção do máximo de moradias possíveis. Ao longo da vigência das políticas públicas de habitação, muitas concepções de “moradia popular” surgiram e foram implementadas, mas quase todas elas, em Salvador, se estabeleceram em bairros distantes, sem urbanização, com materiais de baixa qualidade e para um tipo social muito vulnerável, dependente de muitas políticas públicas. Como apontado antes, ir para um conjunto é uma escolha protópica se o indivíduo sai de situações mais vulneráveis, mas assim que reunir condições ele buscará ir para outro espaço.

Sair de bairros com baixo status social para novos bairros ainda sem reputação. A estratégia de povoar vazios urbanos, ao longo da segunda metade do século XX, atendeu a grande demanda habitacional que se intensificava. O surgimento de novos bairros atende à demanda generalizada por habitação e se mostra como alternativa de melhoria de *status*, como uma aposta para seus novos moradores de aumento de status social, se tornando assim um espaço protópico.

O trânsito habitacional evidencia a relação prototípica entre os espaços, mas não elimina a leitura aprotópica que muitos destes novos espaços ainda podem conservar. Deste modo, podemos ler o trânsito destas famílias como uma fuga de espaços aprotópicos, ou de espaços muito aprotópicos para outros menos aprotópicos equalizando características e simbologias como descrito logo acima em uma balança na qual estão na base as suas condições objetivas de acesso a este bem e os seus desejos de inserção social.

Ao tratar dos movimentos que nossos interlocutores tiveram entre a residência das famílias de origem e a sua própria e atual, procuramos evidenciar como a

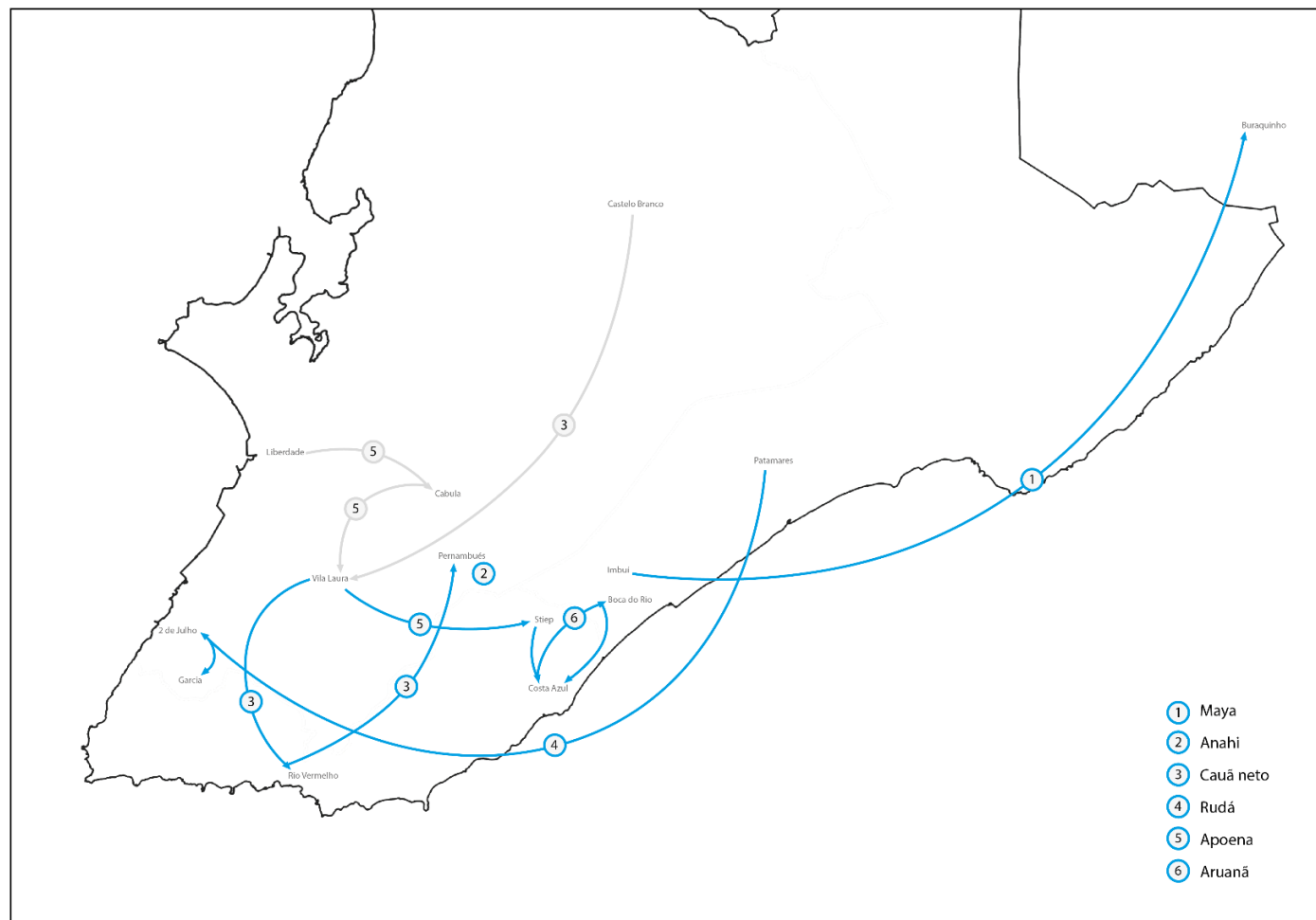
naturalização pela “*busca por melhores condições de vida*” estão imbricadas no jogo do fortalecimento do mapa social da cidade forjado, no início do século XX, e aprofundado ao longo dele.

## **CAPÍTULO 4 | ESTABILIDADE E INOVAÇÕES: AS ESCOLHAS HABITACIONAIS QUE FORJAM A TRAJETÓRIA DA TERCEIRA GERAÇÃO DA REDE 1**

Neste capítulo, vamos analisar as trajetórias da terceira geração da Rede 1, a Geração de Aruanã, formada pelos filhos e filhas dos interlocutores tratados anteriormente. Eles nasceram entre a segunda metade da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980. Vamos perceber que estas pessoas já não estão tratando com um histórico recente de escassez ou de luta por estabilidade econômica na sua infância. Desta forma, eles não têm receio de tomar decisões, em alguns casos, em direções diferentes das dos seus pais.

Vamos perceber que alguns destes filhos vão optar por morar próximo dos pais, conseguem comprar seu primeiro imóvel antes de se casar e sem ter o casamento como objetivo a curto prazo, saem da casa dos pais para viverem em outras cidades e também de aluguel. Assim, as escolhas desta geração equilibram estabilidade e liberdade de tomar decisões.

Os interlocutores da geração de Aruanã são: o próprio Aruanã Pitanga (filho de Jandir Filho e Jurema Aroeira), Anahí e Rudá Paraguaçu (filhos de Yara Pitanga e Araripe Paraguaçu), Maya Pitanga (filha de Jurandir Pitanga e Máira Tupinambá), Apoema Pitanga (filho de Amanacy Pitanga e sobrinho de Yara e Jurandir Pitanga) e Cauã Neto (filho de Niara Tupinambá).

**Figura 15 - Trajetória Habitacional da Geração de Aruanã da Rede 1**

Fonte: dados de pesquisa

Como podemos ver na figura acima, a trajetória inicial de Aruanã e Maya é muito parecida na forma, embora seus destinos sejam diferentes: viveram no mesmo bairro durante toda a infância e juventude, saíram da casa paterna apenas na vida adulta quando adquiriram seu imóvel próprio. Aruanã nasceu e cresceu no Stiep e foi morar no Costa Azul. Maya nasceu e cresceu no Imbuí e está se mudando para Buraquinho, no município de Lauro de Freitas.

Apoema nasceu na Liberdade, numa casa que seus pais alugaram na mesma rua em que sua avó materna morava. Apoema é filho de Amanacy, irmã mais velha de Jandir, Jurandir e Yara. Amanacy foi criada pela madrinha após a família chegar em Salvador, residiu na Mouraria até se casar, quando retornou para perto da família de origem.

No entanto, a família de Amanacy não permaneceu na Liberdade por muito tempo, quando Apoema tinha um ano de idade, a família se mudou para um imóvel próprio no bairro do Cabula. De lá, se mudou anos depois para a Vila Laura.

Já Anahí, filha mais velha de Yara, assim como seu irmão mais novo Rudá, nasceu em Patamares, num conjunto habitacional que os pais adquiriram ao se casar. Pouco tempo depois, a família se mudou para o Edifício Fábio, em Pernambués, nas imediações do antigo *Shopping* Iguatemi. Os dois cresceram neste bairro até a idade adulta, quando Anahí se casou e se mudou para um condomínio ao lado do edifício da mãe e Rudá decidiu viver autonomamente e alugou um apartamento no Dois de Julho, centro da cidade.

Por fim, Cauã Neto nasceu no bairro de Castelo Branco e se mudou com a família para o bairro de Vila Laura na adolescência. Permaneceu lá até se tornar autônomo e partir para apartamento próprio no Rio Vermelho.

O único interlocutor desta geração, cujos pais não participam da pesquisa é Apoema. A sua mãe Amanacy está passando por processos do Mal de Alzheimer e houve um certo desconforto dele com a proposta de tentar entrevistá-la. Já seu pai, mora em outra cidade, em Arembepe, Camaçari. Ficamos de ver a oportunidade de ter uma conversa quando ele estivesse na cidade, mas não aconteceu.

Então Apoema, assim como Aruanã, conviveu muito com a Dona Mayara, mãe de Amanacy e sua avó, na infância. Quando Dona Mayara faleceu ele estava com 14 anos. Ele recorda que passava muitos finais de semana e férias escolares na casa da avó. Além de acompanhar a mãe nas visitas regulares, quase semanais que fazia à avó e dos encontros para festejos familiares e religiosos.

Amanacy é a irmã de Yara e Jurandir que não foi criada com eles na Liberdade. Ela foi criada pelo padrinho, na casa da família da mãe, na localidade da Mouraria. Ela se casou com um rapaz do Curuzu, Caubi, e ante a possibilidade ou necessidade de morar na Liberdade, alugou uma casa ao lado da mãe biológica.

Sobre as características da rua ele rememora: “[A rua] já era asfaltada, a rua Raimundo Mesquita. [...] a rua de minha vó era no começo da ladeira. [Ela fica] do lado do Plano [Inclinado], do mesmo lado. A gente brincava aqui nessa ladeira, não era tão urbanizada, tinha um monte de barraquinhos, não tinha esses prédios.”

Voltando para o bairro de destino de Apoema após ter nascido na Liberdade, vamos analisar o Cabula. Este bairro situando na região denominada atualmente como Miolo<sup>23</sup> de Salvador, fez parte do segundo distrito da freguesia de Santo Antônio além do Carmo até o século XIX, permaneceu como zona rural, com muitos sítios e fazendas produtoras de laranjas até a década de 1950 quando uma praga destruiu as suas plantações. Havia povoações esparsas, formada especialmente pelos produtores e trabalhadores rurais.

Esta região estava distante da cidade original e passou a ser mais largamente povoada após a urbanização ocorrida na década de 1970, com a criação das avenidas de vale, inauguração do novo terminal rodoviário e do *Shopping* Iguatemi e principalmente com a abertura da Avenida Paralela e do Centro Administrativo da Bahia. A partir desta década, muitos conjuntos habitacionais foram construídos no Miolo da cidade, especialmente no Cabula, Pernambués, Saboeiro, Doron e durante a existência do Banco Nacional da Habitação e da vigência do Sistema Financeiro de Habitação.

Segundo Lima (2019 p. 59), assim como as regiões da Baía e do Subúrbio foram destinadas às camadas empobrecidas e a Orla reservada para as camadas médias e altas, o Miolo foi direcionado para a ocupação de camadas médias e de baixas rendas através da implantação de inúmeros conjuntos habitacionais construídos pela URBIS. Para ela:

*A URBIS teve uma atuação determinante na expansão urbana e configuração urbanística da cidade, gerando um padrão de urbanização extensivo e oneroso, pautado na lógica especulativa. [...] a concentração de conjuntos habitacionais no Miolo da cidade exigiu um alto investimento em redes de infraestrutura urbana e impôs um pesado ônus financeiro ao Poder Público para promover a desapropriação de milhares de terras ociosas. [...] Assim, as operações desenvolvidas pela URBIS participavam da estratégia*

<sup>23</sup> É denominada de Miolo o trecho entre a BR 234 e a Avenida Paralela no município de Salvador.

*dos governos municipal e estadual na conformação de um espaço metropolitano induzindo a ocupação de novos vetores de expansão urbana. (Idem)*

Pelo que se pôde apurar, a família de Apoema foi morar no Cabula em meados da década de 1970, estando então entre os primeiros moradores dos conjuntos habitacionais criados no bairro. Apoema compara os bairros da Liberdade e do Cabula, na sua infância:

*Na Liberdade a gente morava em casa, depois saí muito pequeno para o Cabula. A Liberdade era mais final de semana, nas férias, mas no Cabula era demais, era apartamento, era um condomínio. Eu acho que até pelo fato de ser um condomínio, não que fosse condomínio fechado, mas no Cabula eu ficava bastante na rua brincando com meus amigos.*

*Como era condomínio antigo não tinha playground, era uns prédios e tinha uma área entre um prédio e outro que a gente chamava de parque [porque], tinha uns seis brinquedos, tinha uma gangorra, aquele negócio de segurar nas argolas de balançar, tinha umas quatro escorregadeiras. Quando eu era pequeno brincava nesses brinquedos, depois a gente foi crescendo e aí foi tirando os brinquedos e virou um campo, a gente jogava bola, brincava de bicicleta, na parte de entrada desse parque tinha uma chácara enorme também que a gente invadia sem autorização, tinha pé de jambo e manga, a gente arrancava manga e jambo. Do outro lado do condomínio tinha uma outra casa com um terreno grande também que era cercado. A chácara no fundo, do lado esquerdo essa casa e do outro lado era uma serraria, a gente entrava na serraria pegava madeira para fazer trave para jogar futebol, tinha um buraco no gol que quando a bola caía nessa serraria a gente descia pelo buraco para poder pegar a bola lá na serraria. Na chácara tinha uns cachorros que a gente tinha que correr, mas a serraria tinha só o segurança, mas era tranquilo para gente. A gente saía de manhã de casa, voltava para comer e depois rua de novo até escurecer.*

E descreve a localização do seu condomínio: “*Era logo o primeiro [condomínio]. Você não sobe a Ladeira do Cabula? Subiu a Ladeira do Cabula, virou ali a esquerda no posto de gasolina, logo em frente ali. Tem quatro prédios, quatro andares cada um*”.

As descrições de Apoema sobre sua infância e adolescência no Cabula revelam as características de um bairro em formação, que mesmo com estrutura urbana e equipamentos de lazer para crianças, como era próprio dos conjuntos habitacionais daquela época, ainda comportavam a “liberdade” das brincadeiras com acesso aos caminhos, fazendas e terrenos baldios do entorno da residência.

Esta liberdade é muitas vezes associada à vida rural, à moradia em casas térreas e à de muitos bairros populares. Assim como a amizade em grandes grupos de amigos da mesma rua ou condomínio, e entre as famílias que também se conheciam e mantinham relações. Ele demonstra um destes aspectos ao comparar o Cabula com a



residência atual em um apartamento no Stiep, bairro para o qual se mudaram quando se casou:

*Quando mainha morava em apartamento na época do Cabula era bem diferente assim, era tipo... dia de sábado mainha deixava a porta aberta, botava o som lá na sala e aí outros vizinhos deixava a porta aberta, lá tinha essa interação de mainha ir na casa da vizinha ficar batendo papo e vice-versa a vizinha ir lá em casa, a vizinha de porta também, ainda tinha mais uma interação. Eu não se é o nível social o fator determinante... A gente fala com o prédio todo, mas a gente nunca fica com essa porta [da frente] aberta. Já lá no Cabula eu falava com o prédio todo e as portas ficavam abertas.*

A convivência muito próxima entre vizinhos, adultos ou crianças, de maneira amistosa, emoldura as lembranças de Apoema e nos remete a pensar no que poderia produzir tais vínculos, qual seria a fonte desta disposição para a interação íntima e que não se encontra em condomínios de apartamentos novos.

Ele mesmo sugere a hipótese de ser o “nível social fator determinante” para o desenvolvimento da solidariedade e reciprocidade entre entes, transformando-a em uma comunidade. Esta hipótese parece muito similar à opinião compartilhada por seu tio Jurandir, quando disse, sobre a Liberdade, “quanto maior a pobreza, maior o calor humano”.

Embora pareça um dado do senso comum, a associação entre baixa suficiência econômica e alta solidariedade/dependência econômica, assim como os altos recursos econômicos levam a baixos laços sociais, Bauman tratou deste tema em seu livro “Comunidade”, revelando que autonomia econômica e baixa dependência de vínculos sociais/comunitários se identificavam com os valores do mundo moderno, sendo esta condição estimulada e melhor reconhecida que a hipossuficiência econômica e a dependência de vínculos sociais e comunitários valores identificados com modo de vida pré-moderno/tradicional.

Além destas possibilidades, Niara, que também mora em Vila Laura, como vimos no capítulo anterior, e pertence à geração da mãe de Apoema, nos dá pistas sobre a dificuldade de afinar laços com novos moradores de um condomínio novo no bairro: ela nos aponta que a alta rotatividade dos apartamentos usados para renda de aluguel por seus proprietários dificulta a aproximação, além do ritmo de vida, seu e de seus filhos, tornar a convivência muito escassa, uma vez que a maioria dos moradores sai muito cedo e retorna tarde da noite.

Por meu turno, penso que pode ser acrescentado a estes elementos a adaptação à vida de condomínio e o aumento do valor da privacidade e da intimidade por gerações

que já vêm de uma vida pregressa em condomínio. Os novos condomínios em bairros com *status* em ascensão atraem pessoas de estratos sociais diversos, tanto de bairros e condomínios de *status* quanto superior ou inferior. Esta variação era evidente na formação de bairros como Cabula e Castelo Branco, para ficarmos nos exemplos dos bairros das pessoas citadas.

Assim, o Cabula representava um misto de experiências para as famílias que aderiram aos conjuntos habitacionais e condomínios do período de expansão para o Miolo da cidade: oferecia condições de pagamento e acesso a moradia em condições formais em um bairro formal com reputação em construção, mas com egressos de bairros populares que produzia uma experiência de vizinhança típica de bairros populares e/ou rural nos quais prevalecem a confiança e a solidariedade.

Diferente do Cabula, a Vila Laura não parece tão amistosa e acolhedora para Apoema. A família se muda para lá no final da década de 1990. Ele já era um jovem adulto quando se mudam e além de não encontrar uma turma da mesma idade com quem pudesse interagir, tal como fazia com os amigos do Cabula, a estrutura do condomínio era diferente e não lhe parecia agradável:

*A Vila Laura já não era tanto como eu me lembro de coisas como era na Liberdade e como era no Cabula. Eu lembro que apesar de ser um condomínio grande e aberto o prédio que eu morava já era fechado, tinha garagem fechada, porta, portaria, não tinha porteiro, mas portaria e portão... não era aquela coisa aberta como era no Cabula. No Cabula [se] alguém chegasse ia bater direto lá na porta de casa, não tinha nada assim [impedindo a entrada]. Depois com um tempo botou... lá em casa mesmo tem uma grade, tem um vizinho, tem uma grade logo com o vizinho, depois fora do condomínio tem outra grade e lá recentemente na entrada do condomínio foi fechado, mas do início era tudo aberto até por essa questão da segurança, né? A gente morava no térreo, a única coisa que tinha era uma grade na janela, uma grade de ferro, agora já fazendo um paralelo, depois que botou a grade na frente, botou uma grade na entrada do condomínio e botou a grade lá na frente onde ficavam os carros, foi necessário nessa questão da segurança a gente foi se cercando. Quando foi já lá pra Vila Laura já era tudo fechado com grade, portão, vamos dizer assim.*

*Era um prédio recém-construído, no condomínio Vila Verde, ali. Já era um prédio maior, mas não tinha uma área de lazer como tinha no Cabula, era um prédio com um play e só, não tinha piscina, não tinha nada, então nessa fase aí eu já deixei de curtir tanto assim, descer para brincar, conversar com a galera, já não tinha tanto. Eu não lembro da gente estar descendo para brincar com uma galera assim não, talvez umas 10 pessoas no máximo.*

A ênfase neste momento do seu relato é para os aparatos de segurança que foram incorporados à estrutura do condomínio do Cabula aos poucos, à medida que a necessidade se impunha, os quais já estavam todos instalados no condomínio novo para onde se mudaram, na Vila Laura.

Neste ponto do relato, ele parece colocar nos aparatos de segurança e na diminuição da sensação de liberdade a causa do afastamento entre as pessoas do seu novo prédio. Esta hipótese também sugere importância na medida em que se aumenta a necessidade de segurança pessoal e patrimonial pode haver uma diminuição da confiança aos vizinhos, pessoas com quem ainda não se construiu vínculos mais próximos.

A Vila Laura é um bairro com densificação recente, situado na região de Brotas. Muito próximo aos bairros que já reportamos como Cosme de Farias, Matatu e Luís Anselmo. Como outros bairros da região, era uma antiga fazenda, cuja proprietária se chamava Laura<sup>24</sup> e foi transformado em loteamento aos poucos pelo seu proprietário Coronel Frederico Costa, em meados do século passado. É o segundo bairro mais jovem da antiga freguesia de Brotas, o caçula é a Cidade-Jardim, oficialmente reconhecido como bairro com a aprovação da lei municipal de 2017.

Este bairro tem localização estratégica para a dinâmica urbana atual da cidade. Fica numa região central e alta da cidade, com reputação de classe média consolidada; tem saídas para o bairro de Sete Portas, para a Rótula do Abacaxi e Avenida Bonocô, além de estar muito próximo à nova centralidade da cidade, a região do antigo *Shopping Iguatemi*, assim como da mais antiga: Avenida Sete de Setembro.

Desmembrado do bairro de Matatu, está de frente para o bairro da Cidade Nova por um lado e ainda para o Cabula em outra ponta. É um bairro residencial que consolidou estrutura de serviços ao longo do tempo e que, em duas fases marcantes, entre as décadas de 1980 e 1990 e o boom imobiliário de 2009, cresceu rapidamente com a implantação de muitos empreendimentos imobiliários verticais, convivendo com as casas térreas de épocas anteriores.

Entre as marcas do período do final do século passado, estão empreendimentos de até 4 andares, com poucos equipamentos para uso coletivo do condomínio. Já os novos empreendimentos têm padrão mais alto, com mais de dez andares e muitos itens de uso coletivo e de lazer, ainda que prédios menores ainda sejam construídos como veremos mais à frente e muitas casas grandes persistam especialmente nas ruas transversais à Rua Raul Leite, principal do bairro.

---

<sup>24</sup> Cf. informação dada por uma interlocutora que também morava na Vila Laura, mas confirmada por muitos artigos de jornais, blogs e sites.

Assim, a mudança da família de Apoema para o bairro foi motivada pela busca de mais conforto num apartamento maior e de mais qualidade de vida e segurança para a família, como ele nos diz:

*Não sei é sobre o efeito do que eu acredito hoje, mas qual foi nossa intenção ao mudar, na verdade partiu de mainha, foi mudar para um lugar um pouco maior, o nosso apartamento anterior tinha dois quartos, lá tinha três quartos, tinha uma estrutura melhor, tinha garagem, não era privativa, e não tivesse vaga marcada por apartamento mas a hora que a gente chegasse tinha lugar para estacionar, em teoria lá era um bairro mais tranquilo que o Cabula, mainha tinha muita preocupação com esta questão de segurança, então, com a intenção de mudar para um lugar mais confortável, maior, mais novo e em teoria mais seguro.*

Embora também fosse um bairro relativamente novo quando a família se mudou para a Vila Laura, ela já tinha *status* de bairro de classe média, assim como outros bairros de Brotas. E estes aspectos engendrados espacialmente promoviam a ideia de ser mais seguro, algo que Apoema põe em xeque quando diz que “em teoria” ser “mais seguro”, mas não apresenta elementos que desfaçam tal ideia. A família vai para uma região considerada superior à que vivia antes.

Apoema tem formação técnica e trabalha na Petrobrás. Prestes a casar com Indira, pensou em comprar um apartamento para a família que formaria:

*A gente pensava antes de casar em apartamento, a ideia foi essa. Na verdade, não tinha decidido em qual bairro ia ser, mas acho que a gente pensava no Imbuí, a gente olhou tanto apartamento, olhamos no Imbuí, olhamos na Pituba, olhamos aqui pelo Stiep também. Olhamos no Cabula, amor? Olhamos no Cabula também, um bairro que a gente já morava e eu gosto de lá do Cabula, mas na época no Cabula não tinha tantos prédios novos não. Como a cidade estava crescendo mais pro lado de cá [do Stiep], a gente queria um prédio novo, os novos a maioria era para os lados de cá. Antes não tinha tantos na Paralela como tem hoje, Paralela na época tinha poucos prédios, era mais Imbuí, tinha alguns no Cabula, mas poucos, lembro de alguns na Vila Laura, eu morava por ali também, então chegamos a ver alguns na Vila Laura. A irmã de Indira morava na Pituba, eu lembro que a gente olhou perto de onde ela morava, ficamos nessa pesquisa, passamos um bom tempo pesquisando porque comprar um imóvel não é uma decisão fácil de se tomar.*

O casal demorou um tempo na pesquisa do imóvel ideal, que atendesse suas expectativas, especialmente queriam um imóvel novo num condomínio. Foi quando seu pai, separado da mãe havia algum tempo, sugeriu que visse um novo empreendimento próximo ao que ele estava morando.

*Na época meu pai morava nesse prédio aqui, nesse daqui da frente e ele falava bem da construtora, do acabamento e tudo mais e aí a construtora começou a construir aqui, acho que foi meu pai mesmo que apresentou a gente a construtora. Geralmente quando você compra um prédio na planta é mais vantagem, você consegue escolher, se você for logo no início consegue escolher o andar, a posição. Por eu já ter visto o acabamento, meu pai falava bem da construtora aí foi uma mão na roda, quando a gente veio que viu o projeto a gente gostou, a gente pegou logo no início da construção.*

Então, ele relata qual a relação tinham quando decidiram pelo bairro:

*Antes de vim morar aqui era só meu tio [Jandir Filho] que morava ali na parte das casas, não tinha nem o Salvador Shopping ainda, então a gente passava aqui mesmo de passagem, na casa de meu pai a gente vinha pouco ou raramente, não víamos muito no prédio dele, a gente praticamente não vinha nesses lados de cá não. Era só de passagem indo pra praia talvez...*

E descreve a região, quando chegaram para morar:

*Só tinha esse [prédio em frente no qual o pai morava], essas três torres só e a nossa, depois... não tinha nada, eram só esses três, depois veio esse aí já não lembro mais. Antigamente a faculdade o acesso era por aqui [pela rua deles], [a entrada era] no final da rua ali.*

Já seu primo Aruanã nasceu e cresceu no Stiep, viu a transformação completa da região da Avenida Tancredo Neves sendo engendrada enquanto nova centralidade da capital baiana, como vimos no capítulo anterior, no qual ele lembrava a sua infância e comentava o quanto o bairro era distante de tudo.

No início dos anos 2000, ele começou uma poupança para adquirir imóvel com os recursos ganhos na atividade na formação técnica que havia terminado em 1998. Então, entrou num consórcio imobiliário:

*eu comprei o apartamento em 2005, então devo ter feito esse consórcio em 2003, fiquei pagando, tinha um carrinho na época, fiz as contas, peguei um consórcio em um valor razoável e aí fiquei pagando, pagando aí estipulei mais ou menos onde eu queria morar e o que eu queria comprar. O objetivo era Rio Vermelho, Costa Azul e, no princípio, Imbuí, mas depois descartei Imbuí e ficou Rio Vermelho e Costa Azul. Rio Vermelho tudo o que eu gostava era muito caro ou muito velho, muito caro não dava, era inviável e muito velho eu tinha que botar dinheiro para consertar e aí Rio Vermelho fui deixando de lado e aí comecei a ver Costa Azul e aí pintou essa oportunidade fui lá, fiz negócio com o cara e aí nessa onda passei meu carro, raspei tudo o que eu tinha, acho que eu tinha umas 2 bicicletas aqui na época, botei a bicicleta pra frente, botei carro, botei a porra toda, botei dinheiro em cima e foi quando eu me piquei.*

[...]

*[exclui o Imbuí] porque eu tava pensando em procurar um prédio pequeno, um prédio com uma certa idade, não podia ser um prédio muito novo porque o valor dele era muito caro, tinha que ser um prédio mais velho porque com*

*pouca infraestrutura o condomínio ia ser mais barato, 3 a 4 andares, mas sem elevador, minha preferência nascente com varanda, dois quartos, mais antigo, prédio pequeno, de preferência com uma varanda. Consegui quase tudo, mas a varanda no meu não tem, é um apartamento de fundo. Vi muita coisa massa e bonita aí bateu nesse aí de zero hora, eu peguei aqui o jornal, marquei uns dois e fui dormir aí depois liguei pra esse e fui lá ver era esse mesmo, o que eu tô até hoje. Imbuí eu descartei porque Imbuí não tinha os prédios como eu queria, Imbuí é sempre prédios maiores, tinha uma visão do Imbuí meio... aqui o Costa Azul o pessoal é mais familiar, por ser habitações menores, o espaços são menores, então você vê pessoas circulando mais, o Imbuí já era de transição, o Imbuí é meio que passagem, você tem Imbuí, Paralela, e Boca do Rio, então você tem muita circulação, uma área muito mais movimentada, aqui não, foi o mesmo cruzamento que eu tava procurando no Rio Vermelho, eu procurei na rua de trás que você não tinha aquela transição, era menos circulação, o que eu chamo de fronteira, você não tinha aquelas fronteiras de ir e vir é um bairro mais tranquilo, por isso que fiquei aqui, eu tinha mais ou menos formatado o que eu queria.*

Diferente do primo, Aruanã estabelece parâmetros que envolvem as características do bairro e suas limitações econômicas para a aquisição do imóvel. Ele compreendia quais atribuições deveria ter para atender suas expectativas, cumprindo seu orçamento. Quando o tipo de imóvel estava estabelecido, começou a comparar os bairros nos quais estava interessado e escolheu o que lhe pareceu ter mais aspecto familiar em sua estrutura, sem os característicos grandes corredores de acesso, afastando a convivência cotidiana. É o que ele pensa sobre o Imbuí, nesse caso.

Para ele, prédios de 3 e 4 andares tornam o bairro “familiar”, no sentido que permite maior proximidade, pois a densidade do bairro se torna menor e, portanto, pode-se conhecer quem mora no seu entorno e reconhecer forasteiros. Este entendimento reforça o desinteresse pelo Imbuí, bairro em crescimento, ladeado por uma grande avenida muito movimentada.

Mais recentemente ele alugou um apartamento na Boca do Rio, quando se separou da esposa. Ele passou poucos meses no bairro, mas o suficiente para se apegar e pensar em se estabelecer lá definitivamente. Pensou em adquirir uma casa no alto São Francisco, na Boca do Rio, mas desistiu do negócio. Após este tempo, retornou para o seu imóvel na Costa Azul.

Por sua vez, Anahí, filha de Yara e Araripe, cresceu no condomínio Fábio, situado na Rua Chorrochó, limite do bairro Pernambués, ao lado do Detran e da Estação Rodoviária. Ela cursou Relações Públicas e depois de anos trabalhando na iniciativa privada passou num concurso público para a cidade de Aracaju, em Sergipe, e foi assim que ela saiu de casa para seguir sua vida autônoma.

Quando estava em Aracaju, ela retomou o relacionamento com Cauã Neto. Decidiram se casar. Ela providenciou o retorno para Salvador e os dois procuraram um imóvel para comprar em “comunhão de bens”, pois, embora Cauã tivesse um apartamento no Rio Vermelho, o fato de ter apenas um quarto tornaria difícil a organização da vida com a chegada de um bebê que eles planejavam. Eles, então, buscaram um novo imóvel e encontraram um apartamento no Conjunto João Durval, ao lado do Condomínio Fábio, no qual ela cresceu:

*[Cauã Neto] Tinha a casa do Rio Vermelho, eu acho que em algum momento a gente chegou até conversar se eu ficava lá ou se procurava outro... Mas do meu ponto de vista a gente fez isso, procurou um outro lugar porque a gente queria casar, mas queria logo ter filho e lá era um apartamento de um quarto e a gente brincava que iria deixar a criança no cesto e tal, mas aí não dá pra deixar no cesto. Acho que a gente partiu pra... acho que um dos grandes incentivadores foi esse. [...]*  
*primeiro foi um acaso, na época se você perguntasse o bairro que eu escolheria era o Imbuí. A gente começou a procurar apartamento e aí surgiu esse apartamento, a gente veio visitar... não era uma questão vir morar no João Durval, até que existiu o anúncio desse apartamento e aí a gente perguntou a Cauã Neto se ele moraria aqui e ele disse que sim. A gente veio ver o apartamento, a gente gostou e a gente comprou o apartamento. Ele já estava mobiliado com os pratos, com os talheres, com essa mesa, com a televisão, com o sofá, com a poltrona, tudo, a cozinha inteira, os guarda-roupas. Hoje eu saíria daqui, mas Cauã Neto hoje é resistente pela facilidade do transporte porque está em frente à estação de metrô e daqui a gente sai para qualquer lugar, então é uma facilidade danada.*

Anahí ainda menciona a principal mudança nos dois condomínios desde a infância, um novo tipo social passou a ser predominante com a saída dos proprietários dos apartamentos:

*Aqui no conjunto e no Fábio uma mudança que aconteceu, mas não foi no ambiente físico foram as pessoas que vieram morar aqui porque denegriu, mais pessoas negras morando. As pessoas negras que estão morando aqui são as pessoas da Universal, a Universal aluga os apartamentos, são casais da Igreja Universal, tanto que aqui a maioria dos apartamentos alugados são da Igreja Universal.*

Como descrito anteriormente, esta rede é majoritariamente negra. Anahí é uma mulher negra que, como descreve Figueiredo (2012), tem tomado consciência e se posicionando quanto às questões raciais na vida adulta. Ela fala em denegrir não em sentido pejorativo, mas no sentido de ter aumentado a presença negra no conjunto habitacional. Ela quer demonstrar que o lugar passou a ser moradia de mais pessoas negras, perfil diferente do seu tempo de infância. Ou seja, os imóveis do condomínio estão passando ser objeto de renda e não de residência de seus proprietários.

Já seu esposo nasceu e cresceu no bairro de Castelo Branco, no final da juventude, a sua família decidiu sair de lá e ir morar num apartamento em Vila Laura, ele relata:

*Morava em Castelo Branco aí é uma coisa bem é... uma diferença de uma região periférica e sair de Castelo Branco pra ir morar em Vila Laura, quando saí de Castelo Branco em 1998, fui pra Vila Laura essa relação de pertencimento de local eu ainda me considero de Castelo Branco porque a formação dos laços de amizades ainda são de lá, vou pra lá. Inclusive, domingo que vem é aniversário do meu padrinho. Depois que saí de Castelo Branco [não fiz] amizade de Vila Laura, apartamento você não tem quase relação com a vizinhança até porque a forma de viver que eu já tinha [quando mudou] eu passava o tempo todo na rua, saía de manhã 7:30/8h e chegava em casa 23h. A gente passava a semana toda sem encontrar com painho, quando painho saía eu tava dormindo, quando chegava... eu só conversava com mainha e ele também dormia cedo e noturno lá em casa sou eu e minha mãe, a gente dorme tarde e acorda tarde e aí eu ficava uma semana sem ver... essa relação de território eu tenho... Criei mais vínculo no Rio Vermelho do que na Vila Laura, por exemplo, na Vila Laura não tem muita coisa... Quando fui morar em Vila Laura, onde a gente morava era tudo mato, só tinha dois prédios do lado e o resto tudo era mato. Em 2008, 10 anos depois fui morar sozinho.*

Cauã demonstra bastante percepção das diferenças entre os modos de vida que se tem em bairros “periféricos” e demais bairros de classe média nos quais morou. Revela que se identifica mais com o bairro no qual nasceu e cresceu, onde consolidou amizades. Ele conta que a forma de organização em condomínio diminui a oportunidade de encontro entre vizinhos, embora já estivesse numa fase da vida muito dedicada às atividades fora do bairro quando a família se mudou para Vila Laura.

Ele ainda reforça que seu estilo de vida se adequava muito mais ao do Rio Vermelho, onde foi morar sozinho em 2008. A vida noturna e a possibilidade de circular no bairro a qualquer momento traziam a ele maior sensação de bem-estar e pertencimento. Ao decidirem se casar, eles foram buscar o imóvel que garantisse o conforto que projetavam:

*Aí uma conversa que a gente teve em Aracaju, a gente tava lá e a gente tava falando sobre o apartamento aí Anahí falou "vai ter que quebrar essa parede", começou a falar um bocado de coisa, aí eu parei pra analisar... é melhor ter outro apartamento do que fazer investimento aqui e mesmo assim ainda vai ser pequeno. Aí eu pensei, vamos procurar outro, saiu mais barato e é algo que a gente vai construir juntos e aí a gente começou a procurar em três lugares, centro da cidade, Imbuí e tinha outro... Rio Vermelho! Centro, Imbuí e Rio Vermelho. A gente começou a procurar nos lugares e a gente veio, aí a gente estabeleceu um teto [de preço]... Mas voltando a escolha do bairro a gente deu uma pesquisada aí os apartamentos no Imbuí, o custo-benefício dos apartamentos no Imbuí era péssimo. Ou tinham apartamentos que era novo e muito caro ou tinha apartamentos usado que não teria o que a gente queria, se fosse morar teria*



*que fazer reforma e o condomínio era super caro aí por um acaso olhando apartamento vi um apartamento...  
aí ela falou assim: tem um apartamento no João Durval. Só que aí eu pensei, eu trabalhava na Odebrecht na época aí o João Durval... é uma localização boa era pertinho, e tal. Tá, vamos olhar. Aí quando foi olhar era conhecido dela...*

Assim, com o surgimento do anúncio do imóvel no Conjunto João Durval, eles resolveram ficar e desistiram de continuar buscando alternativas nos bairros eleitos como prioridade anteriormente.

*No Rio Vermelho também era muito caro os apartamentos interessantes. Apartamento no Rio Vermelho com dois quartos é muito caro, R\$300/400 mil. Imbui o que a gente tinha falado antes, o que era mais em conta a gente tinha que investir depois em reforma. Esse tava mobiliado, tudo isso aqui já tava, menos esse rack e essa peça.*

Assim, foram determinantes o custo-benefício e a localização do imóvel em relação às condições de mobilidade, pois o conjunto está perto de uma estação do metrô, a menos de dez minutos caminhando.

Por seu turno, o irmão de Anahí, Rudá, seguiu por outras escolhas habitacionais. Economista e mestre em Economia, Rudá saiu de casa antes de Anahí e decidiu fazer o caminho oposto aos demais membros da família. Ele foi para o centro da cidade, alugou um apartamento no bairro Dois de Julho e alguns anos depois se mudou para o Garcia, outro bairro do centro, onde vive atualmente com a namorada.

*Eu não sei o que foi que me encantou [no Centro] não, mas talvez foi uma memória afetiva que ficou ali daquele lugar de passear com minha mãe e tal e aí ficou uma memória afetiva do centro, mas eu sempre voltei pro centro, acabei voltando ao longo de minha vida. Deve ser por isso que tô aqui até hoje, aqui no centro, não sei qual foi a lâmpada que se acendeu "ah, gosto do centro". Hoje eu tô consciente porque eu gosto do centro, porque eu não sei, talvez seja um pouco, eu não sei de verdade, mas eu acho que os centros das cidades, de todas as cidades acho que acaba sendo um bom resumo do espírito da cidade, pode ser que eu esteja errado que não tenha nada a ver. Não sei, eu acho que Salvador, pelo menos na minha perspectiva, tá muito presente aqui no centro, na beleza, na feiura, na falta de organização, na impessoalidade das pessoas, do caos, da violência. Eu acho. Impessoal não, meio que pessoal, né? Eu acho. Hiperpessoal, na verdade...*

Além das memórias de infância dos passeios com a mãe na Avenida Sete de Setembro, a experiência de cursar Ciências Econômicas na Faculdade de Economia da UFBA, situada à Praça da Piedade, foi importante catalizador da sua perspectiva de cidade e do fortalecimento da relação com o centro:

*Mas durante a faculdade eu tive um convívio muito intenso com o centro, pela faculdade em si e porque a maioria dos amigos moravam aqui, tinha M. [apelido do colega] que morava em Nazaré, S. morava no Campo Grande, E. [apelido de outro colega] mora aqui no Garcia aí ficou tudo aqui, então a nossa diversão de faculdade era muito ir pra bar, basicamente era bar. A gente ficava em bar, nesses bares aqui do centro todos: Chuleta, Integral, no Canela tinha um também... L. também uma grande amiga, morava no Canela, A. morava na Graça. A gente ficava muito pelo centro. [...] a percepção que eu tinha da rua era maravilhosa, era maravilhosa! Acho que até hoje eu tenho. Eu gosto muito da noite, então tinha meio aquele sentimento de - porra, véi, a gente tá vivendo Salvador! Salvador de verdade é isso aqui, é essa galera. Isso pra mim era tudo muito novo, quando eu comecei a fazer faculdade eu praticamente não encontrava mais ninguém do [colegial]... ninguém assim, tinha aquela coisa de encontro colégio e tal, mas era uma outra realidade assim não tinha mais laços com essa galera. A gente ia para lugares... esses barzinhos, botecos frequentavam todo mundo e era muito bom, a percepção que eu tinha era essa: - Rapaz, Salvador é isso!*

Poucos interlocutores conseguiram encetar explicação ou definição para suas escolhas de moradia e de experiência da cidade como Rudá. Ele se define como um apaixonado por Salvador e acredita que o Centro Antigo da cidade engendra possibilidades de interação em espaços públicos que não podem ser alcançadas nos bairros da orla. Mesmo reconhecendo suas desigualdades e contradições, ele vê que Salvador se expressa verdadeiramente enquanto tal através da vida do centro da cidade:

*No mais eu acho que são as pessoas, as pessoas e o que tem nessa cidade porque Salvador não é Disney, Salvador é uma cidade escrota, desigual pra ca\*\*\*\*o, é racista pra ca\*\*\*\*o, é oportunista pra ca\*\*\*\*o, ou seja, muito complicada, muito difícil, muito caótica, mas no meio disso tudo tem alguma coisa muito boa que eu não vou saber explicar o que é, essa baianidade, essa coisa. Eu acho que o centro resume muito isso tudo, você vê gente lá pegando comida do chão, nos bares você vai ser abordado por pessoas marginalizadas, são essas vivências, mas ainda assim tem uma coisa que é muito boa, é uma coisa que é... não sei, acho que o Itaigara não vai me proporcionar isso aqui que a gente vive aqui, bem ou mal... Itaigara porque é bairro de qualquer cidade, pelo menos pra mim, Itaigara deve ter outras referências já. Eu gosto de Salvador pra cac\*\*e. É difícil eu explicar por que, mas eu gosto muito dessa cidade... [...] Salvador possui o que eu quero, possui o que eu gosto que é essa área daqui, por exemplo, eu não gostaria de sair daqui pra ir pro Itaigara ou ir pra Pituba, eu acho que não. Eu gosto muito disso daqui e uma diferença que é porque as pessoas que vivem a cidade, muitos prédios são antigos não tem esse negócio de play, as pessoas vivem a cidade, tem que sair de suas casas pra vim pra cidade, vai ali comprar um negócio e aí é uma coisa que eu gosto muito de poder bater perna pela cidade, de poder andar.*

Ele dá ênfase à experiência em espaços públicos e as possibilidades de encontro que estes espaços proporcionam no cotidiano da vida no centro, coisas que ele foi buscar para a vida adulta dele pois não experimentou na infância nem

adolescência, ainda que frequentasse outros bairros da cidade além do seu e das experiências no seu condomínio e entorno.

Rudá atualmente trabalha na Bahiagás, assim como seu primo Aruanã, e escolheu atravessar a cidade de casa para o trabalho todos os dias a permanecer morando nas imediações em que sempre morou e para onde se deslocou o centro financeiro e comercial da cidade.

Por fim, temos Maya, a filha de Seu Jurandir e Inara, a última interlocutora desta geração. Ela nasceu e cresceu, passou a vida inteira no bairro do Imbuí, único imóvel que os seus pais adquiriram num dos primeiros condomínios do bairro. Há pouco tempo, ela adquiriu um imóvel e está indo morar em Buraquinho, no município de Lauro de Freitas. Ela nos conta como deu este passo na sua vida:

*Eu sempre tive vontade de comprar algo, eu sempre falei em comprar uma casa, eu queria uma casa e tal, só que dinheiro eu não tenho, ousadia que é o que eu tenho muito (risos) e eu sempre falava com minha mãe: "eu trabalho e tal, mas eu moro aqui com vocês e o dinheiro é pra mim tudo é pra mim", eu disse assim: "não, eu tenho que fazer alguma coisa, comprar alguma coisa pra mim, ter alguma coisa minha. E aí eu saindo recebi alguma coisa [panfleto] aí vi um apartamento no Jardim das Margaridas da MRV aí "um apartamento assim X, não sei o que dá pra botar seu salário e tal" aí eu disse sim, porque a gente tinha um imóvel, Moana antes de falecer, ela tinha comprado um aqui no alto do Salvador, atrás do Extra da Rótula.*

Seu interesse inicial sempre foi comprar uma casa de praia, mas sua condição financeira, até o momento, não lhe dá condições de acessar tal desejo. Ela é pedagoga, atualmente trabalhando no Senai. Então, como meio de investir o dinheiro que vem recebendo, já que tem poucos custos morando com os pais, ela resolveu comprar um apartamento.

Maya é a filha mais nova do casal, que teve duas filhas. A primeira, Moana, faleceu em um acidente de carro, em 2011. Ela estava noiva e havia comprado um apartamento em Luís Anselmo. Com seu falecimento, os pais decidiram dar o apartamento a Maya. A preocupação com ela também aumentou muito após este trauma, sendo este um dos motivos para ela ter aceitado entrar no negócio do apartamento. Ela continua:

*E aí a gente ficou com esse apartamento, meus pais quiseram manter esse apartamento só que aí começou a ter muito gasto, acho que até 2015 que ficou com o apartamento aí resolveu vender. Aí pegou o dinheiro a gente ficou e aí [os pais] falavam "depois a gente vê outra coisa, depois a gente vê outra coisa" e aí esse do Jardim das Margaridas eu fui lá um dia, me levaram pra ver, a entrada assim - ah, legal o condomínio assim, mas eu já tinha*

*ouvido falar de um que era em Buraquinho que é o mesmo perfil só que mais próximo a praia que é logo ali na entrada de Buraquinho, não queria térreo, queria mais um lugar mais alto que tinha varanda, que tinha elevador e tudo aí ele ficou procurando. E quando chegou [lá no leilão] apareceu esse outro do térreo "ah, vamo ver e tal" eu não ia ficar [insistindo em querer outro em andar alto], era a oportunidade que tava tendo que se encaixava com o que dava pra pagar aí eu disse - então vamo ver -, só que ele falou assim "vai ter leilão também", então tá bom, só que aí meu pai e minha mãe que entraram no leilão, quer dizer, tinha que dar um valor aí quando ele me ligou disse que não tinha conseguido e aí eu disse - tá bom, beleza - só que meu pai e minha mãe quiseram me fazer uma surpresa no dia do meu aniversário, foi um presente de aniversário "aqui é seu, assinar documento e tal", foi meu presente de aniversário eles me deram a entrada [do apartamento] no leilão e eu tô com o financiamento a perder de vista e aí pronto. Ficou lá, comecei a arrumar depois que recebi a gente começou a arrumar, foi ano passado, recebi a chave em março do ano passado.*

Embora Maya tivesse interesse em comprar um imóvel, o papel dos pais foi determinante para a aquisição. Eles buscaram os empreendimentos, visitaram os locais, participaram dos leilões e deram a entrada no imóvel como presente de aniversário. O único desejo dela atendido foi a proximidade da praia, ela chama de “apartamento de veraneio”.

Seu pai assume a insistência na compra do imóvel, repetindo de alguma forma o incentivo que a sua mãe lhe deu em sua juventude:

*A gente insistiu, insistiu e ela comprou. É um Minha Casa Minha Vida, mas é muito bom. Tem piscina, tem tudo... quando eu liguei era o último, ela: 'ahhh meu pai...' Eu disse, minha filha você não tem condições de comprar uma coisa cara, você tem que comprar algo que você pode pagar, eu não vou ficar pagando prestação..."*

Embora comprado há mais de um ano, ela ainda passa mais tempo na casa dos pais, sente que ainda se preocupam e ela compreende os motivos, por isso demorou tanto tempo arrumando o apartamento, comprando móveis e ainda não sabe quando vai se mudar definitivamente. “*Eu tenho ido mais aos finais de semana, vou sexta e volto domingo... na verdade são eles [os pais] que tem aproveitado mais*”.

O imóvel no caso de Maya assume o papel de investimento e de segurança perante algum revés da vida. Seus pais muito ciosos pelo seu futuro orientaram para onde ela deveria caminhar, assim como foi feito com eles na sua juventude, ainda que ela não esteja casada nem tenha previsão de quando irá formar família. Assim, para esta rede familiar, a casa própria é um porto seguro.

#### 4.1 | Estabilidade econômica e social: o legado da segunda geração em ação

A terceira geração segue de perto os passos no caminho trilhado pelos seus pais. A maioria dos interlocutores desta geração sai de casa para seu imóvel próprio adquirido de formas variadas, mas quase todos envolvendo algum tipo de compra a prazo: financiamentos e consórcios.

Após já estarem com seus imóveis é que alguns deles vão formar suas famílias e residir nos imóveis já existentes. Apenas Rudá não adquiriu nenhum imóvel no momento de nossa conversa e nem tem perspectiva de compra em futuro breve. Ele parece gostar das experimentações e liberdade que a moradia em casas de aluguel pode proporcionar.

Dos interlocutores do sexo masculino, apenas Rudá não fez curso técnico no ensino médio. Os outros três fizeram e atuaram profissionalmente com esta formação. Apoema e Aruanã ainda atuam na área técnica, mesmo tendo formação superior. Cauã Neto atua profissionalmente na sua área de nível superior.

As interlocutoras também fizeram ensino superior e atuam na sua área de formação. Uma é servidora pública, a outra é da iniciativa privada. As duas saíram de casa antes de se casar. Uma para trabalhar fora do estado da Bahia, e a outra para ter sua própria casa e começar vida autônoma.

Todos seguiram o caminho da educação como meio de inserção profissional de maior remuneração. A maioria escolheu o serviço público como vínculo de trabalho, oportunizando estabilidade e segurança para planejar o seu futuro e de sua família.

Foi a estabilidade profissional numa grande empresa pública que proporcionou a Apoema a possibilidade de viver numa pequena cidade do interior do Mato Grosso como desejava e ainda deseja sua esposa. Ali eles também construíram uma casa e pretendiam passar alguns anos experimentando um modo de vida menos estressante de uma metrópole. Ainda vinculado a mesma empresa, ele também se transferiu para Aracaju e vivenciaram a estada numa capital de proporção menor que Salvador. Até decidirem retornar para o mesmo apartamento no qual formaram família. E não nutrem vontade de mudar de bairro, em Salvador. O casal está satisfeito com as possibilidades que o bairro oportuniza e com as qualidades do seu apartamento e do condomínio.

É a estabilidade profissional no serviço público que também tem oportunizado a Aruanã e Rudá buscarem alternativas de moradia que não os vulnerabilizaram em

momentos de mudanças na configuração de seus relacionamentos pessoais. Aruanã se separou da esposa, morou em outro bairro, passou um tempo no seu apartamento, e ele o alugou durante um tempo também, antes de retornar. Já Rudá morou com uma outra namorada antes desta, num dos apartamentos que alugava no Dois de Julho. A configuração de seus relacionamentos não o limita na escolha de sua forma de moradia.

Por fim, os interlocutores desta geração repetem o feito de seus pais, ao optarem por um imóvel próprio no início de sua vida adulta, oportunizado pela renda obtida com empregos em áreas técnicas e de formação superior em bairros já consolidados e com *status* de classe média.

Assim como a maioria dos seus pais, agrupados na geração anteriormente tratada, todos eles alcançam o ensino superior e atuam em áreas técnicas ou da sua formação superior. Muitos atuam no serviço público, garantindo sua estabilidade. Compraram seus imóveis aderindo a algum tipo de crédito imobiliário e veem a casa própria como um valor a ser assegurado logo no início da vida adulta, para onde vão ao sair da casa da família de origem.

Por outro lado, diferem de seus pais na forma como lidam com o casamento, não sendo a formação da família o motivo principal para a saída de casa. Não vão apostar seus rendimentos em imóveis em novos bairros sem *status* construído. Ao contrário, buscam por localização em bairros consolidados e reputação de classe média.

As exceções entre as escolhas habitacionais estão na trajetória feita por Rudá que optou por se voltar para o centro de Salvador, morando em apartamentos alugados e na de Maya que adquiriu um apartamento num programa popular em bairro de Lauro de Freitas, com perspectiva de melhoria de *status* na medida em que o vetor de crescimento voltado para este município se fortalece. No caso de Maya esta escolha se parece muito com a feita por seus pais quando se casaram e optaram pelo Imbuí: eles também apostaram num novo vetor de crescimento que se consolidou como bairro de classe média.

Assim, as escolhas expressas na trajetória em curso destes interlocutores refletem o aprendizado e o sucesso nas escolhas dos seus pais, engendrando-se como exemplos de uma ideia corrente na qual a escolarização e o ingresso no serviço público são caminhos para a superação das mazelas sociais historicamente impostas a este tipo social dominante na cidade do Salvador.

## **CAPÍTULO 5 | OUTRO LADO DA MESMA HISTÓRIA: A BAÍA DE TODOS OS SANTOS COMO MORADIA FIXA OU TEMPORÁRIA DE UM GRUPO DE AMIGOS**

Nesta seção nos debruçaremos sobre as trajetórias iniciais da Rede 2 e seus núcleos familiares, analisando primeiramente o fluxo habitacional ainda com suas famílias originárias. Neste caso, são as opções de moradia feitas por seus pais. Diferente do grupo familiar analisado anteriormente, uma parte grande destes interlocutores abandona a Baía de Todos os Santos ainda junto a seus pais. Esta região é tratada como uma parada provisória e não definitiva para a maioria deste grupo, perdendo a relação com os bairros ao longo do tempo.

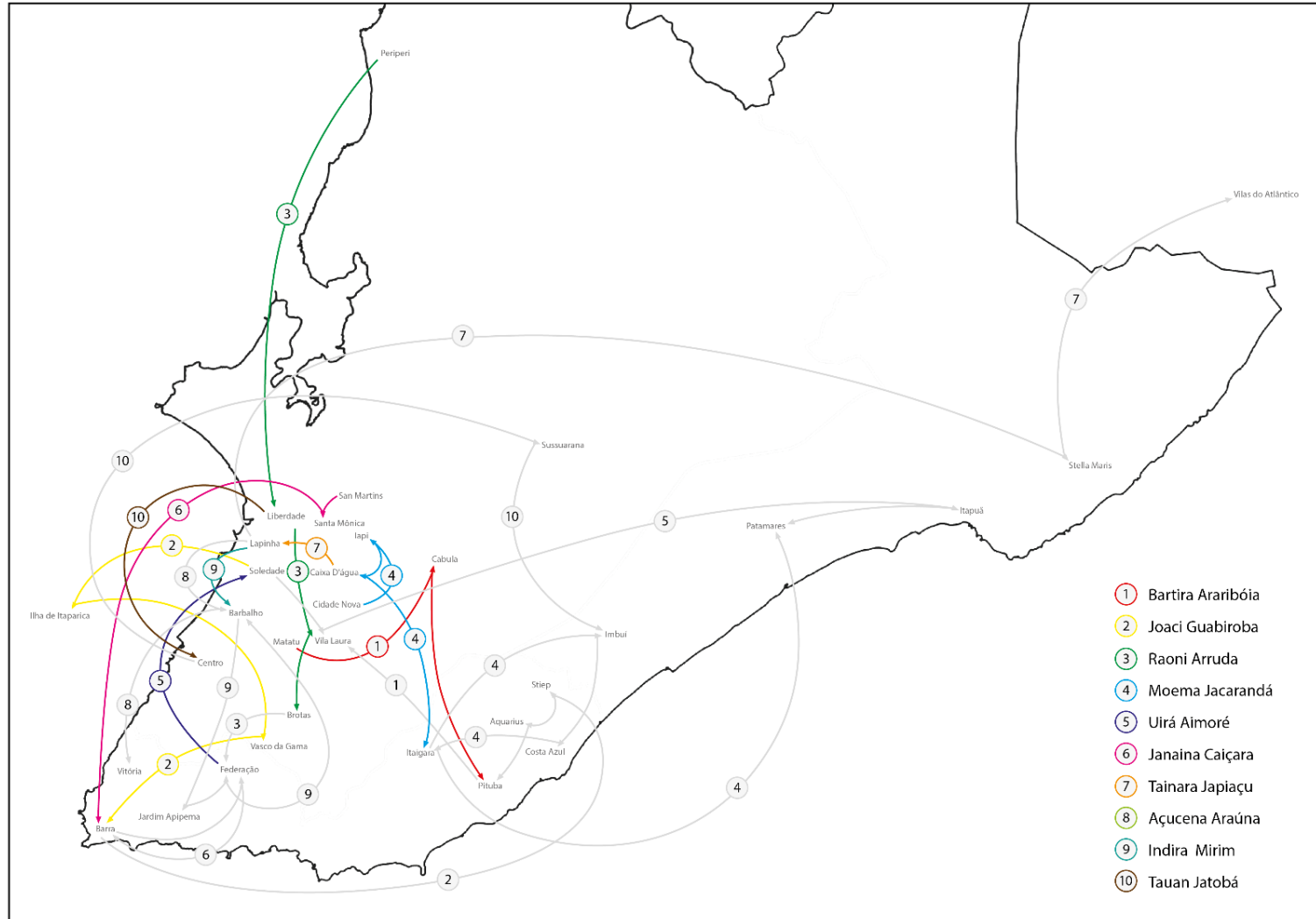
Além disso, a casa própria não é uma meta a ser alcançada por seus pais. É, antes de tudo, um ponto de partida em que vão estabelecendo suas escolhas habitacionais. Poucos deles não possuem casa própria quando iniciam a vida adulta. A trajetória autônoma dos progenitores dos nossos interlocutores é feita negociando o bem imóvel, comprando e vendendo suas residências.

A Rede 2, como descrita no capítulo 1, é composta por amigos de infância que estudaram juntos, têm a mesma faixa etária, variando entre os nascidos de 1966 a 1969. Assim, todos pertencem à mesma geração, correspondendo de alguma forma à faixa etária de Moacir e Jaciara. Ou seja, final da geração de Yara, da Rede 1. Neste grupo não trataremos de 3 gerações, como no grupo anterior. Os dados levantados dão conta apenas da geração de seus pais e das suas trajetórias autônomas. Os filhos de nossos interlocutores, em sua maioria, não haviam iniciado a sua vida independente no momento da pesquisa.

Como já explicado, todos os dez amigos estudaram durante uma parte da infância e adolescência, no caso de algumas garotas, no Colégio Nossa Senhora da Soledade, situado no Largo da Soledade, atual bairro da Lapinha. E todos eles, em algum momento da vida, principalmente da infância, residiram em bairros adjacentes ao Colégio.

A figura abaixo apresenta a trajetória destes interlocutores, com ênfase nesta fase inicial dos seus trânsitos:

**Figura 16 - Rede 2 – Trajetória familiar inicial**



Fonte: Dados de pesquisa



O primeiro percurso de que vamos tratar é o de **Bartira Araribóia**. Ela não é originária de nenhum dos bairros incluídos atualmente na Prefeitura-bairro da Liberdade/São Caetano. Nasceu e viveu até a adolescência no bairro do Matatu. Ainda há muitos familiares seus naquela região. O bairro faz limite com a Liberdade, através da localidade de Sete Portas e dos bairros do Barbalho, Baixa de Quintas e Cidade Nova. Portanto, muito próximo à Lapinha, onde se localiza o colégio.

Seu pai é do Recôncavo da Bahia, na infância veio para Salvador e se estabeleceu no Matatu, onde sua mãe já vivia com a família, mesmo sendo originária do bairro de Santo Antônio Além do Carmo:

*Meu pai nasceu em Maragogipe<sup>25</sup>, no distrito de Maragogipe, depois veio pra cá ainda criança pra Salvador. A gente sempre morou aqui nessa região de Nazaré, Brotas, aqui no Matatu, Vila Laura. Então, eles [membros da família extensa] também nasceram aqui. [...] minha mãe nasceu aqui nesse bairro também, Matatu, também; desculpa, Santo Antônio, mas se criou aqui. A família toda, ainda tem gente aqui. Então nós temos uma história muito forte. Meu avô que era conhecido, e tal. Aqui em Salvador, porque Salvador era muito isso, né?*

A família extensa residia nos bairros da redondeza e uma parte dos parentes próximos de Bartira moravam no mesmo imóvel:

*Todo mundo [morava no mesmo bairro]! Meio gueto mesmo, né? Meu avô [materno] morreu aqui... Mas meu avô morou no Bonfim, depois veio morar aqui. Sempre também migrando para aqui. As pessoas saem e voltam. Ele também voltou depois.*

*Meus avós paternos moraram aqui perto, na Cidade Nova, mas moraram aqui também em Nazaré. Aqui também em Pitangueiras. Perto do Metrô se chamava Pitangueiras, aquela regiãozinha. Então meus avós também moraram ali. Tá perto também.*

*[a casa do Matatu onde nasceu] foi de meu avô materno, que era de minha mãe. Assim, [ele] já tinha dado de boca, minha mãe morava ... morava tudo junto, meio cortiço (riso). Embaixo morava um tio, outro irmão, e em cima minha tia com outro tio. E em cima meu avô que ajudou a construir essa casa. Aí morou com a madrasta minha - que minha vó morreu cedo - e os filhos ficaram tudo junto. Cada um no seu cantinho, mas ele separado nessa casa com a mulher dele, que ele não teve mais filho.*

Ela nasceu num imóvel construído pelo seu avô, que cedeu cada andar para seus filhos morarem, alguns com família, como a mãe dela, e outros ainda solteiros. Eles ficaram bastante tempo neste arranjo, mas decidiram ir para um imóvel que fosse realmente propriedade do casal e assim partiram para o imóvel no Cabula:

---

<sup>25</sup> Cidade do Recôncavo da Bahia.

*Esse apartamento [no Matatu] era da minha mãe com outro irmão e meu avô ainda tava vivo... Então assim, era aquela coisa: [a propriedade efetiva] só era por morte nem fez documentos, tipo uma doação: só por morte que seria dela e do meu tio... Esse apartamento era de minha mãe com o irmão dela que tá vivo também. Era isso mesmo: desses três [apartamento] era dois-dois-dois. Aí minha mãe quis sair porque era pequeno, ela queria ir pra um lugar que fosse 100% dela com meu pai, do casamento, aí eles compraram no Cabula.*

A mudança, na adolescência, foi para um bairro novo, que estava crescendo e se urbanizando:

*Já peguei urbanizado, mas era meio rústico também o Cabula, mas tinha asfalto já, porque dizem que o Cabula também era essa coisa de sítio, né? Mas outros bairros: Saboeiro era muito assim, rústico ainda, mas já tinha um condomínio lá, mas o Cabula era bem... não tinha nada. A gente tinha que sair pra comprar, minha mãe trabalhava em Nazaré na época, no Salesiano, não tinha transporte, o transporte era muito ruim. Mas eu não andava pelo Cabula sozinha.*

*[eu morava] justamente na frente da 19º BC. [Era] um conjunto habitacional que na verdade foi feito pra Polícia Militar, mas como meu pai era militar, mas não da Polícia. Quem construiu foi uma cooperativa de policiais militares.*

*[o apartamento] era maior do que tá aqui. Tinha um banheiro a mais, três quartos. Aí eu fiquei com meu quarto sozinha. Minha irmã também teve o dela.*

*Então [eu tinha] muitos laços aqui [em Brotas], por parte da minha família ser daqui, quando vou pro Cabula, sofri muito. Aí eu vinha muito pra cá, pra passar o final de semana com minhas primas, porque com a idade de quinze, dezesseis anos, ia pra festa, não-sei-o-quê...*

*[...] A gente não gostava do bairro no início porque o Cabula era muito longe de tudo e aqui [em Brotas] foi sempre perto do centro. Aí senti um pouco, tanto como eu falei: aí eu vinha muito pra cá, pra casa dos meus tios, pra poder andar com minhas primas e tal, e também andava muito lá na Soledade por causa das amigas que tinha da escola.*

Embora a mãe tivesse gostado muito do apartamento e se desse bem com a vizinhança, ela não se adaptou à dinâmica do bairro e decidiu se mudar de lá após 20 anos morando no Cabula.

*Lá tinha muito acidente, no prédio de esquina você via muito acidente [n]uma época, de carro. Muita batida, muita zoada. Era muito zoadento, o lugar. Muito barulho, pior do que aqui. Um motivo que minha mãe quis sair também foi esse. E ela não gostava do Cabula. Ela disse que o santo dela não dava com o Cabula não. Coisa de energia. Igual aqui [na Vila Laura]: eu também tô na hora de ir daqui também. Vai que tem essa coisa: minha mãe gosta de se mudar, meu pai, não. É uma tartaruguinha, mais gato. Minha mãe acho que é mais "muda", essa coisa de mudar.*

E a família Araribóia se mudou para a Pituba, onde residem atualmente:

*Eu gostava de lá [da Pituba]. Era apartamento: o ruim é que tinha escada. Apartamento pequeno, [prédio] de três andares, só que com escada. E eram três quartos, que não tinha suíte nem nada. Tinha um banheiro social e um de empregada. Ele era na Paulo VI, era de fundo, quem morava na frente tinha a Avenida. Era de fundo, era bem calmo. Aí depois com a idade, por causa da escada, e aí quiseram procurar [outro]... também eu e minha irmã já não morávamos lá, aí ela quis procurar uma coisa menor. Aí foram para o de dois. Agora tem elevador e é terceiro andar. É mais confortável pra eles. A Paulo VI era mais calma a vinte e tantos anos atrás. Tem quase vinte, pra vinte e um anos que eles moram lá. Tanto que a gente viu fazer mais prédios, e tal. Mais zoada. Quem morava lá conta como era, tanto que contam que no fundo do prédio - dizem - tinha um riachozinho. Uma rua que é cheia de prédios hoje era um riacho.  
[A rede de serviços foi] difícil foi o Cabula, porque quando a gente foi não tinha nada. Mas na Pituba já tinha, porque tinha os mercados pequenos de bairro, já não era tão deserto assim não.*

Bartira vai com a família de origem fazendo este trânsito até a Pituba, mas, após alguns anos estudando em Belo Horizonte, ela retorna e adquire um imóvel próprio, um apartamento na Vila Laura, no qual viveu por 10 anos e agora vai colocar à venda.

No caso de **Joaci Guabiroba**, ele teve pouca vivência no bairro da Lapinha, Largo da Soledade, enquanto morador, pois é um dos filhos mais novos do casal, nasceu após um intervalo grande em relação às irmãs mais velhas. À época, a família havia se mudado da Soledade para a Ilha de Itaparica, onde residiram por alguns anos.

Quando retornaram para Salvador, foram para a Avenida Vasco da Gama, região de Brotas, próximo aos supermercados que ali se instalaram posteriormente e a um dos acessos ao atual bairro do Horto Florestal. Joaci iniciou estudos no Colégio Soledade nesta turma, com a qual mantém elo até hoje. Há também parentes seus que permanecem morando na Soledade, como a família do seu primo Yakecam, com quem estudou. Ele relata: “A família da minha mãe morava no Salete [Soledade], meu avô tinha uma casa lá”, ainda que ela fosse originária de Corumbá-MS:

*Eu nasci em Salvador, na Rua do Salete<sup>26</sup>, fiquei pouco tempo. Depois fui para Itaparica, na Rua da Bica, passamos um período curto lá. Depois fomos para a Vasco da Gama, eu tinha mais ou menos uns 06 anos. A casa do lado ao Walmart, a casa ainda existe. Ficamos lá até ano de 77, mais ou menos*

<sup>26</sup> No momento da nossa conversa Joaci insistiu que havia nascido na Rua do Salete, bairro dos Barris no Centro de Salvador. Como a pesquisa versa sobre egressos da região da Liberdade e adjacências, insisti mais de uma vez no questionamento, uma vez que os Barris estaria muito distante do ponto de origem trabalhado na pesquisa e ele mais de uma vez repetiu o Salete como local de nascimento. Após nosso encontro, ele me retornou por telefone para corrigir o dado: ele efetivamente nasceu na Soledade, informação confirmada pelo primo Yakecam que continuou morando lá com sua família após a saída de Joaci.

Na Rua do Salete está situado um convento dedicado à Nossa Senhora do Salete, no qual também há uma escola de Ensino Básico, assim como o Nossa Senhora da Soledade. Este poderia ser o motivo da confusão de informações. Por outro lado, não podemos ignorar que os Barris é um bairro que conserva maior prestígio em meio à decadência do Centro Antigo de Salvador, no qual a Lapinha faz parte como margem ao norte.

*com uns 10 anos de idade. Quando nós fomos pra lá ainda não tinha nem canalizado o Rio das Tripas<sup>27</sup>. Só existia a pista em direção a orla, não tinha mão dupla. Você tinha a [pista em direção a] orla, o rio e um terreno baldio. Eles aterraram e fizeram a pista e canalizaram o rio. O conjunto Santa Madalena já estava ali, prédios novos para pessoas que estavam começando vida.*

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pelo avanço da interiorização da ocupação territorial pela população na cidade através da abertura das Avenidas de Vale, onde a Avenida Vasco da Gama é uma representante. Foi construída sobre a antiga Estrada Dois de Julho, também conhecida como Rio Vermelho de Baixo, que ligava o Dique do Tororó ao bairro do Rio Vermelho.

Nesta época, haviam sido implantadas as fábricas da Coca-Cola e dos biscoitos Águia Central. Ainda neste período, década de 1970, foi erguido o Conjunto Residencial Santa Madalena (JESUS, 2005, p. 714), do qual Joaci se recorda e está retratado em fotos suas de infância. No final desta década, já se observava um fluxo alto de veículos pela Avenida. O bairro remetia a ruralidades com presença de chácaras, sítios e roças. Podemos inferir que a residência de nosso interlocutor seria uma das poucas na região.

*Nós saímos de uma casa, para morar num apartamento de dois quartos [na Barra]. A minha casa tinha sala, três quartos, varanda grande ao redor da casa toda, uma área grande que tinha um abacateiro, imagine? tinha garagem para dois carros e a casa da empregada, que a gente chamava de lavanderia, uma casa com sala e quarto. Tinha um muro e o passeio, antes não tinha asfalto, era um acesso local. Nós só tínhamos um vizinho de um lado, do outro uma marmoraria e a Águia Central, onde ia comer biscoito, de onde vem a expressão 'bolacha quebrada', onde você ia comprar a mesma bolacha mas quebrada era mais barata, quentinho, ia na fábrica, na porta da fábrica, biscoito quentinho...*

*[...] na Vasco da Gama, não tinha muita violência, a gente fazia muita coisa andando, mesmo lá sendo um bairro distante... mas eu ia cortar cabelo no Largo da Mariquita... a gente brincava muito em casa também, jogo de botão, meu irmão subia muito no abacateiro quando queria se isolar do mundo, tinha muito cachorro, então tinha quintal, tinha galinha, aparecia teiú, atrás da minha casa era uma mata que depois virou o Horto Florestal, então este contato pra mim foi muito bom, com animais...este contato com a natureza que as crianças hoje não tem!*

Ficam alguns anos nesta casa, até que o pai adquire um apartamento na Barra e eles se mudam para lá. A moradia na Barra tem menos conforto do que a casa na qual moravam antes, mas para ele, que estava entrando na adolescência quando chegou lá, o bairro dispunha de mais opções de lazer e interação, além de “*glamour*”:

---

<sup>27</sup> Aqui há outra imprecisão, o rio canalizado e tamponado sob a Avenida Vasco da Gama é o Rio Lucaia com origem no Dique do Tororó. (Caminho das Águas, 2016, p. 41)

*Na Barra a gente vivia na rua, um prédio tinha três andares, não tinha infra, a gente jogava na rua, a rua não tinha saída, ficava na rua ou ia pra praia, virei rato de praia, vivia na praia.*

*O edifício Silvana, em que a gente morava, três andares, de escada, mas [o apartamento] tinha duas portas! Mas uma porta a gente não abria porque tinha que colocar a mesa (risos)... tinha dependência de empregada, eram dois quartos e dependência de empregada. Imagine oito pessoas dentro de um apartamento? Pense na energia? (risos) aí no quarto de empregada tinha um beliche e dormiam 3 meninos: meu irmão mais velho eu e meu irmão e as meninas dormiam no outro quarto.*

*quando a gente chegou na Barra tinha um glamour, vamos dizer assim, um glamour histórico, [tem] o Farol da Barra, quem morava na Barra era o cara da praia, surfista, filhinho de papai, então eu convivia com algumas pessoas deste tipo que moravam perto da gente, frequentava a praia, surfista, aquele pessoal... um pouco mais intelectualizado...*

Barra é um dos bairros que sofrem transformações estruturais grandes ao longo do século XX. Além disso, tem sido prestigiado com a prioridade em investimentos públicos e privados, orientado pelo apelo turístico que o bairro engendrou. A partir desta localidade, se encetou a ocupação da Orla Atlântica da cidade.

Esta região de Salvador tem início na Ponta do Padrão, onde está situado o Farol da Barra, é ocupada de forma organizada e contínua com as intervenções modernizantes da gestão de J.J. Seabra na prefeitura da cidade. A marca principal da sua gestão, a Avenida Sete de Setembro, liga a cidade originária, da Praça Castro Alves ao Farol da Barra. Foi inaugurada em 1916, corta vários bairros em direção ao sul e indica o sentido da ocupação das classes médias e altas na cidade.

Joaci continua descrevendo as transformações da Barra, bairro no qual a sua família se fixou, sendo este o seu ponto de partida na vida adulta. Para ele, a circulação de pessoas de outros bairros, especialmente vindas de ônibus, causou grande mudança no perfil do bairro:

*[a vida no bairro] era uma coisa bem mais tranquila... aí o que aconteceu com a Barra, com o passar do tempo? ela começou a se tornar uma passagem, eu me lembro assim, dos centros, né? por exemplo, eu me lembro que eu ia pra praia de segunda a domingo, todos os dias, segunda, terça, quarta e quinta porto da barra, melhor lugar: piscina, bem frequentada, legal, um pessoal legal assim a gente adolescente... era aquela coisa toda... sábado já enchia, domingo ninguém ia da gente, já ia para o farol da barra... por quê? Porque [o porto da barra] era a primeira praia do comércio, né? era a primeira praia vindo do comércio, descendo da cidade...*

*[o ônibus] chegava ali [no porto da barra] e descarregavam, bruommm (som de descarregamento), então o que começou a ter com a transformação? as pessoas começaram pelo que eu [entendo] hoje, começou a ter fluxo de ônibus de outros bairros pela Barra, então a Barra começou a ter um fluxo bem maior de gente, eu deveria ter um 14 ou 15 anos quando isso começou, vai dar o que? 98, por aí... aí a Barra começou a se transformar, então a gente chegava na barra, a gente andava, e via gente que não era da barra...*

*eu andava pela rua, agente andava sempre na rua, nosso medo eram dois lugares: o pessoal da Roça da Sabina e o Calabar, ali na [Avenida] Centenário, a gente andava ligado porque os pívetes davam carreira na gente, mas eram aqueles caras, a gente conhecia os caras... com o passar dos anos, eu já com 16/18 [anos], você começa a ter uma frequência diferente, as pessoas vindo, os ônibus vindo, aí pronto...*

*[...] o Shopping Barra foi inaugurado entre 84/86, mais ou menos...[e um maior fluxo de linhas de ônibus] aí começou a ter uma demanda maior, na Centenário, algumas reformas e aí começou a ter um fluxo maior de gente e isso foi tendendo a ampliar...*

Estas transformações são a causa de um certo descontentamento com o bairro com qual desenvolveu maior relação afetiva. Ao se casar, Joaci novamente se mudou de bairro, mas o desejo de retornar para a Barra o acompanhou durante muito tempo, como veremos no capítulo a seguir.

Por seu turno, **Raoni Arruda** chegou em Salvador com 5 anos de idade. Nascido em Alagoinhas, sua família veio para cá quando seu pai foi transferido para trabalhar na sede da Petrobrás. Ao chegar, sua primeira residência foi no Subúrbio Ferroviário. Ele nos conta:

*[Ao chegar, moramos em] Periperi primeiro, com 5 anos, em 72, aí fiquei 2 anos em Periperi, e fui pra Salvador em 74, com 7 anos. [Digo assim] É porque [o bairro] era tão longe, e eu era pequeno. Não tinha BR, era bem precário, tinha que vir pela Suburbana, era longe.*

*com 7 anos, eu vim pra qui, pra Liberdade. Largo do Japão. Aí foi quando estudei na Soledade. Estudei de 74 até 82. Na Liberdade a gente morou até 80. Em janeiro de 1980 meus pais se mudaram pra Brotas, Vila Laura.*

A distância da moradia para o local de trabalho e circulação na cidade foi um dos grandes fatores para a primeira mudança de bairro feita pela sua família. Raoni relembra o bairro de Periperi quando residiu lá:

*[Em Periperi, nós moramos] na URBIS<sup>28</sup>, eu era pequeno, mas gostava de lá porque era aberto, era um conjunto residencial, na verdade eram casas de dois pavimentos: primeiro andar, segundo andar. Mas eram [casas] individuais. Um conjunto. Até hoje tem. Tem um final de linha, você indo direto à esquerda, na época ficava lá a Base Naval, que o pessoal ia pra São Tomé de Paripe, pra praia. A lembrança que tenho lá é que a gente caminhava, meus pais não tinham carro...*

Eles não ficaram muito tempo no Subúrbio, dois anos depois, a família se transferiu para o bairro da Liberdade, no Largo do Japão, onde o pai alugou um apartamento:

---

<sup>28</sup> Os conjuntos habitacionais produzidos pela URBIS em muitas localidades foi nominada pela comunidade com o próprio nome da companhia.

*Um prédio defronte ali, ao Mercado Municipal mesmo, uma padaria embaixo e um prédio residencial em cima, eram 5 apartamentos. Tinha um espanhol que era um dos donos, acho que era o dono do prédio. Acho que foi ele quem construiu. Aí os prédios eram todos irregulares, cada prédio, cada apartamento tinha um formato diferente. A gente morava no segundo andar. Dois quartos, cozinha, um sanitário só, e duas salas [sala de jantar e sala de estar].*

Ele conta que caminhava para chegar ao colégio, oportunidade para explorar a região:

*[A gente ia para escola] andando. Era eu, minha irmã, tenho duas irmãs, uma nessa época não era nascida, essa é mais nova. A gente ia caminhando por dentro ali, a gente andava tudo ali na Liberdade. Queimadinho, hoje em dia nós não pode fazer isso. Queimadinho, Avenida Peixe, passava tudo. Hoje em dia é superperigoso. Mas a gente ia numa boa numa época ali. Andava tudo.*

E continua trazendo impressões sobre o bairro:

*Eu via bastante comércio, [por]que tinha feira ali todo sábado, era uma feira movimentada. Sempre foi [movimentada pelo comércio]. Ali na [Avenida] Lima e Silva também. Tinham dois cinemas ali, eu lembro: Cine São Jorge e Cine Liberdade... não, Cine Guarani, eu acho que tinha outro no Bairro Guarani. Acho que eram três, hoje em dia, pra ver [filme] só em shopping. [Quando era criança] ia poucas vezes [no cinema], ia muito não. Mas eu lembro bastante do comércio, era forte lá, dos desfiles ... sempre tinha [Desfile de] Sete de Setembro e carnaval, sempre passava desfile por ali. A violência não era, era tranquilo sem nada no bairro.*

Assim como outros interlocutores egressos do bairro da Liberdade, Raoni se reporta sempre ao aspecto da violência, enfatizando a sua ausência no tempo em que lá viveu e como essa realidade mudou, mesmo que em nenhum momento tenha sido indagado sobre tal questão. Este elemento reforça o peso que a violência tem no imaginário corrente sobre o bairro, ainda que as evidências da experiência de cada interlocutor não apontem para isso.

Após esta temporada na Liberdade, seu pai adquiriu imóvel na Vila Laura:

*Meu pai conseguiu comprar [uma casa], [por]que antes morava de aluguel, aí ele conseguiu comprar essa casa lá em Brotas e a gente mudou. Ficamos lá de 80 até 91 na Vila Laura. E aí a família cresceu, e veio essa cachorra, a casa lá era menor.*

Ele segue descrevendo a nova moradia, comparando com a anterior:

*Brotas tinha mais liberdade porque tinha um conjunto, tem mais amigos, tinha área livre, tranquila, porque lá era muito apertado na Liberdade; minha mãe não queria que a gente descesse no [Largo do] Japão, apesar de não ser perigoso, mas ... tinha um certo preconceito, eu percebia que tinha um certo preconceito dela, do pessoal que ela achava ... o pessoal meio perigoso ... e eu também não tinha amigos lá.*

*[ela achava] a vizinhança [perigosa]. Tinha o mercado ali, meu pai tinha também problema com álcool, né? Aí tinha um barzinho ali que ela odiava: a Visgueira do Flô. Flô era o apelido, que era Florisvaldo. Aí meu pai só andava ali. Descer um pouquinho, ficar lá embaixo, ela não gostava, aí eu preferia ficar em casa.*

*[Em Vila Laura] Era um conjunto residencial aberto. Não era condomínio fechado não. Lá tinha muito mais área. [Não tinha movimento de carro]. Eu lembro que andava de bicicleta ali numa boa. Ali na Vila Laura não tinha quase [nada], pouquíssimos prédios ali, hoje em dia ... aqui a Vila Verde não tinha nada, só mata ali e a gente andava de bicicleta e tudo. E ali realmente era menos perigoso, lá no Jardim Tijuca, lá na Vila Laura, só tinha uma entrada do térreo lá e tinham duas fileiras de prédios que a gente ficava, não tinha acesso lá onde passavam os carros. E a velocidade era bem limitada.*

Ele passou a adolescência e a juventude neste bairro, quando o pai se aposentou e comprou outro apartamento em Brotas, no Condomínio Vale das Flores:

*De 80 a 91 a gente morou em Vila Laura, depois meu pai se aposentou, aí comprou um apartamento no Vale das Flores. Isso já em 91. Aí eu fiquei lá até 98, casei, aí vim praqui.*

*minha irmã casou, ele deu pra ela o apartamento lá no Jardim Tijuca aí comprou outro. Aí a gente foi morar lá no Bonocô, no Vale das Flores. Gostava dali por causa da mobilidade, pegava ali Bonocô, tinha ônibus pra tudo quanto era lugar...*

*[o Vale das Flores] foi inaugurado em 80, início da década de 80. Foi rápido porque era pré-moldados, aí fizeram rapidinho. É grande; porque tem a etapa de baixo, de cima. Tem mais de 25 prédios ali. Com 12 andares cada. Casei com 30 anos. Janeiro de 98. Aí desde lá moro aqui. Nesse apartamento aqui [na Fderação há] 22 anos.*

A última parada de Raoni, antes de se casar, foi no bairro de Brotas, próximo à Avenida Bonocô. O apartamento da Vila Laura ficou de presente para a irmã que se casou. Raoni comprou um apartamento para morar sozinho, no entanto, mesmo já adulto e trabalhando, a mãe não o deixava sair de casa. Ele o fez, apenas quando se casou, aos 30 anos de idade.

Em seguida, temos a trajetória inicial de **Moema Jacarandá**, nascida em Salvador, no bairro da Cidade Nova. Ela se mudou com a família para o IAPI, muito cedo para um prédio construído pelo pai:

*Minha mãe é de Santo Antônio de Jesus. É do interior. E meu pai nasceu aqui em Salvador, eu acredito que tenha sido no bairro da Cidade Nova. Não tenho essa coisa resgatada assim, mas como minha vó paterna mora, reside até hoje lá na Cidade Nova, então eu acredito que ele tenha nascido lá.*



*Eu nasci também lá na Cidade Nova. Aí logo que eu nasci, pouco tempo depois, eles se mudaram pro bairro do IAPI, já para um apartamento maior, ficamos um bom tempo morando no IAPI.*

*[Nós mudamos para] um prédio que ele mesmo construiu, inclusive deu o nome "Edifício Jacarandá", o sobrenome da gente, minha vó morava no subsolo, a gente morava no andar térreo e no andar de cima morava minha tia. E tinha mais uns dois ou três apartamentos que ele vendeu para terceiros.*

*me lembro bem que toda a tarde eu descia pra casa da minha avó porque a casa dela como era no subsolo tinha um quintal grande, aí a gente descia para brincar, andava de bicicleta na rua, podia se fazer isso naquela época, e a gente brincava muito na entrada do prédio, que tinha uma entrada na área, a garagem, as vagas de carro, e uma área até você chegar na parte interna do prédio. Naquela época não tinha essa coisa de violência e tudo, você podia sair para as ruas, aí isso me recordo também, que era chegar da escola, da Soledade, sentar, fazer as tarefas, terminou as tarefas, a gente já estava liberado para ir brincar.*

E ela segue descrevendo o bairro do IAPI na sua primeira infância e início da adolescência, quando residiu no Jardim Vera Cruz, um dos loteamentos abertos na segunda metade do século passado, na Liberdade, para trabalhadores.

*Era num tempo que o bairro do IAPI era muito pequeno, aquela coisa bucólica, muito tranquila. Ainda não tinha aquela invasão, que se não me engano se chama Nova Divinéia. Não tenho certeza, porque era como se o nosso apartamento tivesse aqui e o fundo desse para um vale, o vale era só mata mesmo. Aí foi uma cabana, dois, três, a gente acompanhou o nascimento daquela invasão ali. Até que ficou uma coisa tão assim: zoada, muita confusão, essa coisa da poluição sonora daqui de Salvador mesmo, que se hoje a gente não tem controle, imagine anos atrás. E aí culminou com o nascimento das meninas, aí o apartamento pequeno... eram dois quartos. Pequeno que eu digo assim: aqueles apartamentos que eram amplos - sala ampla, banheiro amplo, cozinha ampla, mas só que era pequeno porque só tinha dois quartos. Aí dormia num quarto meu pai e minha mãe, e no outro eu e meu irmão. Eles não tinham pretensão de ter mais filhos. Aí minha mãe engravidou e vieram as gêmeas, aí como é que iriam caber quatro num quarto só? Não tinha condição.*

Cidade Nova e IAPI são bairros surgidos na expansão ao norte da cidade original, durante o século XX, no entorno da Estrada da Liberdade. Cidade Nova surgiu com a urbanização da Cidade de Palha, povoação próxima à Quinta dos Padres e do Cemitério Quinta dos Lázaros, atual bairro de Baixa de Quintas.

Já o IAPI é a sigla para Instituto de Aposentados e Pensionistas da Indústria, entidade que promoveu a construção do primeiro conjunto habitacional de Salvador, chamado de Conjunto Residencial de Salvador, e também de “Cidade dos Industriários” e “Vila dos Industriários” (ANDRADE JR, 2014, p. 17), nas imediações da Estrada da Liberdade. O conjunto, com cinco blocos de apartamentos totalizando 264 apartamentos de dois quartos construídos sobre *pilotis*, ao estilo modernista da

época, seria a primeira etapa do projeto, mas foi a única a ser efetivamente implantada e inaugurada em 1952, na parte alta dos caminhos entre a Estrada da Liberdade e a Quinta dos Padres.

O conjunto que deu nome e origem a um novo bairro região norte, margem em expansão da cidade original, mantinha distância relevante entre seus blocos, demonstrando a valorização dos ambientes abertos e espaços públicos para a circulação e o lazer.

A família de Moema Jacarandá vai para o bairro da IAPI quando houve ampliação formal do entorno do Conjunto, com a abertura de ruas e loteamentos que deram origem também ao bairro de Santa Mônica. Os loteamentos Jardim Eldorado, Jardim Vera Cruz e Jardim Santa Mônica são ocupados por trabalhadores que constroem suas residências em lotes medianos em forma de sobrados e casas térreas, em ruas largas que se preservam até hoje, diversificando o perfil da produção espacial dos bairros da região.

Moema não informa se o casal vivia em casa própria, alugada ou com a própria família no bairro da Cidade Nova, mas parece evidente, pela configuração espacial da época, que a aposta na construção e moradia no IAPI era em vista da possibilidade de valorização local, que foi prejudicada de alguma forma pelas “invasões” do Brongo, em 1970, e da Nova Divinéia, em 1974, esta última citada diretamente pela interlocutora.

Com o crescimento da família após o nascimento das gêmeas, o pai decidiu buscar nova moradia, adquirindo casa no bairro de Caixa D’água, também região da Liberdade, porém, mais próximo do Colégio Soledade:

*Aí quando elas nasceram, o apartamento do IAPI ficou pequeno, aí fomos procurar uma casa. E conseguimos uma casa daquelas bem antigas de 3 pavimentos, tinham oito quartos, ali na Caixa D’Água. Na rua do final de linha. Aí nos mudamos para lá e levamos lá um bom período.*

*Agora na Caixa D’água, a rua que a gente morava, só tinham casas. Tinha apenas um único prédio e as casas eram mais antigas, aquelas casas que as pessoas herdavam de pais, de mãe, de avô. Então eu notava que era um poder aquisitivo um pouco mais alto que as pessoas tinham. Todo mundo tinha sua casa, tinha seu carro. A maioria das pessoas estudava em escolas particulares. Então era uma vizinhança muito calma, apesar de ser uma rua onde os ônibus faziam o retorno pra encostar no fim de linha, era uma rua muito calma.*

*Uma casa com oito quartos é um sobrado bastante tradicional e bem antigo. Eu me lembro que a gente comprou essa casa das Ursulinas<sup>29</sup>, do colégio da Soledade. Era propriedade do colégio lá. Aí coincidiu que elas botaram à venda, meu pai soube e aí a gente foi lá e comprou. E também porque ficava muito mais próxima da escola da gente.*

---

<sup>29</sup> Irmandade que dirige o Colégio N. S. da Soledade.

A mudança foi útil para toda a família, as crianças estavam mais perto da escola e os pais, do trabalho:

*Meu pai trabalhava ali na época, ele é aposentado da Petrobras, né? Ele trabalhava naquele prédio da Jequitaiá, na Oscar Cordeiro, então pra ele ficou mais próximo e minha mãe ensinava numa escola pública ali no IAPI também.*

Moema passou a adolescência e o início da juventude nesta residência, na Caixa D'água, até que os pais se separaram e ela mudou novamente:

*Bom, a separação foi meio traumática. Então, como ele se mudou pro Caminho das Árvores, a gente ficou naquela época, aquela rebeldia toda que até hoje, depois com a maturidade que eu penso "Meus Deus, quanto tempo perdido. Quanta energia gasta com bobagens". Aí minha mãe disse "Não: ele tá mudando pro Caminho das Árvores, a gente tem que mudar também para um bairro no mesmo naipe". Aí nós fomos pro Itaigara. [Naquela época, início da década de 90, o Itaigara não estava] consolidado não, porque, por exemplo, aquela Alameda das Grifes que tem hoje, daquelas lojas só de Grifes era tudo residência. Isso eu me lembro bem. E a gente foi morar numa rua que ficava ali atrás do Hiper Mercado, que hoje fica o Walmart, é uma rua ali, subindo ali uma ladeira. Aí a gente foi pra lá, mas também não demoramos muito ali não. Nesse primeiro apartamento a gente deve ter levado 1 ano e meio ou 2, aí depois a gente se mudou para um outro mais ali embaixo, que fica ali atrás mesmo ali do Shopping da Bahia. Aí nesse que levamos mais um tempo pra depois a gente mudar ... ela [a mãe] mudou pra Pituba. Agora assim, quando saiu de lá do primeiro do Itaigara, eu já não estava mais. Eu me mudei, com menos de 6 meses eu casei.*

A separação dos pais os fizeram buscar moradias em torno da Orla, bairros que estavam crescendo naquele momento, com promessas de construção de alto *status* social, como Caminho das Árvores e Itaigara. Ainda que a mãe tivesse muitos laços com a região em que morava desde que se casou, ela decidiu romper com esta história e buscou uma posição social que a equiparasse à situação do ex-marido, através da nova moradia, indo residir em bairros próximos ao que ele havia escolhido.

Moema seguiu com a mãe e os irmãos na mudança para o Itaigara, mas ficou pouco tempo com eles, pois casou-se em seguida e foi morar com o marido no bairro do Imbuí, também na região da Orla Atlântica.

Acompanhemos agora a trajetória de **Uirá Aimoré**, filho de espanhol radicado no Brasil com uma brasileira. Ele nasce no bairro da Federação, no entanto, o prédio no qual a família residia foi requisitado para desapropriação e construção de

um viaduto nas imediações onde se inicia a Avenida Garibaldi, na antiga Praça dos Reis Católicos:

*Morei na Federação até 6 anos de idade (em 1974), era um prédio de família, onde nós morávamos ali onde antigamente era Praça dos Reis Católicos, que hoje não existe mais... e foi exatamente isso: por que pra fazer aquele... [viaduto] então eu brincava ali naquela praça que hoje não tem nada... demoliram... minha vó tinha um prédio ali, moravam meus tios, meus pais, era um prédio de três andares mais o subsolo que era alugado... Inicialmente meus avós [paternos] moravam na [Ladeira da] Soledade, aí minha vó fez este prédio, alguns tios moravam com a gente e vieram com a gente, minha vó continuou lá na Soledade, depois que houve esta desapropriação, minha vó fez outro prédio na Lapinha, ela ainda tinha a casa da Soledade, ela passou esta casa para o meu pai e foi assim que em 1974 a gente foi morar lá...*

Uirá é descendente de espanhóis da primeira geração da família que nasce no Brasil. O seu pai veio criança com seus avós e se estabeleceu numa casa da Ladeira da Soledade, onde cresceu:

*A casa que minha vó tinha na Lapinha era uma casa muito antiga, uma casa até de irmandade, a que nós moramos na Soledade, que depois meu pai comprou, da Irmandade das Carmelitas, o meu pai gostava, porque na verdade ele tinha boas lembranças dali, foi ali onde ele passou a infância, para ele foi um retorno e ele tinha muita afeição a casa... tanto que para tirar ele de lá há pouco tempo deu trabalho... ele continuou morando lá até 2016, era uma casa portuguesa, aquelas casas antigas, de irmandade, com aquele corredorção, tem um quintalzaço, então ele lembra do tempo que jogava bola... eram dez irmãos, sete eram homens...*

Ao que parece a avó dele quis diversificar a inserção familiar na cidade, bem como de seus bens, com a construção de um imóvel tão distante de onde residia e estava fixada há tanto tempo. A região onde estava seu prédio vivia a consolidação da densificação da Avenida Centenário, na Barra, e demais bairros da região de classe média alta. No entanto, a desapropriação faz a família retornar para a Soledade e Lapinha.

A família extensa de Uirá também residia naquelas imediações, assim como muitos espanhóis egressos da mesma região. Os laços familiares e comunitários pareciam muito fortes nesta época:

*A minha família é galega, a maioria das famílias espanholas da Soledade eram galegas também, da mesma região da Espanha, acho até que a totalidade eram galegos...eu tinha dois tios que chegaram a morar lá [na Soledade] tenho um que mora até hoje na Lapinha, tinha 5 primos, a casa da minha vó era na Lapinha, as confraternizações todas era na Lapinha, na casa dela, no Largo da Lapinha bem perto da igreja, a gente tem o imóvel lá*

*até hoje, minhas tias também moravam lá... minha vó fazia questão que viesse todos os filhos dela nestas ocasiões: natal, aniversário...*

Assim, os pais se fixam nesta residência, próxima de irmãos, tios e primos, além da matriarca e demais imigrantes espanhóis que escolheram a região como base e apoio mútuo. Uirá somente saiu da casa paterna ao se casar, com 26 anos, e foi residir na Vila Laura, em meados da década de 1990.

Semelhante a esta trajetória, temos a experiência de **Açucena Araúna**. Nascida na Espanha, ela chegou ao Brasil antes dos dois anos de idade e foi residir num apartamento na Lapinha. O seu pai havia vindo alguns anos antes para trabalhar em nosso país, se casou e trouxe a esposa e os dois filhos, quando reuniu condições de lhes dar uma vida digna.

*Meu pai veio de jovem com a Guerra Civil Espanhola. O pai dele veio pro Brasil com os tios meio que fugiu da Guerra Civil Espanhola envolvendo Franco e se instalaram. [a família de] Minha mãe também veio para o Brasil, só que a de minha mãe foi para o Pará, Belém do Pará de início, depois vieram para Salvador também e a de meu pai já se estabeleceu aqui em Salvador direto.*

*Meu pai morava aqui no centro, no Pelourinho, antes de ser casado, antes da minha mãe vir pro Brasil. Os meus avós por parte de mãe na Liberdade. Os por parte de pai no Pelourinho, naquela região ali do São Francisco, tem um prédio ali que hoje meu irmão até tem negócio naquela região.*

*O meu pai, ele tinha negócios na Baixa do Sapateiro. Quando ele ficou estabilizado na vida, ele ficou patrão dele mesmo, ficou empresário, ele trabalhou muito tempo para os outros, então a partir do momento que ele comprou esse restaurante, esse bar que era dele, foi esse momento de decisão também de trazer a família e tios espanhóis, uma região que muitos deles ficavam na Lapinha, Liberdade, então foi a forma de manter aquele núcleo Galego próximo. Nós tínhamos vários conhecidos, parentes e primos distantes que estavam ali no entorno e coincidentemente o apartamento que ele comprou que acaba comprando também era de espanhóis de uma região próxima.*

A Lapinha foi a escolha do pai de Açucena, justamente por já haver ali uma espécie de colônia de famílias egressas da Galícia, e que poderiam ser uma rede de apoio e suporte para as necessidades.

*[A nossa casa ficava na] primeira entrada à direita [sentido Liberdade] onde tinha a Coelba. Ela tem dois nomes, na verdade, o tradicional que era o loteamento de um espanhol Francisco Blanco, então chama loteamento Francisco Blanco, mas hoje ela se chama a primeira travessa da Rua Lima e Silva<sup>30</sup>.*

<sup>30</sup> Segundo as informações da Plataforma Google Maps, seguindo as indicações dadas pela interlocutora, a rua a qual ela se refere continua se chamando Rua Francisco Blanco. [acesso em 31/05/2021]

*Coincidentemente nesse prédio que eu morei, minha mãe comprou mais apartamento lá, então hoje metade do prédio pertence a minha mãe, dois andares pertencem a minha mãe.*

Infelizmente, pouco tempo depois de a família chegar ao Brasil, o pai de Açucena faleceu e foi esta rede que auxiliou sua mãe a manter a casa, os filhos e até adquirir mais um imóvel com a produção de salgados e o fornecimento para padarias, lanchonetes e festas.

*Quando a gente ia na Liberdade, porque muitas das lanchonetes que minha mãe tinha encomenda de salgadinhos eram na Liberdade, então todas elas eram de espanhóis, então assim tinha uma coisa muito forte [de colônia espanhola] ali.*

Ela também descreve as relações territoriais entre os bairros da região:

*Lapinha era como se fosse a elite: era mais tranquilo, você tinha mais liberdade, você podia brincar na rua. Na Liberdade você não podia brincar na rua, na rua principal também já passava ônibus, então já tinha perigo mais... [Na Lapinha] tinha mais liberdade de correr de brincar, claro que tinha o perigo de carros pequenos, mas a quantidade era bem menor porque também nem todo mundo tinha carro naquela época, então você conseguia brincar tranquilamente. A Liberdade era mais povão já, meio como já é hoje, então assim, carnaval, brinquei carnaval na Liberdade. Lá tinha os bloquinhos, mas como o prédio de meu avô ficava na rua principal, a gente ficava nas varandas e na frente tinha uma ruazinha que tinha um palanquezinho, aí tinha bandinha que ficava ali, tinha cinema na Liberdade, o Cine São Jorge, eu assisti Marcelino Pão e Vinho nesse cine São Jorge. Em frente ao prédio do meu tio tinha esse cine São Jorge, então de vez em quando nas férias a gente ia ver algum filme lá.*

Ela morava mais próximo ao Largo da Lapinha, mas tinha uma importante vivência no bairro da Liberdade, ligada a convivência próxima com seus parentes que residiam no bairro, especialmente ao longo da Avenida Lima e Silva. Esta vivência permitiu analisar as desigualdades entre os bairros que, mesmo estando tão próximos, não eram compreendidos por seus moradores como iguais. Açucena permaneceu no bairro até se casar, quando passou a residir no Barbalho com a família.

Em seguida, vamos apreciar a experiência habitacional de **Janaína Caiçara** com a sua família original. Ela nasceu na Avenida San Martin e ainda pequena foi para a Santa Mônica, onde residiu até entrar na faculdade:

*A casa quando eu nasci meus pais moravam na San Martin, Avenida San Martin. Eu não sei qual é o bairro ali. Eu só sei San Martin. Ficamos lá até eu fazer uns 6/7 anos e de lá nós fomos para o IAPI/Santa Mônica. Santa Mônica era um sub-bairro do IAPI, quando eu morava lá é que eu fui para o*

*Soledade. Na San Martin meus pais moravam na casa que era do meu tio, ele emprestou: ele morava em cima e meus pais moravam embaixo. Esta do IAPI já era própria, meu pai comprou o terreno e construiu, ele tinha uma empresa, construiu uma empresa, uma locadora de carros e do lado fez a casa.*

A Avenida General San Martín, chamada popularmente apenas de San Martín, é a ligação entre o Largo do Retiro e o Largo do Tanque. Ela foi construída sobre o vale que separa a colina na qual estão situados os bairros da Santa Mônica, IAPI e Curuzu, da colina onde estão a Fazenda Grande do Retiro e São Caetano.

Era um dos caminhos que levavam gado da Estrada das Boiadas para os matadouros instalados no Retiro, no século XIX. Como muitas baixadas da cidade, era alagadiça e foi drenada e deu lugar à avenida inaugurada em 1966.

Já Santa Mônica, como temos tratado até aqui, é um bairro que surgiu a partir do loteamento implantado no IAPI, que se densificou e se separou do antigo bairro. Janaina residiu naquela região num período em que esta crescia formal e informalmente.

Segundo o documento “O caminho das águas em Salvador”, o bairro surgiu a partir de um loteamento nas terras do laranjal de seu Jair quando no local só existia o Sanatório Santa Mônica, implantado na década de 1960. Decorre daí umas das versões que circulam entre seus moradores para explicar o nome do bairro.

Janaina descreve a sua residência, o entorno e a percepção das suas vizinhas sobre a composição social da rua:

*A casa da Santa Mônica tinha varanda, tinha quintal e aqui do lado era o Conjunto Bahia<sup>31</sup>. Eu tenho uma amiga S. que foi dessa época, ela morava no Conjunto Bahia e eu morava cá. A gente brincava juntas, muita gente ia lá para casa porque tinha área, entre a casa e a empresa de meu pai tinha um terreno enorme e a gente brincava de bicicleta de patins. A gente fica brincando somos amigas de infância, "é, mas eu morava no lado pobre e você no lado rico da rua" porque do lado de lá tem o Conjunto Bahia, do outro lado, aquele terreno todo era de meu pai, então tinha a locadora, tinha a casa da gente, tinha uma casa que ele fez para irmã, para minha tia, uma outra casa que ele fez para meu tio, o irmão dele, então aquela área ali toda era nossa.*

Ao entrar na universidade, a avó materna a convidou para morar com ela na Barra, pois o retorno para casa após as aulas estava ficando difícil e a família considerou mais seguro ela ficar com a avó:

---

<sup>31</sup> Conjunto Habitacional de apartamentos situado na Santa Mônica.

*Enquanto morei em Santa Mônica não sentia diferença de tratamento não. A gente sabia onde todo mundo morava e a gente dizia, eu mesmo dizia eu moro na Santa Mônica. Hoje eu adulta vejo isso, as pessoas discriminam certos bairros, mas naquela época não tinha não, pelo menos na minha cabeça não sentia isso não. Isso já na faculdade com as pessoas de fora. Eu lembro que eu falava: eu agora vou ficar na casa de minha vó que mora aqui na Barra porque é mais perto para eu vim pra cá, muito mais perto do que vim da Santa Mônica, "nossa, mas você nem pode comparar Barra com Santa Mônica" e aquilo me chocou porque eu morava na Santa Mônica basicamente minha infância toda e assim, a gente transitava Santa Mônica e Barra direto porque minha avó sempre morou aqui, todo final de semana a gente vinha, todo domingo vinha.*

Janaina mantinha relação constante com o bairro da Barra, posto que as visitas à avó materna eram frequentes. Embora tendo muito contato com a diversidade econômico-social do entorno da sua moradia, ela só tomou ciência da reputação do bairro no qual morava ao chegar na universidade. No entanto, Janaina não ficou muito tempo com a avó na Barra, aos 23 anos, ela comprou seu primeiro apartamento e foi morar sozinha na Federação.

Já **Indira Mirim** nasceu em Alagoinhas e chegou pequena a Salvador, quando seu pai foi transferido. A família alugou um apartamento na Lapinha, e depois em outros imóveis no mesmo bairro. Viveram lá até comprar a casa própria, no Barbalho:

*Ele [o pai] fez o concurso público do Banco do Brasil e ele foi transferido para Alagoinhas. Então ele, minha mãe e meu tio foram morar lá, os dois irmãos passaram no concurso, eu fui gerada lá. Meu irmão nasceu em outubro de 69 e pouco tempo conseguiram transferência para Salvador. Quando a gente vem pra Salvador a gente foi morar na Lapinha e daí aos 4 anos de idade me colocaram na Soledade e eu conheci esses amigos antigos que eu adoro até hoje.*

*[A casa] era na rua chamada na época de Avenida<sup>32</sup> Alonso. Você conhece a Lapinha? Passou do largo, indo para Liberdade. Passou pela Coelba pelo prédio que Açucena morava é a primeira entrada a direita, depois da rua do prédio que Açucena morava. Quase em frente ao colégio... tem um colégio público, essa rua fica em frente ao colégio público que é perto do centro da Liberdade. Centro... acho que um shopping center, a entrada dessa rua passa em frente ao Shopping Liberdade.*

As indicações dadas por Indira nos permitem inferir que sua moradia era no bairro da Liberdade, pois já estava localizada ao norte do Largo da Lapinha, ao longo

---

<sup>32</sup> A descrição feita por Indira não deixa muito claro se ele se refere a avenida como logradouro ou como vila de casas. Pela configuração urbanística do bairro não há ruas tão largas nas transversais da Estrada da Liberdade que permita ser chamada de avenida. No entanto, através da plataforma Google Maps [acessado em 01/06/2021] identificamos duas avenidas entre o Shopping Liberdade e o Plano Inclinado da Liberdade, que por serem muito estreitas não permitem a passagem de carros, seu acesso é somente a pé por uma passagem muito apertada, e tem nome de pessoa: Avenida Angélica e Avenida Martins, elas não são nem vilas propriamente ditas, nem representam a avenida como logradouro tradicional.



da Estrada da Liberdade, após a casa de Açucena. Assim como a casa de Açucena já podia ser considerada fora da Lapinha, na época em que viveram no bairro, uma vez que a antiga localidade tinha por referência o seu largo e o seu entorno. Popularmente, o início da Estrada da Liberdade é além do Largo da Lapinha.

Assim, Indira, ao afirmar que morava na Lapinha, mesmo sua casa estando ao longo da Estrada da Liberdade, procurava elevar seu nível de inserção socioespacial tal como a própria Açucena descreveu acima: “*A Lapinha era elite e a Liberdade, povão.*”

*Então, eu lembro bem que a gente nesse prédio, eu chamava de o prédio amarelo, esse prédio foi construído pelos tios de um colega nosso, era prédio de 3 andares, a gente morava no primeiro andar. Tinha uma sacadazinha pequena que a gente chegava olhava a rua. E aí de lá a gente se mudou por pouco tempo para rua próxima Gonçalves Leigos, se não me engano. A gente morou em uma casa nessa Gonçalves Leigos, dessa casa a gente morou na rua principal que chama Liceu que era verde na época em frente, bem em frente à rua de Açucena, o prédio de Açucena. Eu via Açucena da minha varanda e ela me via a gente dava tchau uma para outra, era nesse nível isso até os meus 13/14 anos de idade.*

Como ela descreve, a família morou em três residências diferentes nas redondezas da Estrada da Liberdade até a adolescência. Quando os pais se separam, ela, a mãe e o irmão foram morar no Barbalho, numa casa comprada pelo seu pai.

*Essa casa no Barbalho, na Rua Xavier Marques é a casa onde minha mãe mora até hoje, essa casa é própria. Na época, ela foi comprada pelo financiamento do Banco do Brasil que meu pai era funcionário, ele transferiu essa casa para o nome de minha mãe, meu pai era muito certinho, muito correto. Ele transferiu essa casa para o nome da minha mãe com a condição de ela estando viva ninguém mexe, mas a casa era dos filhos, pra mim e pra meu irmão.*

*Essa casa se não me engano ela foi construída em 1932, não lembro o nome do antigo proprietário Dr. Jair dos Reis que se dizia primo de Gal Costa, era um médico aposentado, eram idosos e aí a família resolveu vender a casa e botá-los em um apartamento com elevador, pela mobilidade e nós compramos. Ela é uma casa construída para se morar, você chega lá na casa de minha mãe que foi onde eu passei dos meus 14 até os 23 quando eu saí de casa.*

A casa do Barbalho foi uma espécie de herança deixada em vida pelo pai para a família. Indira viveu com a mãe e o irmão até os 23 anos, quando decidiu sair e dividir casa com uma amiga. Ela foi morar na Barra e um tempo depois se casou.

A última mulher desta rede é **Tainara Japiassu**, sua trajetória se inicia na Caixa D'água:

*A minha família inteira é de Amélia Rodrigues<sup>33</sup>, meu pai e minha mãe, já nós os filhos já nascemos aqui, mas tios, tias... meus pais se casaram lá no interior, aí meu pai veio para cá minha mãe veio também, meu pai veio trabalhar aqui, foi na época em que a Petrobrás estava começando, ele foi funcionário muitos anos da Petrobrás [está] aposentado, e aí ele trabalhou em vários postos de perfuração, ele veio e ficava indo e voltando até que ele se casou com minha mãe e veio pra cá meus pais vieram e moraram na Caixa D'água, minha avó paterna também morava na Caixa D'água. Meu pai veio e comprou uma casa próximo a ela, e aí a gente passou a infância toda até uns 13, 14 anos na Caixa D'água, depois meu pai comprou uma casa na Lapinha, tanto que eu ia andando para a Soledade como eu ia andando para a casa da minha avó, tudo próximo. A Caixa D'água se liga à Soledade ali pelo Queimadinho, eu moro mais para o Queimadinho, ali tudo é Lapinha, era Lapinha. Tem endereço que é Lapinha tem endereço que é Liberdade, então varia muito... a residência é próxima ao Largo do Ouro, que é o Queimadinho, onde tem o Museu da Embasa, e agora é sede da Neojibá (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia). meu pai comprou a casa e deu pra minha vó e ela veio morar, nós morávamos na mesma rua dela, um pouquinho distante mas na mesma rua, e aí depois, esta casa era uma casa de avenida, de escada, então meu pai buscou uma bem mais, melhor localizada, não é tanto, mas na visão dele, de uma pessoa que saiu do interior e veio pra cá... ele hoje mora na mesma casa, por insistência dele pela gente ele já tinha saído, mas ele já está numa idade que não quer se envolver mais com compra de casa, nada disso... a casa [fica num] a rua que tem na Caixa D'água que interliga com o Queimadinho, dá de fundo para o memorial, a rua que transpassa o CSU da Caixa D'água, atrás do CSU tem uma rua essa rua é aonde tem várias casas, minha vó morava numa casa e a gente na outra.*

Tainara, como outros interlocutores, é da primeira geração de migrantes do interior da Bahia, nascida em Salvador. Seu pai veio trabalhar na Petrobrás e possibilitou a vinda da sua esposa e de outros familiares. Logo que chegaram, foram morar no bairro da Caixa D'água. Era uma casa de avenida e, assim que reuniu condições, seu pai transferiu a família para uma nova residência no Queimadinho, localidade antiga, situada entre o Largo da Soledade e o bairro da Caixa D'água.

Ela reforçou a memória dos laços com a avó paterna, que sempre morou próximo aos pais, e com isso foi muito presente na sua infância. Tainara morou no mesmo bairro até se casar, quando foi viver em Stella Maris com o marido.

Por fim, encerrando os interlocutores desta rede, temos Tauan Jatobá. Ele é nascido no bairro da Liberdade, numa localidade chamada de Bairro Guarani, nome de um dos primeiros loteamentos implantados na Estrada da Liberdade. Ele é engenheiro, servidor da Embasa - Empresa Baiana de Águas e Saneamento e, portanto, tem o olhar um pouco mais acurado para o urbano:

---

<sup>33</sup> Município do Recôncavo Baiano.

*Morei no Lacerda que é ali perto do Largo do Tanque. Eu morei ali entre o final da... bairro Guarani chegando no Largo do Tanque. Eu morei ali até os 13 anos, aí morando ali entre a final do bairro Guarani, mas era paralelo, não chega a ser bairro Guarani ali, eu não considerava. Tem uma ladeira que tem acesso, então eu morava na avenida Lacerda e tinha um caminho que dava pertinho do Largo do Tanque, então eu morei até os 13 anos ali. acho que meu pai residiu ali algum tempo porque a casa onde a gente morou na Lacerda era uma primeira de algumas casas de um beco, tipo uma vilazinha, então eu acho que ele é nascido ali na Liberdade também, a família de meu pai. E minha mãe foi de [Conceição do]Coité, quando ela veio pra Salvador realmente eu não sei qual foi o lugar que ela residiu em Salvador. Eu sei que minha avó [materna] morou o resto da vida toda que eu me lembro de minha avó em Castelo Branco. da Liberdade eu me lembro muito do bairro em si da Liberdade, da gente andar muito... eu era menor a gente não andava muito de ônibus no início, então me lembro da gente andando muito na Liberdade. Eu andando muito pelo Curuzu, andando muito pelo bairro Guarani, Largo do Tanque, então assim, não tinha carro, a gente andava literalmente, várias vezes me lembro. Fui para o [Colégio] Duque de Caxias, fazia feira pra meu pai no Japão, feira do Japão direto... O único lugar que não era asfaltado, os bairros da Liberdade já eram asfaltados, onde eu tava no bairro não que era chão, na Lacerda, mas todo o resto já tinha asfalto, a configuração... eu tive recentemente e não mudou muito não da minha época.*

Tauan descreve um pouco da sua história e experiência no bairro da Liberdade no trecho já próximo do Largo do Tanque, parte final da Estrada da Liberdade. A localidade que ele cita bastante em seu relato é uma avenida e uma travessa sem saída da parte baixa da Ladeira de São Cristóvão, uma das ligações entre a Liberdade e o Largo do Tanque.

Ele descreve a Avenida Lacerda como um “beco de casas, tipo uma vilazinha” e logo abaixo como “vila” de propriedade de membros da sua família, na qual ele residia em uma delas e sua avó paterna em outra. Esta configuração do local o fez deduzir que a família estivesse naquele lugar há muito tempo e que o pai também tenha nascido naquele local. Portanto, é provável que seja uma localidade diferente do Loteamento do Bairro Guarani, e seja parte da ocupação orgânica do bairro.

*Na vila onde eu morei até os 13 anos tinha a casa da frente, vamos dizer a rua principal da vila São Cristóvão, na lateral da casa, dessa casa principal, a gente descia, tinha uma ladeirinha, um beco e lá embaixo tinham mais três casas e uma quarta casa que era lá no final e já não pertencia a família. Pelo que meu pai contava era a casa da minha avó na frente, por isso que ela morava lá e embaixo era a casa de meu... meu pai morava em uma casa, intermediário era minha tia, minhas outras duas tias moravam, então a família tinha, na verdade, como se fosse um conjunto da família. Da família parte de meu pai.*

A Liberdade é um bairro, bem como os demais bairros do seu entorno, no qual se pode observar com muita recorrência a forma urbana de “avenidas”, que não são a

versão de logradouros como ensinado pelo urbanismo moderno: via pública ampla, mais larga do que a rua, com várias pistas para circulação de veículos. Tal “avenida”, que em muitos casos não se pode acessar com veículos, é uma das obras do urbanismo sem urbanistas que o habitat popular da cidade do Salvador produziu.

Assim como no relato de Indira Mirim, a “avenida” onde Tauan viveu até os 13 anos é um logradouro estreito. Ele ainda relata que o asfalto chegou mais tarde ali. E que as coisas mudaram muito pouco desde que saiu do bairro:

*Eu me lembro muito bem da Soledade que era meu caminho principal até chegar em casa poucas mudanças eu vi de arruamento, já era asfaltado, de ocupação continua a mesma bagunça que sempre foi, não mudou nada, são ruas estreitas, toda Liberdade continua muito estreita, então não melhorou muito em relação a isso. Eu vejo que ainda falta melhorar muita coisa, o bairro não desenvolveu nessa condição, ele ficou estagnado.*

Entre os 13 e 14 anos, ele se mudou com a família para o centro da cidade, uma vez que o pai – militar que atuava na parte administrativa do governo estadual – fora transferido para outro local de trabalho.

*Fui pra rua Nova de São Bento que é pela rua do Paraíso o acesso na verdade aí eu fui com 14 anos. [Lá era] muito diferente, a gente saiu de casa foi pra apartamento que era realmente terrível no início, quem morou em casa você não vai sonhar em querer [voltar a] morar... que era o meu sonho, por sinal, morar em casa de novo, tem que ver a questão de segurança, mas na época que a gente morava na Liberdade não tinha essa violência toda, mas a questão de meu pai, a gente teve que mudar pra Piedade porque o trabalho que ele passou a ter era na Piedade e o deslocamento ficou ruim. Então, eles compraram um apartamento na Piedade e a gente foi pra lá, agora é mudança de casa para apartamento, eu tinha casa, tinha quintal, totalmente diferente... uma readaptação e o local da Piedade que é numa muvuca<sup>34</sup>, então você sai de um lugar bem mais tranquilo, um bairro residencial e vai pro centro da cidade, então a mudança foi total.*

A mudança teve forte impacto, por dois aspectos: saíram de uma área residencial para uma área mista, mas majoritariamente comercial, no centro; passaram a morar em apartamento, sem área de lazer. Tauan viveu com a mãe até mais ou menos 30 anos de idade, quando saiu para morar sozinho, no bairro de Sussuarana.

---

<sup>34</sup> Aglomeração barulhenta em locais públicos.

## 5.1 | Entre a aporotopia, a protopia e a arquitopia: trajetórias em ascensão

Diferente da maioria dos interlocutores da primeira e segunda geração da Rede 1, na sua trajetória inicial, as famílias da Rede 2 continuam buscando melhores moradias, ainda que já tenham adquirido casa própria. Portanto, a casa própria não é o ponto de chegada para os pais destes interlocutores. Ao contrário, em sua maioria, já inicia a sua vida adulta em imóvel próprio. Alguns autoconstruídos, outros em imóveis formais, todos alcançam a casa própria ainda na infância de nossos interlocutores. Apenas dois interlocutores moram de aluguel e compram a casa própria um pouco mais tarde. No entanto, a maioria deles busca residência fora da região da Estrada da Liberdade.

Entre os dez interlocutores desta Rede, apenas três permanecem nos bairros nos quais cresceram até se tornar autônomos, mas nenhum deles escolhe o bairro no qual cresceram para continuar vivendo.

Outro aspecto relevante é que a maioria deles sai de um contexto de moradia familiar compartilhada, no mesmo terreno, no mesmo prédio ou na vizinhança, para moradias distantes destes familiares. Apenas um interlocutor relata que a mudança realizada por sua família nuclear foi para uma região próxima da sua família extensa.

Essa rede também transita de regiões populares e informais para regiões formais já na infância ou juventude destes interlocutores. Assim, parece claro para a maioria dos familiares destes interlocutores que a região deveria ser abandonada na busca de melhores *status* sociais. Duas destas famílias conseguem se fixar em bairros com *status* alto, como a Barra, e em bairros com *status* em consolidação, como o Caminho das Árvores e Itaigara, região da Orla e da nova centralidade engendrada na cidade. Estes são os que alcançam a arquitopia da cidade do Salvador e estabelecem uma métrica alta para seus filhos alcançarem na vida adulta.

Os demais vão para bairros com graus mais altos de formalidade e de tipo social mais elevado, se diferenciando dos bairros nos quais viveram antes, mas ainda numa situação intermediária como Vila Laura, Cabula, Pituba, Brotas, Centro Antigo [São Bento] e Barbalho. Estes são os que alcançaram a sua protopia. Escalaram o quanto puderam na hierarquia espacial da cidade, se afastando da aporotopia.

## CAPÍTULO 6 | O CAMINHO ATÉ A ARQUITOPIA

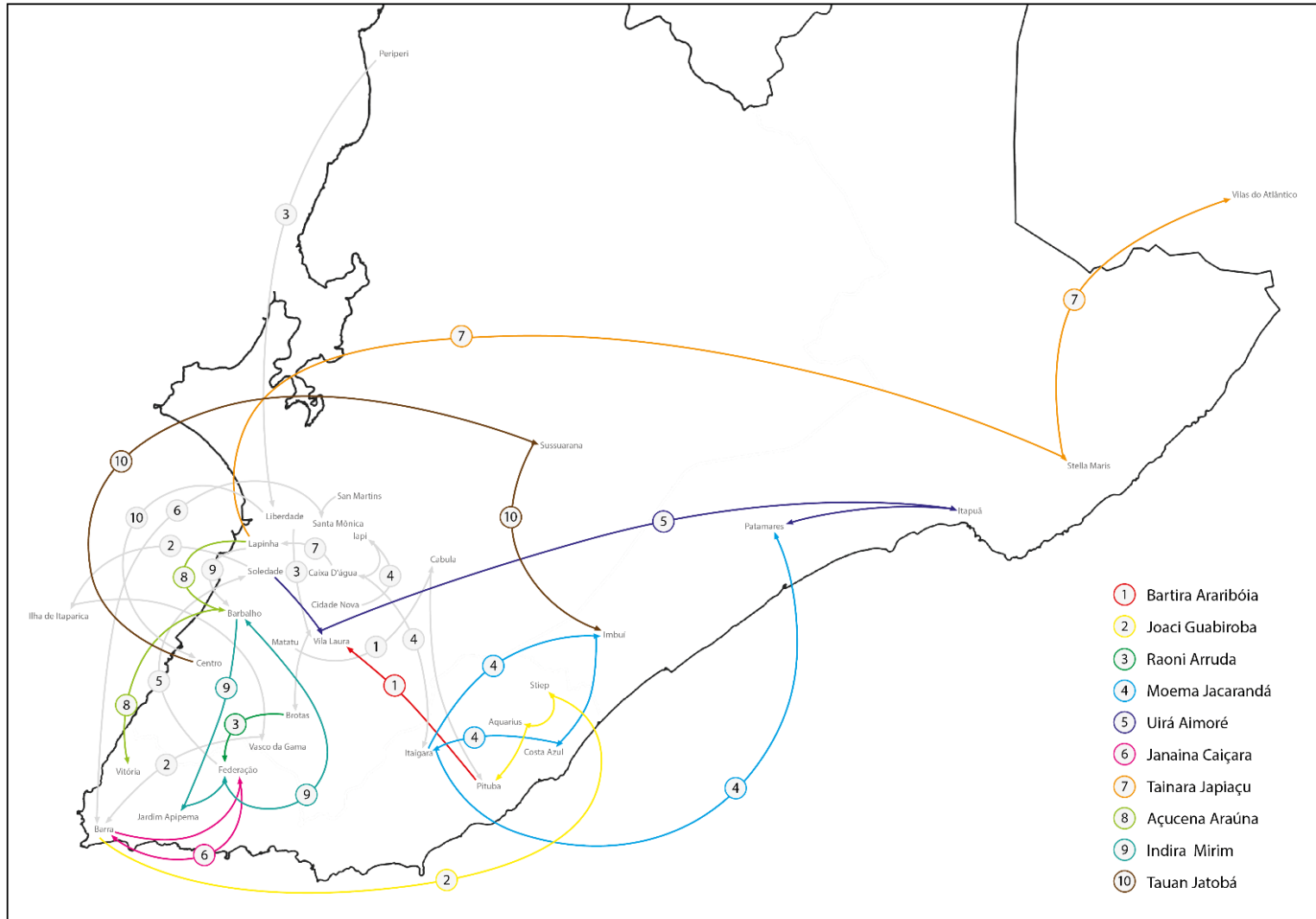
Nesse capítulo continuaremos tratando das trajetórias da Rede 2, agora com ênfase na sua fase autônoma, quando saem da casa de origem e vão viver por sua própria conta. Percorreremos os bairros pelos quais nossos interlocutores passaram até chegar às suas moradias nas quais estão estabelecidos quando este estudo se realizou.

Como mencionamos no capítulo anterior, quase todos os interlocutores desta rede saem de suas famílias originais para iniciar a sua vida autônoma como adultos, adquirindo casa própria e a maioria deles estando casados. Todos eles, no momento desta investigação, estavam residindo em seus próprios imóveis. Ainda como pontuado anteriormente, suas famílias de origem deixam os interlocutores desta rede melhor situados no mapa social da cidade, em alguns casos, os filhos não conseguem superar a escolha de moradia dos pais, ao menos no quesito localização.

Como veremos a seguir, estes interlocutores estão transitando da protopia para a arquitopia, pois, a aporotopia na maioria dos casos já havia sido superada pelo esforço dos seus pais, na geração anterior. Em quase todos os casos eles vão escolher residir na Orla Atlântica e cada vez mais ao norte da cidade, região que se configurou ao logo do século XX como espaço da moradia de alto valor em Salvador.

Na figura abaixo, observamos que estes interlocutores, quando adultos, continuam buscando por melhores moradias, tanto quanto seus pais. E assim como eles, fazem negócio com seu bem imóvel, a casa própria. Esta continuidade já denota a estabilidade e ascensão social deste grupo, que segue o fluxo da valorização da terra na cidade. O espaço no qual se concentra o maior valor da terra somado a maior infraestrutura e oferta de serviços é a arquitopia da cidade.

**Figura 17 - Trajetória Autônoma da Rede 2**



Fonte: dados da pesquisa

Retornamos então à trajetória de Bartira Arariboia, que cresceu entre o Matatu e o Cabula, se mudou com a família para a Pituba, já adulta, e pouco tempo depois adquiriu seu imóvel na Vila Laura:

*Quando eu saí do Cabula, eu tinha 33, 34 anos. Tava trabalhando na UFBA, no Instituto [de letras]. Tinha 32, eu acho. Nessa faixa. Aí, da Pituba, fui morar em Belo Horizonte, aí quando eu voltei passei uma chuinha<sup>35</sup> [com os pais], porque estava assim procurando esse [imóvel] aqui também. Então vim pra cá depois. Início de 2007 eu voltei pra Salvador.*

E ela explica o que a fez decidir pelo bairro de Vila Laura:

*Pois é, fiz aquela coisa: “quero voltar pra onde eu nasci”. Eu gosto daqui. Eu me sinto em casa aqui, entendeu? Eu não gosto dessa rua minha porque é uma rua meio vicinalzinha, mas eu subo logo, na carreira e aí em cima me sinto mais acolhida. Eu reencontro pessoas, e me sinto acolhida aqui. Tanto que eu quero procurar um apartamento à venda aqui. Talvez se achar, se não achar, aí eu posso criar outra identidade. Eu me coloco aberta, mas a gente quer deixar aqui pra coisa de médico<sup>36</sup>. Tô na minha cabeça Mucugê<sup>37</sup>, namorando Mucugê acho que há uma década. Sou apaixonada por Mucugê, foi amor à primeira vista.*

*[Escolhi aqui] porque é um bairro que não era caro - e eu trabalhava na [Ladeira da] Soledade na época - era perto do trabalho, e eu já conhecia, não iria ter o trabalho de me adaptar muito, tinha minhas primas e tal. Tinha essa prima minha que morava com os pais aqui, que era uma casa que eu frequentava também. Então tinha coisa de me remeter para a infância, eu ia muito lá e tal. Aí depois minha tia migrou pra Pituba também, por coincidência, aí hoje minha irmã mora, esse irmão dela. Tem uma tia em Brotas, que ficou até hoje. E tem uma tia no STIEP também. Foi bom que ficou todo mundo perto.*

Bartira é uma das poucas interlocutoras que suscita a escolha pela moradia na vida adulta à experiência vivida na infância, bem como o pertencimento e a ligação com familiares ainda residentes na região. Ela fala muito dos avós, e de sua família extensa: tias, tios e primas e primos ainda próximos e que esta presença a fazia se sentir acolhida no bairro ainda que não gostasse tanto da rua em si na qual morava.

Entretanto, após cerca de 10 anos morando na Vila Laura, ela está colocando o apartamento à venda e voltando para uma temporada dividida entre a casa dos pais e a do companheiro:

*Ah, [estou me mudando] porque é pequeno, a cozinha não tem uma área de serviço, quando eu vim pra cá também, eu já sabia que não ia ficar muito tempo; eu queria ter uma coisa própria, para empregar o dinheiro também,*

<sup>35</sup> “passar uma chuinha” no sentido de ficar pouco tempo no local.

<sup>36</sup> “deixar o lugar para coisas de médico” quer dizer, deixar o local como referência para facilitar o acesso aos consultórios e a realização de exames, já que a centralidade da localização permite.

<sup>37</sup> Cidade da Chapada Diamantina.



*e na época [o bairro] ficou muito valorizado, na época de Dilma, e agora foi no finalzinho de Temer começou a murchar, agora piorou. O imóvel valorizou, depois desvalorizou. Agora está estacionado. Mas aqui, geral. Aqui deu uma estacionada danada. [A rua] é calma, mas é quase deserto. Aqui teve um assalto, aí ficou com má fama essa rua. Eu gosto do bairro! [Mas] a cozinha [do apartamento] é muito pequena, e o caso de ter um banheiro só, acho que até as pessoas que têm menos condições estão valorizando a coisa de ter mais um banheiro. Outro dia eu vi um executivo falando sobre qualidade de vida, o que é ter mais de um banheiro em casa, quando tem três, quatro pessoas até por causa da higiene. Eu vim porque foi o que consegui comprar. Nada de tanto amor. Era novo, não tinha nenhum dono, tava terminando de construir. Quando eu vi tava assim no bloco, construindo. Eu vi em março, aí em maio eu comprei, indo morar em setembro, com essa coisa de documento etc. Financiei, mas já quitei, graças a Deus. Comprei sozinha, então pagava. E ele [o companheiro] estando comigo ajuda sim, com despesa. Mas o apartamento sempre foi meu.*

Além das questões que aponta como ponto fraco do bairro e do seu imóvel, Bartira quer ter novas experiências, pensa em comprar um sítio na Chapada Diamantina e passar um tempo morando fora do país. Mas antes de concretizar estes projetos, ela deve passar um tempo entre a casa dos pais, na Pituba, e a de seu companheiro:

*Mas a gente vai ficar lá assim: Dia de semana ele trabalha de dia e de noite, pra sair tarde - 10h [da noite] pra ir pra Lauro vai ficar meio complicado - aí provavelmente a gente vai ficar de quinta a domingo [em Lauro de Freitas], e segunda, terça e quarta ele vai ficar na casa da mãe dele, que é perto do trabalho dele, e eu lá [na casa dos pais].*

Ela não deixa muito claro os motivos de estabelecer este novo arranjo, nem projetos concretos de investimento em outro imóvel e em qual bairro de Salvador seria. Falou muito em sair da cidade após a aposentadoria, e que também já está um pouco cansada da capital.

Em seguida temos a trajetória autônoma de Moacir Guabiroba, que nasceu na Soledade, pouco tempo depois morou na Ilha de Itaparica, voltou a morar em Salvador, na Avenida Vasco da Gama, e, por fim, se estabeleceu na Barra. Ao se casar, ele adquire um apartamento no Stiep, para “começar a vida”:

*Quando a gente casou, na Barra não tinha nada pra gente, ou eram apartamentos velhos, a gente não queria, ou os novos eram apartamentos muito caros e pequenos. Esse apartamento [no Stiep] foi um achado... a gente passou pela porta e entrou, ainda tinha dez unidades vendendo, era uma época que não tinha muito lançamento, pegamos o quarto andar, dois quartos e ainda tinha varanda...*

A esposa dele complementa: “*Eram quatro por andar, salão de festa e piscina e só! [...] na verdade o Stiep tinha uma coisa ruim: era longe de tudo! só tinha uma padaria, quase 1km de distância*”, e ela continua rememorando a arquitetura do seu imóvel comparando com outros da época:

*Sabe o que eu estou me lembrando com este negócio de casa? uma das coisas que eu mais gostei no meu apartamento quando a gente comprou era que ele tinha duas portas! O que a gente mais via, o que era mais comum quando a gente foi comprar apartamento e que a gente tinha condição de comprar era apartamento de uma porta! Quando a gente tentava ficar um pouco mais perto, os apartamentos que estavam dentro da condição da gente comprar, lembra que a gente viu um até em Ondina [pergunta ao marido]? Porque os meus pais moravam na Barra os pais dele moravam na Barra, então a gente tentava ficar o mais perto possível... mas eram todos de uma porta só, e este por ser mais distante, era perto dos areais, não tinha nada, era um lugar que não tinha nada, não tinha um prédio... ter duas portas, era uma coisa...*

Mas o bairro tinha uma vantagem, apesar do isolamento do prédio, Moacir relembra: “*O andar era ruim! O prédio era um pouco isolado... era bom porque tinha duas saídas: uma pela Orla e tal, tinha esta vantagem...*”

Moacir resume o momento que decidiu comprar o primeiro apartamento no qual viveu inicialmente com a família que formou:

*Nos casamos em 1994, vai fazer 26 anos, quando a gente foi casar, como o ditado diz: quem casa quer casa! Então fomos procurar onde morar, entramos no Plano Gradiente<sup>38</sup>. Num domingo a gente saiu, e passamos ali no Stiep, naquela sinaleira perto da FIB, tinha apenas um prédio, o Lagoa Dourada, que tinha acabado de construir, ainda tinha promoção que os primeiros moradores ganhavam um ar-condicionado, olha que chic?! Aí fui lá negociar com o cara, estava recém-formado e recém-contratado, naquela época tinha dois contracheques, um valor no contracheque e outro por fora, então pedi a empresa para colocar no contracheque o valor real que eu ganhava, aí deu certo. Aí comecei a pagar... com quatros anos a empresa em que eu trabalhava pediu concordata, quando chegou em 96/97 a empresa faliu, aí eu montei uma empresa fazendo o que tínhamos aprendido na empresa em que trabalhávamos, aí foi que começamos a ganhar dinheiro...*

Após abrir sua própria empresa, a situação econômica da família melhora e então se mudam para um apartamento no Loteamento Aquarius, um dos últimos vazios a serem ocupados na região da Pituba e Caminho das Árvores:

*Em dois anos, menos de dois anos eu comprei um apartamento a vista com 4 quartos no Aquarius, aí eu passei sete anos neste apartamento. [...] quando nós fomos para o Aquarius foi outro impacto, tudo você podia fazer andando... nosso prédio era o último, mas a gente podia sair andando ir na*

---

<sup>38</sup> Plano de financiamento imobiliário vigente à época.

*praça... tinha um inconveniente porque tinha poucos prédios então você tinha uma insegurança, fez algumas reuniões para segurança privada, mas nunca deu certo, no meu prédio por exemplo tinha policial militar na porta. Teve alguns casos de tiro na porta do meu prédio, tinha esta questão de insegurança, mas eram momentos, mas aí começou a aumentar quantidade de prédios, e melhora em partes, porque você coloca prédio, mas as pessoas ficam dentro do prédio. É igual ao Horto, tem prédio em todo lugar, mas gente andando na rua? O Horto é um deserto...*

Moacir enumera as vantagens da nova moradia no bairro, ao lado oposto ao Rio Camarajipe, entre as que mais têm destaque são as conveniências nas proximidades e a possibilidade de caminhar pelas ruas, às vezes com mais, outras com menos, segurança. Mas apesar da melhoria na qualidade de vida, o custo também aumentou e o casal começou a planejar a mudança de bairro. A esposa relata:

*Eu estava no Aquarius, quando a gente começou [a pensar em mudar]. O outro apartamento ficou muito caro, porque eram dois por andar, o condomínio ficou um absurdo, e a gente... Moacir disse: 'vamos procurar um lugar que a gente possa pagar mais barato porque a gente está com um custo de vida muito alto, a gente não tem condição de manter' e aí a minha mãe foi... exatamente neste momento ela veio [morar na Pituba]: e [eu pensei] 'eu vou ficar aqui o que?'*

É assim que o casal e suas duas filhas vão se estabelecer na Pituba, num condomínio de duas torres num loteamento novo. A esposa continua relatando o momento da mudança:

*Eu comecei a procurar perto das meninas [irmãs dela], porque a gente já fazia transporte solidário de escola e eu era fora da rota, então eu disse pra ele, se a gente vai mudar, vamos mudar pra dentro da rota, a gente já trabalhava com isso, as meninas [filhas e sobrinhas]faziam balé juntas, várias atividades juntas, pois a idade são muito próximas... quando a gente fez este movimento minha mãe conseguiu trazer meu pai, muito reticente e aí ele disse, só mudo se for para o prédio das meninas...*

Moacir complementa trazendo o desejo de voltar a morar na Barra: “Depois disso eu ainda pensei em mudar pra Barra, na época, a Barra pra mim era um encanto de ir pra Barra andando...”

Ao que a esposa rebate:

*Ia pra casa um do outro andando, ia pra escola andando quando estava estudando no Sartre, que foi uma glória porque eu estudava no [Colégio] Tereza de Lisieux [na Av. Antônio Carlos Magalhães]... é claro que a gente fez um movimento de tentar voltar pra Barra, porque minha mãe estava lá, mas era impossível...*

Ao que parece, Moacir não superou a ideia de morar na Barra, reconhece esse bairro como verdadeiramente de elite, apesar das mudanças, além de guardar os laços afetivos das experiências que viveu durante a adolescência. A esposa parece querer lembrá-lo que o tempo passou e que talvez ele não se adaptasse à Barra da contemporaneidade.

Ele relata o momento da mudança:

*Depois de sete anos neste apartamento [do Aquarius], a empresa teve problemas e tal, demorou mais uns dois anos pra gente se estabilizar, aí foi quando a mãe dela que morava na Barra veio morar aqui na Pituba, os filhos saíram tudo, né? as filhas casaram, e todas vieram morar aqui na Pituba, e aí ela achou que o apartamento estava muito grande e também veio morar na Pituba, e foi morar no mesmo condomínio que uma das filhas morava, com três prédios, ela pegou um apartamento menor pra ela e o marido. Foi quando a gente pensou em se mudar e então ela [a esposa] decidiu por bem ficarmos por aqui... Aí surgiu esta oportunidade, a gente comprou este apartamento na planta, quer dizer, já estava construindo, mas a gente comprou na planta, a gente passando aqui, gostamos, era muito parecido com o que a gente tinha, mas o meu era um pouco melhor porque era dois por andar, aqui são quatro por andar, são dois prédios, então lá era um pouco mais caro... a mãe dela mora, perto, perto mesmo, dá para ir andando... são três irmãs cada uma tem duas filhas, então com isso fazia o mesmo transporte [escolar], a mesma escola...*

[...]

*aí foi quando a gente idealizou [vir] pra cá, veio pra cá [Pituba] este aqui era um loteamento novo, chamado Vela Branca... este supermercado aqui agregou mais, antes era um terreno baldio e tinha muita marginalidade, então eles juntaram tudo e fizeram uma praça, então deu um movimento muito maior... agora isso aqui hoje tem muito prédio... e aqui atrás já é o Condomínio Parque Júlio Cesar... por isso que eu digo que a Pituba não é um bairro nobre, porque aqui atrás tem a Santa Cruz, se eu sair daqui no sentido pra lá ao invés de ir pra Orla, tem uma rua sem saída que tem vários prédios, o final da rua dá pra Santa Cruz, que é um bairro mais populoso que não tem prédios, é igual ao Parque da Cidade em volta da para a Santa Cruz...*

Moacir, como engenheiro e construtor, domina os códigos de prestígio da localização na cidade e sabe que escolheu ir para um bairro com menor *status* do que o de antes. Assim, ele descreve os aspectos que fazem do seu bairro atual não ser “alto padrão”. No entanto, a necessidade de baixar custos, aliada à dinâmica e rede de apoio familiar da esposa, o fizeram optar pela localização atual que possibilita acesso a pé à vizinhança, mas que não oferece segurança para tanto.

*Hoje eu sinto o seguinte, eu acho perigoso andar por aqui [na Pituba], a Barra pra mim é isso, eu ia pro shopping andando, era fazer tudo andando, mas a Barra mudou também... mas isso era o que me encantava na Barra [fazer tudo andando tranquilamente] e que eu não sinto aqui, eu não sinto tranquilidade... mas hoje eu não sei se eu sentiria na Barra, o que meu irmão me diz é que está muito complicado...o fluxo na Barra é muito grande, de carros e de ônibus... então a Barra ficou assim, eu queria voltar*

*pra Barra ainda pela aquela ilusão, memória de poder andar, mas hoje eu não faço...*

Já Raoni Arruda reside no mesmo apartamento desde que se casou. Ele mora há vinte anos na Federação. O imóvel no qual vive com a família é o mesmo em que a família da esposa vivia antes de se casar. Os irmãos dela se casaram e se mudaram, assim como o seu sogro, que formou nova família após a separação. Raoni então comprou o apartamento do sogro e passou a residir lá com a família que formou.

*Casei com 30 anos. Janeiro de 98. Faço aniversário em agosto e casei em Janeiro. 31 anos incompletos. Aí desde lá moro aqui. Nesse apartamento aqui. 22 anos.*

*Na verdade ela [ a esposa] já morava aqui com a família, meu sogro se separou da mãe de minha esposa - falecida também hoje - separou, e aí foi morar com outra pessoa e deixou os filhos aqui. Comprou esse apartamento, mobiliou e deixou os filhos aqui. Aí casou os dois - ela é a mais velha - são dois irmãos e duas irmãs. Quatro filhos, depois ele [o sogro] teve um com o outro relacionamento, um irmão e uma irmã - meia irmã de minha esposa - aí ele montou esse apartamento, fez uma planta aqui, esse prédio aqui; acho que é de 84 inaugurou aqui. E aí ela já morava aqui, gostava que ela trabalhava aqui perto e aí quando a gente casou, fiz negócio com ele, aí tinha um apartamento aqui próximo que eu nunca cheguei a morar. Aí fiz negócio com meu sogro, repassei pra ele e aí vim morar aqui que era maior, que [o meu apartamento] era quarto e sala só aqui, e aí ... fiz negócio com meu sogro, eu alugava, aí repassei pra ele, paguei a diferença e moro aqui desde então.*

Raoni descreve o acerto que fez com o sogro para quitar o apartamento e permanecer no ambiente que já era conhecido da sua esposa e próximo do seu trabalho. Quanto à sua ambientação, ele chama a atenção para a violência do local:

*A gente percebe, né? O descalabro da violência é sempre crescente; mas já desde aquela época [em que foi morar na Federação] a gente também ... hoje é inimaginável deixar filho fazer o que fazia: deixar sair pela Liberdade, sair explorando lá na região. A gente sabe que é perigosa hoje, né? A gente sempre procurar proteger, né? Não tinha a facilidade que tem hoje: meus pais nunca tiveram um carro, a gente tinha que se virar, pegar ônibus, andar sozinho, eu me virava: ia pra fazer tratamento odontológico, pegava ônibus sozinho, ia pra lá pra [Av.] Jequitaiá pra fazer esse tratamento, ia no Campo Grande, ia sozinho pra escola, ia e voltava. Hoje em dia os meninos não sabem pegar um ônibus. Tudo é carro, é Uber ... hoje eles não sabem pegar um ônibus. E também a gente não deixa. E aqui é perigoso: aqui já foi menos perigoso.*

Sobre demais aspectos do bairro, e expectativa de mudanças, ele fala:

*Tem um mercadinho aqui próximo, defronte aqui, atravessando. Mas a gente faz mercado, compras mesmo ... é ... esse meu cunhado - irmão da*

*minha esposa - ele tem um mercado lá na Paulo VI, a gente faz normalmente as compras lá.*

*O sonho da minha esposa é morar lá na Pituba. O meu sogro ainda mora lá, tem 84 anos, vai fazer; meu cunhado tem esse mercado lá e a irmã dela mora lá próximo; tudo pertinho, na Paulo VI. Aí o sonho dela é sair daqui.*

*Mas Federação aqui eu gosto, principalmente aqui. Você passou [o Vale da] Muriçoca aqui, a [Av.] Garibaldi, você pega a Avenida de Vale, trânsito tranquilo pra tudo quanto é local.*

Embora revele o desejo da esposa de mudar de bairro, ele não menciona interesse em sair do local atual, parece estar satisfeito com a moradia na qual satisfaz todas as suas necessidades.

Por seu turno, Moema Jacarandá vai residir no bairro do Imbuí ao se casar e começar sua vida autônoma:

*Eu casei e fui morar lá no Imbuí; tava começando a vida, nós começamos a morar num apartamento, era como se tivessem duas torres, mas eram quatro de um lado, quatro do outro, e eu considerava 8 por andar. Eu disse "Não, não vou ficar por aqui por muito tempo". Dito e feito. Aí de lá a gente ficou uns ... acho que uns seis, sete anos lá e logo que minha filha nasceu, que tem hoje 21 anos, logo que Isadora nasceu, quando ela completou 1 ano de idade, a gente já estava morando no Costa Azul. Mudamos para um apartamento que era grande o suficiente, mas eram dois por andar. Isso me encantou bastante porque eu prezo pela questão da individualidade.*

*[No Imbuí] É assim: era aquele prédio que a gente mudou porque precisava de alguma coisa para começar a vida. Era próprio. Tinha que começar a vida de algum lugar, então fomos para lá. Aí de lá ficamos, devem ter sido uns 6 anos, mais ou menos, que logo que Isadora nasceu, eu me lembro bem: no primeiro ano dela a gente já estava no Costa Azul.*

O apartamento no qual foi morar logo que se casou não atendia aos requisitos de Moema: eram muitos apartamentos por andar, ainda que o seu ritmo de vida e de seus vizinhos não possibilitasse muito contato, ela considerava este número alto para convivência. Assim, logo que possível, ela muda para outro apartamento no bairro de Costa Azul, num prédio em que cada andar era composto por dois apartamentos.

*Não era um prédio grande, acho que eram oito andares, e eram dois por andar. Ainda não era o prédio que eu queria, porque não tinha aquela coisa, você sabe como é arquiteto, né? Aquela coisa: não tinha o playground, não tinha aquela área coletiva pra botar minha filha pra brincar; tinha uma área comum embaixo, mas não era uma coisa estruturada.*

*Tinha que ter piscina, tinha que ter playground, um salão de festas. Mesmo que você não use, como é o caso daqui. Mas você tem que ter pra pagar por aquilo, mesmo que você não use.*

Mas Moema não permaneceu muito tempo neste bairro. Após quase oito anos no Costa Azul, a sua mãe faleceu e ela retornou para o Itaipira:

*Aí a minha história no Itaigara. Essa história é a seguinte: meu apartamento no Itaigara foi o meu pai que me deu de presente. Então aí reformei o meu apartamento todo, e nós fomos morar. Era um prédio bom, com toda infraestrutura, piscina, aquela coisa toda, né? Que minha filha que usufruiu porque estava com 8, 9 anos de idade e eram 4 apartamentos por andar.*

A sua filha complementa com suas memórias, comparando os dois prédios nos quais viveu na infância e adolescência, no Costa Azul e no Itaigara:

*Eu lembro que [no Costa Azul] eram dois [apartamentos] por andar. Porque era um apartamento mais antigo, então assim era um apartamento bem grande; inclusive quando a gente mudou pro Itaigara, tem certos cômodos do Costa Azul que eram maior do que do Itaigara, mas assim: o prédio [do Costa Azul] não tinha piscina, não tinha parquinho, era aqueles prédios mais antigos mesmo.*

A fala da filha de Moema reforça os valores que ela levava em consideração quando procurava por moradia: a privacidade alcançada com poucos vizinhos por andar e a infraestrutura do condomínio. Em cada parada que a sua família faz, ela vai agregando novos elementos a sua moradia, para compor o seu ideal de bem viver. A filha continua:

*Itaigara era sensacional, porque assim: tinha o prédio, tinha o play, piscina e tudo. E lá, como eu tinha uns 10 anos, era o apartamento antigo do meu avô. Minha prima frequentava muito, ela já conhecia o pessoal de lá, e eu passei a conhecer. E eu fiz muitos amigos lá...*

Moema também fez muitos amigos no tempo em que viveu, nesta nova fase, no Itaigara, amigos que ela mantém contato regularmente. Porém, foram as condições do trânsito nas ruas de acesso ao seu condomínio que a fizeram buscar nova moradia:

*Por mim, eu teria ficado lá, mas só que minha relação com o mar foi uma coisa muito próxima, então eu sempre tive vontade e sempre tinha um sonho de morar no apartamento grande de frente para a praia. Aí aquela rua ali, Altino Serbeto de Barros, onde tem o Hotel Fiesta, que não tem saída, aquela rua se tornou um verdadeiro inferno de Dante, porque tinha dias que eu levava simplesmente daquele prédio ali de cima até chegar na esquina quase meia hora por causa da faculdade, por conta dos consultórios médicos. Muito, muito, infelizmente aquela rua ali não tinha mais condição da gente ficar, aí eu comecei a botar na cabeça do meu marido "vamos mudar, vamos mudar, vamos mudar, vamos mudar, vamos mudar".*

A rua na qual está situado seu antigo condomínio é sem saída, transversal da Avenida Antônio Carlos Magalhães, local de muitos empreendimentos de grande porte

como *shoppings* e hotéis como o que ela cita. Na sua rua, especificamente, foi instalada uma Faculdade, num prédio no qual já funcionava uma escola e um grande centro médico com muitos consultórios. Deste modo, a sua vizinhança deixa de ser predominantemente residencial e passa a ser mista, sem infraestrutura que garanta o conforto no acesso ao local. E assim, Moema e a família vão para um condomínio em Patamares, onde moram há cerca de 3 anos. Ela continua o relato:

*E ele [o marido] muito acomodado. E assim, como bom arquiteto, eu adoro ver parede descer e poeira subir numa reforma. Aí a gente veio num apartamento aqui de uns colegas nossos, que a gente viajava juntos, aí me encantei com o prédio, com a vista então, eu não sei quando você chegou aqui, já tava escurecendo, você não viu, mas eu trabalho aqui próximo e eu me dou o luxo de - antes quando eu tava trabalhando durante o dia todo, eu vinha em casa almoçar. Sentava aqui e almoçava olhando para o mar. E hoje que eu venho mesmo e fico aqui, almoço, e aí demoro. Fico aí contemplando, aí quando eu vi, eu disse "não, eu tenho que morar aqui". Aí comecei [a insistir com o marido]. "Ah, a gente não tem dinheiro"[ele dizia], aí foi aquela coisa de marido, né? Aí fiz "Bota esse apartamento à venda, bora partir, a gente tem que andar para frente". Aí a gente foi ver alguns apartamentos aqui tudo, mas assim não era ainda que eu queria, porque era andar térreo, andar baixo, e esse aqui é um andar alto. Minha filha terminando o 3º ano do ensino médio no Anchieta, aí eu disse a ele "vumbora"! [...]*  
*[Quando a filha] Já tá na metade do curso [superior], e eu disse "vumbora, rapaz", aí [a filha] tava fazendo para UNIFACS e tudo, aí a gente começou mesmo a procurar; aí ele se animou, começou a procurar. Aí quando a gente veio aqui, que viu esse apartamento, que eu vi essa vista, eu fiz "não, é esse". Nasceu pra mim. E hoje em dia eu estou aqui, eu me sinto assim uma rainha da minha casa, realizada, entendeu? Porque eu estou no meu apartamento de quatro quartos, que eu sempre sonhei com a minha vista para o mar.*

Ela confirma que chegou no seu objetivo de moradia, que está muito realizada com a mudança e com a escolha da moradia, e explica os esforços em busca de um imóvel em Patamares com o lema: *“É pra frente que se anda”*. Esse mote que a mobiliza na escolha da nova residência denota a ideia da busca pelo *status* que a moradia engendra e como os esforços para alcançá-la se justificam.

Toda a trajetória desta interlocutora desde o nascimento evoca progressão das condições de moradia tanto localizacional quanto arquitetônica. Ela nasce na Cidade Nova e tem como primeiro destino o IAPI, que na época em que nasceu era tido como bairro de padrão superior, pois ali se instalou o primeiro conjunto habitacional da cidade e havia grande expectativa deste modelo prevalecer. Esta expectativa se frustrou, pois as “invasões” recorrentes no entorno se sobrepuseram à forma urbana que surgia com o conjunto IAPI. A família se transferiu para uma rua do bairro da Caixa D'Água, muito antiga, para uma casa muito grande, de padrão arquitetônico moderno e de renda mais alta.



Ao desfazer o casamento, seus pais foram para bairros que compreendiam o vetor de investimento da década de 1980 e 1990: o pai foi para o Caminho das Árvores e a mãe, para o Itaigara.

Em cada momento, a sua família original e depois o núcleo que ela formou, vão buscando melhor inserção localizacional. Em suas falas, ela sempre evidencia as características do imóvel e o tipo da vizinhança com que ela tinha de lidar, evitando o contato. Apenas no condomínio do Itaigara e no atual ela criou laços. No entanto, a sua vizinhança não é tão amável quanto ela gostaria:

*[...] embora assim, a minha vizinha de andar mal dá um "bom dia", um "boa tarde", infelizmente, entendeu? Às vezes eu encontro com ela aí no hall, faço "bom dia", [e ela] nhé. É assim. Mas assim, a gente tem muita amizade com os dois que moram aqui embaixo da gente. Sábado mesmo nós estávamos no show, a gente saiu, fomos juntos. Tem pessoas do outro bloco - porque é Bloco A e bloco B, sempre a gente faz coisas aí embaixo para gente, assim, cada um dá um tanto. E aí "vamos fazer uma noite de queijos e vinhos", "vamos pedir um Sushi", aí desce todo mundo para o Espaço Gourmet. Teve a confraternização de Natal, que fizemos um churrasco à noite, aí todo mundo desceu; todo mundo que contribuiu, porque tem gente que não se interage mesmo...*

E diferente das residências anteriores a este e à última estada, Moema parecer querer ter mais laços de amizade com os atuais vizinhos e se recente do trato dado pela vizinha de andar do seu bloco. Mas ela continua interagindo e circulando nas dependências do condomínio, frequentando a piscina e demais ambientes:

*Eu frequento muito a piscina. Mesmo por conta do problema de saúde, tem que sempre ativar a melanina por causa da Vitamina D, aí eu vou sempre pra piscina. E a orla a gente vai às vezes, não é bem aqui, é Itapuã: é entre Piatã e Itapuã, uma curvinha que tem ali, mas é dia de domingo que a gente vai, mas não é muito porque minha sogra mora em Vilas do Atlântico e aí quando vai a gente prefere ir para lá. Mas a gente vai para lá, ou então desce e fica aqui porque foi um prédio que realmente a gente se deu bem, tanto eu quanto meu marido, de fazer amizades e tudo. Eu tive a certeza disso no sábado que a gente saiu e que foi com o grupo. A maneira como ele interage, como ele socializa; embora que no Itaigara a gente também tem amigos até hoje e a gente marca todo mês, a gente marca para sair para ir para um lugar - do antigo prédio - esqueci o nome do grupo ... Monte Carlo. A gente sempre marca. Isso foi Natal, tá vendo? Aí. É muito muito legal, muito legal. Aí a gente sempre vai, vara a noite, e da última vez foram quase 12 garrafas de vinho. Muito animado. Não é que não tivesse amizade lá: tem, coisa que a gente vai - com Fé em Deus - preservar, mas assim, aqui eu me dei muito bem. Até porque o apartamento de lá era mais apertadinho. Não tinha quatro por andar, eram três quartos, mas era mais apertado. E esse aqui você tá vendo que é bem amplo. Então é isso.*

Ao ser questionada sobre a rede de serviços próximo ao condomínio, ela aponta a primeira debilidade da localidade, mas entende que é o preço a ser pago pelo estilo de vida e a tranquilidade que Patamares oferece:

*[A dinâmica de compras é] um pouquinho complicada, porque aqui a pessoa tem que ter carro. A diarista que trabalha com a gente, ela pega um atalho: quando você vem ali, tem o posto de gasolina na [Av.] Pinto de Aguiar, por ali tem uma escadinha; por ali quando você já sobe, você já sai aqui na esquina. [...]*

*Acho que a proposta é: quem vem morar aqui, pra esse lado, sabe que vai encontrar essa ... E eu acho que a pessoa já vem com essa proposta. Dessa calma. Dessa quietude, entendeu? Porque não tem outra ... que assim, o que mais me encantou aqui realmente foi isso, entendeu? Às vezes de manhã ficam os passarinhos cantando aqui embaixo, tem um negócio de um galo aqui dessa antiga faculdade que era a Unyahna...*

Por fim, ela expressa o contentamento coma escolha atual e que somente sairia do seu condomínio se fosse para ir para um condomínio vizinho, o Biarritiz:

*Pretender sair, eu pretendo, "Praqui" mesmo, não quero outro lugar. Eu trabalho no Centro Administrativo, eu e meu marido. Em cinco minutos, eu tô no trabalho: vou e retorno. Quanto eu tenho que lá pra alguma coisa no Itaigara, no Iguatemi, que eu pego engarrafamento eu digo "Meu Deus, o que é isso?". [...]*

*Olha, eu vou lhe ser muito sincera, é como eu lhe falei: eu estou aqui felicíssima. Muito pouco falta para lhe dizer que sou uma pessoa realizada. Muito pouco. mas eu estou felicíssima e não pretendo sair daqui dessa área - daqui do apartamento, talvez, não sei - mas daqui (de Patamares) não. Pra mim tá muito cômodo aqui.*

Enquanto isso, Uirá Aimoré viveu praticamente toda a infância e juventude no bairro da Lapinha, na mesma casa, à Ladeira da Soledade. Ao se casar, ele foi para o bairro de Vila Laura, para formar sua família:

*Quando eu casei fomos morar na Vila Laura, foi o local que nós conseguimos comprar o apartamento, eu já trabalhava e minha esposa também, aí foi quando ela engravidou da minha filha mais velha, que hoje tem 23, ficamos lá até 2000 que foi quando o caçula nasceu.*

*Quando a gente se casou a gente não pensou muito em continuar na Soledade, porque a gente teve esta oportunidade [de comprar o imóvel em Vila Laura] e porque minha irmã morava lá [na casa dos pais], então não tinha condições. Naquela época, em que eu casei, as casas ainda estavam todas ocupadas, não tinha nada disponível, e também a gente queria um pouquinho a nossa privacidade, meu pai até me chamou: fica aqui e tals, mas eu falei não, não... naquela época não achamos nada disponível pra que fosse nosso, porque a gente queria nosso, não aluguel, queria comprar, tanto que a gente pegou financiamento e conseguiu esses prédios que estavam fazendo ali na Vila Laura, eram prédios novos, então a gente resolveu comprar um apartamento nosso, tinha vontade de ter meu próprio imóvel...*

Uirá demonstra grande apreço pelo bairro no qual cresceu, um dos poucos até aqui. Mas no início da idade adulta percebia o seu bairro com escassa renovação imobiliária ou pouca possibilidade de acessar os casarões com relevância arquitetônica e histórica que caracterizam o bairro e especialmente a ladeira em que morou.

Assim, alinhando a falta de opções de moradia à vontade de ter seu espaço próprio e imóvel, ele foi com a família para um bairro que estava crescendo naquele momento com empreendimentos novos e possibilidade de financiamento.

No entanto, além do bairro, a nova moradia apresentava outros desafios para a família:

*[Mas sair de uma casa e ir morar num apartamento] pra mim foi um tanto quanto complicado porque eu tinha todo aquele espaço, era um local reservado, era uma casa, só tinha um vizinho um do lado e do outro, e no apartamento não você tem vários, como aqui você tem vizinhos de todos os lados, o que um faz, às vezes, afeta o outro. Então foi assim meio estranho no início, ter que conviver com muita gente e é assim que começam os problemas, se por um lado você tem mais vizinhos então tem possibilidade de ter mais problemas, com relação a barulho, não sei o que... mas eu não tive tantos problemas não, mas casa é sempre mais confortável pra mim, quintal, pé de abacate, goiabeira, no meu tempo tinha isso...*

Neste ponto, Uirá evidencia um dos seus valores ou requisitos para a boa moradia: o desfrute de espaço livre e verde para o uso de sua família, bem como a privacidade que a vida em uma casa oferece, e a convivência com poucos vizinhos. Ele parece não estar muito satisfeito com a opção de moradia que fez e continua buscando alternativa para proporcionar aos filhos um pouco da experiência que teve na infância e se mudam para Itapuã:

*Lá em Itapuã era bem tranquilo, poucos vizinhos, em frente à praça Vinicius de Moraes, era legal, apesar da praia ser difícil porque puxa muito, mas tinha umas lagoinhas, perto do Farol de Itapuã, tinha toda esta parte do mar, perto mar, tinha o Ano Novo porque a gente não precisava sair, todo mundo ia pra lá, tinha aquela coisa dos fogos... a vizinhança era ótima, pessoal bem legal...*

*[Quando o mais novo nasceu] então a gente resolveu, aceitamos uma oportunidade de morar numa casa, a gente queria morar numa casa, aliás eu sempre gostei de morar em casa. Minha esposa não, ela gostava mais de apartamento, enfim, a gente viu uma oportunidade lá em Itapuã e deu tudo certo, a gente foi pra lá, era um condomínio de casas na verdade, sete casas, era ótimo... meu sogro morava lá, ele era da Pituba e foi morar em Itapuã, ele adorou lá, ficou morando lá... ele morava a uns três quarteirões da minha casa, [mas] minha mãe achou longe, né? ficou meio assim... ainda mais por que eu sempre ia almoçar em casa, no início [do casamento] eu trabalhava ali perto, eu ia almoçar em casa, ficava mais próximo, [ela] via os netos, mas em compensação o outro lado da família nunca via os netos, [morando] do outro lado da cidade... mas depois ela se acostumou, mas foi legal, eu gostei*

*de lá, era uma morada muito legal a gente ficou lá até 2011, moramos 11 anos lá...*

O seu filho caçula também relembra a vida em Itapuã:

*Da Vila Laura eu não lembro, porque eu nasci lá e logo depois a gente se mudou, eu lembro de Itapuã, pra Itapuã eu sentia assim que as coisas eram mais próximas assim, tipo como se as coisas que são mais perto de praia, eu me sinto num ambiente mais aconchegante, diferente da minha mãe, ela não gosta muito de praia, mas eu sempre senti que lá eu podia fazer tudo andando, mais de boa assim, tipo eu não saía sozinho, eu saía com a moça que trabalhava lá em casa, a gente ia andando no shoppingzinho que tinha ali perto, o Shopping do Farol a gente ia comprar pão, comia ali naquele shoppingzinho, ia pra praia andando, então tipo, era uma parada bem mais de boa...*

Embora a família tenha alcançado mais dos elementos que valorizavam na residência em Itapuã, a vida os fez repensar a moradia no bairro, especialmente as dificuldades com trânsito e a entrada dos filhos em faculdades localizadas na região do centro. Assim, eles se mudam mais uma vez, para o bairro de Patamares, onde residem agora.

*Com o tempo, os meninos passaram na universidade, por exemplo a mais velha fez UFBA, então pra ela sair de lá de Itapuã pra Federação era complicado. Aí eu recuei um pouco mais, a ideia era ir mais pra perto ainda, pra perto do centro, mas a gente não achou... na Soledade já não tinha mais casas, ou viraram ponto comercial, eu pensei até li no Barbalho, que seria uma casa, mas a gente não viu nenhuma legal com possibilidade de negociar... então a gente achou este aqui, no meio do caminho e ficou, mais por uma questão de logística do que gostar, por que por mim ficava lá mesmo [em Itapuã] ficamos por aqui, vamos fazer 8 anos...*

Surpreendentemente, Uirá é o primeiro e o único a efetivamente buscar alternativas de moradia nas proximidades da Estrada da Liberdade, objetivando retornar para a região onde cresceu. O Barbalho é um bairro contíguo à Soledade e Lapinha e tem características socioespaciais similares, embora pertença à Prefeitura-bairro do Centro/Brotas.

Ele continua relatando como chegou ao bairro de Patamares e segue descrevendo-o:

*Antes de vir pra cá a gente não tinha relação nenhuma com Patamares, por acaso a gente foi vendo as oportunidades que foram surgindo, isto aqui tudo não tinha nada disso [aponta para novas torres na sua vista mar] estes prédios aqui não existiam, na verdade só estes dois, este prédio é de 2010/2011... este foi um dos primeiros, depois aqueles ali: o Parque Tropical [...] esta região aqui era de casas, e que maioria estão fechadas, ali na rua de*

*Moema tem três imóveis que estão fechados, que são a mesma história de meu pai: os filhos se casaram e foram morar em outros bairros e estas casas aqui eram pessoas que não queriam ir para o centro da cidade, ficaram por aqui para ter mais qualidade de vida... todos estes prédios aqui eram casas, o único prédio era aquele ali pequenininho e o resto tudo casa...mas eu gosto daqui de Patamares, é um lugar tranquilo, a qualidade de vida é boa, a praia está ali pra a gente ir caminhando, mas eu não gosto muito de ir pra praia não (rs), mas aqui é tranquilo, falta por exemplo supermercado mais perto, ainda está começando... a dificuldade aqui é que basicamente tudo que você tem que fazer tem de fazer automóvel, transporte público não chega aqui, abriam algumas passagens para os trabalhadores chegarem nos condomínios, caminhando, mas via de regra é de carro, é perto de colégio, este aqui aquele ali embaixo, tem as faculdades que dá um movimento legal: tem a [Universidade] Católica em Pituçu, Uninassau, aqui embaixo...*

Uirá descreve a transformação do bairro no período mais recente durante o *boom* imobiliário, quando as casas térreas e isoladas do bairro deram lugar a grandes condomínios de alto padrão. Este é um dos motivos para o bairro concentrar grande número de ofertas no período que ele adquiriu o imóvel.

Apesar de gostar do bairro, ele planeja se mudar:

*O meu projeto agora é sair de Salvador, a gente falta dois anos pra se aposentar, minha esposa também. A mais velha já está formada, daqui a pouco o mais novo também, então este apartamento vai ficar muito grande para nós dois e a gente gosta muito na chapada, desde 2006 que a gente vai pra lá, então a gente comprou um terreninho e a nossa pretensão é fazer alguma coisa parecendo uma pousada, uma hospedaria, morando e ficando por lá...*

Então, assim como Batira, Uirá também deseja se domiciliar em uma cidade da Chapada Diamantina, interior da Bahia, quando estiver aposentado do atual cargo no serviço público que ocupa.

Há ainda a trajetória de Açucena Araúna. Ela nasce na Espanha e chega muito pequena no Brasil e reside a infância e a juventude na Lapinha. Ao se casar e iniciar vida autônoma, vai com o marido e sua mãe para um apartamento no Barbalho, bairro contíguo à Lapinha, mas em direção sul, mais próximo da cidade original:

*Na verdade, quando a gente passava de ônibus [vindo] do centro sempre tinha uma ruazinha [e eu pensava] "essa ruazinha aqui tão bonitinha, um dia vou morar aqui". Quando a gente casou, por coincidência, um espanhol tava vendendo um apartamento nessa rua e o preço coube no bolso e a gente conseguiu, eu e meu marido, consegui ajustar as finanças e compramos na mão desse espanhol. Na [Rua] Jardim Esperança onde tem a Igreja Batista Sinai, é uma rua sem saída, rua tranquila que parece também cidade do interior, os vizinhos - não sei como é que tá hoje - mas todo mundo se conhecia.*

*Minha mãe sempre teve problema de saúde e aí eu sempre fiquei temerosa de ficar muito longe dela aí eu falei - vou morar com minha mãe - aí meu*

*marido falou assim "não, a gente não mora com ela, ela mora com a gente" e aí na época não tinha nada ali [na Lapinha] por perto vendendo, não tem uma oportunidade e apareceu essa que o cara tava voltando [para a Espanha], ele tinha um único filho e ele tinha morrido num acidente, ele tava meio desgostoso e queria voltar pra Espanha, vendeu aqui no Brasil e voltou pra lá. O preço tava [bom]...*

Então, para Açucena, o bairro em que cresceu estava entre as possibilidades de moradia na vida adulta, especialmente pela necessidade de estar perto da mãe. Mas assim como Uirá, ela não encontrou nenhum empreendimento ou imóvel à venda que atendesse ao seu interesse. Ainda pensou em continuar morando com a mãe, mas foi dissuadida pelo marido, que preferiu levar a sogra para morar junto.

Este ponto é interessante por revelar um dos aspectos que vem se fortalecendo nesta rede quando vão iniciar a vida autônoma: a casa própria como possibilidade de exercer autonomia no modo de habitar, de modo que diminua a possibilidade de interferência de terceiros, ainda que sejam familiares. Além de se evidenciar o desejo de privacidade como valor que ganha mais *status* na hierarquia em detrimento da rede de apoio e o comunitarismo. Ela continua descrevendo a nova moradia:

*Era um prédio pequeno, era engraçado porque ele tinha duas portarias, tinha uma nessa ruazinha que te falei, mas tinha outra portaria, portaria do [Ladeira do] Funil porque ele tinha frente e fundo, era bem ventilado, dois por andar, três pra cima, play, duas garagens e mais três para baixo. Ele era alto, mas não tinham muitos moradores, eram 12 moradores ao todo. Eu lembro que meu vizinho de porta, a gente botou uma grade que era o último andar, a gente botou a grade e as portas ficavam abertas da minha casa e da casa dele... Os carros [que faziam o transporte para a empresa do polo] passavam ou na porta muito próximos, eu trabalhei de turno durante 11 anos, mas era muito tranquilo, nunca tive nenhum problema de acesso, tanto do ônibus do Polo quanto transporte público era muito... uma coisa que sempre gostei de morar em locais que eu não dependa de carro que eu consiga botar meu chinelo no pé e fazer tudo por perto, então na Lapinha tinha muito isso, no Barbalho tinha também e aqui nem se fala.*

Açucena parecia bem adaptada à dinâmica do novo bairro, muito próximo geograficamente daquele em que viveu anteriormente. Depois de alguns anos morando neste apartamento, se mudaram para uma casa no Barbalho:

*Depois mesmo no Barbalho a gente vendeu o apartamento e compramos uma casa no Barbalho mesmo que ficava naquela rua perto do Teatro Iceia, são três ruas que elas se encontram no final e a gente morava em uma delas. a gente sempre teve vontade de casa por questão de cachorro, de bicho de criação, de animal e na época que a gente comprou apartamento a gente tava até olhando essa casa, só que a gente não conseguiu, não tinha dinheiro para pagar o valor da casa, apartamento a gente conseguia pagar sem ficar endividado, a casa a gente ia ficar endividado e aí a gente optou em comprar o apartamento, anos depois a gente conseguiu se reestruturar, nesse período a proprietária tinha desistido de vender a casa e aí ficou sem vender, depois*

*ela foi colocou de novo à venda. Era um sobradinho 2 andares, mas já em uma versão mais moderna, uma casa mais recente, tinha 12 anos de construída.*

No entanto, a família não passou muito tempo na nova casa. O seu casamento terminou após 13 anos, e com a separação ela decidiu se mudar. Ela, a mãe e os filhos foram para o Corredor da Vitória.

*A gente resolveu vender a casa e seguir caminhos diferentes. Nesses caminhos diferentes eu optei por aqui porque tá perto do [Colégio] Vieira, botava um chinelo conseguia resolver tudo aqui por perto, tem mercado, tem feirinha aqui no [bairro] Dois de Julho, se quiser vou andando às vezes, aqui por perto faço tudo, banco, os médicos de minha mãe ficavam aqui por perto no [Hospital] Português, na época o [Hospital] Espanhol ainda estava funcionando, então tinha que ser pelo centro aí surgiu a oportunidade aqui. Na verdade, eu olhava Vitória, Graça, Canela e Garcia, nesse miolinho aqui. O grande puxador [para ir para o centro] era o Vieira e a praticidade do chinelo no pé e resolver tudo por perto.*

Sobre os novos condomínios e bairros de alto padrão da cidade, ela compara:

*Eu acho novo, muito bonitinho. Eu gosto do tradicional, gosto de onde tem história, onde tem laço afetivo e eu não tenho nenhum laço afetivo com aquela região de lá, minha afetividade toda tá pro lado de cá, se fosse olhar era muito fácil eu comprar uma casa no Carmo do que comprar uma casa em Alphaville, acho que é um mundo que não é o meu. Eu tenho amigos lá, vou de vez em quando. Vilas menos, mas Alphaville bastante. A região de lá cresceu bastante, mas é um negócio que não dá match. [...] eu fico brincando da história Vitória à Lapinha, fico brincando que eu morei, no corredor da história<sup>39</sup>...*

E continua:

*Esses bairros novos são bonitinhos, arrumadinhos com coisas comerciais, mas culturais não tem, não tem cultura, é diferente, acho que a energia que você sente. Eu adoro botar uma bermuda de manhã, um chinelo, o cartão de crédito do lado, 20 reais do outro e bater perna nessa avenida sete, gosto, e tem achados, tem coisa que você vê no shopping e é a mesma coisa por um preço muito mais acessível.*

Embora tenha permanecido na região central da cidade, Açucena se instalou no metro quadrado mais valorizado de Salvador, a partir da cidade original, a prefeitura-bairro Barra-Pituba, portanto, socioespacialmente oposto à Baía. E entre os elementos que ela enumera para permanecer no centro, estão a proximidade da rede

---

<sup>39</sup> Referência à música “Chame gente” de Moraes Moreira.

de bens e serviços, incluindo os culturais e festivos, além da vida cotidiana e histórica impregnada nas avenidas e ruas do centro antigo de Salvador.

Já Janaina Caiçara, que nasceu na Avenida San Martin, cresceu na Santa Mônica e foi morar com os avós maternos na Barra. Ao entrar na faculdade de Letras, resolveu comprar seu primeiro apartamento na Federação, aos 23 anos:

*Foi assim: depois de Letras na Federal eu fiz informática na Católica que é na Federação e lá também fiz muitos amigos, a gente tem um grupo até hoje, a gente se encontra e aí um dos meninos, Ubiraci tava comprando um apartamento nesse prédio onde eu morei e era pertinho da Católica e de vez em quando a gente "ah, vamos ver o apartamento de Ubiraci", e aí um dia eu conversando com ele na varanda da faculdade: pô Ubiraci que legal, meu sonho é um dia comprar um apartamento pra mim, morar sozinha, é o meu sonho, mas acho que isso ainda vai demorar muito, tenho que trabalhar muito. Ele fez assim: "não, Jana, se você conseguir fazer uma poupança boa, não se compra assim à vista, você financia, o banco empresta o dinheiro e você fica pagando ao banco. Vou marcar com a arquiteta que me vendeu pra vocês conversarem. Eu falei: tá bom. Quando a moça começou a dizer tudo eu pensei: o dinheiro que eu tenho dá. Foi assim, paguei também e acabou meu dinheiro! As pessoas normalmente compram as coisas e depois compram a casa, eu fiz o contrário, eu tinha uma casa, mas não tinha um copo. Eu ia lá olhava o apartamento e voltava pra casa, aí minha mãe: "sim, você comprou o apartamento pra que?" eu: "mas mainha, como eu vou morar lá se não tem nada?" Foi todo pronto menos o piso do quarto, não tinha piso no quarto. Eu lembro que minha mãe me emprestou o sofá que de dia era sofá e de noite era cama, meu irmão me emprestou um freezer e botou como conservação que era minha geladeira, fiquei sem fogão um tempão. Eu já trabalhava em Feira [de Santana] e eu lembro que a primeira compra que eu fiz foi uma mesa, quatro cadeiras, uma estante por causa dos livros e um cabideiro que eu levava a roupa em um cabide pendurada passada na casa de minha mãe. O pessoal lá da Católica ia estudar muito lá em casa, se espalhava pelo chão pra trabalhar e estudar, eu morei lá, foi assim que eu comprei.*

Apesar das dificuldades iniciais para mobiliar o apartamento, foi um grande feito para Janaina adquirir o primeiro imóvel tão cedo e sair da casa dos avós e da dependência dos pais. Ela não se casou, por decisão própria, e não teve filhos. Viveu feliz neste apartamento que comprou e morou sozinha por longos 20 anos. A localização era muito boa para as suas atividades acadêmicas e laborais, além das comodidades de fazer compras com caminhadas pelo bairro.

No entanto, com o passar do tempo, o apartamento de apenas um quarto começou a ficar pequeno para suas necessidades e a localização do edifício no meio de uma ladeira, entre a Avenida Cardeal da Silva e a Avenida Anita Garibaldi, começou a incomodá-la, assim como o trânsito da região. Deste modo, ela resolveu buscar um apartamento maior, no qual ela pudesse manter as comodidades que sustentavam a



qualidade de vida que apreciava. Assim, ela foi residir num apartamento no Jardim Apipema, na Barra.

*Eu tô aqui tem 2 anos e meio. O meu sonho de consumo era morar nessa rua onde eu moro. Primeiro o apartamento lá [na Federação] eu adorei, fui muito feliz lá, morei 20 anos lá, fui muito feliz. Eu só me mudei mesmo porque o apartamento ficou pequeno. Não tinha mais lugar pra botar livro, minha coleção de cachaça que eu tenho, então não tinha mais espaço, lá em casa ficou muito apertado, eu tenho muita tranqueira, então eu disse: “tenho que me mudar, comprar um apartamento maior”. Eu disse: “bom, vou passar para um de dois quartos”. Depois eu falei: “dois quartos não porque eu não vou querer me mudar de novo, então eu quero um quarto pra mim, um quarto para fazer um escritório e outro para hóspedes”, porque eu tenho muitos amigos, sempre recebi muito as pessoas, adoro! Acho que isso é de família. Aí fui procurar um de três quartos. O meu sonho era morar nessa rua porque eu acho essa rua bonita, ela é arborizada e algumas coisas que me levaram a decidir: eu tô velha, vou ficar mais velha ainda, eu estabeleci alguns critérios, eu quero um lugar que eu possa fazer tudo a pé, lá na Federação era no meio da ladeira, no meio da [rua] Aguielo Brito, então acesso já é meio complicado, então eu queria um lugar que pudesse fazer tudo a pé - farmácia, padaria - nunca pensei em me mudar pra o lado que a cidade tá indo lá pra [Avenida] Paralela e além do aeroporto porque ali a pessoa tá fazendo uma comida precisa de um tomate tem que pegar um carro pra ir comprar, aqueles condomínios lá... minha irmã mora lá, a mais velha “ah, Jana, você devia vir morar aqui”, eu digo não, morar em um lugar que pra comprar pão precisa pegar carro? quero um lugar que eu faça minhas coisas a pé. Aqui tem tudo, além do mais tem minha avó que tá com 98 anos, posso ver minha vó mais vezes, meus pais estão no Acupe, então aqui já não é longe, a UFBA eu vou a pé que eu sou do programa de pós da UFBA e pronto.*

Assim como Açucena, Janaína estabelece como critérios para se estabelecer num bairro a proximidade de bens e serviços e a possibilidade de acessá-los através de uma caminhada. Ela decidiu não ter automóvel e entende que qualidade de vida é estar num bairro no qual possa circular a pé. Ela continua:

*Tanto que eu sempre botei na cabeça, no máximo [moraria na] Pituba e Pituba se não tiver jeito. Se eu tivesse mais coragem sabe onde eu queria morar? Barris, Dois de julho, Santo Antônio... [Mas] aqui eu tenho muita facilidade, eu não quero depender de carro. Quando eu fui morar no Rio, eu vendi o carro e quando eu voltei, eu disse: “eu não quero mais carro”. Tem lugares que você realmente precisa de carro, aqui eu não preciso. Comecei a procurar, não olhei só aqui e esse foi um achado porque eu cheguei a olhar na Barra, cheguei a olhar na Graça, tava muito tendendo pra um daqui, mas quando eu vi esse e o preço desse eu falei: “não, é esse!”, eu comprei, reformei porque tava bem acabado, não terminei a obra ainda, eu refiz a varanda, troquei as portas, ainda não fiz os armários da cozinha...*

Ela conta detalhes da rotina da vizinhança, da sua forma de organizar, onde encontra o quê para a sua casa, dos vendedores de rua, dos contrastes entre o nível de

renda de alguns condomínios, restaurantes caros e o fluxo do carro do ovo, vassouzeiros etc., que fazem do local o ideal para a vida que ela gosta de levar.

Por seu turno, temos Indira Mirim, que nasceu em Alagoinhas, chegou pequena a Salvador e residiu parte da infância e da adolescência na Lapinha/Liberdade, mudando-se com a família para a casa própria no Barbalho. Na juventude, saiu da casa materna antes de se casar para dividir apartamento com uma amiga no Jardim Apipema:

*Antes de casar, como eu comecei a trabalhar muito cedo, com 19 anos eu comecei a dar aula de inglês, 20 anos com carteira assinada, ainda na faculdade de Jornalismo, nessa época eu ainda era repórter na TV Bandeirantes, e tava casando. Meu marido era colega da faculdade e tudo, mas antes disso tudo acontecer eu saí de casa, fui dividir um apartamento com uma amiga da família que é nossa amiga até hoje mais velha do que eu aqui no Apipema, foi a primeira vez que eu vi o Apipema, eu sou apaixonada por isso aqui, onde eu me sinto em casa é aqui no Apipema, mas não é onde eu moro, mas pretendo futuramente...*

Ela já estava perto de se casar, mas decidiu experimentar uma vida independente antes disso. Por isso, as lembranças são tão boas, deste período, associadas ao bairro. Quando se casou, permaneceram morando no Jardim Apipema, até que ela engravidou da primeira filha e, então, adquiriram o primeiro apartamento:

*Quando eu casei a gente alugou um apartamento, eu e meu ex-marido aqui em cima, subindo essa rua aqui [no jardim Apipema], mas alugamos um apartamento aí em cima e aí depois, meses depois eu engravidei da nossa primeira filha, ela tá com 26 anos agora, foi gerada aqui no Apipema. Quando ela nasceu, perto dela nascer a gente teve uma ideia de investir no primeiro apartamento próprio, era um quarto e sala na Federação. Quando a bebê nasceu a gente estava nesse apartamento, tinha começado nosso financiamento particular e a gente desistiu, passou esse apartamento e comprou o que eu moro hoje que vai ser delas no Barbalho porque a gente precisava de um segundo quarto.*

Eles compraram o apartamento, mas não ficaram muito tempo, perceberam que a necessidade de um segundo quarto era grande e decidiram se desfazer do imóvel e passar o financiamento. No entanto, este processo não foi rápido e voltaram a morar de aluguel.

Indira não detalha muito os locais por onde passou quando se desfez da sua primeira propriedade, mas enfatiza que estavam se mudando tanto que os amigos não conseguiam acompanhar a troca de números de telefone, por exemplo:

*As pessoas tinham agenda de papel com os telefones, tinha gente que encontrava com a gente e dizia assim "tenho 5 ou 6 telefones de vocês, qual desses é agora?" Porque a gente se mudava muito, a gente parecia uma família de cigano, era tipo assim, venciu o contrato a gente não queria ficar mais naquele lugar. A gente morou lá no [condomínio] Villa da Federação que foi esse contrato, saiu de lá e foi morar de aluguel de novo enquanto resolvia isso de passar esse financiamento, teve Vila Laura, depois da Vila Laura foi que a gente foi para casa de minha mãe no Barbalho na rua Xavier Marques. Entre o Vila Laura e aqui teve... a Graça. Bote Graça depois da Vila Laura...*

Mais ou menos cinco anos depois de deixarem o apartamento que compraram na Federação, o casal conseguiu se desfazer do financiamento e adquiriu novo imóvel no Barbalho. Para conseguir pagar as prestações, a família passou uma temporada na casa da sua mãe:

*Minha segunda filha nasceu enquanto a gente tava morando na casa de minha mãe que foi quando a gente comprou o apartamento do Barbalho. A gente saiu da Graça pra Vila Laura e pra casa de minha mãe porque a gente se livrou desse apartamento [da Federação] e a gente entrou em financiamento desse apartamento do Barbalho que a gente quitou no ano de 2000, então entre 98 e 2000 a gente deu uma entrada boa e aí eu paguei as prestações e no final ele quitou eu com a caçula pequena e aí ele juntou um dinheiro pra quitar. A gente comprou na planta, por isso a gente passou o ano de 98 e 99 na casa de minha mãe, foram dois anos que a gente morou lá. Não dava para dar a prestação e o aluguel.*

Ela voltou a morar no mesmo bairro que a mãe num momento em que alguns grandes condomínios estavam sendo construídos no Barbalho. O condomínio de Indira fica na ladeira do Arco, que liga aquele bairro a Nazaré, ao seu lado tem outro grande condomínio.

*Eu moro nesse apartamento desde 2000, o apartamento foi entregue em janeiro de 2000, a gente já entrou com ele reformado porque ele tem uma varanda que a gente fechou a varanda já na planta pra aumentar a sala porque eu tenho um piano e aí eu queria que coubesse o piano e como ele é pequeno não ia caber se a gente deixasse a varanda, a gente aumentou um pouquinho a área da cozinha botando um pedaço de parede de vidro para poder aumentar o espaço, era um espaço perdido e aí a gente aumentou, virou um espaço para gente conviver. Isso foi até dezembro de 99, em janeiro de 2000 tava pronto do jeito que a gente queria. A gente se mudou e eu moro lá até hoje. Em 2002 eu me separei. Meu ex-marido passou a não morar mais lá, então eu moro lá sozinha com minhas filhas e hoje em dia sozinha.*

Indira está bem estabelecida no bairro, perto da mãe, a quem dá assistência. É a única desta Rede que voltou a residir no bairro no qual passou uma parte da adolescência, ainda que tenha uma expectativa de voltar a morar no Jardim Apipema.

A penúltima interlocutora deste grupo é Tainara Paraguaçu, que nasceu e cresceu entre a Caixa D'Água e a Soledade, e após casar-se foi morar em Stella Maris, com o marido:

*Quando eu casei fui morar em Stella Maris, eu casei em 95, fui morar em Stella Maris e em 2009 eu fui morar em Vilas do Atlântico, em Lauro de Freitas... não tivemos muita escolha, porque meu marido também é da Petrobrás, então a Petrobrás organizou um condomínio, o Petromar, que foi financiado pela Petrobrás e ele como funcionário ele adquiriu um village lá e aí ficou muito tempo lá, aí foi quando ele reformou e a gente casou e foi morar lá, então não houve muita escolha premeditada [sobre onde morar], foi na realidade porque ele é funcionário e ele<sup>40</sup> queria...*

Como ela conta, o marido havia adquirido o imóvel no Condomínio da Petromar, em Stella Maris, quando ainda não eram casados. Após o casamento, foram morar lá, pois já estavam com este imóvel. Não houve espaço para discutir alternativas. De alguma forma, era um caminho “natural”. Por outro lado, com o trabalho do marido em plataformas, ela podia passar tempo com os pais enquanto ele estava embarcado:

*Quando eu casei e me mudei, eu não senti tanta a diferença, porque meu marido trabalhou anos e anos em plataforma, e aí eu trabalhava no Sesi na Ribeira, muitos anos trabalhei no Sesi de Itapagipe, então às vezes ao invés de ir para Stella Maris, passou anos, eu ia dormir na casa dos meus pais, nos dias que ele estava embarcado, ele passava 15 dias embarcado quando ele retornava eu ia dormir em casa... até o dia em que eu me cansei de pegar esta [Av.] Paralela inteira pra ir para o Sesi de Itapagipe, foi aí que eu pedi para sair do Sesi e recebi o convite pra trabalhar na escola que os filhos de Yakekan estudaram, perto da Boca do Rio... então eu não senti tanto porque eu ficava lá e cá, lá e cá... durante anos e nesse lá e cá, lá e cá, as pessoas também foram se mudando se casando, cada um foi [para um bairro]...*

Eles não estavam satisfeitos com a moradia em Stella Maris, especialmente por questões de segurança. Durante alguns anos, após se casar, ela continuou trabalhando na Cidade Baixa, e continuava passando dias com os pais enquanto o marido estava embarcado. Mas depois, pelo desgaste com deslocamento, ela deixa o trabalho no Sesi, na Avenida Dendezeiros, e vai trabalhar mais perto da residência.

---

<sup>40</sup> A trajetória de vida contada a partir da habitação do esposo de Tainara é um exemplo que cabeira também no escopo deste estudo, mas do qual ele não se interessou em participar. Ela narra a trajetória do marido da seguinte forma: “ele [esposo] é de Pirajúia [distrito de Jaguaripe no Recôncavo da Bahia], a família é toda de lá do recôncavo que próximo de Salinas da Margarida, ele veio pra cá nos 70 com a mãe, as próprias dificuldades de viver no interior, a mãe veio, não queria que os filhos se tornassem pescadores, queria dar uma oportunidade de melhor vida aos filhos, ele veio, estudou no SENAI, do SENAI passou no concurso da Petrobrás com 18 anos, e entrou na Petrobrás, [está] quase se aposentando... quando ele veio para Salvador ele foi morar na Liberdade, mas eu não conheci ele lá, porque depois ele e o irmão conseguiram comprar uma casa, foram morar na Ribeira, Ribeira não, no Jardim Cruzeiro, perto da Ribeira, até hoje tem a casa lá, a mãe dele morreu mas até hoje está lá, e ele não se desfaz da casa mais o irmão... eles tem um apego assim, a casa está lá fechada, mas está lá... ele mesmo saiu da cidade baixa por que casou...”

*O Petromar é um condomínio popular e com o passar do tempo a violência também começou a chegar lá, e ele é dividido em quadras, então a gente colocou como meta, eu e ele, morar mais ou menos uns 10 anos lá e a gente começou a pesquisar locais próximos que tivesse um condomínio mais tranquilo de casa, eu queria em uma casa mais espaçosa...*

Com a vida voltada para a Orla, Tainara e o marido se mudaram para Lauro de Freitas, num condomínio, em um bairro que cresceu muito na década de 1990, Villas do Atlântico.

*Aí eu comecei a procurar casa e hoje eu moro numa casa em Villas do Atlântico, aí eu comecei a rodar em Lauro de Freitas até que a gente conseguiu achar este condomínio, não foi em um ano, a gente começou a ir sempre até o dia em que a gente encontrou algo que a gente gostou e é onde estou morando...*

Após morar mais de dez anos em Villas do Atlântico, ela vê mais desvantagens do que vantagens e já pensa em voltar para Salvador:

*Hoje eu já penso diferente, eu já penso em voltar pra cá pra Salvador e morar num apartamento, se eu pudesse eu voltava e ia morar assim tipo: Vitória, lado de cá...*

*hoje eu penso! [em voltar para o bairro de origem, ou mais próximo dos pais] mas hoje, por eles estarem idosos, eu não tenho como ir lá e voltar, por que eu trabalho para o lado de lá [de Lauro de Freitas] então para eu sair daqui pra chegar lá eu não consigo, pela [Av.] Paralela... mas eu tenho ideia de retornar, eu estava comentando com ele [o esposo] isso, inclusive porque eu gosto de teatro, eu gosto muito de shows, às vezes, então Teatro Castro Alves faz parte da minha vida, então pra gente sair de lá de Villas do Atlântico para vir num show, uma peça e voltar fica impraticável... então eu penso em retornar pra cá, mas aí é projeto que eu já estou montado... [...]*

*hoje eu penso em voltar, morar mais próximo de meus pais, futuramente e também próximo... de vez quando eu gosto de ir para o Centro Histórico, de ir no Pelourinho, de visitar museus então é muito distante... lá [em Lauro de Freitas] tem teatro da própria prefeitura mas um negócio mal acabado, nem vejo peça nem nada lá acontecendo, aí espero retornar pra cá, deixa eu ver se me aposento porque senão não adianta...*

*eu penso assim em um prédio, com elevador, mais tranquilo próximos aos lugares que você quer ir. [Se] você quer ir numa festa, quer ir em um lugar, quer ir em outro então, mais próximo à cidade do que distante, [atualmente] eu estou fora da cidade: você pegar a [Av.] Paralela é um desgaste, a cidade cresceu muito e com isso, com progresso veio o que? a desorganização. A gente vive hoje refém, eu tenho de levar uma hora e meia pra vir para o lado de cá, refém do engarrafamento, você fica preso, 1 hora e meia você fica preso, em 1h e meia eu vou pra Feira de Santana, então quando eu saio de Villas pra ir pra casa dos meus pais eu saio de lá 9 e chego 10 e meia imagine se for pra trabalhar? então você fica refém desta situação, da violência também é complicado... eu tinha loucura de morar pra lá, mas Lauro de Freitas está super congestionado, cheia de problemas também, por que eu achava que lá era mais calmo, mais tranquilo, os condomínios, mas hoje em dia também está engarrafamento... há uns dez anos era mais tranquilo, de 10 anos pra cá ficou insuportável.*

Tainara evidencia muitas vezes a necessidade de consumir bens culturais e de lazer que aquela cidade não oferece, e explica como é desgastante atravessar a cidade para consumir o que ela deseja. Hoje, ela faria a opção por um bairro no qual a vida social e cultural estivesse mais acessível e integrada ao seu cotidiano e ao seu padrão de vida, como a Vitória.

Por fim, retomamos à trajetória de Tauan Jatobá, nascido na Liberdade, nas proximidades da Ladeira de São Cristóvão, perto do Largo do Tanque, viveu ali até o início da adolescência e foi morar no centro da cidade, na Rua Nova de São Bento. Tauan se casou em 2011, mas, antes disso, adquiriu um apartamento em Sussuarana:

*Antes de conhecer a minha atual esposa eu tinha uma namorada no interior, foi quando eu dei entrada nesse apartamento em Sussuarana no Central Park e aí tava pagando, pagando, separei, finalizei de pagar e fui morar lá, foi o que na época tive condições de comprar, foi lá na Sussuarana. Nunca morei de aluguel, morava com minha mãe na Piedade e comprei esse apartamento.  
foi uma escolha de oportunidade, né? Era um empreendimento bom, tinha condições de pagar, foi mais questão econômica, não foi nem de bairro, escolher local.*

Tauan enfatiza que a escolha de morar sozinho foi guiada pelas condições econômicas – capacidade de pagamento. Viveu lá por 10 anos e por conta do trabalho se transferiu para uma cidade do sul da Bahia, acompanhando a companheira do novo relacionamento:

*Eu fiquei lá [na Sussuarana] uns 10 anos, 2008, depois a gente foi pra Itabuna. Pensei até em morar em Ilhéus quando fui pra Itabuna porque minha esposa passou pra Embasa de Itabuna, minha esposa é da Embasa agora, tem 12 anos na Embasa aí quando ela passou a gente foi pra Itabuna, morar em Itabuna e aí ficamos lá uns quatro anos e aí voltamos em 2011 pra cá, hoje nós moramos no Imbuí. Quando voltamos, voltamos pra o mesmo lugar, alugado já que tinha vendido na época, a gente segurou o dinheiro pra poder investir em outra coisa melhor, mas quando voltou, como eu já tinha conhecimento lá...  
e ela voltou pra trabalhar no CAB, na embasa do CAB, a gente queria compatibilizar local do trabalho e pra morar aí ficamos na Sussuarana de novo e depois a gente mudou pra onde tá até hoje que é no Imbuí.*

Ao retornar desta temporada no interior, voltaram para Sussuarana, por um curto período, enquanto procuraram um imóvel que atendesse às suas necessidades e, assim, foram para um condomínio no Imbuí.

*Pro Imbuí nós fomos em 2013, 2014 no máximo a gente se mudou. No Imbuí [o nosso condomínio] é Moradas do Mar, fica ali próximo à Escola Turma da Mônica, tem uma Rua Albatroz em frente à Escola, naquela rua ali. No Imbuí, alugamos e depois a gente arranhou um apartamento pra comprar no mesmo prédio e aí o Imbuí realmente pra mim é o que há, bem melhor, tem tudo agora. Mas esse [condomínio] é o antigo, tô em um prédio antigo, deve ter uns 20 anos, 25 anos. Basicamente pega um condomínio gigante, um Condomínio Moradas do mar, não, Moradas da Bolandeira, o prédio que é Moradas do Mar e era um condomínio que tinha quatro prédios, aí depois ele dividiu e aí a parte que ficou no condomínio de cá foi uma quadra, um estacionamento e no de lá ficou uma quadra maior de terra, o nosso foi uma quadra de cimento e só tem isso, não tem brinquedoteca, nada que esses novos têm no Imbuí, piscina não tem, não tem nada, então é um condomínio das antigas.*

*A vantagem é que os apartamentos são grandes, a localização é muito boa. Na parte alta, é fronteira com Baixa do Cajueiro e Curralinho que não é uma vantagem porque é a fronteira... tipo assim, vamos dizer o Curuzu de lá, parte ruim do Curuzu logicamente, é onde tem mais tiroteio de vez em quando. Baixa do Cajueiro é barril, então ali a gente anda com cuidado em Curralinho, mas fora isso a morada é excelente. Perto de tudo, perto do meu trabalho, eu trabalho agora no Cabula, minha esposa trabalha no CAB e meus filhos estudam no Integral agora, então é tipo centro de tudo onde rodeio.*

Nos dizeres de Tauan, sua moradia atual atende critérios esperados, quando pensavam em se mudar: localização estratégica em relação à cidade e as respectivas atividades da família, ainda que próximo a uma região violenta, que ele compara com o Curuzu, na Liberdade. Embora antigo, seu condomínio também o agrada, pelo tamanho do apartamento. O que o preocupa é a necessidade de mais um cômodo e isso tem levado o casal a procurar outro imóvel:

*Não tenho o que dizer, tamo pensando em mudar por questões de logística da família, [para] um apartamento de três quartos, lá são duas com a dependência que se transformou em office, né, então por isso a gente tá pensando em mudar e mudar subindo Stella Maris, Patamares, a gente tá vendo pro lado de lá. Stella não, Stella é longe, Patamares pra cá, Praia do Flamengo a gente olhou algumas coisas, mas eu descartei por causa da distância. A gente até começou a comprar uma casa em Lauro, mas desistiu no meio caminho porque ficou muito longe, então você morar em Lauro e trabalhar cá é complicado, muito longe, não tem condições não.*

Assim como Tainara, ele também se preocupa com a distância e busca imóvel que possibilite não perder tempo no trânsito. Os bairros buscados são todos na Orla Atlântica, próximo de onde residem atualmente, tendo como limite ao norte o bairro de Patamares.

## 6.1 | A Orla Atlântica na contemporaneidade

A partir dos dados do Censo, de 2010, do IBGE, organizados no documento *Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro*, da CONDER vamos apresentar os dados socioeconômicos das Prefeituras-Bairros IV – Itapuã/Ipitanga e VI – Barra/Pituba<sup>41</sup>, que compõem a Orla Atlântica de Salvador. A partir do Centro de Salvador, tendo como marco a cidade original, vamos apresentar os dados da região VI- Barra/Pituba, por ter sido adensada populacionalmente mais cedo e em seguida a região IV – Itapuã/Ipitanga, sendo este o sentido usualmente abordado quanto ao crescimento da cidade formal.<sup>42</sup>

### 6.1.1 | Prefeitura-Bairro VI – Barra/Pituba

Atualmente, fazem parte da prefeitura-bairro Barra/Pituba os seguintes bairros, com respectiva população absoluta: Vitória: 5.225 hab.; Graça 18.454 hab.; Canela: 5.339 hab.; Federação: 36.326; Barra: 17.298 hab.; Calabar 6.484 hab.; Ondina: 20.298 hab.; Alto das Pombas: 3.823 hab.; Engenho Velho da Federação: 24.555 hab.; Rio Vermelho 18.334 hab.; Chapada do Rio Vermelho: 21.955 hab.; Amaralina: 4.125 hab.; Nordeste de Amaralina: 21.887 hab.; Santa Cruz: 27.083 hab.; Vale das Pedrinhas: 5.162 hab.; Pituba 65.160 hab.; STIEP: 13.646 hab.; Costa Azul 20.204 hab.; Jardim Armação: 3.025 hab.; Itaigara: 10.874 hab. e Caminho das Árvores: 12.323 hab.

Estes bairros estão dispostos a partir do Campo Grande, em direção ao Sul e ao Nordeste da cidade original. Portanto, na região administrativa, se inicia a porção sul da Baía de Todos os Santos e segue pela Orla Atlântica, a partir da Ponta do Padrão.

Esta região possui ao menos dois padrões objetivamente identificáveis e que representam uma característica forte da urbanização de Salvador: bairros de classe média e classe média alta, com forma urbana planejada e formalizada, justapostos a bairros populares erguidos através de ocupações informais e coletivas, seguindo traçado espontâneo e de autoconstrução. Algumas ocupações são antigas, como o Engenho Velho da Federação, e outras mais recentes, como Alto das Pombas e Calabar.

<sup>41</sup> Não foi encontrado nos documentos oficiais justificativa para a numeração de ordem dada às prefeitura-bairro criadas.

<sup>42</sup> Esta visão do crescimento da cidade foi apresentada, por exemplo, em propaganda televisionada da prefeitura justificando investimentos na região da orla Atlântica.



**Figura 18** - Bairros da Prefeitura-Bairro VI na Orla Atlântica



Fonte: BAHIA, CONDER, 2016.

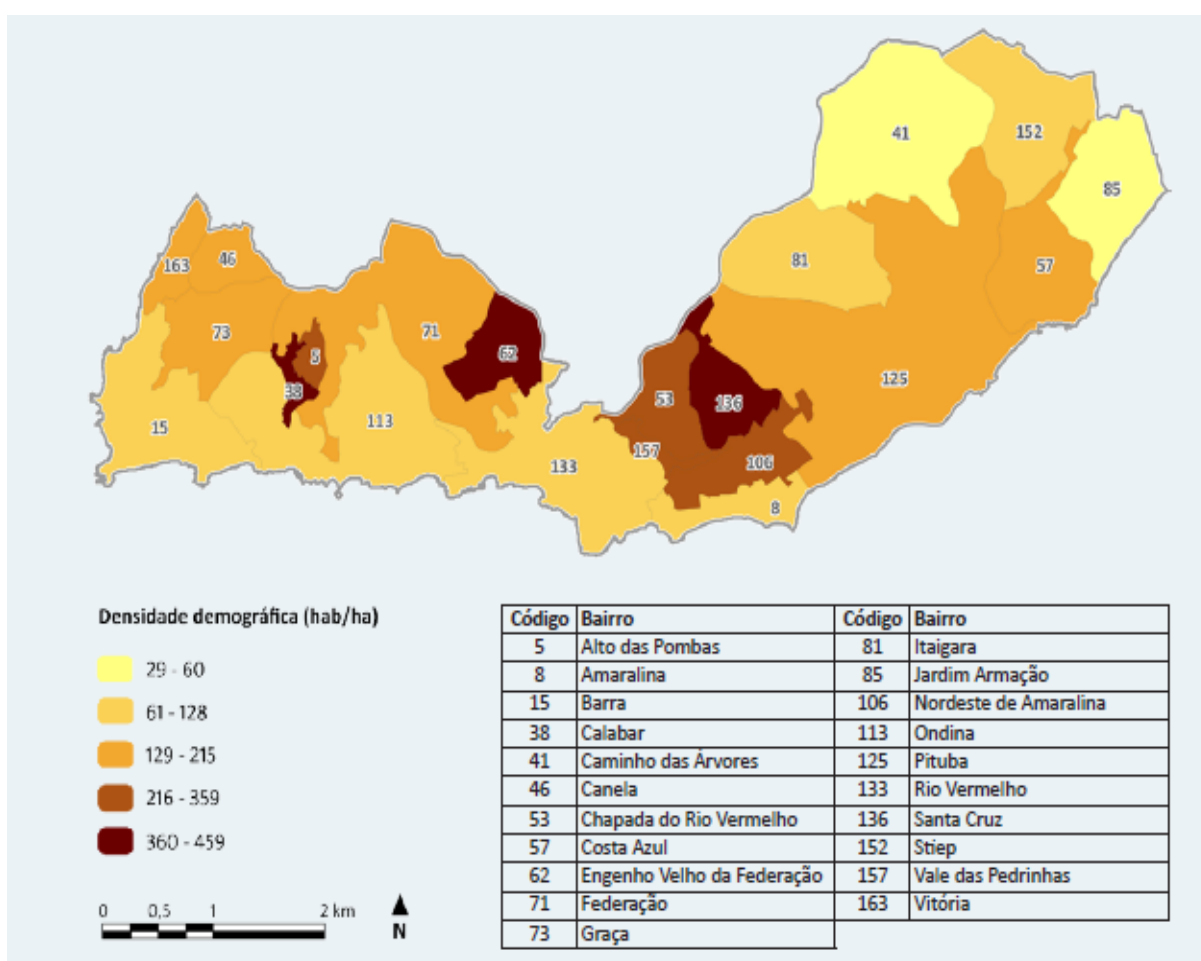
São estes bairros de características populares que concentram os maiores índices de densidade populacional. Destaca-se o bairro do Calabar, com densidade de 458,89 hab/ha. No entanto, diferente dos bairros tratados no capítulo 2, estes não são a maioria nem representam o aspecto socioespacial mais forte da região da Orla.

Outro ponto importante da urbanização da região é a diversidade interna dos padrões de habitação e arruamento nos bairros majoritariamente de classe média e média alta. Há localidades que cresceram e se desenvolveram nas franjas e muitas vezes à revelia da formalização implementada pelos agentes do estado ou do capital imobiliário. Exemplos destas brechas na homogeneidade são as localidades de São Lázaro na Federação, Alto de Ondina em Ondina, da Vila Brandão na Vitória, toda a encosta da Federação que faz contato com a Avenida Garibaldi e a Avenida Vasco da Gama, Vila Matos e Morro da Sereia no Rio Vermelho, Alto da Sabina na Barra e Santa

Rosa de Lima (conhecida como “Inferninho”, pelos moradores), no Costa Azul, entre outros.

É importante salientar que durante o crescimento do movimento de “invasões” na segunda metade do século passado muitos destes bairros da Orla foram alvo de ocupações, mas todas elas removidas pelo poder público. São destaque deste período a “invasão” de Areia Preta, em Ondina, e a do Bico de Ferro, na Pituba. Estes últimos foram removidos para o bairro da Boca do Rio.

**Figura 19** - Densidade demográfica da Prefeitura-bairro Barra/Pituba



Fonte: BAHIA, CONDER, 2016.

Quanto aos padrões de urbanização interna dos bairros, pode-se ainda relatar a mescla de tipos de empreendimentos formais produzidos em diferentes tempos e para seguimentos distintos. São conjuntos habitacionais que convivem com loteamentos de casas, condomínios de prédios e casas em ruas públicas, estas diminuindo muito ao passar do tempo. No ambiente de classe média, as nuances da moradia vão se desdobrando em muitos signos que valorizam mais ou menos seu imóvel. A rua do bairro onde está localizado, a proximidade a grandes equipamentos comerciais ou sociais, se mora em casa ou condomínio, se é condomínio com infraestrutura ou conjunto habitacional, entre outros aspectos.

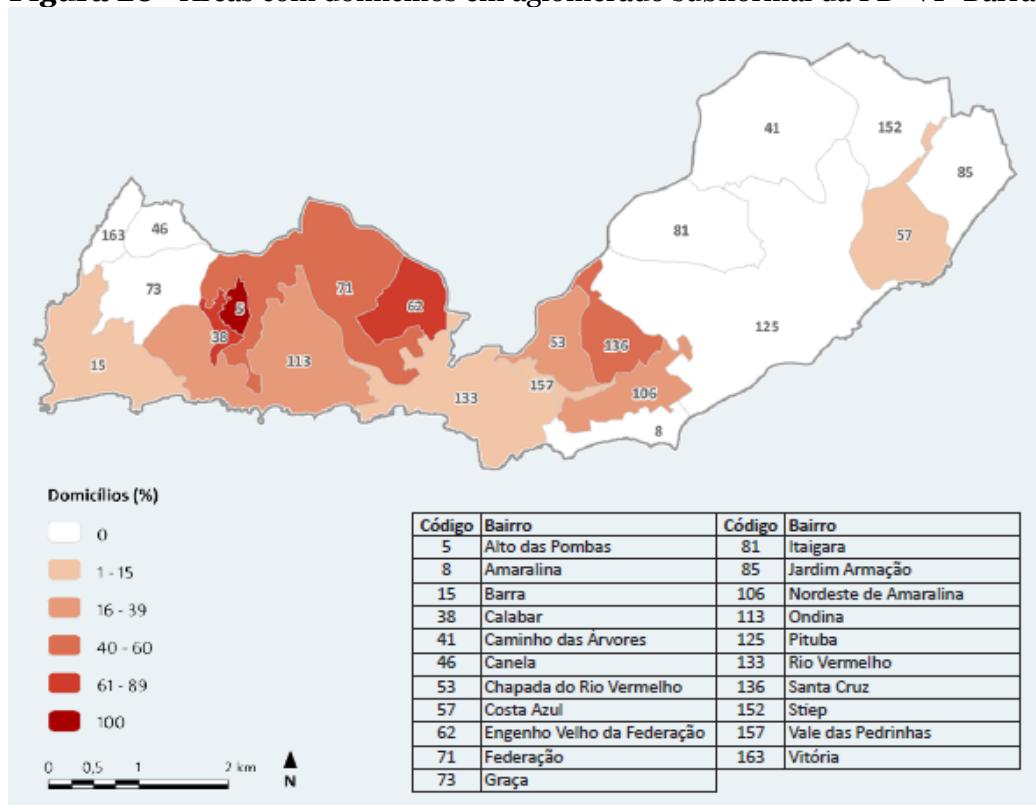
Quanto à composição cor e raça, a população se declarou em 2010 como: 36,3% branca, 20,37% preta, 41,69% parda, 1,01% amarela, 0,29% indígena. O bairro de Alto das Pombas foi o que apresentou a maior presença de pretos: 43,50%, seguido pelo Calabar com 43,43%. Já o bairro do Itaigara concentra o maior número de brancos da região: 64,62%, em seguida vem a Vitória, com 62,33%.

A renda média da região era de 4.938 reais, em 2010. Em 2000, era de 5.535,9 reais. O bairro do Itaigara se destaca com mais de 50% dos responsáveis por domicílio com rendimento acima de 10 salários-mínimos. Já o bairro do Engenho Velho da Federação tinha, em 2010, o maior percentual de domicílios sem rendimentos: 15%. E a Chapada do Rio Vermelho era o bairro com maior número de domicílios com renda de 0 a 1 salário-mínimo na região: 51%.

Em 2010, foram identificadas 26 áreas com domicílios em aglomerados subnormais pelo IBGE. O maior percentual estava no Calabar, classificado como 100% de seu território como aglomerado subnormal e em segundo, o Alto das Pombas, correspondendo a 89,37% do total do seu território, como pode ser observado na figura abaixo.

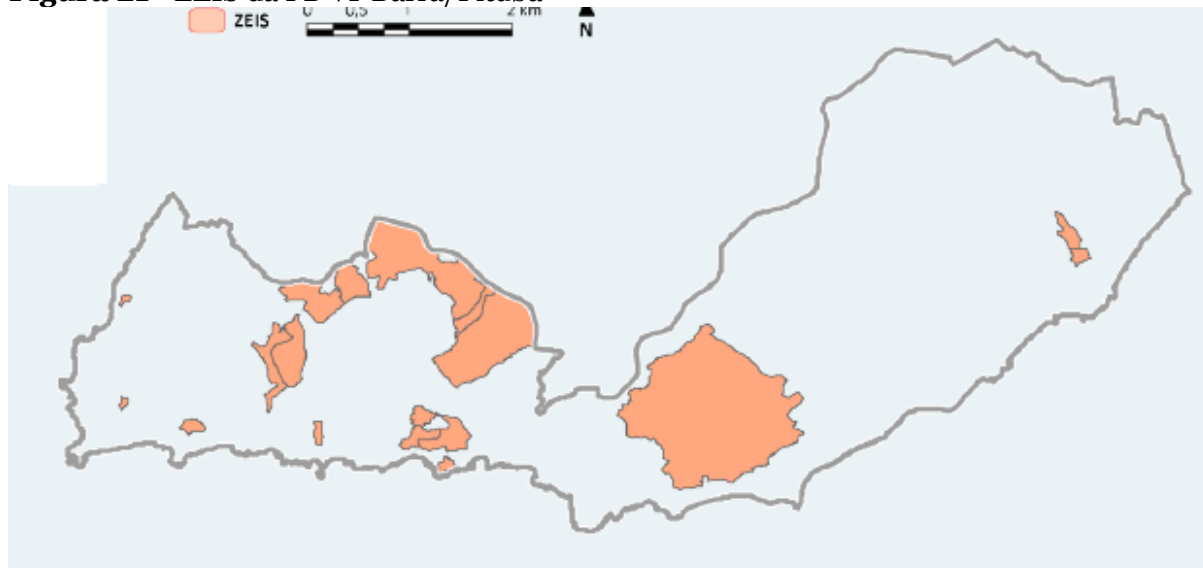
Existiam ainda 18 Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS. A população residente no conjunto ZEIS era de 138.038 pessoas. A população total da PB VI era de 361.616, ou seja, pouco mais do que um terço da população da região vive em ZEIS, sendo a mais populosa a do Nordeste de Amaralina. Quanto à condição de ocupação e propriedade dos domicílios, em 2010, 76,45% deles eram próprios, 20,92% alugados e apenas 2,38% cedidos.

**Figura 20** - Áreas com domicílios em aglomerado subnormal da PB- VI- Barra/Pituba



Fonte: BAHIA. CONDER, 2016

**Figura 21** - ZEIS da PB VI-Barra/Pituba



Fonte: BAHIA, CONDER, 2016

Por fim, os dados sobre desenvolvimento humano apontam para uma uniformidade dos índices na região, quase todos os bairros têm IDH muito alto e alto, destacando-se na dianteira as Unidades de Desenvolvimento Humano da Chapada do Rio de Vermelho/ Santa Cruz: Hospital Aliança; Ondina; Caminho das Árvores; Itaigara e Vitória em ordem decrescente. Na ponta inversa estão Stiep: Lagoa dos Frades, Federação: R15/reservatório da Embasa, Vale das Pedrinhas/ Chapada do Rio Vermelho/ Santa Cruz/ Nordeste de Amaralina/ Pituba; Alto das Pombas/ Calabar e Engenho Velho da Federação, em ordem crescente todos com nível médio.

#### 6.1.2 | Prefeitura-Bairro IV – Itapuã/Ipitanga

Os bairros que dão continuidade à Orla Atlântica estão agrupados na Prefeitura-Bairro IV – Itapuã/Ipitanga: Aeroporto (novo bairro criado em 2017, não há informações sobre habitantes na região, aferido anteriormente a sua criação); Alto do Coqueirinho: 11.145 hab.; Areia Branca: 2.594 hab.; Bairro da Paz: 19.407; Boca do Rio: 48.032; Cassange: 4.633 hab.; Imbuí: 26.540 hab.; Itapuã: 66.961 hab.; Itinga: 11.951 hab.; Jardim das Margaridas: 4.592 hab.; Mussurunga: 30.838 hab.; Nova Esperança: 6.732 hab.; Patamares: 6.156 hab.; Piatã: 11.441 hab.; Pituaçu: 14.881 hab.; São Cristóvão: 53.906 hab. E Stella Maris: 20.641 hab. O conjunto de bairros totalizava 340.450 habitantes. Todos os dados são baseados no Censo de 2010, do IBGE.

Estes bairros fazem ligação entre as ocupações, que estavam ocorrendo na Orla, na primeira metade do século, e a localidade de Itapuã, que já existe desde o século XVII, quando foi erguida a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã, na vila de pescadores. Após a inauguração da Avenida Otávio Mangabeira, na década de 1960, a comunicação com o centro da cidade se intensificou. Esta Prefeitura-bairro faz fronteira com o município de Lauro de Freitas, a nordeste da cidade original.

Assim, apesar de ter pontos de povoamento esparsos, esta área da Orla foi majoritariamente ocupada mediante incentivo de políticas públicas voltadas à produção de parque habitacional para um público com capacidade de pagamento. Muitos loteamentos foram criados para atender categorias profissionais específicas, tais como médicos e servidores públicos que passariam a atuar no recém-criado Centro Administrativo da Bahia, na Avenida Paralela.

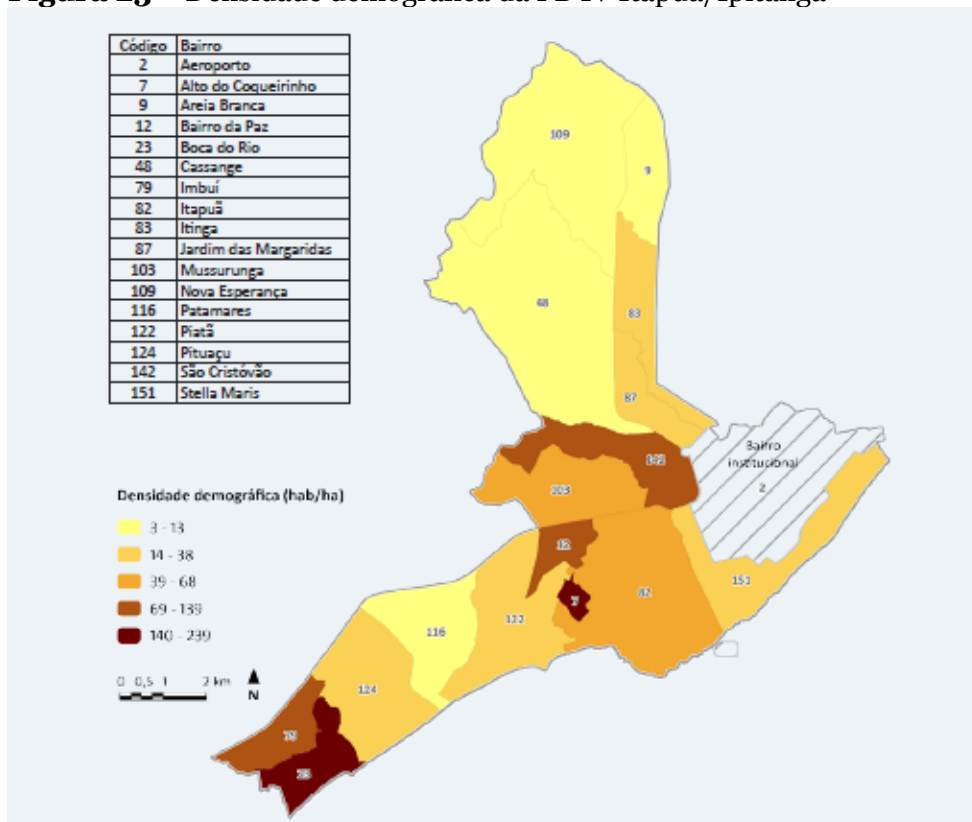
**Figura 22** - Bairros da PB IV Itapuã/Ipitanga



Fonte: BAHIA, CONDER, 2016.

A densidade demográfica bruta era de 36,25 hab./ha, em 2010. Neste ano, o bairro do Alto do Coqueirinho apresentou a maior densidade demográfica: 239,37 hab./ha. A distribuição da população, segundo a cor/raça, na PB-IV Itapuã/ Ipitanga, revelou-se assim: 21,47% branca, 25,9% preta, 1,3% amarela, 51,03% parda e 0,3% indígena. O Bairro da Paz foi o que apresentou o maior percentual de população de cor/raça negra, com 88,56% (36,98% preta somado a 51,575% de pardos). Já Patamares é o bairro de maior população autodeclarada branca com 51,84%, Stela Maris está em segundo lugar, com 45,11%.

**Figura 23** – Densidade demográfica da PB IV Itapuã/Ipitanga

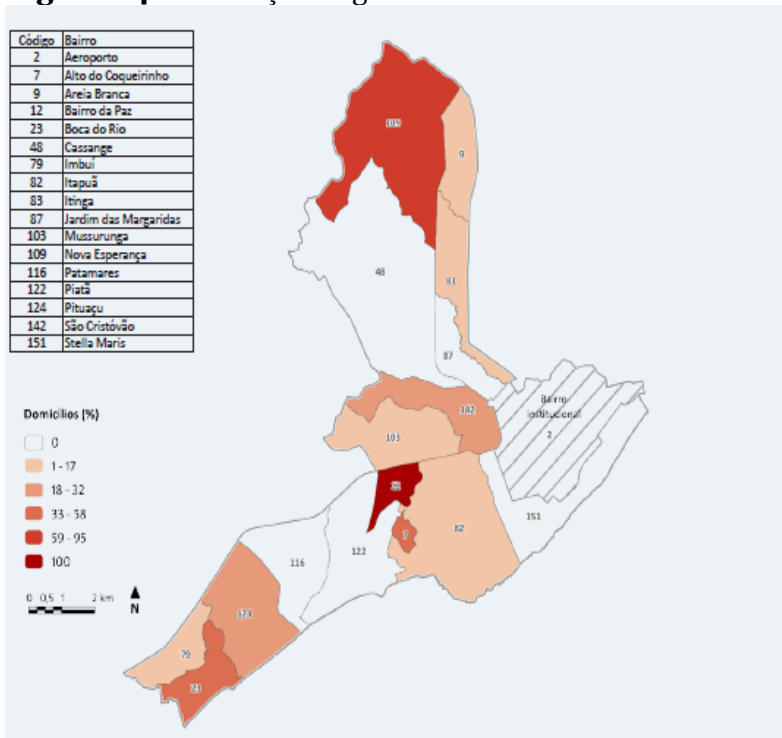


Fonte: BAHIA. CONDER, 2016

A renda média dos responsáveis pelo domicílio desta região era, em 2010, de 2.998,51 reais. Cassange tinha o maior percentual de domicílios com rendimento de 0 a 1 salário-mínimo e Patamares tinha o maior percentual de domicílios cujo rendimento era igual ou superior a 10 salários-mínimos, 44,43% deles. Sendo que 19% dos domicílios tinham renda superior a 20 salários-mínimos. Já Piatã tem 12,3% dos seus domicílios com renda nominal superior a 20 salários-mínimos e Stela Maris tem 20% do total.

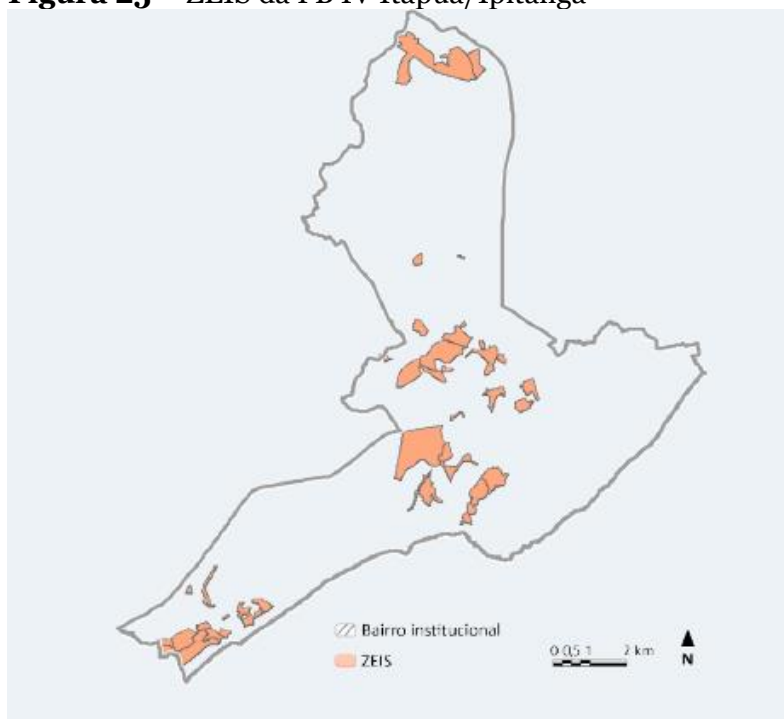
A região possuía 29 aglomerados subnormais, em 2010, segundo o IBGE. Os maiores percentuais deste tipo de assentamento estão em Bairro da Paz, com 100% do seu território, e Nova Esperança, com 94%. Quanto às Zonas Especiais de Interesse Social, havia 37 áreas qualificadas como tal nesta região. Em 2010, cerca de 143 mil pessoas residiam nestas ZEIS, representando mais de 1/3 da população total desta prefeitura-bairro.

**Figura 24** - Presença de aglomerados subnormais na PB IV Itapuã/Ipitanga



Fonte: BAHIA. CONDER, 2016

**Figura 25** – ZEIS da PB IV Itapuã/Ipitanga



Fonte: BAHIA. CONDER, 2016



Por fim, os índices de desenvolvimento urbano apontam para alta qualidade de vida na região, indicando as unidades de desenvolvimento humano de Patamares, Piatã, Stella Maris e Imbuí, cujo índice é muito alto – superior a 0,9. Já as UDH com os índices mais baixos são Boca do Rio (Região do Barreiro), Mussurunga (Vila Verde), Boca do Rio (Invasão Irmã Dulce), Imbuí (Bate Facho) e Cassange/Nova Esperança – todos com índices médios na faixa de 0,6.

Portanto, ainda que existam, nesta região, bairros densos, com características de ocupação espontânea, autoconstrução e baixa renda, os atributos que os tornam atrativos são a presença de vegetação e lagos, além da infraestrutura urbana alinhada com um modelo de “cidade de muros”, com prevalência de condomínios fechados. É esta Salvador que alguns interlocutores vão buscar como moradia ideal.

## 6.2 | Os desbravadores da cidade arquitópica

A arquitopia é o avesso da aporotopia. Ela surge e se desenvolve em combate à ordem aporotópica da cidade. Ela existe enquanto tal porque a maioria vive em espaços aporotópicos e engendra o que há de mais alto valor e *status* vigentes na produção territorial a cada tempo. Na atualidade, a arquitopia se expressa pelo conjunto de elementos que a modernidade e a hipermodernidade oferecem como caminhos.

Estes elementos se apresentam de maneira isolada ou combinada na maioria dos bairros que compõem a Orla Atlântica de Salvador, região de destino de quase todos os interlocutores desta rede. Sabemos que nem todos os bairros que compõem a orla são arquitópicos. A aporotopia também existe ali, no entanto, não é o distintivo principal desta região, ao contrário, são espaços de alguma forma residuais em comparação ao conjunto, mesmo havendo volume habitacional expressivo.

Arquitopia é um termo composto pelo prefixo grego *arqui* (ou *arc*), que indica superioridade, e pelo sufixo também grego *topia*, que significa espaço, para a partir desta junção nomear o lugar de alto *status* na cidade contemporânea. A arquitopia seria o *topos* identificado com os estratos superiores da sociedade, seu modo de habitar e de produzir cidade. A arquitopia se estabelece como modelo de vida hegemônico, sendo propagandeado e consumido de forma muito pouco criticada por grande parcela da sociedade, cujo principal argumento de venda é o distanciamento tanto quanto possível da aporotopia.

Entre os elementos arquitetônicos que agregam valor ao estarem presentes nos imóveis ou nos bairros a serem avaliados herdados pela modernidade estão o ordenamento urbano atendendo à legislação de planejamento urbano; a arquitetura com evidência de presença de atuação profissional de nível superior e não vernacular; a presença de design contemporâneo e/ou de vanguarda arquitetônica; evidência de manutenção e renovação constante; e poucos elementos que indiquem a passagem do tempo, descuido ou decadência.

Estar o mais distante possível das regiões de aporotopia, para não sofrer os mesmos revezes de quem mora lá. Em cidades como Salvador, a vulnerabilidade de quem habita a aporotopia não é apenas econômica, há uma violação constante de direitos, promovida pelas forças de Segurança Pública, além do conflito cada vez mais agudo entre facções criminosas.

Já na contemporaneidade, além dos elementos urbanísticos modernos, é considerada de alto *status* a vida em condomínio de apartamentos – com aparato arquitetônico de segurança e muitos itens de lazer e esportes nos espaços coletivos internos. A sociabilidade está compreendida entre os eleitos que podem estar neste tipo de empreendimento.

A força da exclusividade, seletividade e segurança são os elementos que se impõem na forma de morar promovida pelo mercado imobiliário nesta década. De acordo com suas possibilidades e limites, cada família vai buscando acessar estes valores em suas escolhas.

O movimento realizado por esta Rede, quando “começam a vida”, ou seja, quando podem optar de forma autônoma entre seus desejos e possibilidades de morar, revelam que a maioria, assim como seus pais, sai da casa paterna e materna para sua moradia própria. Assim como os interlocutores da Rede 1. No entanto, diferente da maioria desta rede, a Rede 2 continua buscando melhor inserção no mapa social da cidade.

Quase todos saem da região da Baía e vão para bairros que estavam com grande produção de parques imobiliários, tais como Vila Laura, Federação, Imbuí e Stiep. Estes bairros ofereciam condições de pagamento acessíveis para jovens casais em início de vida conjunta. Fato não observado nos bairros de origem, nas imediações da Baía, para os que permaneceram lá até a idade adulta.

Muitos permaneceram nestes bairros por período curto, enquanto se consolidavam profissionalmente e reuniam condições de buscar uma moradia que

atendesse melhor seus interesses. Entre os interlocutores, apenas dois tiveram a experiência de morar em casas térreas depois de sair dos seus primeiros apartamentos. Uma foi para uma casa em rua pública, outro foi para uma casa de condomínio fechado. Os demais continuaram em condomínios de apartamentos. E apenas uma interlocutora viveu desde sempre em condomínio de casas, saindo de um mais popular para outro de classe média alta, no município de Lauro de Freitas.

Apenas uma interlocutora saiu da casa da família de origem para viver de aluguel. E experimentou, como seus pais na sua infância, muitas moradias até decidir pelo imóvel próprio que reunia condições de pagar. Voltou a morar de aluguel e depois, com a família de origem, para conseguir pagar as prestações do novo apartamento. Esta é a única interlocutora que vive fora das prefeituras-bairros da Orla.

Por outro lado, há um apelo afetivo nas escolhas que alguns interlocutores fizeram ou gostariam de fazer se houvesse condições para tal. Pelo menos quatro mencionaram que voltaram ou gostariam de voltar para o bairro ou região em que cresceram. Nem todos os bairros, neste caso, estavam na região da Estrada da Liberdade, apenas um buscou moradia na Lapinha, onde cresceu, após ter saído de lá adulto.

Podemos dizer que os filhos saem para bairros de igual *status* ou superior aos quais deixaram, assim como os da Rede 1. No entanto, podemos observar que a Rede 2 continua projetando e buscando nova moradia, de acordo com as necessidades que estão vivendo naquele momento. Não colocam a primeira escolha no início da vida adulta como uma decisão sem volta. Ao contrário, continuam buscando melhores condições de inserção no tecido social da cidade.

## **CAPÍTULO 7 | DESTRINCHANDO RAÇA, CLASSE, FAMÍLIA E GÊNERO NAS DUAS REDES PESQUISADAS**

Ao iniciar o contato com os interlocutores, o principal tema de pesquisa informado a ser tratado com eles nas conversas, encontros e entrevistas seriam suas histórias de vida, trajetórias e escolhas habitacionais, bem como a descrição e experiências nos bairros em que viveram. Os recortes doravante apresentados refletem o exame do material produzido, possibilitando cruzamentos e associações que permitem olhar por diferentes ângulos as trajetórias habitacionais aqui abordadas.

Neste capítulo pretendemos analisar as histórias de vida e as trajetórias dos nossos interlocutores, abordando dados empíricos a partir das perspectivas de raça, classe, parentesco e gênero. Trata-se de dimensões que a empiria trouxe à tona, aparecendo como importantes chaves de leitura da dinâmica social e suas relações com o espaço produzido na cidade contemporânea.

Assim, o mapa da cidade é produzido por forças e interesses pessoais, coletivos e institucionais mobilizados na construção de possibilidades de existência e modos de vida amparados numa escala de valor compartilhada socialmente. Estas chaves ou marcadores podem ajudar a entender como este deslocamento na cidade é produzido, auxiliando na compreensão da cidade que encontramos hoje.

### **7.1 | As interações entre as dimensões de raça e classe na experiência da busca por moradia em Salvador, nas 2 redes pesquisadas**

Neste ponto vamos abordar aspectos a partir da perspectiva analítica da questão racial e de classe na comparação entre as trajetórias das redes estudadas. Observaremos como o acesso à moradia e aos valores engendrados por ela variam de uma rede para outra, em função da história da cidade, do imaginário corrente, dialogando com políticas públicas para habitação e investimentos ocorridos na cidade, a partir da segunda metade do século XX.

Estamos tratando de trajetórias que se iniciaram ainda na primeira metade do século XX, quando os pais dos nossos interlocutores nasceram. Embora a trajetória inicial deles não tenha sido retratada, os valores impressos nas decisões da vida adulta refletem em alguma medida os modos de ver o mundo daquele período.

De saída, é importante ressaltar que o que chamamos de “perspectiva racial” neste estudo refere-se à chave de leitura das relações sociais baseadas na ideologia de branqueamento que organiza a hierarquia social brasileira entre brancos/superiores e negros/inferiores, bem como das relações de poder decorrentes deste sistema. Assim, compreendemos com Guimarães (2009, p. 11) que “raça’ é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que denota tão somente de uma forma de classificação social” bem como a “cor é um conceito racial, racialmente definido e assim empregado”. (Idem, p. 13)

Como dito anteriormente, o aspecto racial não foi um elemento tratado em primeiro plano com os nossos interlocutores. Não foi perguntado em nenhum momento aos interlocutores como se autodeclaravam racialmente. Como pesquisadora inserida na sociedade que estou estudando, sei que abordar a questão da cor da pele ou da raça pode ser constrangedor. Segundo Nogueira (2006, p. 299), a etiqueta social no ambiente no qual prevalece o preconceito de marca, caso do Brasil, indica que

Não é de bom tom “puxar assunto da cor” diante de uma pessoa preta ou parda. Evita-se a referência a cor assim como se evitaria a referência a qualquer outro assunto capaz de ferir a suscetibilidade do interlocutor – em geral se diz que “em casa de enforcado não se fala em corda”.

Deste modo, a atribuição racial está sendo trazida através da heteroidentificação<sup>43</sup>, da leitura racial que eu como pesquisadora faço destes interlocutores.

Por outro lado, a dimensão de classe é abordada tanto neste capítulo quanto nos anteriores por dois vieses: como descrição de uma posição ocupada na hierarquia social, como foi abordada até a década de 1950, por cientistas sociais que estudaram a cidade (cf. Pierson, Azevedo, Guimarães), denotando ser sinônimo de camada social. Por outro lado, também é compreendida como fruto das relações econômicas estabelecidas na sociedade capitalista contemporânea e seus desdobramentos em termos de renda, como tem sido utilizada por urbanistas e sociólogos, especialmente a partir das décadas de 1950 e 1960, quando se instala no país e em Salvador uma crise habitacional generalizada. Esta última acepção também é a preferida de estudiosos da

---

<sup>43</sup> A heteroidentificação é processo pelo qual o pertencimento racial é atribuído pelo olhar do outro como elemento complementar ao jogo no qual é construída a identidade, cuja a outra base é a autopercepção.

urbanização e da industrialização, na segunda metade do século passado. (cf. Agier, 1995; Woortman, 1984, Guimarães, 2012; Castro e Agier, 1995)<sup>44</sup>

Apesar das duas redes terem seus pontos iniciais próximos, na região da Estrada das Boiadas e da Liberdade, ambas possuem diferenças entre si que garantem a riqueza do trabalho com a possibilidade de comparação das suas trajetórias. Uma destas diferenças é a composição racial. A Rede 1 é majoritariamente negra e a Rede 2 é majoritariamente branca.

### 7.1.1 | Sair da Liberdade: racismo, diferenciação e segregação habitacional

A Liberdade e seu entorno, bairros de origem da maioria dos interlocutores desde a geração dos pais, tem sua formação e densificação durante o século XX e constituiu durante muito tempo a margem urbanizada do núcleo urbano que vigorou até o século XVIII. Enquanto margem, foi ocupada majoritariamente por tipos sociais de baixa renda e imigrantes.

Na Rede 1, das 4 famílias, 2 tinham genitores que migraram para Salvador no século passado, 1 família foi para o Recôncavo e voltou e apenas 1 tem raízes mais antigas na cidade. Já na Rede 2, dos 10 interlocutores, 7 são migrantes, destes, 2 têm ascendência em outro país: a Espanha. Outros 2 têm histórico familiar na cidade e 1 foi para o interior e retornou para Salvador.

Segundo levantamentos demográficos, é desde finais do século XIX que a cidade começou a ter aportes de imigrantes, mas foi a partir da década de 1940 que Salvador recebeu grandes contingentes populacionais. Entre as décadas de 1940 e 1980, a população da cidade mais que quintuplicou. O IBGE registrou, em 1940, a população da cidade em 290.443 habitantes e, em 1980, saltou para 1.531.242.

Segundo Vasconcelos (2016, p. 363), a região da Estrada das Boiadas, na antiga Freguesia de Santo Antônio, já havia se tornado a mais populosa de Salvador, antes das grandes migrações dos anos 1940:

Sobre o conjunto da freguesia: em 1890 ela tinha 22.593 habitantes, 5900 em 1872. Em 1920, Santo Antônio passou a ser a mais populosa de Salvador com 56.009 habitantes. [...] Em 1940 ela continuou a ser a mais povoada com 68.890 habitantes.

---

<sup>44</sup> É interessante notar que, após a criação de certo consenso sobre a natureza das relações raciais no Brasil e do fortalecimento da ideia de haver uma “democracia racial”, marcadamente após os estudos patrocinados pelo Unesco, a categoria de raça vai sumindo dos estudos em meio urbano e a categoria de classe de orientação marxista passa a vigorar com mais força.

Assim, as famílias dos nossos interlocutores chegam na cidade no fluxo deste movimento do qual são exemplo. E como poderia ser descrito este tipo social que chegava à cidade e se dirigia à margem norte para se fixar? O pouco material que encontramos nos traz algumas pistas para entender o perfil destes migrantes.

Analisando o censo de 1855, Nascimento (2007, p. 62) nos informa da existência de 32 terrenos, 63 terras, 42 roças, 8 fazendas, 8 engenhos e 1 sesmaria na abrangência da Freguesia de Santo Antônio Além do Carmo, expondo seu caráter suburbano, ainda que submetido às regras da décima – imposto para propriedades urbanas. A posição desta freguesia reflete sua condição de margem do núcleo urbano principal até o século XX.

Segundo esta autora, a composição social da freguesia é marcada pela presença de uma classe média, com forte inclinação para a lavoura, ainda que a profissão de negociante fosse bastante citada. Especialmente no 2º distrito desta freguesia, que mais nos interessa neste estudo, vamos encontrar “muitos libertos e escravos ocupados na lavoura das roças”. (NASCIMENTO, 2007, p. 130) Para ela, esta região se caracterizava pela presença de “pessoas de cor, livres, sem posses que ali se concentravam”. (Idem, p. 131)

A autora chama a atenção para a elevada presença de mulheres que declaravam atividade profissional. Uma mulher exercer qualquer tipo de trabalho remunerado neste período indicava seu baixo nível de renda. Ela nota que é

constante a menção da família na qual o elemento feminino se dedicava às costuras, [...] outras profissões de mulheres são declaradas tais como: ganhadeiras, engomadeiras, amas de leite e lavadeiras. Algumas iniciavam pequenos negócios ou tinham quitandas ou vendas. (Idem, p. 133)

É importante lembrar, ainda, que neste período havia uma fábrica de tecidos de algodão no Queimado, na qual muitos habitantes poderiam ser empregados assalariados. (Idem, p. 134)

Pelo olhar de Pinheiro (2011, p. 186), no século XIX, “a classe média – funcionários públicos, alguns profissionais liberais e uma minoria de comerciantes portugueses e brasileiros – prefere instalar-se em Santo Antônio ou em Santana, onde também se encontram pequenos comerciantes, artesão e artistas.” No entanto, esta autora não explicita a distribuição destes profissionais entre os dois distritos que compunham a freguesia.

Assim, pelas indicações do censo feito na metade do século XIX, as imediações da Estrada das Boiadas e da Liberdade eram compostas, em sua maioria, por um tipo social específico, a saber, libertos, escravizados e lavradores. Podemos denotar que é a partir deste período que a região começa a ganhar os contornos da imagem que perdura até hoje: a de lugar de negros e pobres.<sup>45</sup>

Ainda no século XIX, João Reis (2006, p. 265), ao reconstruir as relações de Domingos Sodré, sacerdote de culto afro, relata:

Além de Mãe Mariquinhas em 1870, a associação de Domingos com outros candomblezeiros africanos foi detectada em 1862 pela polícia. O moleque João, preso com ele em 1862, pertencia ao comerciante transatlântico e africano liberto Manoel Joaquim Ricardo, então morador à Cruz do Cosme. O local, na periferia de Salvador, era um dos bairros mais bem providos de casas de candomblé, segundo a imprensa e os relatórios policiais de então. Ricardo foi acusado pelo subdelegado Pompílio de também ter “casa para estas reuniões” religiosas e com ele Domingos entretinha “relações íntimas”.

Cruz do Cosme é nome de uma localidade próxima ao Queimado, nas imediações da Estrada da Liberdade. Esta é mais uma indicação do tipo social que vivia no segundo distrito da Freguesia de Santo Antônio.

Mãe Hilda Jitolu, matriarca e fundadora do Bloco Ilê Aiyê, falecida em 2009, aos 86 anos, deixou depoimento no documento “O Caminho das Águas em Salvador”, sobre a sua chegada no bairro do Curuzu, ainda na década de 1930:

Quando chegou ao local, em 1930, o Curuzu era muito menor, as ladeiras eram estreitas e não havia luz elétrica; o mato tomava conta do bairro. *“Isso aqui tinha a aparência de quilombo, desses que você só ouviu falar. (...) Todos os moradores eram negros, alguns eram escravos libertos, muitos eram africanos mesmo - mas a maioria era de filhos deles, os filhos da escravidão”*. (SANTOS et. al. 2010 p. 124) (grifo do original)

Essa memória da chegada e da vida na Estrada da Liberdade permanece viva entre os moradores e mobilizadores sociais e culturais do bairro. Como se lê na apostila do Festival de Música Negra do Ilê Ayê de 2021, com o título “Meu coração é a Linha 8<sup>46</sup> – Liberdade”, aponta-se:

<sup>45</sup> Embora Nascimento (2007) fale de uma “classe média” encontramos em Matoso (1992) e Vasconcelos (2006) discussões sobre os elementos que definiriam classe e pobreza no período escravagista uma vez que a pobreza era muito arraigada, mas a hierarquia que submetia os negros escravizados possibilitava que qualquer um que fosse branco, livre ou liberto tivesse melhor posição social que eles. Portanto, a leitura que fazemos desta “classe média” da qual Nascimento fala era de que eram trabalhadores autônomos que conseguiam prover seu próprio sustento.

<sup>46</sup> Linha 8 é como era chamada a linha de bonde que atendia a região da Liberdade seguindo pela cumeada da Estrada da Liberdade. Segundo Ramos (2007), até 1929, o final de linha era no largo da Lapinha, a partir de então é que passou a ir até onde ainda hoje está o bairro Guarani.



Ainda no contexto histórico, a Liberdade sediou alguns quilombos nos tempos que precederam a Abolição da Escravatura. Com a Lei Áurea, esses núcleos de resistência acabaram dando origem à população negra de hoje, sendo um dos bairros mais populosos de Salvador. Um local muito representativo da cultura negra, o que o fez ser considerado pelo Ministério da Cultura como o território nacional da cultura afro-brasileira. [...]

Até 1802<sup>47</sup>, a Liberdade era zona rural. O fim da cidade era na Soledade. A Lapinha estava fora do perímetro urbano. A zona rural era ladeada por propriedades de religiosos, sítios, chácaras etc. Com o advento do progresso, os pardieiros, situados na Sé, Garcia, Passos, nos quais se alojava a população não branca, de baixo poder aquisitivo, começaram a ser demolidos, então o pessoal de poucos recursos migrou para o norte, como a Liberdade. Por outro lado, as classes dominantes que residiam em freguesias como a de Santo Antônio, por exemplo, sentiam-se inferiorizadas pelo convívio com famílias de condição social mais baixa, e aos poucos, foram-se transferindo para lugares mais nobres, ao sul da cidade, como a Barra e Vitória.

Assim, as evidências apontam para uma ocupação antiga ainda que esparsa da Estrada da Liberdade, de pessoas negras, ex-escravizadas e africanas, oriundas tanto das freguesias do centro da cidade que estavam sendo “desafricanizadas” quanto por chegados de outras cidades. Já as famílias brancas de renda alta e média que ainda residiam na freguesia seguiram o fluxo para o sul da cidade.

É importante notar que, por outro lado, “branco” e “negro” não se reportam apenas a classificações fenotípicas, mas também se referem a *status* e posição de classe de cada indivíduo. Azevedo (1955, p. 25) chama a atenção:

Branco são, de modo geral, os indivíduos de fenotipo caucasóide; as pessoas mais alvas, de olhos claros, de cabelos igualmente claros e finos são, muitas vezes, chamadas de brancos finos por não apresentarem indícios de mistura com tipos de cor. Podem ser chamados de brancos também os ricos ou pessoas de status elevado, seja qual for o seu aspeto<sup>48</sup>

Neste sentido, podemos pensar como raça e classe se construíram mutuamente sendo, em muitos aspectos, uma categoria de tradução da outra. Durante muito tempo, a pergunta: “As pessoas são ricas, pois são brancas ou são brancas, pois são ricas?”, ou melhor, para ser mais fiel à tradição brasileira: “A pessoa é pobre porque é negra ou negra por que é pobre?” foi uma questão de fundo permanente no *looping* analítico e

<sup>47</sup> Caberia uma discussão em torno da escolha desta data como marco de ruralidade da região no que ela diverge com outros autores. No entanto, o que me parece relevante são as impressões de como se deu a povoação do bairro, especialmente no que tange às relações sociais na cidade.

<sup>48</sup> Em continuidade a esta citação Azevedo descreve as situações nas quais pessoas mais humildes se referem aos padrões ou pessoas de alto status e de poder como “brancos”. Este uso ainda persiste e pode ser ouvido da boca de pessoas de mais idade como Dona Jurema que muitas vezes após terminar de preparar e servir o almoço chamava de forma irônica o restante da família: “- pronto, meus brancos, podem vir almoçar!”

interpretativo no qual ficaram presos muitos estudiosos dos meados do século passado, conforme apontam Guimarães (2009 e 2012), Santos (1995) e Bacelar (1980), a saber: se o fundamento da profunda desigualdade brasileira tem acento na raça ou na classe e se tem maior força na manutenção da desigualdade de oportunidades os preconceitos de classe ou de raça.

Na dinâmica das relações sociais na cidade do Salvador, ser negro é ser pobre e ser branco é ser rico. E afastar-se das condições de pobreza se tornou objetivo da geração que sai da margem da cidade nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Sendo este, portanto, um dos meios de deixar de ser negro, ou ao menos de não ser tratado como tal, consistindo este em um dos sentidos da ascensão social na cidade, a sua assimilação aos modos do mundo do branco. Portanto, por extensão, como diria Moura (1988, p. 10), em relação à ascensão e exercício de poder no ambiente de trabalho, “o negro é sociologicamente um branco”.

Assim sendo, voltando para a dimensão da produção do espaço, para além do Largo da Lapinha em sentido norte, a densificação da região vai ocorrendo com duas marcas definidoras pertinentes até os dias atuais: a da composição social predominantemente negra e pobre; e a da arquitetura de autoconstrução com o urbanismo daí decorrente.

Neste sentido, como fruto da nova ordem social que emergia no século XX, a posição social que se inscrevia na pele, rememorando a origem e subalternidade imposta a este grupo, passa a se transmutar no espaço e na forma de vida que estes grupos podiam levar. Em outras palavras, as condições imateriais das práticas e dos valores da população negra, que de escravizada passa a ter direitos formais iguais aos do branco, passam a encarnar na materialidade dos espaços e da arquitetura dos lugares onde vivem, tornando impossível para os membros das classes superiores e brancos conviverem neste espaço sem se misturar e ser confundidos com seus habitantes de maior número.

Como um “toque de Midas<sup>49</sup>” ao contrário, na concepção racista que organiza a vida na cidade, tudo que se refere ao modo de vida de pessoas negras, assim como as próprias pessoas negras, tem menor valor e deve ser evitado. “As coisas de negro”<sup>50</sup> podem ser habilitadas e a elas atribuído algum valor a partir da apreciação e

---

<sup>49</sup> Midas é um personagem da Mitologia Grega segundo que tinha o poder de transformar tudo que tocava em ouro.

<sup>50</sup> Uma versão mais recente desta expressão muito utilizada no final do século passado é o termo “brown”. Este termo, “na fala dos brancos era um tratamento pejorativo dado aos baianos que assumissem a sua negritude, considerada de mau gosto”. (GUERREIRO, 2005, p. 212)

reconhecimento de um branco. Exemplo deste costume pode ser visto no papel que Jorge Amado jogou, ao frequentar juntamente com Carybé e Pierre Verger o barracão de capoeira de mestre Waldemar, localizado no bairro do Pero Vaz, na década de 1950. Este mestre foi muito retratado por estes dois últimos artistas. É possível que este grupo tenha iniciado a fama deste bairro como *locus* especial da cultura afro-brasileira na cidade.

Ou seja, é o romancista Jorge Amado, cronista de costumes e escritor destacado, considerado como um dos inventores da baianidade (cf. MARIANO, 2019), quem vai trazer à luz a humana beleza dos modos do mundo dos moradores da Estrada da Liberdade, dentre outros subalternizados, valorizando-os como elementos importantes do modo de ser dos habitantes da cidade, possibilitando, talvez, o espaço para o surgimento e reconhecimento que vão receber em décadas seguintes as agremiações de blocos de carnaval naquele bairro.

A mistura, tão propalada como benefício do convívio durante a colonização, assim como sua correlata, a mestiçagem, vide o sucesso da obra “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, cuja primeira edição ocorreu em 1932, continua viva nos discursos e em algumas políticas públicas, mas muito limitada nas práticas do habitar da cidade no século XX. Brancos e ricos migram para o sul e depois para o nordeste da cidade, ocupando a orla, a baía é deixada para os pobres e pretos.

Ou dito de outra forma, com as palavras de Pinheiro (2011, p. 185):

Até finais do século XIX, a população vive misturada. Ao lado de um sobrado, pode estar uma casa térrea, com uma porta e uma janela. Um sobrado pode abrigar uma única família, ou muitas. Os bairros abrigam escravos e libertos, mestres, artesãos e funcionários, burgueses e nobres. Podem ser residenciais ou comerciais ao mesmo tempo. Numa mesma área, podem realizar-se vários tipos de atividades. A partir do século XX, percebe-se uma mudança progressiva nessa estrutura espacial e na estratificação social.

Assim, parafraseando a máxima que expressava a dinâmica sociorracial norte-americana até a década de 1960, em Salvador, podemos dizer que estivemos sempre misturados, mas nunca fomos iguais.

Outro verbo bastante alusivo do tipo de racismo que vivemos no Brasil é o *confundir*. O maior risco em misturar-se é confundir o julgo alheio, como está expresso em famoso ditado popular: “*Diga-me com quem andas, que te direi quem és!*” Num ambiente hierarquizado de forte julgamento social e autoritário no exercício de seus pequenos poderes, a autovigilância é constante. Desta forma, desde muito cedo e há

muito tempo existe aprendizado sobre onde e com quem andar para evitar dissabores e violências, com graves prejuízos para as pessoas negras<sup>51</sup> na maioria dos casos.

Sobre a postura dos burgueses em relação a sua presença nas ruas já se observava no século XIX que eles procuravam “sahir às ruas o menos possível, ser visto o menos possível e *se confundir* o menos possível com esta parte da população que os grandes chamam de povo e que tanto abominam”. (FREYRE, 2004, p. 145 apud MONTOYA URIARTE, 2020, p. 231) (grifo nosso)

Há poucas ofensas maiores que se possa cometer contra uma pessoa do que tratá-la como são tratadas as parcelas de menor prestígio social, *confundindo-a* com a ralé. Não se misturar e não ser confundido passam a ser as metas de quase todas as pessoas com expectativa de melhoria de vida e de ascensão social, ou apenas um tratamento com alguma dignidade, como podemos observar nos discursos de dona Yara, sobre as orientações da mãe em relação ao convívio no bairro da Liberdade, apresentados no capítulo 2, assim como os hábitos de infância da maioria da Rede 2, que consistia em brincar em casa ou na casa dos colegas de escola, nunca na rua, nem com amigos da rua.

Assim, podemos inferir que um dos sentidos da não permanência dos interlocutores da Rede 1, nos bairros em que cresceram, é a necessidade de serem tratados com maior dignidade e respeito, se estabelecendo em um bairro de melhor prestígio ou apostando em novos bairros com reputação a ser construída.

Por outro lado, os interlocutores da Rede 2 estavam estabelecidos em localidades de melhor *status* na região: Soledade, Lapinha, Caixa D'Água, Santa Mônica, Largo do Japão, Bairro Guarani e Matatu. E, ao contrário dos interlocutores da Rede 1, que saíram somente na idade adulta, quando podiam arcar com a aquisição do seu imóvel, estes, quase todos, saíram na infância e na adolescência.

Como bem reportado pelo Bloco Ilê Aiyê, estas famílias, ao reunir condições para uma moradia melhor, vão se fixar em outros bairros, se afastando das situações de convivência com o tipo social majoritário da região. Ainda que, pelas relações sociais descritas por eles no capítulo 5, estas possibilidades já eram bem reduzidas, posto que frequentavam poucos espaços e atividades no bairro e seus arredores.

---

<sup>51</sup> Outra relevante fonte de observação do uso do verbo confundir pode ser encontrada nas manchetes dos cadernos policiais de qualquer jornal, não só na Bahia como em outros estados. Pessoas negras são alvos constantes de violência policial por *serem confundidas* com elementos suspeitos ou perigosos.

Deste modo, mesmo que também possamos falar de busca de prestígio pelos membros da Rede 2, chegamos à conclusão de que se colocarmos os dois grupos em uma espécie de escala, a Rede 1 está acessando degraus já superados pela Rede 2.

Então, é pela nova dinâmica política e social a partir do século XX que a necessidade de se estabelecer um lugar para cada tipo de pessoa se impõe e vai se configurar como um mapa com informação social sobre quem ali está inserido. Já que numa cidade fortemente hierarquizada como Salvador o espaço se torna mais um elemento de diferenciação e da construção da ideia de privilégio e prestígio, e este privilégio está calcado na diferenciação racial, na qual a presença massiva de pessoas consideradas negras desvaloriza o bairro, área, região; e a presença massiva de pessoas consideradas brancas, pelo contrário, aumenta o prestígio da localidade.

Como fruto das relações que se engendravam e no intuito de reforçá-las, políticas públicas de modernização e infraestruturação da cidade, na primeira metade do século passado, e de promoção da habitação popular, na segunda metade, consolidaram a configuração estabelecida entre o final do século XIX e início do século XX.

A principal reforma urbana do início do século XX – a abertura da Avenida Sete de Setembro, entre os anos de 1912 e 1916 – indica o sentido do fluxo para o qual a governança e os investimentos da cidade deveriam seguir. Ela se inicia no Largo do Theatro, atual Praça Castro Alves, e segue em direção ao sul até o Farol da Barra. Corta vários bairros, igrejas e casas, ampliando o espaço de circulação de pessoas e veículos. O sul da cidade original recebeu atenção e recursos que o fizeram o *locus* da alta sociedade soteropolitana.

A Avenida Sete de Setembro se tornou o símbolo do esforço local em colocar a cidade em direção ao progresso e da civilização, não sem resistências pontuais, a sociedade baiana estava imbuída em enterrar o período colonial e se inserir na nova ordem que emergiu com a revolução industrial, o liberalismo e o capitalismo. Aos que se colocavam entre o desejo de “civilizar” e “europeizar” a cidade através da reurbanização eram acusados de apego ao passado e a africanidade em tudo que estes elementos representavam enquanto atraso, como no exemplo abaixo:

#### OS FRADES DO S. BENTO E A REMODELAÇÃO

Uma coisa que não se compreende é que os srs. Frades queiram entravar o nosso progresso, criando toda sorte de dificuldades ao plano de melhoramentos.

Homens estranhos ao movimento civilizador, pouco se lhes dá que a Bahia seja eternamente a velha cidade da colônia infecta e africanizada, ou que se a queria remodelar dando-lhes o molde das cidades europeias. (O CORREIO, 1913 apud PINHEIRO, 2011, p. 229)

Para tanto, a materialidade da cidade foi encarada como entrave e uma nova cidade ao sul passou a ser construída seguindo os parâmetros de habitabilidade modernos: “regular, higiênica, funcional, fluida, homogênea, equilibrada, sincronizada e bem administrada”. (Idem, p. 214). Com efeito, a Graça, a Vitória, o Canela e a Barra passam a ser exemplos deste modelo de cidade, se tornando naquele momento a aspiração de boa morada para os soteropolitanos, e gradativamente vai se estendendo por toda a Orla Atlântica, que foi ocupada pelos estratos superiores.

Com a introdução dos serviços de infraestrutura e dos transportes mecânicos, já não há mais necessidade da presença tão constante de pessoas pobres e negras, que agora só atrapalham a idealização da cidade “branca” e de aparência europeia. (PINHEIRO, 2011, p. 243) Para tanto, “as transformações nas áreas construídas e a formação de novos bairros estabelecem uma nova estrutura urbana, que, por sua vez, define uma segregação socioespacial na cidade”. (Idem, p. 244)

Para Bacelar (1994, p. 59):

A europeização representava sobretudo a consagração das distancias sociais, via cultura. Evidentemente, isto significa que, desde quando os negros não quebrassem os padrões vigentes comportamentais e não expusessem suas práticas abomináveis, poderiam no recôndito de seus espaços fazerem o que quiserem. E isto permite, abre um grande espaço para a formulação autônoma de um mundo negro baiano com raízes na África.

Este mundo se tornaria possível na margem mais antiga da cidade, na Estrada das Boiadas e da Liberdade, local destinado a negros e pobres que aqui habitavam e aos novos chegados, até a primeira metade do século passado.

Em continuidade aos processos de repensar, remodelar e produzir uma nova cidade, ocorre em Salvador, em 1935, a Semana de Urbanismo, organizada numa parceria entre o Governo do Estado da Bahia e o Governo Municipal de Salvador. Foram apresentados modelos e projetos que dessem conta de ampliar as reformas em curso, construindo uma cidade moderna e funcional, fincada nos princípios de orientação holística, estabelecendo zonas como forma de ordenamento, tal qual se observava no urbanismo executado na Europa e Estados Unidos. (PINHEIRO, p. 261-263)

Entre as críticas levantadas no evento estão as formas urbanas da “cidade errada”, citando as formas e a dimensão dos lotes urbanos, a abertura de “bêccos” e “avenidas” contribuintes no aumento dos cortiços. “Exemplificava-se a ‘cidade errada’ com a menção à construção de casebres que, agregando-se aos poucos, vão sendo melhorados e seguidos por ‘fileiras de casas’, ainda que ‘rendosas’, também ‘ruins’. Enfim, argumentava-se que, ‘é na construção do casebre, dentro da roça particular, que têm origem os males que atormentavam as idades’”. (ARAÚJO, 1992, p. 217-218 apud GORDILHO-SOUZA, 2008, p. 102)

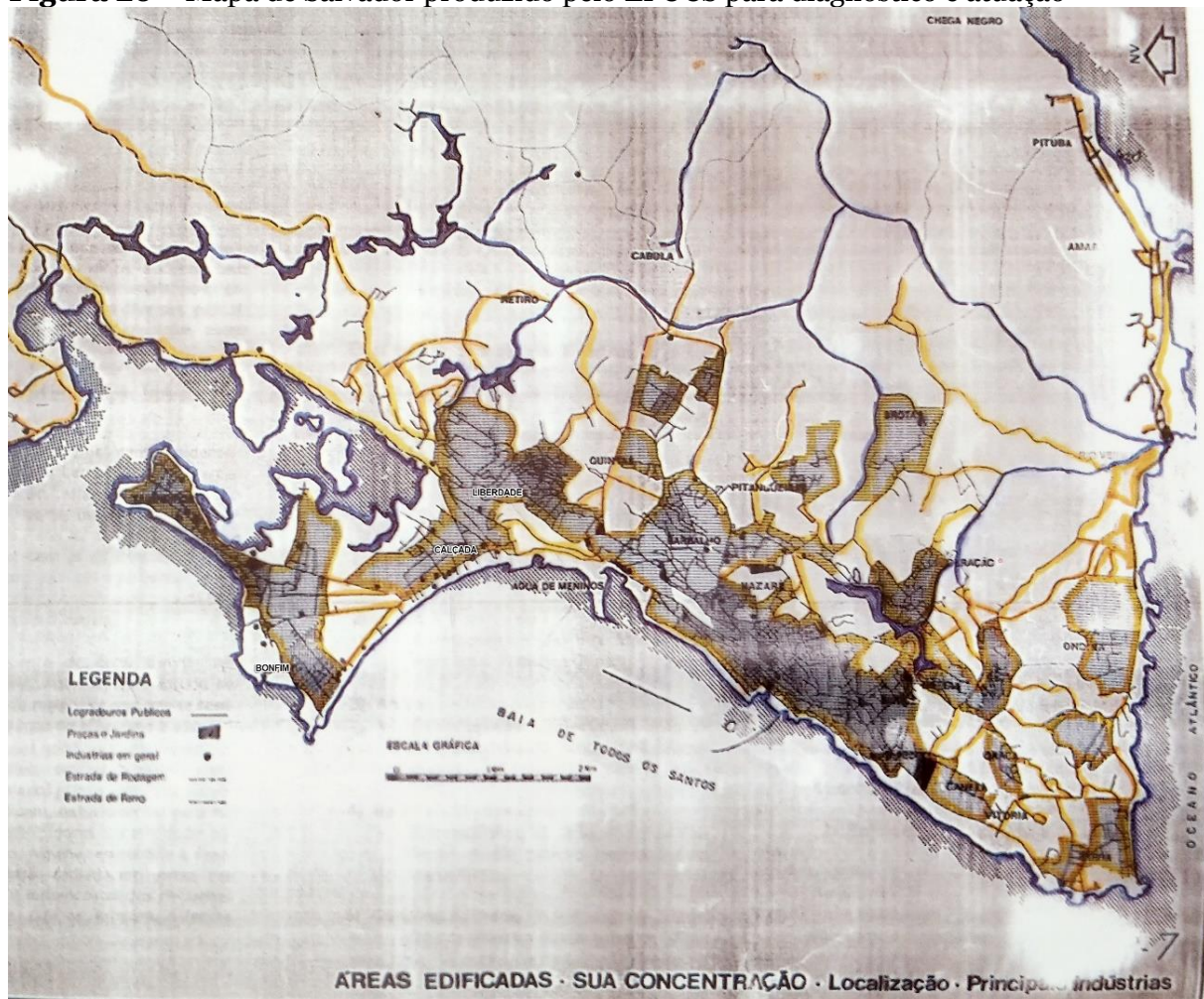
Ora, vejamos quem os urbanistas, e engenheiros presentes na Semana de Urbanismo vão eleger como objetivo a ser atacado senão a forma de produzir habitação dos negros e pobres da cidade, forma que pode ser verificada resistindo até os dias atuais em muitos bairros da cidade, num estilo arquitetônico chamado de vernacular pelos especialistas.

Um dos desdobramentos desta iniciativa é a instalação, em 1943, do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador – EPUCS. Sob a direção de Mário Leal Ferreira, cuja influência intelectual vai desde o evolucionismo de Charles Darwin até e a ecologia humana da Escola de Chicago, o escritório produziu o primeiro grande plano diretor para a cidade, projetando tanto a reordenação quanto a sua expansão. Entre as contribuições do EPUCS para resolver questões urbanas soteropolitanas estavam as

diretrizes para localização e construção de habitações populares em Salvador, a partir da nova concepção urbana [...]; normas para a extinção de habitações do tipo mocambo, cortiço ou casebre; [...] regulamentação dos aluguéis, loteamentos a serem implantados, além do zoneamento para a localização de atividades, incluindo-se setores residenciais destinados ao operariado industrial junto à zona de indústrias existentes, em Itapagipe. (Idem, p. 102-103)

Importante notar que no zoneamento proposto pelo EPUCS para a implantação de habitação popular e operária estão as imediações da Baía, margem urbanizada na qual as famílias dos nossos interlocutores vão se instalar poucas décadas mais tarde. No mapa abaixo, produzido como forma de diagnóstico da situação da cidade, tanto as terras altas como as baixas do entorno da Estrada da Liberdade já constavam com bastante densidade. O que nos leva a apontar que o EPUCS deixa para os pobres a região já por eles habitada.

**Figura 26** – Mapa de Salvador produzido pelo EPUCS para diagnóstico e atuação



Fonte: VASCONCELOS, 2016, p. 566.

Para Lima (2019, p. 51), “o tempo incumbiu-se de demonstrar que o conceito evolutivo de cidade, cristalizado na tese da pobreza como fenômeno transitório passível de ser eliminado com desenvolvimento, não se confirmou, e terminou por tornar inócua a proposta” expressa nas normativas que propunham zonas de transição para habitações populares.

Em 1949, como fruto do projeto EPUCS, foi implantada a primeira “avenida de vale”, a Avenida Centenário, ligação entre o Centro e a Barra. Consideradas entre as maiores contribuições do Escritório para a cidade, as avenidas de vale mudaram o fluxo da cidade tradicionalmente feito pelas cumeadas para os vales. Já entre 1955 e 1955 foi construída a primeira faixa da Avenida Vasco da Gama, ligando o Centro ao Rio Vermelho. (VASCONCELOS, 2016, p. 317)

Embora traga novidades na concepção e abordagem do planejamento urbano, especialmente na tentativa de abarcar toda a cidade e não apenas problemas isolados,



o EPUCS, primeiro plano diretor moderno, mesmo elegendo a forma de moradia de baixa renda como alvo prioritário da sua política, não foi suficiente para atender seu objetivo de construir uma cidade funcional, fluida e integrada. Ao contrário, suas medidas reforçaram a pobreza e a segregação espacial na medida em que foram criadas zonas mais valorizadas, abrindo-se novo mercado de terras, ainda que cerca de duas centenas de projetos de loteamentos tenham sido licenciados entre 1930-50, mas poucos implantados, já que maior parte da população que necessitava de habitação não tinha condições de adquirir sua moradia. (LIMA, 2019, p. 51-52)

Essa nova legislação urbana, ao delimitar as diferentes zonas, diferenciando-as por tipologias habitacionais, segmentando e elitizando a formalização do espaço e áreas urbanas, acabou por reafirmar ela própria, o processo de segregação espacial por níveis de renda, consolidando a estratificação social na configuração do ambiente construído. (GORDILHO-SOUZA, 2011, p. 103)

Já no final da década de 1960 se concretizou o que é considerada a maior contribuição do EPUCS para a cidade: toda uma malha rodoviária foi construída ligando a cidade original aos bairros e localidades mais afastados, possibilitando a consolidação de novos bairros que começaram a ser construídos nesta década, com a implantação de loteamentos populares e conjuntos habitacionais.

Com a criação pelo Governo Federal do Banco Nacional de Habitação e do Sistema Financeiro de Habitação, o Governo Estadual teve grande atuação na promoção da habitação popular e de infraestrutura para a cidade, diante do reconhecimento da questão urbana e pressão social pela habitação, acirradas a partir das “invasões” do Corta-braço e Alagados, na década de 1940. Em 1965, foi criada a URBIS, empresa responsável pela construção de grandes loteamentos, como as três etapas de Castelo Branco e Periperi.

É somente em 1968 que a lei municipal 2.181 vai regulamentar a liberação das terras até então submetidas a um regime fundiário de origem colonial que preservava o direito enfiteutico. Abrindo-se a oportunidade a partir de então à comercialização de terras e imóveis do patrimônio do município, que estavam aforados, arrendados ou ocupados. Assim, consolida-se o direito de propriedade privada em detrimento das ocupações e posses coletivas, além de beneficiar os grandes capitalistas. (LIMA, 2019, p. 54)

Na esteira da promulgação desta lei, se intensificou a perseguição às novas ocupações coletivas com objetivo de erradicá-las, houve ações de despejo e realocação

das populações alojadas em áreas litigadas para loteamentos e conjuntos no Miolo da cidade, bastante distante dos seus locais de origem.

As décadas de 1960 e 1980 são marcadas mais pelas práticas do que por debates de concepção pelos poderes públicos, em contraste com os marcos anteriores. O ambiente autoritário do período possibilitou a implantação das diretrizes estabelecidas na primeira metade do século, garantindo que os interesses corporativos e especulativos dominassem a pauta urbanística, reservando para a população pobre a parcela da cidade a ser produzida nas novas margens e fronteiras como o Miolo, distante dos bens e serviços, concentrados ainda na cidade originária.

É neste ambiente que os interlocutores da **Rede 1** estão buscando moradia para as famílias que irão formar a partir da década de 1960 até o início da década de 1980. Fixados em bairros estigmatizados, de maioria negra e pobre, essas pessoas vão buscar moradia própria fora destas áreas.

Já as famílias da **Rede 2**, que saem também na década de 1980, vão buscar usufruir deste movimento de expansão para a Orla promovido pelas políticas urbanísticas e habitacionais existentes àquela época e que seguiu até findar a vigência do SFH, na década de 1990.

Portanto, o processo de crescimento da cidade para a Orla resultou numa diferenciação espacial da cidade que prevalece até os dias atuais. Foram criadas “ilhas da modernidade”, na visão de Carvalho e Pereira (2008, p. 82) e de “supremacia branca” no dizer de Garcia (2009, p. 515), em contraste com o oceano de gente e bairros negros na cidade do Salvador. Analisando os dados do Censo de 2000, tanto Carvalho e Pereira (2008) quanto Garcia (2009) vão encontrar resultados parecidos, mas vão interpretá-los de forma distinta.

Carvalho e Pereira estabelecem suas análises iniciais a partir da dimensão ocupacional dos respondentes e chegam à composição de 7 faixas utilizadas no seu estudo. A faixa social compreendida pelo estrato superior e médio superior está situada na Orla Atlântica da cidade, assim a faixa superior se concentra em duas manchas localizadas na região da Barra-Graça-Vitória e outra na região do *Shopping* da Bahia. (p. 88-91) A esta área eles vão chamar de “cidade moderna”, já a região de materialidade mais antiga no entorno do centro histórico vai ser nominada de “cidade tradicional” e o restante da cidade pelas características dos seus ocupantes e pelo subatendimento em bens e serviços será a “cidade precária”. (Idem, p. 101)

Estes autores ainda apontam a composição racial como relevante na compreensão espacial da cidade e apresentam alguns mapas, apontando a concentração de raças nas diferentes áreas da cidade, no entanto, não é explicitada qual a perspectiva de compreensão racial que utilizam para dividir a composição racial da cidade em três: preta, parda e branca, sendo os pardos a maioria da população. Assim, a conclusão a que chegam é que a maioria branca está concentrada na “cidade moderna” e os negros e pardos se espalham no restante da cidade. Ainda que não componha um tecido homogêneo, uma vez que há pelo menos dois enclaves compostos por faixas inferiores nesta “cidade”, é inegável a existência de duas manchas nas quais se concentra uma população com mais de 60% de brancos. (Idem, p. 95). São as mesmas áreas identificadas por Garcia (2009).

No entanto, para os primeiros, a marca que diferencia a segregação na cidade é o acesso proporcionado pela renda de suas ocupações, enquanto para a segunda o fator principal é a raça. Em outro trabalho do mesmo período, Carvalho e Barreto (2007, p. 269) vão afirmar que “Salvador apresenta uma segregação racial moderada, acentuada nas áreas superiores, mas bastante reduzida nas áreas populares, onde os pobres e os negros estão concentrados”.

Garcia (2009) vai relatar que, entre as 90 Áreas de Expansão Demográficas definidas pelo IBGE em 2010 para a cidade do Salvador, apenas 9 são compostas por maioria branca, a saber: Graça; Barra e Barra Avenida; Itaigara, Caminho das Árvores e Iguatemi; Campo Grande, Canela e Vitória; Pituba e Parque N. Senhora da Luz; Chame-Chame, Jardim Apipema, Morro do Gato e Morro Ipiranga; Stela Maris e Aeroporto; Imbuí, e por fim, Armação, Costa Azul, Stiep e Conjunto Bancários. (Idem, p. 507-508). Assim como demonstram Carvalho e Pereira (2008), estas também são as regiões mais bem equipadas em bens e serviços públicos.

Observando que as duas últimas áreas têm uma maioria com margem pequena, o que na minha interpretação as levaria a uma categoria intermediária que Garcia (2009) não usa, diminuiria, assim, ainda mais o tamanho destas ilhas. Olhando por este prisma, e considerando que a população autodeclarada branca em Salvador compreende apenas 23% do total, me parece acertado dizer que os brancos que se autosegregaram, engrossando as fronteiras em relação aos negros que habitam a maior parte da cidade, nos termos apontados por Corrêa. (2016, p. 43)

Deste modo, a ideia de segregação socioespacial como tem sido utilizada pelos estudos urbanos até aqui só faz sentido se considerarmos que há cordão invisível que

impede o domínio da narrativa urbana por esta maioria e o nome deste cordão é o racismo em todas as suas expressões e modalidades. O mais apropriado seria falar em maioria não hegemônica, habitando a cidade, indesejada pela minoria hegemônica.

Neste sentido, Bacelar (1994, p. 64) questiona se, a partir do protagonismo cultural de grupos negros com decorrente apropriação de espaços e ampliação do contato entre negros e brancos, tem como resposta “a presença de condomínios e áreas residenciais isoladas da ‘impureza’ advinda da sociedade envolvente, e por sua vez, a separação em ambientes sociais, restaurantes, praias e outras formas de convivência. Não estaríamos caminhando para um ‘apartheid à baiana?’”

Ou seja, a lógica de fragmentação e securitização da vida e da habitação se inserem e atendem à lógica ainda pertinente de garantir afastamento e o lugar social do qual fazem parte sem serem confundidos.

Portanto, assim como no período colonial e imperial, a arquitetura da casa continua informando a renda e o *status* de seus moradores. Antes, mais do que agora, é verdade. Posto que ter um palacete numa região pobre em meio a casebres não diminuía o *status* de seu proprietário, como vemos no caso do antigo Solar Machado, na Boa Viagem. Nem do Solar Bandeira, na Ladeira da Soledade.

Deste modo, a diversidade social encontrada em todas as freguesias urbanas da cidade do Salvador antes da abolição da escravatura e Proclamação da República informa mais sobre o funcionamento e circulação do *status* naquele momento do que sobre uma pretensa democracia ao acesso da terra e do direito à cidade ou que a posição em relação à centralidade não era valorizada.

Naquele momento, entre outros aspectos, o *status* estava atrelado à origem (local ou de família) e se inscrevia na pele de cada um, como forma rápida de identificação do “seu lugar social”. Assim, africanos e seus descendentes nunca seriam confundidos com portugueses, europeus e seus descendentes. Senhores e escravizados ocupavam polos distintos naquela ordem social.

À medida que o ideal liberal avançava e a possibilidade de equalização entre os cidadãos se avizinhava no horizonte, novas formas de hierarquização vão surgindo e os descendentes de senhores deixam de conviver com os descendentes de escravizados. São eles que abandonam, logo que possível, os bairros de baixa reputação nos quais predominavam o tipo social de baixa renda.

Durante todo o século XX vão ser criados e consolidados bairros para tipos de alta e média renda, distante de bairros com histórico de ocupação escravizada e de

baixa renda. A região a partir do Campo Grande em direção à Orla Atlântica foi a escolhida. Enquanto, a partir da segunda metade do século passado, foram criados bairros, conjuntos e loteamentos nas cercanias das antigas margens, além da ocupação do Miolo do município com destinação aos trabalhadores e parcelas de baixa renda.

Agora, mais que antes, localização e arquitetura se unem para informar o *status* e a posição social dos seus moradores no imaginário local, implicando em tratamento diferenciado perante as demais pessoas e instituições, como a polícia, e pode definir o nível de acesso a serviços públicos, como transporte coletivo, postos de saúde e áreas de lazer.

A hierarquização que enquadrava os indivíduos se desdobrou também para os seus espaços habitados, fazendo com que estes também passassem a ser tratados como aqueles. Em outras palavras, os espaços passaram a encarnar as características das pessoas que eles abrigam, merecendo desta forma o mesmo tratamento e ocupando o mesmo lugar no imaginário social.

Assim, bairros de maioria negra e pobre são vistos e tratados como historicamente se tratam os negros e pobres nesta cidade: com desconfiança e desdém. Não há bairro com histórico de ocupação negra na cidade que tenha elevado seu prestígio durante o século passado e se igualado a outros de alta renda. Os bairros de ocupação negra permanecem com menor *status* social.

A luta para se levar dignidade e aparato estatal para comunidades e bairros pobres é a luta para se romper com o racismo aplicado ao espaço, elevando a condição de humanidade, o lugar onde pessoas de ancestralidade africana e empobrecidas vivem.

### 7.1.2 | A casa própria – autonomia, respeitabilidade e estabilidade

Como vimos nos capítulos anteriores, a rede familiar e negra (Rede 1) consegue a casa própria durante a infância, quando os pais (aqui tratados como a primeira geração), com muito esforço, amealham recursos para adquirir seu imóvel. Quase todos os genitores dos nossos interlocutores desta rede permanecem na residência, nos bairros desta margem urbanizada, até o final da vida.

Temos a primeira diferença entre os grupos: os genitores negros trabalham já com sua família formada para adquirir seu imóvel e se fixam na primeira casa própria que adquirem. A maioria dos genitores brancos iniciam a sua família, e sua vida adulta

em sua própria residência e abandonam a região ainda na adolescência ou juventude dos nossos interlocutores. Na Rede 2, apenas dois interlocutores estão morando de aluguel e outros dois têm o início da vida de casal num imóvel cedido pela família. Os demais estão em imóveis próprios.

As quatro famílias nas quais estão inseridos inicialmente nossos interlocutores principais da Rede 1 vão se instalar nas terras altas e baixas da BTS, num momento de expansão, quando as terras desta região se tornaram acessíveis a estas famílias. No entanto, elas não se instalaram ali somente por razões econômicas. Das quatro famílias que analisamos, três já tinham laços anteriores com os bairros. Laços familiares mais exatamente. Todas as três contaram com parentes de um dos lados do casal nas redondezas. Apenas uma família migrou da região de Brotas para São Caetano, passando pelo Jardim Cruzeiro, sem laços consanguíneos na região.

De acordo com estudos de bairros populares na cidade do Salvador e da Bahia, há uma tradição de formação de uma rede de núcleos familiares em torno da casa de origem, na qual estão fixados o patriarca e a matriarca da família. É comum ainda que se utilize área do terreno, construindo nos fundos ou na laje da família de origem. Reforçando, assim, ainda mais a proximidade e a interdependência entre os membros da família.

Abordaremos este aspecto com mais profundidade no próximo tópico no qual trataremos do parentesco e das relações e papéis de gênero nestas trajetórias. Por ora, é importante que fixemos a informação de que os pais se instaram próximos de sua rede familiar, para discutirmos o fato de que nenhum de nossos interlocutores da segunda geração tenha feito o mesmo.

Seu Jurandir Pitanga chama a atenção para este fato, quando menciona a vontade do pai de que os filhos construíssem na sua laje. No entanto, todos os seus filhos tomaram uma decisão de se afastar deste hábito. Todos foram residir em bairros muito distantes da casa paterna.

A primeira camada explicativa para tal fato é que, enquanto jovens negros engajados na ascensão social, com alta escolarização e trabalhando em empresas de grande porte, eles estavam imbuídos em fazer jus à ideologia de democracia racial vigente de que havia chances iguais para brancos e negros e que, se esforçando, todos poderiam ter uma inserção social melhor do que a que os pais haviam entregado.

Entre as ideias que circulavam naquele momento sobre o desenvolvimento do país, a maioria lidava com a questão racial como aspecto remanescente de uma ordem

anterior, cujo progresso e crescimento do país fariam desaparecer disparidades entre os tipos raciais que compunham a sociedade. Porém, para tanto, também era necessário que os negros demonstrassem interesse na melhoria de vida, estudando em meio a índices altíssimos de analfabetismo e aproveitando a abertura de vagas nas novas empresas recém-instaladas na região metropolitana de Salvador.

A região da Liberdade era reconhecida como bairro negro e pobre, mas de melhor prestígio do que outros bairros em formação nas décadas de 60 e 70 do século passado. Ainda assim, a reputação do bairro era muito ruim e seus filhos preferiam apostar em bairros novos, com reputação a ser forjada.

O engajamento na ascensão social encontra eco nas medidas econômicas e sociais que foram tomadas a partir da década de 1960 de produção de parque imobiliário habitacional para trabalhadores e classes médias em vazios urbanos, o que vai levar a extensão da cidade para o entorno da BR 324 e da Avenida Paralela. São estes os bairros escolhidos por eles: Stiep, Imbuí, Patamares, Cabula e Castelo Branco.

Ou seja, diferente de seus pais que tiveram que fazer algum tipo de poupança ou acertos pessoais para garantir o teto particular, a geração de dona Yara e seu Jandir terão à disposição alguns recursos oferecidos pelo Estado para acessar a casa própria.

Na verdade, eles se beneficiaram em três frentes: a primeira com a expansão do sistema de ensino, tanto público com a Escola Técnica e Universidade Federal quanto privada, ao acessar a Universidade Católica do Salvador, ampliando assim a escolarização. A segunda, no acesso a um mercado de trabalho no parque industrial que estava se instalando na região metropolitana, desde a década de 1950, por iniciativa e subsídio governamental e pela criação do SFH, que estimulava a produção de cooperativas de crédito, bem como financiava a construção e aquisição de imóveis com fins habitacionais.

Quase todos os interlocutores da geração de Dona Yara e Seu Jurandir vão mencionar a palavra “oportunidade”, ao se referir a sua escolha habitacional. Entre as acepções encontradas no dicionário Michaelis Online, o vocábulo supracitado pode ser entendido como ocasião favorável, circunstância oportuna e propícia para realização de alguma coisa, circunstância útil, benéfica e vantajosa, conveniência e utilidade. Estas acepções nos ajudam a entender a primeira nuance de sentido empregada pelos nossos interlocutores.

As escolhas habitacionais feitas por este grupo representavam um negócio que não poderia ser perdido, possibilidade muito vantajosa, em termos variados, como tipo de imóvel, localização ou formas de pagamento para alcançar a sua casa própria.

Um outro sentido que pode ser adicionado a este é o de “sorte”. Oportunidade pode resumir a sorte de ter acesso às informações sobre o negócio e estar com condições necessárias para fechá-lo. Lembremos que Salvador, assim como muitas cidades do Brasil, tem suas relações muito personalizadas e é muito comum as pessoas se referirem à necessidade de se ter “conhecimento<sup>52</sup>” para ser atendido num serviço ou acessar uma política pública.

Esta “sorte” se torna ainda mais importante quando remontamos o histórico majoritário das pessoas negras da cidade em relação ao acesso à moradia. Lembremos que o contexto era de forte pressão por moradia, e não depender diretamente do arbítrio autoritário de outrem para viver pode ser considerado uma grande vantagem.

Nós sabemos que a oferta de loteamentos e financiamentos também são políticas públicas que beneficiaram estas famílias. No entanto, nenhum interlocutor colocou em primeiro plano as decisões governamentais que os favoreceram, mas reforçaram os esforços que empreenderam para acessar estes imóveis e pagar suas prestações, além da sorte de estar no lugar e hora certo para fazer o negócio.

Estas políticas públicas, muito focalizadas pelos planejadores e urbanistas, representam um ponto fora de uma curva de desassistência e desamparo históricos, à qual estas famílias negras, assim como quase todas as famílias negras brasileiras, estão submetidas. O histórico de abandono e a descontinuidade de políticas de atendimento massivo às camadas subalternizadas transformam o seu acesso em sorte pessoal, em oportunidade.

Uma terceira nuance de sentido que a palavra “oportunidade” pode nos remeter e que se relaciona com a segunda é o medo de não ter onde morar. A posse e propriedade de sua moradia passou a ser uma realidade para nossos interlocutores num intervalo de tempo razoavelmente pequeno. Não podemos esquecer que os pais dos nossos interlocutores são a segunda ou talvez terceira geração<sup>53</sup> que nasce livre, após a abolição da escravatura.

---

<sup>52</sup> Conhecimento neste caso é a rede de contatos pessoais ou de amigos que podem ser mobilizados na resolução de uma questão. Conhecer as leis e normas é menos efetivo que conhecer pessoas.

<sup>53</sup> Para esta conta estamos levando em consideração que cada geração é formada pelo conjunto de pessoas nascidas num período de 25 anos.



Este medo foi experimentado mais fortemente pelos membros da família Tupinambá, na infância, quando não tinham casa própria e estavam sob o domínio das vontades do seu tio, “dono de casas de aluguel”. Isso remonta a um passado de instabilidades pessoais e coletivas e subordinação ao domínio de outrem que pode exercê-lo de maneira cruel.

Assim, a oportunidade pode representar um momento que pode não se repetir mais e não sendo aproveitado pode significar a ruína da família, tornando-a suscetível a vulnerabilidades e transtornos decorrente da sua condição racial, entre outros elementos, como a violência urbana ou policial, bem como a discriminação que se efetivava através do autoritarismo e perseguição.

Então, a possibilidade de aquisição de seu imóvel próprio mediante acesso a políticas habitacionais que inseriram um grau maior de impessoalidade nas relações de compra e venda, representa um salto qualitativo do ponto de vista econômico, uma vez que se trata de um bem de alta monta, e também pessoal, na medida em que se alcança liberdade, autonomia e intimidade.

Por outro lado, as informações levantadas dão conta que pelo menos os homens da família Pitanga reuniam condições de adquirir um imóvel no bairro onde cresceram, posto que haviam adquirido automóvel, recebiam salários acima da média e gozavam de estabilidade no emprego. Ainda assim, decidiram arriscar em construir sua vida em bairros sem rede de serviços, conveniências ou apoio familiar. Este ponto nos faz crer que a necessidade de uma inserção mais qualificada na cidade se tornara imperativa para esta geração.

Por fim, é importante mencionar que apenas uma das interlocutoras principais (na segunda geração) permaneceu no bairro no qual os pais fixaram residência própria. Foi ela, também, que iniciou a sua vida autônoma, indo morar de aluguel com o companheiro. Nenhum dos demais mencionou ter buscado imóvel no mesmo bairro dos pais. Assim, podemos inferir que o desejo da maioria era mesmo o de se afastar daquele contexto.

Assim, não somente a saída do bairro dos pais foi possibilitada pela oferta de imóveis e condições de pagamento pelas políticas habitacionais da época, mas a aquisição da casa própria em si produz segurança, valor também desconhecido por gerações anteriores e está sendo passado destas para as próximas. E segurança e estabilidade traduzidas em sedentarismo são pilares de *status* na sociedade baiana desde outrora até a contemporaneidade.

Já os interlocutores da **Rede 2**, que estabelecem suas vidas autônomas entre o final da década de 1980 e 1990, também vão buscar financiamentos para adquirir o seu imóvel próprio. Mas, diferente da Rede 1, eles se mudam mais vezes, ainda que não morem de aluguel. Numa ponta, temos Raoni Arruda, que mora na mesma residência desde o casamento; na ponta oposta, temos Moema Jacarandá, que se mudou quatro vezes. O ponto fora desta curva é Indira Mirim, que se mudou inúmeras vezes enquanto morou de aluguel, mas está fixada no mesmo apartamento desde que o adquiriu.

Diferente da Rede 1, a maioria da Rede 2 vai buscar alternativas para ficar junto de familiares, estabelecendo isso como um ponto importante na localização do imóvel a ser adquirido. Alguns não conseguiram como veremos no próximo tópico.

Em sua obra, “A Bahia já foi assim”, Hildegardes Vianna descreve os costumes das gentes em Salvador, na primeira metade do século passado. Na crônica que abre o livro, “Outros Tempos”, ela anuncia no primeiro parágrafo:

Era nos abençoados tempos em que faltavam inquilinos e sobravam casas para alugar. Quando um chefe de família pagava para não se mudar. Era feio se viver mudando a toda hora, transferindo de endereço sem mais aquela, feito cigano, propiciando comentários nem sempre sadios. Só quem pagava casa, vivendo sob ameaça constante de despejo, costumava trocar de morada em menos de um ano. (VIANNA, 1979, p. 3)

Ao dar a forma de moradia a primazia sobre os hábitos de vida dos soteropolitanos, a autora nos informa sobre o valor deste componente no contexto da época e sobre os julgamentos possíveis e correntes a quem não observasse o comportamento esperado.

Lembremos que a condições de acesso a moradia não estavam plenamente acessíveis à maioria dos habitantes da cidade. Havia um contingente grande de pessoas que até o final do século XIX não tinha autorização para adquirir imóveis. Essas pessoas eram os ex-escravizados africanos ou nascidos aqui e que durante muito tempo, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, construíram alternativas de moradia à margem das normas e regramentos. Nesse sentido, seria importante refletir sobre o comportamento de quem, ou melhor dizendo, contra quem ela está se referindo.

Ela continua no terceiro parágrafo da mesma crônica: “Naquela época se nascia e morria na mesma casa. Mudança só por morte ou casamento”. Este forte corolário parece ter sido buscado o quanto pôde pelos pais e pelos nossos interlocutores principais da Rede 1.

Montoya-Uriarte (2020), ao estudar o modo de habitar de moradores do Centro Histórico de Salvador, faz uma retrospectiva histórica da forma dos negros e pobres de habitar, desde a colonização até os dias atuais. Ele propõe se tratar de um “habitar em movimento”, caracterizado pelas frequentes mudanças de local de moradia, bem como do movimento da rua o seu meio de vida. A autora chega à conclusão de que esta forma de habitar consiste numa permanência histórica, num modo consolidado de produzir e se apropriar do espaço por estas parcelas da população, especialmente observado no Centro Histórico, *locus* do seu estudo.

Com algum cuidado, por extensão, podemos inferir que não somente na cidade originária e antiga os negros e pobres habitavam buscando, de quando em quando, novos locais de moradia, motivados por necessidades diversas, mas sempre suscitando mau julgamento por tal comportamento tido como de baixo *status* social.

Na Rede 1, temos o exemplo de Araci Aroeira, que cresceu no bairro de São Caetano numa residência própria, mas, ao se casar, circulou entre vários pontos do bairro, residindo de aluguel. Outro exemplo na mesma rede, mas na geração seguinte, são as escolhas de Rudá que, ao sair da casa dos pais, em Pernambués, tem residido em imóveis da área do Centro de Salvador. Já morou no bairro de Dois de Julho e agora está no Garcia.

Assim, podemos perceber uma oposição forte entre o sedentarismo definitivo e esta espécie de nomadismo urbano, no qual os cidadãos pousam de tempos em tempos em moradias diferentes, mas dentro de uma mesma área, região, bairro ou território. Essa oposição, que parece ter bases longínquas, e coloca no polo positivo o sedentarismo e no polo negativo o nomadismo, pode ser uma das explicações para ainda no presente a casa própria ter tamanha força entre os habitantes de Salvador.

A casa própria engendraria um signo de estabilidade, seria um porto seguro contra os reveses que a vida vulnerável de pessoas negras pode sofrer, além de ser um signo de respeitabilidade no mundo dos brancos e dos mais abastados. Enquanto a moradia de aluguel, não só denota hipossuficiência, estando ligada às formas de morar das parcelas empobrecidas, como evoca uma relação de dependência, na qual o locatário se submete às vontades do locador e proprietário do imóvel. Em geral, as posições contra a moradia de aluguel giram em torno deste argumento, suscitando mais uma hipótese de memórias ancestrais de relação de subordinação e julgo. Deste modo, a casa própria se torna símbolo de autonomia sobre seu espaço e liberdade de

exercício de sua vontade, em contraste com a negociação e dependência que a locação representa.

Estas conclusões são parecidas com as de Lima (1980, p. 75), ao analisar a busca por moradia em loteamentos clandestinos e autoconstruídos no Rio de Janeiro:

A insegurança, decorrente da não-propriedade da moradia, é o principal motivo para se adquirir um lote e construir ali sua casa. O sentimento de que a propriedade da moradia é uma necessidade incondicional é generalizado entre os autoconstrutores, e ao se referirem a essa necessidade expressam sempre a certeza de que a casa própria é a única alternativa habitacional capaz de garantir a proteção do grupo familiar nos momentos de crise. [...] As referências ao passado, quando moravam em casa de aluguel ou cedidas, e às dificuldades por que ainda passam seus amigos e parentes que permanecem naquela situação, surgem de maneira tão repetitiva em seu discurso que parecem ser uma maneira de reafirmar os argumentos que utilizam para justificar a si próprios as privações e o desgaste por que estão passando.

Embora Lima parta de uma abordagem que prioriza a leitura economicista e seus pressupostos de oposição de classe, cuja resolução do problema habitacional estaria na recomposição salarial dos trabalhadores, possibilitando o acesso a financiamentos ou o pagamento de aluguéis em imóveis dentro dos padrões urbanísticos de habitabilidade, há uma grande semelhança nos aspectos que remetem ao medo do futuro e sua vulnerabilidade perante possíveis crises e a memória do passado sempre reavivado por parentes e amigos, tornando a necessidade de ter uma casa própria uma medida inadiável.

As análises em torno da produção de habitação tomam, em geral, uma perspectiva econômica e de classes divididas por renda para analisar a adesão maciça observada em qualquer cidade brasileira deste expediente, especialmente quando a alternativa para alcançá-la se dá através da autoconstrução. No entanto, o que queremos demonstrar aqui é que, pelo menos no caso em tela, as acepções de classe estão carregadas de elementos raciais e são valoradas de acordo com as significações que o racismo produz nas relações sociais.

Como explica Lia Vainer Schucman (2012, p. 12), “o racismo particular brasileiro é a ideologia do branqueamento marcado por uma hierarquia de desigualdades sociais e racistas no que diz respeito aos negros e índios”. Desta forma, esta ideologia implica em atribuir valores positivos aos modos do mundo de pessoas de ascendência europeia, seus atributos, hábitos e experiências, beneficiando-os com uma posição superior na hierarquia social – enquanto os demais tipos sociais se encaixam abaixo, concentrando sobre si uma série de estereótipos negativos.

A tradição dos estudos sociais urbanos brasileiros tem dificuldade em aliar a dimensão racial e de pertencimento de classe nas suas análises, perdurando durante muito tempo uma negação da existência de racismo enquanto sistema que organiza as relações no país em favor das explicações que priorizam o viés econômico e de organização de classe. Ainda Lima (1980, p. 71) vai apontar:

É nesta situação, de salários achatados e insuficientes para pagar aluguéis ou comprar moradias prontas, que a questão da habitação proletária vai encontrar uma alternativa de solução na autoconstrução, uma forma não capitalista de produção da moradia que constitui uma resposta da classe trabalhadora ao empobrecimento crescente a que tem sido submetida.

Já Gordilho-Souza (2008, p. 130), citando um estudo conduzido por Maria Brandão, em Salvador, vai afirmar:

Como as amplas camadas da população não podiam competir no mercado de aluguéis, a casa própria tornou-se o único meio de acesso à habitação e essa não poderia deixar de ser a casa de construção clandestina, via de regra em terrenos de terceiros.

Por seu turno, Lima (2019, p. 71), ao tratar da ocupação do bairro de Saramandaia em Salvador, vai falar em “necessidade” que parece ainda uma abordagem econômica do tema. Para ela, “a ocupação do território, portanto, se caracterizava como uma necessidade, visto que o morador não tinha outra opção ou escolha para morar, afinal, como se diz no bairro, ‘o aluguel come no prato com a gente’”.

Estas análises abarcam um aspecto importante do tema, mas ao retirarem a perspectiva histórica da inserção socioespacial destas parcelas na cidade e sua limitada capacidade de impor decisões aos poderes públicos, posto que estavam incluídas entre os percentuais a serem “civilizados” para poderem participar da esfera pública, às tornam incompletas. De maneira geral, estas parcelas não perderam capacidade de pagamento, elas nunca tiveram. Estão construindo seu patrimônio.

Assim, para a segunda geração da Rede 1, comprar uma casa seria uma vitória, pela qual trabalharam arduamente e um imóvel num bairro com a inquestionabilidade da sua propriedade, arruamentos cumprindo parâmetros urbanísticos, construção formal e dentro dos padrões arquitetônicos modernos representaria uma solução ainda melhor, algo que os colocaria alguns degraus acima. Eis a aposta que esta geração fez.

Neste aspecto, as políticas habitacionais que expandiram a cidade em torno do Miolo e da Orla foram grandes facilitadoras do projeto pessoal e ao mesmo tempo familiar deste grupo.

Já a segunda geração da **Rede 2** também foi em busca da casa própria e, em geral, conseguiram, razoavelmente, distante dos pais, mas por motivos muito diferentes: pelo fato de não terem renda suficiente ainda para estarem próximos deles. Alguns vão galgar fortemente até conseguir, outros tentam se conformar com as possibilidades que a vida trouxe e abandonar a expectativa de voltar ao bairro no qual cresceram e pelo qual têm forte memória afetiva.

Outros interlocutores seguiram o fluxo do valor-dinheiro e também do prestígio representado pelos investimentos massivos feitos nos últimos anos na orla de Salvador e optaram por lá se estabelecer, ainda que distante de sua rede familiar e de amigos e tendo que percorrer longas distâncias para encontrá-los.

## 7.2 | **Relações familiares e de gênero**

Aqui vamos analisar aspectos das trajetórias e das histórias de vida dos nossos interlocutores, observando como atuam na construção e manutenção dos seus vínculos familiares e qual a participação de homens e mulheres na decisão do local de moradia ao longo do tempo, bem como na construção da vicinalidade das relações.

A questão que mobiliza inicialmente a discussão que segue é a de como nossos interlocutores lidam e mantêm suas relações familiares, considerando a prática local da organização espacial da família em redes de casas. E como estas redes se reformulam na medida em que uma nova geração amadurece e vai buscar sua própria casa. As trajetórias habitacionais analisadas demonstram a produção de macroespaços, com desdobramentos na construção do imaginário social sobre áreas da cidade, como já analisado em capítulos anteriores, e microespaços, a partir das relações de vicinalidade e domesticidade ancoradas em trânsitos cotidianos e regulares entre as casas da família.

Como objeto tradicional no campo da Antropologia, a análise do parentesco, das formas e funções da família em si e especialmente da família negra, das classes baixas e de trabalhadores, produziu uma gama de categorias e esquemas

interpretativos que não cabe no escopo deste trabalho aprofundar e desenvolver<sup>54</sup>. Com este objetivo, pode-se acessar a produção de Marcelin (1999), Woortmann (1984 e 2004) e Hita (2014), além das críticas aos modelos de análise mais arraigados feitas por MacCallum e Bustamante (2012).

No entanto, dado que muitas categorias e conceitos por sua tamanha força e profusão vazaram para fora de seus respectivos modelos é que algumas delas vão aparecer em determinados momentos como recurso, muitas vezes descritivo dos fenômenos da conjugalidade e construção de parentesco no bojo das relações evidenciadas pelos dados de campo.

### 7.2.1 | Rede 1 – Círculo familiar e Círculo vicinal

As famílias de bairros populares, pobres e negras, como as que compõem a Rede 1, têm sido objeto de estudos no âmbito da antropologia, sociologia e da história desde longa data, produzindo, em consonância com o pensamento social arraigado especialmente na esfera da moralidade, muitos desdobramentos negativos na leitura do modo de vida destas famílias, notadamente no que tange às famílias chefiadas por mulheres e compostas por mulheres e seus filhos. A “anomia social” e o “déficit negro” juntamente ao “pauperismo” passaram a definir o quadro analítico do “estilo de vida negro urbano”. (cf. FERNANDES, 2008, p. 122)

Para além dos processos que tornam amigos, vizinhos e colegas em “considerados da família”, através dos vínculos de mútuos auxílios e afeição construídos na proximidade física e espacial, como já observado por Agier (2011), Hita (2012), MacCallun e Bustamante (2012), Pina-Cabral (2013) e Montoya Uriarte (2019; 2020) em bairros pobres, podemos observar que há, efetivamente, uma prática de se habitar “em família”, sob predomínio da coabitação com membros de ligação consanguínea e dos seus laços “de sangue”.

Quando não habitam todos sob o mesmo teto, várias gerações, na mesma residência ou no mesmo imóvel, estão em imóveis distintos, mas bem próximos uns dos outros ou em repartição deste primeiro, formando o que Marcelin (1999) chamou

---

<sup>54</sup> Entre elas estão um conjunto de categorias como patriarcado, matriarcado, matrifocalidade, matrilocalidade, matrilateralidade, famílias parciais, família nuclear, família extensa entre outras que podem aparecer neste estudo por terem ganhado força para além dos esquemas interpretativos funcional-estruturalista ou de classe nos quais surgiram e por ausência de melhores vocábulos descritivos para os eventos observados, não necessariamente implicando filiação a estas matrizes de teoria antropológica.

de uma configuração de casas e produz o que Montoya Uriarte (2020) chamou de habitar em movimento.

Neste estudo, na Rede 1, temos como exemplo desta rede de casas com compartilhamento do espaço físico a forma como está ocupada a primeira casa da Família Jequitibá, na Rua Henrique Dias, cedida para a moradia de, pelo menos, dois núcleos familiares de uma de suas filhas e de sobrinhos. Dois filhos do casal Jequitibá, uma que não formou família e se dedica a cuidar dos pais e outro que tem esposa e dois filhos. No momento da realização deste estudo, todos residiam na casa da Ilha de Itaparica.

Temos ainda a Vila Oriente, na qual Dona Araci comprou seu imóvel, na Liberdade, sua atual residência. Como já descrevemos, o imóvel original foi ampliado verticalmente e repartido entre os filhos da dona do imóvel que permaneceu no térreo ainda residindo ali, enquanto seus filhos, primeiros destinatários da subdivisão, venderam seus imóveis e estão residindo em outros locais.

Como já mencionado, as famílias, que se estabeleceram nas imediações da Estrada da Liberdade e da Boiadas na Rede 1, o fizeram tendo como ponto de apoio pelo menos algum familiar “de sangue” que lá já residia. A família Pitanga tinha parentes paternos, as famílias Tupinambá e Jequitibá tinham parentes maternos. Apenas a família Aroeira não menciona nenhum parentesco na área do bairro. E, no caso da família Pitanga, as relações e trânsito com os parentes da mãe que residiam na Rua da Mangueira, no Centro da cidade, era frequente e regular.

Poderíamos observar que os que se instalaram na Península de Itapagipe foram para outra região, no entanto, considero a Península região contígua socioespacialmente, cujas partes altas da baía, com as quais faz limite, se encontram numa mesma zona de expansão da área residencial, por meio de ocupações regulares e irregulares.

A primeira geração retratada nesta rede segue a regra de residir próximo a membros da família de sangue e mantém contatos mais restritos e reservados com seus vizinhos. Destacam-se as lembranças de Dona Niara Tupinambá, ao descrever os esforços da sua mãe, Dona Amana, para manter os laços com o tio que morava no Alto do Peru, através de visitas regulares, mesmo quando estes moravam na Base Naval, Subúrbio Ferroviário. E que, por outro lado, deixava os filhos trancados em casa quando precisava sair, para não solicitar ajuda de vizinhos.



Por família estamos nos referindo à aliança formal e informal entre um casal e sua prole, podendo ser eles “filhos naturais” ou “de criação”. Tanto quanto, no sentido empregado localmente, de se referir ao núcleo de onde este casal surgiu e bem como seus irmãos e conjunto de parentela lateral ascendente e descendente com a qual mantém relações mais ou menos próximas. Família, em Salvador, não é e parece nunca ter sido somente a chamada família nuclear<sup>55</sup>.

Outro elemento que chama a atenção é que desde a primeira geração as famílias são formadas à maneira burguesa, nos dizeres de MacCallum e Bustamante, citando Woortmann (2012, p. 222), ou como “metáfora<sup>56</sup> da tríade da Sagrada Família: “Jesus, Maria e José”, no olhar de Pina-Cabral (2013, p. 17), sempre composta por pai, mãe e seus filhos naturais, que se mantêm em união matrimonial oficial. Na segunda geração, já ocorre um caso de união estável, tendo como fruto um filho natural e uma separação posterior, e outro que contrai monogâmias sucessivas, tendo este uma filha natural do último relacionamento. Mas elas se configuram como exceções à regra. A regra observada é de que o casamento e a família nuclear continuam sendo fundamento de grande valor nas relações, inclusive dos interlocutores de origem menos abastada, seguindo o modelo hegemônico, e no qual cada família deve ter a sua casa.

Ao contrário do que é descrito nas observações de MacCallum e Bustamante (2012) e Pina-Cabral (2013), os arranjos de casamento foram todos seguindo um rito no qual os casais namoraram, noivaram, reuniram condições de ter sua casa e se casaram. Alguns, diante de imprevistos ou atraso na entrega do imóvel, recorreram à ajuda da família, no caso de Jurandir e Inara, ou ao aluguel por tempo determinado, até o seu imóvel ser entregue, no caso de Amancy.

Algumas interlocutoras mencionam noivados longos, “foram enroladas” pelos atuais maridos e quase todas desta Rede se casaram em torno dos 30 anos. Elas relatam com naturalidade este fato, sem se sentirem diminuídas por talvez estarem se casando tarde.<sup>57</sup> Apenas o interlocutor Moacir Jequitibá oficializou a relação após sua

---

<sup>55</sup> A denominada “família nuclear” pela teoria clássica foi, e ainda é em muitos estudos, tratada como padrão de referência positivo para analisar a diversidade de organização familiar fora da Europa ela produziu um conjunto de leituras negativas destas alteridades encontradas alhures. Aqui está sendo como descrição de um tipo de arranjo familiar em coabitação.

<sup>56</sup> Embora, é necessário que se diga, neste mito o filho não é natura de José, é seu filho de criação. Talvez no âmbito da mitologia cristã e católica o casal Adão e Eva tenha mais força enquanto metáfora explicativa para a hegemonia da “conjugalidade natural” e manutenção dos laços “de sangue”.

<sup>57</sup> Eu, enquanto entrevistava, estava imbuída de uma visão na qual no período no qual a maioria dos casais se casaram havia uma prática das mulheres se casarem mais jovens, logo que alcançasse a maioridade, o que foi negado por todas que mencionaram estarem na média de idade de casamento à época.

namorada engravidar. A partir deste evento, o casal procurou uma casa. Este foi o seu segundo relacionamento com o qual manteve coabitação.

Como observamos antes, a maioria dos interlocutores da rede familiar sai da casa paterna para sua própria casa, para formar família. Muitos adquiriram financiamentos algum tempo antes de contrair o matrimônio e só o fazem quando estão na iminência de receber o imóvel. Ter a casa própria, ter seu teto pode ser indicado como requisito para sair da casa paterna. Quase todos seguiram tal caminho.

As parcerias foram formadas com pessoas de bairros adjacentes, em grande parte: Jurandir, da Liberdade, se uniu a Inara, de São Caetano; Jandir também da Liberdade se uniu a Jurema também de São Caetano; Yara da Liberdade se uniu a Araripe também da Liberdade; Araci, de São Caetano, se uniu a Piatã, da Fazenda Grande do Retiro; e Niara, do São Caetano, se uniu a Enarê, do Cosme de Farias. Já Jaciara e Moacir se relacionam com pessoas do seu ambiente de trabalho.

A escolha de parceiros nas proximidades pode indicar a preferência por pessoas com histórias e projetos de vida parecidos, sendo este um meio de fortalecer sua parceria e alcance dos objetivos do casal. Entre estes objetivos estaria o “vencer e melhorar de vida” em que estariam, os dois, implicados. Dona Niara salienta que escolhia os namorados mediante o interesse deles em estudar e trabalhar: “Eu era retada, sempre quis alguém que quisesse mais”.

Este aspecto é importante de ser mencionado na medida em que as escolhas matrimoniais são também momentos de galgar melhores inserções sociais. Azevedo (1955, p. 82), estudando a sociedade soteropolitana do meado do século passado, vai dizer que os “inter-casamentos” entre pessoas de classes diferentes “eram muito desejados porque conferiam prestígio ao cônjuge mais escuro” e era frequente encontrar casais formados por rapazes negros e mestiços de boa formação casados com mulheres brancas ou “mulatas” ainda que sem a mesma formação.

Anahí rememora as inquietações pessoais da mãe quando solteira, alimentadas por tias “da parte da mãe”, sobre as possibilidades de se casar e “dar para alguma coisa na vida”, uma vez que ela era a mais retinta entre as irmãs e que, portanto, seria preterida enquanto escolha de um bom partido para se casar. Azevedo (Idem, p. 88) argumenta que as moças de pele mais escuras seriam muito mais hostilizadas por uma família de *status* mais alto.

Assim, ainda que para os homens a possibilidade de se inserir numa família de melhor *status* que a deles, aproveitando a aliança de casamento como um degrau

somado aos esforços que estavam empreendendo, a preferência foi optar por companheiras de mesmo *status*.

Todas as mulheres desta rede trabalham, apenas uma delas, Dona Jurema, trabalhava dentro de casa com artesanato, bordado, corte e costura e alimentação, conciliando com o cuidado da prole. Sua irmã, Araci, alternava momentos trabalhando com seu artesanato e corte e costura a momentos com vínculo empregatício formal. Quando eu a conheci, ela trabalhava como costureira do Instituto Mauá, órgão do Governo do Estado da Bahia.

As outras interlocutoras alcançaram uma formação em nível superior e atuavam de acordo com suas profissões. Apenas Jaciara atuava com sua formação técnica e não com a superior. Então, todas colaboraram de alguma forma para a economia da casa, o marido não seria e não era o único provedor, ainda que contribuísse com a parte mais volumosa dos recursos.

Desta forma, ainda que o formato se assemelhe ao burguês, próximo ao ideal hegemônico em sua composição residencial, nenhuma das mulheres desta Rede se comporta como “dona de casa”, no sentido estrito da expressão. Elas conciliam as tarefas e a administração doméstica com afazeres profissionais, fora de casa, contando, quase todas, em algum momento, com o auxílio de trabalho doméstico de terceiras e do apoio da chamada “família extensa”.

E, como já chamamos a atenção antes, diferente da geração anterior, a maioria dos interlocutores da segunda geração vai buscar moradia em bairros muito distantes de onde estava a sua família. É este ponto que gostaríamos de analisar mais detidamente. Muitos bairros escolhidos não eram somente distantes da “família de origem” como também da rede de serviços.

O imperativo em reduzir a vulnerabilidade econômica e social e o provimento da conseqüente ascensão social se ampara no processo de modernização no qual o país estava passando, não somente nas esferas econômicas e políticas, mas também nos costumes. Os discursos correntes sobre o modo de vida das parcelas subalternas, pobres e negros em particular, consolidaram estigmas e responsabilizavam eles mesmos pelas condições nas quais estavam inseridos. (cf. WOORTMANN, 1984 e AZEVEDO, 1955).

Diante de tamanho apelo negativo<sup>58</sup> sobre seu mundo, envolvidos numa vulnerabilidade que lhes dava poucas chances de resistência ou confrontação e, na medida que se reconheciam como capazes de construir e disputar o mundo descrito como ideal (pelos brancos), este grupo se engaja na busca pela melhoria de vida através da educação e elevação da inserção ocupacional como meta no âmbito econômico, adquirindo imóveis em bairros formais, do ponto de vista do ordenamento jurídico-urbano e pela organização nuclear da família no âmbito dos costumes.

Neste sentido, são elaboradas novas formas de produção do espaço e da sociabilidade familiar antes vivida através da proximidade física. A rede de casas antes organizadas em torno do familiar mais velho passa a contar com novas casas situadas num raio mais amplo, mas mantendo seus compromissos e obrigações, por um lado; além de criar círculos de vicinalidade com a nova vizinhança na qual se insere criando assim um círculo de raio menor, por outro.

Há um destaque ao compromisso em visitar a mãe, mas a visita à casa dos irmãos também é constante, entre outros parentes, cuja “consideração” e proximidade é nutrida.

Mesmo se inserindo na lógica moderna de inclusão estável no mercado de trabalho capitalista, nenhum deles abre mão dos vínculos “de sangue” nem vicinais em seus novos bairros, como descreveu Niara, sobre o apoio recebido da mãe quando seus filhos nasceram, num movimento cotidiano no qual em seu trajeto ela passava todos os dias para deixar os filhos em São Caetano, antes do trabalho, e retornava ao final do dia para buscá-los, antes de ir para casa, ao tempo que consolidava suas relações em Castelo Branco. Outro exemplo são as relações construídas entre Dona Jurema, Seu Jandir e seus vizinhos, quando chegaram no novo loteamento do Stiep.

Neste sentido, o interesse maior dos interlocutores era aumentar a sua renda e melhorar as condições de vida sem necessariamente abandonar o modo de vida no qual foram socializados com base em solidariedade, atenção aos parentes consanguíneos e respeito e estima aos mais velhos, além do cuidado com as crianças.

Jaciara Tupinambá enfatiza, no seu modo de ver, a necessidade de sair do bairro, de ter seu próprio espaço, como sinal de prosperidade, especialmente, se construído com seus próprios esforços, fazendo referência a irmãos, parentes e

---

<sup>58</sup> Para termos uma ideia da longevidade dos estigmas em torno da principal forma de organização familiar de negros e pobres, o atual vice-presidente Hamilton Mourão disse em um evento recente que “família chefiada por mulheres é uma fábrica de delinquentes.”

vizinhos próximos que “moram na laje dos pais”, no mesmo bairro em que cresceram. Para ela, é necessária certa dose de ambição e de esforço para “melhorar de vida”.

Já Jurema Aroeira se ressentia de a mãe ter vendido a casa que o pai construiu, depois que ele faleceu. “*Uma casa grande, dava para todo mundo construir e morar junto*”, diz ela sobre o imóvel que o pai deixou na Gomeia de São Caetano. Mas “todo mundo” a quem ela se refere não é exatamente sua família nuclear, que já estava estabelecida no Stiep. Decerto, ela está se referindo a irmãos e sobrinhos, entre eles, a irmã “de criação”, Araci, que viveu muito tempo de aluguel e seu sobrinho Iramaia que, pelos aparatos que vestia e o material que carregava, parecia trabalhar como baleiro em coletivos, quando estive na residência de Dona Araci.

Tanto Jaciara quanto Jurema estão lidando com as vulnerabilidades da sua chamada “família extensa”, que continuavam dependendo e recebendo auxílio de familiares próximos. Jaciara mantém no imóvel em que cresceu uma floricultura, empregando sua prima. Jurema e Araci sempre estão envolvidas em projetos conjuntos de produção artesanal de objetos para cama, mesa e banho para venda.

Embora a segunda geração da Rede 1 tenha reunido condições e optado por uma moradia distante da residência da sua família de origem, as relações com esta casa não cessaram, mudaram de formato e diminuiu a intensidade em alguns casos. Todos os interlocutores da família Pitanga, Aroeira e Tupinambá desta geração e da terceira também têm muitas memórias das visitas cotidianas e regulares às casas dos pais e dos avós, no caso da terceira geração, especialmente aos sábados e domingos.

O fato de possuírem automóvel facilitava que, por exemplo, Seu Jandir e dona Jurema se revezassem para visitar as respectivas mães, aos finais de semana. Algumas vezes, um iria no sábado para o outro ir no domingo.

À medida que vão perdendo os pais e não há mais motivo ou vínculo, eles vão deixando de ir ao bairro de origem e se movimentando entre outras casas aparentadas ou amigas. Quando vão envelhecendo passam a receber mais visitas e ser ponto de apoio a jovens pais e mães da família.

A rede, ou configuração de casas, se renova e se amplia quando a casa dos mais velhos vai substituindo o *status* da casa da mãe e do pai, sendo esta casa a eleita para as reuniões de família, como no caso da casa de Seu Jandir e dona Jurema atualmente. Esta rede vai se movimentando e se reorganizando em torno deles. Ainda que os compromissos com seu núcleo original permaneçam. Dona Jurema ainda fazia visitas

regulares para acompanhar a mãe que residia em Conceição de Salinas da Margarida<sup>59</sup>. Apoema mantinha visitas mensais a sua mãe, mesmo quando residia em Aracaju.

Na família Jequitibá, tem sido Jaciara a que promove encontros de família em seu sítio e tem levado alguns irmãos e sobrinhos para aproveitar equipamentos de lazer de seu condomínio, ao tempo que mantém visitas regulares ao bairro onde cresceu: “Eles não têm carro, então, eu tenho maior poder de locomoção, eles vêm aqui me visitar também, mas eu acabo indo mais lá. As nossas confraternizações são geralmente no sítio, pois é maior, tem mais espaço”, nos conta ela.

Assim, na rede desta família, constam duas residências na Cidade Baixa, uma no Caminho de Areia, ocupada atualmente por Moacir e a primeira no Jardim Cruzeiro, de propriedade da família de origem, ocupada por uma irmã e por primos dele, a casa da ilha, na qual Dona Jandira e seu Marani<sup>60</sup> e dois de seus filhos e netos residiam, no momento da realização desse estudo, e o apartamento de Jaciara, na Pituba, e seu sítio, na Linha Verde.

Jaciara ainda relata ter construído bons laços de relacionamento com vizinhos do seu condomínio atual, contando com residentes de mais ou menos 10 apartamentos, que se reúnem em atividades regulares. Aqui também percebemos a construção de dois circuitos e pelo menos uma rede de casas. Jaciara não deixou claro se o grupo de vizinhos se visitam entre si, ou apenas nas dependências do condomínio e espaços externos.

Já sua prima, Niara, além de descrever o circuito que fazia para que a mãe ajudasse a cuidar dos filhos pequenos, enquanto ela trabalhava, menciona os eventos regulares que eram organizados na casa da mãe, em São Caetano, enquanto ela esteve viva, como a Trezena de Santo Antônio. Foi num encontro assim, uma reza para Santo Antônio, que conheci Dona Niara, na casa de Dona Jurema. É ela quem puxa a reza.

Ela também menciona uma forte rede de amigos e vizinhos em Castelo Branco, construída principalmente através do trabalho na paróquia do bairro, com o grupo de casais. Fez alguns compadres e comadres, deixou alguns afilhados por lá.

Por fim, sua irmã Inara rememora o período em que se abrigou em Castelo Branco, pois seu apartamento não tinha sido liberado ainda. Foi na casa de seu irmão que o casal ficou o tempo necessário para que com a ajuda de tio “por parte de mãe” de Seu Jurandir conseguisse as chaves da sua casa.

---

<sup>59</sup> Após muita resistência a mãe de Dona Jurema passou alguns meses em sua residência no Stiep para ser cuidada de perto pela filha, vindo a falecer em junho de 2020 aos 101 anos.

<sup>60</sup> Seu Marani estava doente e, lamentavelmente, veio a falecer em setembro de 2020.

Ela também relata ter construído amistosa relação com suas vizinhas de andar, na qual elas trocam comidas e presentes, guardam as chaves uma da outra e deixam portas abertas entre seu apartamento e o da frente, por onde suas crianças e animais domésticos circulavam.

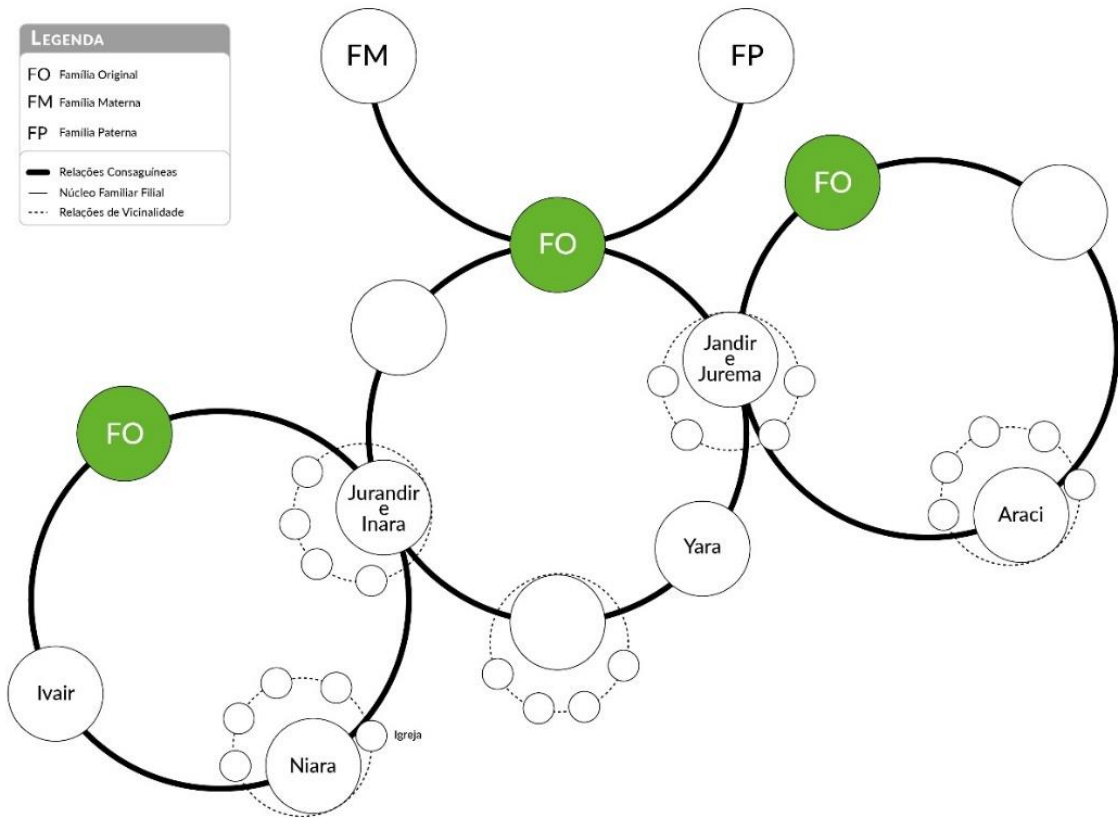
Portanto, parece claro que além de manter os laços de familiaridade com seus parentes “de sangue”, nutrindo relações com amparo mútuo e afeto, ainda que suas casas não estejam fixadas na circunvizinhança, ampliando espacialmente o circuito das relações parentais, mas mantendo estáveis os níveis de “consideração” entre eles, estes interlocutores criam novas redes de vicinalidade com um circuito próprio, no qual vão se estabelecendo os limites entre a cortesia e a intimidade, como demonstrado na figura 27 abaixo.

A força da categoria de circuito foi apontada por Magnani (2014, p. 3) pela “capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, como ocorre nas demais, foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência” e ela seria definida como uma “configuração espacial, não contígua, produzida pelos atores por seus trajetos, no exercício de alguma de suas práticas, em um dado período de tempo.” (Idem, p. 8)

Assim, nos casos em análise, a totalidade referida é a “família extensa” e está organizada em uma configuração de casas que se expande espacialmente por diversos bairros da cidade, à medida que os filhos saem da casa paterna e formam suas famílias. Os vínculos são alimentados com apoio mútuo e afeto demonstrado através do circuito mantido por visitas regulares entre si, com primazia do trajeto de visita dos mais novos aos mais velhos.

Desta forma, a categoria que ajuda a pensar as relações no contexto de impessoalidade de uma grande cidade como São Paulo também ajuda a iluminar a manutenção dos laços de pessoalidade também em uma grande cidade como Salvador.

**Figura 27** – Diagrama da rede de casas e do circuito de relações a partir da família Pitanga



Fonte: Autoria própria.

Pensando junto com Marcelin (1999), neste diagrama, quero demonstrar como se articulam o que chamo de princípios basilares para a produção de parentesco e vicinalidade, em que a primordialidade da primeira sobre a segunda se observa enquanto produto do princípio organizador, o sangue, que pode ser potencializado pelo segundo, o princípio mobilizador/integrador: a consideração, sendo este também o responsável pela construção das relações amistosas na vizinhança, mais próximas espacialmente. As relações de consanguinidade serão nutridas e mantidas, ainda que a distância se amplie com a dificuldade de colocar em ação o princípio garantidor, o capital econômico, suficiente para prover a residência nas cercanias da família de origem.

No entanto, a terceira geração desta rede restabelece o princípio organizador original de residir próximo à mãe e/ou à família de origem, adquirindo imóveis nas imediações da sua casa de origem em dois casos. Além destes, um caso vai morar perto do pai e um outro vai morar perto da sogra. Apenas uma interlocutora desta geração



vai buscar imóvel bem distante do seu bairro de criação, se fixando numa cidade da região metropolitana na verdade, por razões já expostas no capítulo 4.

Assim, estabelecidas as condições de manutenção e reprodução de um estilo de vida com a qualidade adequada ao que os pais lhes entregaram, os filhos estão em condições de acionar o princípio garantidor, elegendo a região próxima aos pais para “iniciarem a vida”. Aruanã nasceu e cresceu no Stiep e comprou imóvel no Costa Azul, bairro vizinho. Apoema cresceu no Cabula e morava na Vila Laura com a mãe quando se casou e adquiriu imóvel ao lado do condomínio do pai, no Stiep. Anahí se casou com Cauã Neto e foram morar no Conjunto Habitacional ao lado do condomínio da mãe dela, em Pernambués.

Este é um relevante sinal de que o elemento mais forte na escolha habitacional ainda é o princípio organizador das relações espaciais, são os vínculos consanguíneos mantidos com a família de origem, especialmente a mãe, ente sempre reportado quando se menciona tanto a escolha habitacional quanto se justifica transitar entre as casas de origem e a sua com suas visitas regulares.

Questionados sobre quais escolhas fariam, havendo condições econômicas para mudança de casa, Anahí disse pretender morar no Imbuí, bairro de seu tio materno. Ela explica: *“Eu gosto do Imbuí porque a família da gente, eu acho que hoje tá indo pra lá, meu tio Jurandir, minha tia Amanacy, meu tio Juraci, de alguma maneira meu tio Jandir tá mais próximo de lá, do que aqui. [...] tá ali todo mundo perto e tem a questão de tá perto”*.

Assim, Anahí, ao descrever a rede de casas na qual está inserida e o seu circuito, revela o ente responsável por acionar o princípio mobilizador da nutrição das relações de parentesco com desdobramentos socioespaciais: a mulher, ou a mãe (cf. WOORTMANN, 1984, p. 9), é quem observa e orienta as mudanças em direção à proximidade dos membros da família, não se restringindo a cuidar apenas de sua prole. Assim como é dela quase sempre a iniciativa dos encontros e das visitas à casa de origem, incluindo seu companheiro neste circuito, o qual, em geral, adere e participa mais ativamente deste do que do seu.

É interessante notar que ela menciona tios maternos como contraponto para justificar o afastamento espacial da mãe e do pai<sup>61</sup>, que tem causado constrangimentos

---

<sup>61</sup> Seu Araripe, como já mencionado, não aderiu a este estudo. Mas segundo Anahí, desde a implantação da Estação de Metrô nas imediações do conjunto quando ela passou a morar lá, ele vem investindo tempo em convencer o condomínio, a prefeitura e o governo do estado em construir uma passarela que ligue o conjunto para a nova estação. Projeto que não obteve adesão em nenhuma instância interna e externa ao conjunto, porém no qual ele continua insistindo.

para ela na sua nova residência, desde que decidiu ficar no conjunto, opção que ele condena pois, no seu modo de pensar, esta escolha denota retrocesso e não ascensão social.

Por seu turno, Apoema está satisfeito com a localização atual, não faz planos de sair nem do bairro nem de Salvador, plano ainda existente para sua esposa, Indira, que não desistiu de morar numa cidade menor e com maior sensação de segurança.

E por fim, Aruanã menciona ter pensado em adquirir novo imóvel, mas ainda em bairros próximos como a Boca do Rio pela proximidade do mar e possibilidade de praticar mais esportes ao ar livre. Estava de olho num imóvel no Alto do São Francisco, mas o negócio não deu certo e ele desistiu de procurar. Está de volta ao seu imóvel no Costa Azul e reatou o casamento com a mãe de seus filhos, no final de 2019.

### 7.2.2 | Rede 2 – Vicinalidade familiar e o papel da mãe/mulher

Após tratar dos aspectos relativos à construção da familiaridade e do espaço da Rede 1, vamos nos deter na forma que a Rede 2 se movimenta produzindo também familiaridade, conexões e espacialidades em suas escolhas habitacionais.

Em primeiro lugar, pode ser observada uma grande adesão à conjugalidade no modelo hegemônico, no qual coabitam marido, esposa e sua prole natural decorrente desta união. Há apenas um relato de adoção informal ou “irmandade de criação” entre os entrevistados. Dos 10 interlocutores, 9 se casaram. Todos relatam terem se originado de pais inseridos em relações conjugais estáveis e duradouras, das quais são frutos naturais.

Na primeira geração, há relato de apenas 2 separações ocorridas quando os filhos estavam “criados”. Já na segunda geração, há uma interlocutora que não se casou por vontade própria e não teve filhos, uma que estava em união estável, e duas que haviam se divorciado de seus primeiros maridos. Estas últimas residiam com seus filhos, sem coabitarem com novos companheiros.

Portanto, enquanto residentes de bairros populares, inseridas na dinâmica moderna do mercado de trabalho, estas famílias respondiam com uma organização pouco diversificada da sua estrutura familiar, correspondendo ao formato nuclear e classe-mediano que vai se consolidar ao longo do tempo e das gerações.

Como já discutido anteriormente, esta Rede abandona muito cedo os bairros da baía. Mas, a escolha inicial desta geração está ligada à presença de parentela e rede

de apoio na imediações, quais sejam: a família de Bartira, em imóvel da família no Matatu; a família de Joaci morava próximo à casa da família materna, cuja casa do primo Yakecan ele frequentou enquanto estudou no Soledade, sempre estudando com o primo e demais colegas da turma; Moema nasceu no mesmo bairro da avó paterna, na Cidade Nova, e depois morou no prédio construído pelo pai no IAPI e compartilhado com a avó materna e outras tias; Uirá nasceu num prédio da avó paterna e depois foi morar na casa da família onde o pai cresceu; Janaína nasceu numa casa cedida pela família paterna e depois o pai construiu sua casa nas imediações da anterior; Tainara tem sua residência nas imediações da avó paterna; já Açucena recebia apoio de uma rede de mesma origem espanhola na Liberdade, não tendo outros parentes na Lapinha; por fim, Tauan nasceu e passou a adolescência numa casa de vila, na qual moravam outros parentes e sua avó paterna nas demais casas. Apenas Indira e Raoni não fazem referência à existência de parentes consanguíneos nas redondezas dos bairros por onde passaram.

A vicinalidade familiar vai ser o formato de rede de casas mais encontrado na Rede 2, refazendo-se e reformulando-se através do princípio organizador da consanguinidade. Encontramos alguns casos, nos quais o homem, o pai de família, também atua na organização destas redes, principalmente provendo o terreno ou imóvel para demais membros da família.

Como já relatado no capítulo 5, Bartira Araribóia nasceu num imóvel deixado pelo seu avô materno, no qual três apartamentos deviam ser usufruídos pelos seus seis filhos, dois por apartamento. No seu bairro ainda havia mais parentes com quem se relacionava cotidianamente.

Em outro exemplo, vejamos como Janaína Caiçara descreve as relações de parentesco e vicinalidade, bem como o surgimento do vínculo com a “irmã de criação”, adotada pela mãe:

*[...] do lado de lá tem o Conjunto Bahia, do outro lado, aquele terreno todo era de meu pai, então tinha a locadora, tinha a casa da gente, tinha uma casa que ele fez para irmã [dele] para minha tia, uma outra casa que ele fez para meu tio, o irmão dele, então aquela área ali toda era nossa. [...]*  
*Na verdade, minha tia sempre morou em Alagoinhas, mas os filhos moravam lá nessa casa [que o pai construiu]. Minha prima ficou até mais tempo porque uma foi para Aracaju a outra casou saiu, outra ficou e agora se mudou, mora me Pituaçu, acho que vendeu lá e o meu tio morreu. Quando ele morreu meu pai vendeu a casa dele e o bar dele que meu pai fez. O terreno era tão grande que entre a casa e a locadora os trios elétricos ficavam lá durante o ano e a gente brincava, adorava subir no trio pra brincar. A gente brincava, tinha bastante espaço, ia todo mundo lá pra casa, o pessoal do conjunto ia. [...]*

*[Nina] foi morar com a gente, a gente chama que é irmã de criação, mas minha mãe não adotou, nunca ela se afastou da família, ela morava lá em casa e quando ela queria ir para casa dela ela ia. Ela era vizinha da gente, a família dela era vizinha lá na San Martin e uma família grande e ela era a caçula da família dela aí minha mãe criou amizade, ela brincava muito com a gente aí minha mãe tudo que fazia para gente fazia para ela aí ela estudava na escola pública, minha mãe botou pra estudar em escola particular, ela chama minha mãe de mãe até hoje e eu chamo a mãe dela de vovó, a irmã dela mais velha casou com meu tio, terminou que juntou as duas famílias, eu sou madrinha da filha dela, minha sobrinha, então Nina entrou pra família assim. Nós éramos três meninas e um menino.*

Diferente da maioria dos interlocutores deste estudo, Janaína demonstra ter mais acesso e proximidade com parentes paternos, embora mais tarde vá morar com a avó materna. O pai dela, ao reunir condições econômicas, adquire um vasto terreno e constrói sua casa, sua empresa e mais algumas casas para seus irmãos. Ele reproduz assim o círculo de vicinalidade parental, no qual seus parentes “de sangue” são também vizinhos mais próximos.

Além disso, sua esposa, mãe de Janaína, promove e mobiliza a vicinalidade com seus vizinhos, ainda que de padrão econômico menor que o seu, fazendo amizades, integrando crianças e até “adotando” uma de suas ex-vizinhas, mas sem deixá-la perder contato com a “família de sangue”. Adotar, neste caso, pode ser compreendido como prover a garota com acesso a moradia, bens e convivência nos mesmos termos que os filhos naturais, mas estes permanecem com a primordialidade, sem a qual não faria sentido mencionar sempre a condição “de criação” da irmã. Como observado por Pina-Cabral (2013, p. 18), a “adoção formal é pouco desejável e, em especial, a ideia de esconder das crianças a sua família biológica era considerada perversa.” Ainda segundo este autor, podemos deduzir que, neste caso, a criação seria “educar, apoiar durante o crescimento pessoal e dar sustento”. (Idem)

Mas, como ressaltam MacCallum e Bustamante (2012) e Marcelin (1999), o jogo dos afetos e da “consideração” geram fortes vínculos entre pessoas que convivem de maneira muito próxima espacialmente enquanto rede de apoio mútuo, mas não superam a primazia dos laços de consanguinidade.

Por último, temos o caso da família de Moema, que ainda bebê foi morar num dos apartamentos do prédio construído pelo pai, cujas demais unidades estavam ocupadas por familiares da sua mãe: avó e tia, cujos filhos, seus primos, eram companheiros de brincadeiras durante o tempo em que ali permaneceram.

Em sentido um pouco diferente, poderíamos ainda citar o esforço e engajamento do pai de Tainara Paraguaçu na compra da casa da mãe no mesmo bairro.

Ela acredita que depois que ele se estabeleceu com sua família, trouxe a mãe de Alagoinhas, sua avó, para morar em Salvador, comprando-lhe uma casa.

Desse modo, podemos observar a atuação dos três princípios que orientam a rede de casas de modo geral. Assim como na Rede 1, o princípio organizador é o mesmo, o “laço de sangue”, ou a primazia da consanguinidade. Mas, diferente da outra rede e do que têm defendido autores que estudam as famílias das camadas subalternas (como Woortmann, 1984 e Hita, 2012), atua de forma decisiva aqui o princípio garantidor, o capital econômico disponível na mão de um dos membros da família, em geral, os homens, o que oportuniza a construção ou aquisição de imóveis próximos entre si, promovendo a rede de casas de vicinalidade familiar, na qual rede de apoio próxima física e espacialmente é formada por vizinhos e pessoas com laços de sangue.

O terceiro princípio também observado nestes exemplos é o mobilizador, exercido pela mulher, construindo a vicinalidade para além dos “laços de sangue”, agregando novos membros à família, fomentando a integração da sua casa com o entorno.

Assim, como as famílias da Rede 1, estas famílias também valorizam a proximidade espacial entre as casas de membros familiares, produzindo, num momento inicial, um círculo familiar e vicinal, que, à medida que vão economicamente e pessoalmente se desenvolvendo (no sentido de aumentar a capacidade de resolver seus problemas de forma autônoma), também migram para outros bairros.

Alguns interlocutores se reportam mais incisivamente à presença e participação dos parentes na sua formação e sociabilidade. Para Bartira, por exemplo, a familiaridade construída no bairro de Brotas, tanto pelas raízes familiares quanto pelas amizades foram motivos que a conduziram a retornar a Vila Laura, para adquirir seu primeiro imóvel próprio, distante da localização atual dos seus pais.

Há entre os que permanecem mais tempo na região da Estrada da Liberdade, outro grupo que mantém fortes vínculos de vicinalidade com ampliado circuito de casas, famílias e negócios: os espanhóis e seus descendentes. Como já mencionado, existe uma espanhola naturalizada e um neto de espanhóis na Rede 2. Ela cresceu na Lapinha; ele, na Ladeira da Soledade.

Ao nascer, Uirá Aimoré já tem um conjunto de familiares instalados na Lapinha e Soledade. Como já exposto no capítulo 5, a avó paterna, ao construir o edifício no qual ele nasceu, e era compartilhado com outros tios, estava investindo

numa região em crescimento à época. Ao retornar e adquirir a casa da mãe, o pai se fixa no bairro e se reaproxima da rede familiar, voltando para o seu circuito vicinal.

Ele relata a grande influência que a avó paterna exercia sobre os membros da família que residiam naquela localidade, fazendo questão da participação de todos nos eventos religiosos católicos e familiares. Ele menciona os negócios nos quais os espanhóis atuavam na região:

*Tinha muitos espanhóis [na área], tinha uma colega nossa Açucena, ela morava um pouquinho mais pra cima perto da entrada da Liberdade e tinham muitos comerciantes espanhóis, por exemplo padaria, armazéns de material de construção, não eram na rua que eu morava, na rua que eu morava era basicamente residências, porque eu morava exatamente em frente ao colégio da Soledade, batia o sino eu atravessava a rua (risos) tinha várias casas comerciais, mas fora da rua, ali no São José... tinha uma parte dos espanhóis instalados ali, sim... Coaraci, mesmo, a família também é de origem espanhola, morava mais perto de Açucena, tinha os espanhóis da padaria da [rua] São José como da Transval ali no corredor da Lapinha, tinha Ucha do material de construção, ali mais na Lapinha e outros que estavam nesse ramo de panificação e de material de construção... meu avô mesmo veio pra o Brasil ele era madeireiro, comerciante de madeira, ele tinha fazenda em Mata de São João, ele vivia do comercio de madeira, vendia, porque as casas eram feitas basicamente com muita madeira, os sabrados, meu avô vendia, trabalhava com isso, ele tinha um deposito na Ladeira da Água Brusca.*

Segundo Alban (1983, p. 14), o imigrante galego escolhia locais com maiores chances de sucesso para iniciar seus negócios, bairros com grande densidade populacional e características de baixa renda. Neste grupo, a imigração era majoritariamente masculina, fato que fez sugerir a Bacelar (2004, p. 246) a existência de uma sociedade de homens galegos em Salvador e uma sociedade de mulheres na terra natal, até o início do século XX.

A família de Açucena pode ser um exemplo de como funcionou durante muito tempo a emigração galega para Salvador, no seu caso, o pai namorou, noivou, se casou e teve dois filhos com a esposa na Espanha, indo e voltando para lá, até ter condições de trazer a família. Ela descreve:

*Geralmente os homens iam para o Brasil, as mulheres ficavam na Espanha, então eles vinham prover porque naquela época, guerra civil, pós guerra civil a situação foi muito difícil, nós somos da Aldeia, [é] como que se fosse interior, então os homens vinham para o Brasil que era uma terra prometida, quem vinha para aqui ganhava dinheiro, enriquecia, trabalhava muito, mas ganhava dinheiro, realmente pros imigrantes uma boa parte deles conseguiu se estabilizar com muito trabalho, muito suor, muita abdicagem de família de muitas coisas, mas conseguiram ter uma vida estável, alguns muito bem de vida.*

Esse processo de migração utilizava um sistema no qual o imigrante recém-chegado dependia do emigrante já estabelecido que contratava e explorava a mão de obra dos mais novos na cidade.

Segundo Alban (p. 17), a vinda das esposas e da família para Salvador demonstrava a entrada numa segunda fase da emigração, na qual a preocupação com vínculos familiares cresce, “havia a necessidade de manter firme os laços familiares que se afrouxaram sem a presença do elemento masculino”. Assim, quando o pai de Açucena se tornou “patrão”, trouxe a família para a cidade, se estabelecendo na Lapinha. Ali já residiam primos e tios distantes, que lhe deram suporte na chegada.

No entanto, por uma fatalidade, ele falece pouco tempo depois que os parentes chegaram ao Brasil. A mãe assumiu o sustento da família, fornecendo salgados para padarias e lanchonetes de outros galegos da região.

Nos exemplos da comunidade galega, que se estende desde a Lapinha e por toda a estrada da Liberdade, observamos como se soma ao princípio organizador “do sangue” um elemento ancestral mais geral, que seria a origem comum. A consideração como princípio integrador, promove arranjos comerciais e empregatícios, bem como a ajuda mútua, ainda que alguns se beneficiem mais do que outros. E, por fim, o elemento garantidor, que circula mais nas mãos dos já estabelecidos, promovendo alocação espacial na redondeza de seus entes, estabelecendo e fortalecendo a vicinalidade familiar.

Por último, é importante ressaltar o papel feminino na escolha da localização das residências, na segunda geração desta Rede. A primeira aquisição da casa própria feita como meio de “começar a vida” é bancada pelas condições reunidas naquele momento, numa ocasião em que os rendimentos são limitados e as opções estão também reduzidas.

À medida que os rendimentos da família vão aumentando, cuja composição é fruto do somatório da renda do casal, pois em todos os casos os dois trabalham exercendo profissões de nível superior, a esposa passa a pressionar para a mudança de casa. E, em quase todos os casos, o sentido da direção da mudança é para a proximidade física da sua família de origem.

Entre os exemplos que confirmam esta assertiva está o de Indira Mirim, que, após comprar seu imóvel na Federação e se desfazer dele, voltou a morar de aluguel por diversos bairros, contraiu outro financiamento imobiliário, retornou a dividir residência com a mãe, enquanto o apartamento não havia sido entregue e finalmente

passou a morar no mesmo bairro da mãe, no Barbalho. Este caso me parece o mais próximo da rede de casas ideal, cuja vicinalidade é familiar.

Já Janaina Caiçara que não se casou, então não necessita negociar a escolha da localização do seu imóvel, decidiu se estabelecer no bairro da Barra, na localidade do Jardim Apipema, para ficar perto da casa da avó materna, com quem sempre teve muita ligação e morou enquanto cursou a primeira graduação.

Outro caso bastante exemplar é o de Uirá Aimoré, que residiu primeiramente na Vila Laura e mantinha uma rotina de visitas diárias à mãe durante o horário de almoço. Ao adquirir sua segunda casa, foi para o mesmo bairro onde o sogro morava. Na terceira mudança, tentou voltar para perto dos pais, na Lapinha, mas acabou ficando “no meio do caminho”, em Patamares.

Já no caso de Raoni, ele vive no mesmo apartamento desde que se casou, imóvel da família da esposa que ele adquiriu do sogro. Assim, o sogro e os cunhados construíram uma rede de casas na região da Pituba. É lá que o núcleo de Raoni realiza a maioria das atividades de lazer e até as compras mensais. Estando o seu núcleo no ponto mais afastado do circuito fez a esposa desejar residir lá também.

E por fim, o caso da família de Joaci Guabiroba, no qual ao buscar o seu terceiro imóvel, a esposa mobiliza o companheiro e a mãe para residirem no mesmo bairro, na Pituba, nas imediações onde já residiam duas de suas irmãs mais novas. Elas conseguiram fazer os pais se desfazerem da casa, na Barra, onde passaram toda a vida conjugal, para recomeçar na velhice uma vida num apartamento pequeno no mesmo condomínio das filhas mais novas. Ficar perto das netas e facilitar a divisão de tarefas no cuidado com as filhas foram elementos que convenceram primeiro a mãe e depois o pai a se mudar e refazer sua rede de casas de maneira vicinal e familiar em outro bairro.

Considerando o aspecto da pressão pela mudança em si, o exemplo de Moema é paradigmático. Como descrito no capítulo anterior, ainda que ela e a família estivessem bem estabelecidas no bairro do Itaigara, ela convence o esposo a recomeçarem num condomínio em Patamares, onde, até o momento, está bastante satisfeita com a decisão.

As mulheres desta Rede têm protagonismo na decisão de onde a família vai se estabelecer – ainda que não sejam as chefes da família, numa abordagem economicista, já que sua renda não sustenta a casa –, a partir de sua visão da cidade, de valores



buscados para a criação dos filhos, da comodidade nos trajetos diários, da rede de apoio e da proximidade em relação ao circuito com a família de origem.

\*\*\*

Numa dimensão global, os “lugares de negro” e de “branco” são articulados nas representações do imaginário da cidade. Para os negros, o espaço da autoconstrução e do urbanismo sem urbanistas, situados longe dos centros de oferta de bens e serviços. Para os brancos, o espaço para onde afluem investimentos e demais capitais – humanos, simbólicos, econômicos, concentrando oferta de bens e serviços.

Entre as duas polaridades, especificamente a partir da segunda metade do século XX, foram criados bairros nos quais muitos egressos de bairros “de negros” se estabeleceram. Toda uma nova região da cidade passou a ser ocupada, o Miolo e a Orla são exemplos, se desdobrando ao longo do tempo em novos lugares de negros em alguns casos e novos lugares de branco em outros, mas criando uma zona intermediária, na qual brancos e negros convivem em níveis demográficos parecidos e sem estigma negativo. São bairros tratados no imaginário da cidade como de “classe-média”, cuja composição social mista se beneficia de infraestrutura urbana moderna.

São bairros decorrentes das dinâmicas de investimento público em industrialização, geração de empregos e de habitação. Foram surgindo condições para uma camada média, formada por negros e brancos, que se fixaram em bairros com maior infraestrutura e mais formalidade urbanística e arquitetônica. Estes bairros, alguns novos surgidos na segunda metade do século passado, outros novíssimos, surgidos neste século, são polos aglutinadores de famílias que desejam acessar melhores condições de moradia e avançar alguns degraus na escala do *status* social. Degraus, no quais, do ponto de vista da cartografia social da cidade, brancos avançaram mais do que negros, posto que apenas membros dos primeiros conseguiram se estabelecer nesta “ilha de supremacia branca. Suas residências se valorizaram junto a investimentos direcionados para a região escolhida como vetor de expansão qualificada da cidade.

Neste sentido, ambas as Redes buscam sair dos “lugares de negro”, a aprotopia, mas somente a Rede 2 ambiciona chegar nos “lugares de branco”, a arquitopia. Esta rede mantém como objeto de desejo a moradia no bairro da Vitória, o mais antigo, prestigiado e de mais alto valor em metros quadrados da cidade. Apenas uma interlocutora desta Rede reside lá. Enquanto não reúnem condições de partilharem do espaço entre iguais, convivem em níveis diferenciados de protopia com

membros da Rede 1. Há um caso no qual famílias das duas redes residem no mesmo condomínio, mas em blocos diferentes. A família branca no bloco A; a família negra no bloco B.

Por outro lado, como os dados das trajetórias familiares das duas redes estão indicando, a escolha de novas moradias longe do núcleo familiar original não indica fragilização dos laços de parentesco e fortalecimento da lógica liberal e burguesa de individualismo, ao contrário, os elementos constituintes da construção de parentesco e vicinalidade continuam atuando para manter a configuração de casas e o habitar em família. Mantendo, quando as condições permitem, o habitar vicinal familiar.

Neste sentido, as famílias negras vão estabelecer configuração de casas mais amplas na cidade, incluindo muitos bairros de tipos urbanos e arquitetônicos diversos, fazendo esforços maiores na execução do seu trajeto no início da vida conjugal e diminuindo este esforço à medida que adquirem bens, como automóvel. Já as famílias brancas se afastam de sua família de origem num primeiro momento para depois, quando da compra da segunda ou terceira residência, se reaproximarem em novas configurações que garantam uma vicinalidade familiar.

Entre as nuances que evidenciam diferenças nas trajetórias e suas formas de articularem a produção da cidade, sua moradia e suas relações em cada rede podemos citar em primeiro lugar, como já indicado muitas vezes anteriormente, na Rede 1, todos saem da área da baía adultos, autônomos. Já na Rede 2, quem sai o faz ainda na infância e adolescência junto a toda a família. A iniciativa em mudar na Rede 1 é tomada majoritariamente pelos homens, posto que eles detêm maior capital econômico, restando pouco espaço para a participação feminina. Já na Rede 2, os homens decidem o primeiro imóvel. A partir da segunda mudança, as mulheres indicam, pressionam, influenciam para onde a família deve seguir.

Em segundo lugar, podemos observar que, na maioria dos casos da Rede 1, eles param no primeiro imóvel que adquirem. Na Rede 2, continua-se buscando inserção no mapa da cidade mais adequada a seus projetos e posses. Na Rede 1, eles se prendem ao financiamento que adquirem para a compra da primeira casa. Enquanto a Rede 2 exerce a liberdade de comprar novos imóveis, ainda que financiados, e de mudar sempre que considerem necessário. Desta forma, a Rede 1 permanece na protopia, enquanto a Rede 2 passa pela protopia e busca a arquitopia.

Por fim, na Rede 1 se mantêm os laços familiares percorrendo maiores distâncias na cidade criando um circuito alimentado através de trajetos cotidianos ou

regulares entre as casas da família. Já na Rede 2 os laços são mantidos com os esforços para a garantir a proximidade espacial das casas da família, mantendo laços de vicinalidade familiar. Na Rede 1, além do circuito de familiaridade, são construídos vínculos de vicinalidade na vizinhança, mas na Rede 2 a vicinalidade é restrita à própria família, aos laços “de sangue” que estão próximos entre si.

Portanto, a escolha da casa e de onde habitar conjuga de maneira habilidosa o projeto de melhoria de renda e de qualidade de vida dos interlocutores, aderindo a projetos de novos bairros e novos condomínios bem como de políticas de acesso a financiamentos em áreas de boa reputação com a rede de casas da qual faz parte, ampliando espacialmente estas redes, fortalecendo novas redes de vicinalidade e nutrindo a sua rede principal, a consanguínea, num circuito de visitas e trocas mútuas em trajetos cotidianos, no qual a mulher tem um papel fundamental na construção da consideração e os homens na garantia desta proximidade espacial.

A expansão da cidade promoveu ampliação, redimensionamento a transferência da rede de casas, nas quais nossos interlocutores vivem, mas não extinguiu o modo de habitar em família, entre eles bastante arraigado e muito valorizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Salvador, uma das maiores metrópoles brasileiras, foi produzida, ao longo do século XX, e ainda é, na atualidade do século XXI, por um conjunto de forças que ora concorrem, ora se alinham para atualizar e fortalecer uma diferenciação socioespacial em todo o seu território. O Estado, o capital imobiliário além dos indivíduos e suas famílias têm atuado na construção da configuração contemporânea da cidade através de disputas de modos de existência e modelos de cidade.

A partir de dois grandes eventos que transformaram a ordem social estabelecida, a saber a abolição do trabalho escravo do negro africano e de seus descendentes e a instauração da república enquanto modelo de estado no qual a democracia seria o modelo de governo, a hierarquia espacial deixou de estar ancorada numa lógica vertical, cujos escravizados, seus descendentes e demais pobres da cidade habitavam lojas e subsolos dos grandes sobrados e os brancos e burgueses ocupavam os andares superiores.

Esta lógica também se reproduzia no fato dos pobres e desvalidos ocuparem os vales e alagados da cidade enquanto os ricos e bem-nascidos se estabeleciam no alto das cumeadas. Esta topografia sociorracial foi muito bem descrita por Pierson (1945) ao observar a cidade na década de 1930. Na Velha Salvador e nas localidades autoconstruídas esta dualidade é uma permanência ainda perceptível, cujas partes altas são ocupadas por quem tem melhor renda e nas encostas, partes baixas e alagáveis estão os de menor posse.

No entanto, mais uma diferenciação socioespacial se estabeleceu a partir do final do século XIX e ainda está vigente. A cidade passou a ser espacializada com uma polarização horizontal na qual a parcela branca e de alta renda passou a se estabelecer primeiro no sul da cidade original e depois à orla atlântica. Já o centro, o norte e mais tarde também o miolo se constituíram como lugares dos negros, de trabalhadores de baixa renda e despossuídos.

Com o intuito de investigar o processo de formação destas áreas que se consolidaram ao longo do século XX, como expressão do mapa social da cidade, colocando-se de um lado *locus* da alta renda, e do outro o de baixa renda, buscamos entender não só a experiência da moradia nestas áreas, mas ainda compreender o trânsito, processo de saída de seus bairros de origem até chegar nos seus bairros atuais.

Assim, como meio de contribuir com a análise da atual configuração da cidade, utilizamos a investigação de trajetórias habitacionais de algumas famílias que, seguindo o fluxo do prestígio e do investimento em políticas públicas, deixaram a margem antiga ao norte e se moveram para a orla atlântica.

O ponto inicial destas trajetórias estava, em maioria, na margem mais antiga da cidade. Ao norte da cidade original, no entorno da Estrada das Boiadas e Estrada da Liberdade. Ao logo do século XX, esta margem se estendeu formando novos bairros através do processo de expansão habitacional, consequência de grande migração ocorrida desde o meado do século. Esta região era a porta de entrada para os imigrantes pobres do interior e de outros estados.

Então, tratamos da história de vida e trajetórias de pessoas que, vindas do interior, passaram pela região empobrecida e subalternizada, predominantemente negra, e se fixaram na orla da cidade, área com maior formalização urbanística e melhores níveis de renda em sua composição social, além de majoritariamente branca.

Deste modo, com a análise dos dados produzidos constatamos que a primeira geração de migrantes vai se instalar na parte da cidade que contava com alguma rede de apoio – consanguínea, em diferentes graus. Ou seja, além da limitação de renda pessoal, havia um padrão precedente ao qual estas famílias se ligavam, além dos laços de consanguinidade – primeira camada explicativa apresentada. Assim, estamos falando de trabalhadores em diferentes condições de inserção profissional.

Na Rede 1, a inserção promove uma aquisição tardia da casa própria, denotando menor poder aquisitivo e maior vulnerabilidade econômica, cuja propriedade pode prover algum patamar de segurança aos seus, ainda na baía. Na Rede 2, na maioria dos casos, a autonomia financeira dá condições para que esta geração saia da região e busque inserção habitacional com imóvel próprio em outros bairros da cidade.

O conjunto dos dados analisados aponta para a construção do imaginário urbano de uma macroárea, ou de um macroespaço compreendido como “popular”, do qual a tendência geral é de repulsão destes espaços, à medida que se criam condições para a saída. Podemos caracterizar a área dos pontos de partida de nossos interlocutores como aprotopia, ou como área aprotópica. Sendo este o lugar dos vulneráveis economicamente, dos renegados racialmente e dos imigrantes pobres sem muitas relações na cidade.

A aporotopia encarna as características dos seus habitantes ao tempo que também adiciona aos seus habitantes um distintivo de tratamento, produzindo grande força negativa no imaginário social.

Deste modo, ainda que a área seja composta por diversidade de espacialidades e formas urbanas, bem como por tipos sociais com variações drásticas de renda, mesmo na faixa mais baixa, a área é lida como lugar da pobreza, dos negros e, em muitos casos, lugar também da criminalidade. Essa área exerce uma aporofilia, sendo buscada sempre por outras famílias de características parecidas, bem como exerce um tipo de aporofobia que impele aos que melhoraram de renda sair da área.

Como resposta aporofóbica ao seu local de origem, uma vez que foram criadas as condições para tal, tanto a segunda geração da Rede 1 como a primeira geração da Rede 2 vão buscar bairros protópicos em áreas que reúnem características que superem positivamente o bairro anterior. A protopia seria um lugar no qual se observam melhorias qualitativas em relação ao qual se vivia antes, mas ainda abaixo do ideal de moradia fixado pelas parcelas de alta renda.

Assim, bairros com padrão urbanístico produzido pelos poderes públicos e seus especialistas, propriedade do imóvel, regularidade da posse e arquitetura moderna e não autoconstruída são elementos constantes deste espaço. Muitos estão em bairros novos, surgidos durante a expansão da urbanização formal via SFH na segunda metade do século passado e ao longo do tempo consolidaram características de protópica atendendo camadas médias e médias altas tais como o Stiep, Federação, Imbuí, Costa Azul e a Pituba.

Outros bairros permaneceram com atributos de protopia, mas inseridos no imaginário da cidade como espaços de renda média e média baixa, foram cercados por bairros autoconstruídos e dividem, com estes, algum grau de mácula na sua imagem. Há presença consistente de conjuntos habitacionais e loteamentos desde o meado do século passado, e ao longo do tempo foram se incorporando novos condomínios e ruas autoconstruídas, nos bairros de Pernambués, Cabula, Vila Laura.

Outros bairros, produzidos e incentivados pelo SNH, no Miolo da cidade, deram origem a novos espaços aporotópicos, tornando-se novos polos atrativos dos despossuídos da cidade, além de local escolhido para reassentar muitas “invasões” removidas de áreas em disputa ou de muita vulnerabilidade tais como as ocupações de Alagados na Enseada dos Tainheiros. Um dos primeiros bairros desta área foi Castelo Branco, surgido como loteamento de casas populares construído pela URBIS.

Assim, no lado oposto à baía, foi se consolidando um tipo de cidade embasada nos princípios da modernização que a Europa implementava e exportava para suas ex-colônias. Sob a plataforma da higiene, do paisagismo, da regularidade, fluidez, funcionalidade e homogeneidade, novas avenidas foram abertas unindo localidades afastadas da antiga centralidade, preenchendo os vazios com novos loteamentos direcionados a rendas média alta e alta.

Entre os bairros elitizados ainda na primeira metade do século passado estão a Vitória e a Barra. Já na segunda metade, surgiu, para atender o extrato superior dos trabalhadores da indústria e do Centro Administrativo da Bahia, o Itaigara. Com densidade mais baixa e fruto de loteamentos de casas voltados para categorias profissionais específicas, bairros como Patamares e Piatã mantiveram sua horizontalidade até o século XXI, quando se tornaram alvo de investimento com novos condomínios de apartamentos na modalidade de condomínios-clubes e condomínios-resorts.

Esta é porção arquitetônica da cidade, lugar escolhido por brancos e mais ricos para estar entre iguais, cuidando de proteger-se dos demais habitantes da cidade. É o lugar do “moderno”, dos equipamentos sociais e de lazer, de melhores bens e serviços públicos e privados. Conjuga diferentes modalidades de urbanização, mais densa e verticalizada na parte mais antiga, menos densa, horizontalizada e dependente de veículos na parte mais recente.

Desta forma, a produção diferencial da cidade engendra práticas e imaginários que se impregnam na reputação destes bairros, bem como em seus habitantes, produzindo e orientando decisões de como se movimentar e comportar na cidade, seja para visitar alguém ou para morar. Como salienta Correa (2012, p. 62), “a diferenciação socioespacial é necessária e inevitável, parte integrante da ação humana”.

Nesse sentido, buscou-se demonstrar como as práticas, seja no âmbito da agência de políticas públicas atuando na concepção, elaboração e implantação de projetos habitacionais para os diferentes segmentos sociais, seja nas práticas individuais e coletivas ao aderir e habitar tais projetos, transformando-os segundo possibilidades e necessidades, bem como nas táticas dos que não podem participar do jogo formal de acesso à moradia, materializaram a compreensão dos lugares de pobreza e de riqueza, cujas cores majoritárias são a negra no primeiro caso e a branca no segundo, engendrando julgamentos e tratamentos distintivos.

Em Salvador, como na maioria das grandes cidades contemporâneas, esta diferenciação resultou no surgimento de pelo menos duas grandes áreas, hierarquizadas entre si, reflexo e expressão da hierarquização social-histórica, na qual a cidade foi erguida, onde negros estão dominados e brancos dominam, e, com efeito, o lugar de negros é inferior ao lugar de brancos.

A principal marca distintiva destes macroespaços é a presença ou não de autoconstrução. Ela é o elemento com maior força simbólica na informação de pertencimento à aporotopia, nomenclatura indicada para espaços de negros e pobres nesta cidade. A autoconstrução, enquanto arquitetura vernacular brasileira, é rejeitada como possibilidade de habitação de prestígio para a maioria da população e seu abandono está quase sempre no horizonte dos que têm objetivo de “melhorar de vida”. Este elemento informa um dos aspectos pelos quais entendemos que alguém ascendeu socialmente quando sai de um bairro autoconstruído.

Por outro lado, nem sempre o ordenamento urbano regular e a arquitetura formalizada, através da inclusão de profissionais de nível superior em seu projeto e execução, são signatários de estarmos tratando de uma área de ocupação da parcela dominante. É possível que tal localidade estivesse ocupada por tipos sociais de maior renda. Na aporotopia estão presentes loteamentos de casas e conjuntos habitacionais e, atualmente, até novos condomínios do Programa Minha Casa Minha Vida, produzindo descontinuidades na autoconstrução, mas sem retirar-lhe a primazia.

A arquitopia se evidencia pelo traçado geométrico de suas ruas, qualidade da infraestrutura ofertada e dos serviços públicos disponíveis, as ruas estão sempre limpas, calçadas sempre renovadas, arborização e jardinagem em dia. A expressão do cuidado com o que é de uso público é valorizada por moradores, ainda que poucos façam uso destes equipamentos. A arquitetura é expressão do mais moderno de cada tempo, reformas são feitas regularmente para adaptar e “modernizar” as residências.

O tempo da arquitopia é sempre o presente. As marcas do passado são suavizadas ou removidas se não exaltarem nobreza e tradição de tempos pregressos. A moradia preferencial é em condomínios verticais quando próximos às centralidades, e horizontais se mais distantes. As casas em ruas públicas têm se tornado raras quando não são adaptadas a uso comercial. A arquitopia exala presença forte de investimentos públicos e privados.

Ao lidar com este conjunto de elementos em ação, o cidadão “aprende” nas práticas cotidianas o jogo simbólico dos macroespaços, e qual o seu lugar na cidade,



bem como dimensiona para onde direcionar projetos de inserção neste mapa, de acordo com seus limites e possibilidades.

Apreender a compreensão dos interlocutores sobre este mapa social de Salvador foi um dos objetivos da pesquisa não alcançados em função dos desdobramentos da pandemia do novo coronavírus.

Podemos perceber a polaridade simbólica da baía, área aporotópica, e da orla, área arquitópica, com seus interstícios. Embora haja elementos que proporcionem leitura generalizante, as diferenciações internas foram minimamente retratadas. A protopia, vista como macroespaço, indica uma posição intermediária dos bairros, que pode estar mais inclinada para um lado ou outro, a depender de quem analisa, mas, ao mesmo tempo, carrega características do tipo social mediano: trabalhadores de formação técnica e remuneração intermediária, egressos de bairros aporotópicos. Os espaços em branco representam áreas não abrangidas no estudo e sobre os quais não incluímos nas macroáreas discutidas, sob pena de realizar análises açodadas.

A aporotopia e a protopia aparecem também como áreas intersticiais da arquitopia, produzindo efeitos simbólicos e práticos para os habitantes destas áreas. Por exemplo, os bairros do Bonfim, Monte Serrat e, em alguma medida, a Boa Viagem se diferenciam na forma urbana e composição social majoritária na Prefeitura-bairro da Cidade Baixa, portanto possuem elementos protópicos em suas dimensões. Já a prefeitura-bairro do Subúrbio Ferroviário foi incluída por sua condição de contiguidade social e simbólica com as Prefeituras-bairros da Cidade Baixa e da Liberdade/São Caetano, ainda que não tenha sido explorada de forma aprofundada neste estudo.

Por outro lado, bairros como a Federação e Engenho Velho da Federação, Pituba, Rio Vermelho e Nordeste de Amaralina, Imbuí, Stiep, Costa Azul e Boca do Rio produzem entre si conflitos e disputas, continuidades e rupturas que diminuem o *status* da parte formalizada e de maior renda, ao tempo que aumenta o prestígio em alguns aspectos nos bairros autoconstruídos, uma vez que aos habitantes destes bairros é facultado o direito de usufruir de equipamentos urbanos e serviços públicos da vizinhança formalizada, assim como cresce a possibilidade de acesso ao trabalho como prestador de serviço para a parcela de alta renda. Este “encontro”, além do medo da criminalidade atribuída a tal proximidade, transforma algumas áreas da arquitopia em protópicas.

A casa, bem de valor material e simbólico, permitiu que através das escolhas para sua aquisição pudéssemos acessar um conjunto de valores, ao desnaturalizar falas e silêncios sobre eventos comuns de grande peso social, como buscar uma moradia, constituir família e construir um lar. A falta da posse deste bem informa uma situação de “precariedade” no *status* socioeconômico na leitura corrente local. A chamada “casa própria” constitui um “sonho” emulado pelo capital imobiliário, que engendra valores de autonomia, respeitabilidade e segurança, bem como permite a possibilidade de apropriação do seu espaço, construindo, ao seu modo, sua intimidade e seu mundo. Assim, de todo jovem adulto ou jovem casal ao iniciar sua vida autônoma vai ser esperado que constitua a casa enquanto patrimônio, mas também como caminho de expressar esta autonomia no mundo.

Neste sentido, a escolha da moradia é uma das dimensões do “fazer cidade” que articula as ideias e representações das macroáreas da cidade com as possibilidades e limitações econômicas, projetos pessoais, além da necessidade de relacionalidade a ser construída com a vizinhança e mantida com a família de origem. É esta forma de habitar trazido consigo dos bairros da baía que é reelaborado de acordo as condições de inserção na cidade.

A análise dos dados para a ação de alguns mecanismos, atuando em conjunto, revelou representações dos macroespaços já mencionados, associados para resultar no fato de que quase todos os interlocutores saíram da região da Estrada da Liberdade e das Boiadas para bairros distantes, quase todos na Orla Atlântica.

Em primeiro lugar, esta região não estava no fluxo do investimento público massivo que houve na cidade, em momentos distintos do século XX. Na Rede 1, os jovens casais tinham como alternativa buscar residência nas mesmas condições que seus pais conseguiram ou se arriscar num bairro completamente novo, mas com melhores condições de pagamento. Quase todos tomaram a segunda decisão.

Na Rede 2, a saída se deu antes para a maioria, ainda na infância ou adolescência. Os jovens que saíram, mais tarde, também não encontraram renovação imobiliária nas imediações que pudessem proporcionar a permanência na região. A ampliação da produção imobiliária ali estava sendo feita massivamente por autoconstrução. Apenas uma interlocutora foi para um bairro contíguo à Lapinha, mas em direção ao centro, o Barbalho.

Em segundo lugar, a Rede 1 é um pouco mais velha e gozou do grande investimento habitacional feito na cidade a partir da década de 1960, apostando nos

novos bairros fora do tecido urbano. A Rede 2, em sua maioria, vai sair na década de 1980 e 1990 e já encontram os novos bairros em estágio avançado de consolidação em termos de serviços e *status*. A Rede 1 se movimenta menos após alcançar a casa própria, a Rede 2 continua buscando novos imóveis que atendam às suas demandas.

Deste modo, a Rede 1 mesmo nos bairros da orla ainda estão na protopia, bairros que foram ponto de passagem de interlocutores da Rede 2 no primeiro momento, mas no qual não permaneceram. Os bairros nos quais permanece a Rede 1 há percentual equilibrado entre brancos e negros (pardos e pretos juntos), os bairros atuais da metade da Rede 2 têm maioria branca. Eles estão na mesma área, mas não exatamente juntos. De alguma forma, repetem na orla a dinâmica que existia na área da baía: negros nos espaços mais vulneráveis e empobrecidos, brancos nas áreas de mais infraestrutura e prestígio.

Assim, ainda que no escopo deste estudo não tenham sido incluídas a observação e a análise da convivência dos interlocutores nos bairros da orla, é notório o alcance de novo patamar socioeconômico representativo do lugar onde se estabeleceram, assim como é evidente a existência de distensões internas, nesta macroárea, estabelecidas pela temporalidade e formas urbanas concebidas para cada localidade, o que proporciona a distribuição diferente de *status*. A análise destas distensões e similaridades merecem um trabalho aprofundado como continuidade deste que agora se encerra.

Os estudos de comunidade e de bairros populares, tradicionais numa determinada fase da antropologia urbana brasileira, deram conta da existência de uma solidariedade entre as famílias nucleares, a sua família extensa e seus vizinhos, inclusive familiarizando estes últimos através de mecanismos variados. Entre as principais explicações para tal solidariedade estaria a escassez de recursos materiais e necessidade de auxílio mútuo. Havia uma expectativa de que à medida que as condições econômicas e educacionais avançassem para estas camadas, com sua inserção como operários no mercado de trabalho formal, aumentaria também a adesão ao modelo de organização familiar burguês eurocentrado, voltados mais para sua conjugalidade e sua prole natural e vínculos comunitários mais tênues.

No entanto, as narrativas e descrições levantados apontam para o fato de que mesmo em novos conjuntos habitacionais e loteamentos fora do tecido urbano a vicinalidade foi buscada e construída com a vizinhança, especialmente no caso da Rede

1. Em muitos casos, superando o distanciamento experimentado por gerações anteriores e afinando novas conexões com casas e pessoas próximas fisicamente.

Entre as possibilidades de explicação para este fato estão a situação de isolamento dos novos bairros frente à cidade propriamente dita, a semelhança de condições da maioria dos recém-chegados em início da vida conjugal com filhos em idades similares e a diminuição das tensões existentes nos bairros de origem, sobre a reputação dos vizinhos, uma vez que todos trabalhavam em seguimentos que permitiam pagar parcelas do financiamento, engajados na melhoria de vida.

No entanto, quando algumas das famílias da Rede 1 passam para condomínios em bairros já consolidados, a interação e vicinalidade diminui. Nestes casos, é possível que a desconfiança sobre a reputação dos vizinhos aumente, eles destacam a rotatividade de inquilinos e a preocupação com segurança como elementos que contribuem para afastar as pessoas nas novas moradias. Outro aspecto importante é o fato de estas famílias chegarem aos empreendimentos em outro momento da vida, com seus filhos “criados”. A presença de crianças é um elemento que favorece a aproximação e surgimento de afinidades entre a vizinhança.

Já na Rede 2, embora alguns chamem a atenção para as relações com os vizinhos nos bairros de origem, os vínculos maiores são mantidos com a família extensa, especialmente com a família da mulher ou da esposa. Esta rede permanece habitando tendo como vizinhança e relação prioritária sua família consanguínea.

Através da manutenção das relações entre as casas de seus familiares, alimentada pela existência de circuito de visitas regulares, de apoio e afeto mútuos e de um circuito vicinal com a vizinhança, a Rede 1 mantém e reformula o habitar em família, conjugando-o com valores como autonomia, respeitabilidade e segurança, engendrados pela aquisição da casa própria. Ou seja, a escolha de moradia distante da família de origem e dos irmãos não diminui o pertencimento familiar, este é reelaborado na dinâmica da cidade espraiada, implantada na segunda metade do século passado.

Por seu turno, a Rede 2 concilia a busca por moradia de qualidade e prestígio aliada à possibilidade de receber apoio cotidiano da sua família de origem diretamente. Assim, a convivência e a vicinalidade se tornam seletivas e primordialmente familiares.

Logo, ainda que as condições socioeconômicas avancem para patamares mais altos, e estes indivíduos passem a residir em bairros e localidades modernas, de padrão formal elevado, os vínculos e relações consanguíneas vão ser privilegiados em relação

aos demais, denotando ser um princípio organizador forte das relações e que torna o habitar em família uma forma duradoura e resistente de convivência.

Portanto, as transformações urbanas, as inovações habitacionais, a criação de novos bairros, a moradia coletiva em prédio de apartamentos, em condomínios fechados, entre outras mudanças, tem sido colocada a serviço da manutenção dos laços afetivos e consanguíneos, reconfigurando as rotinas desta relação, mas não esmaecendo seus vínculos.

## REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Espaço urbano, família e status social - o novo operariado baiano em seus bairros. In: **Caderno CRH**, v.3, n. 13, 1990.

\_\_\_\_\_. Introdução. **Caderno CRH**. Suplemento, p. 5-16, 1991.

\_\_\_\_\_. Mobilidades: algumas formas recentes de diferenciação social. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio.; AGIER, Michel.; CASTRO, Nadya. **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: Hucitec, 1995

\_\_\_\_\_. **Antropologia da cidade**. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

\_\_\_\_\_.; CASTRO, Nadya. Projeto operário e projetos de operários. In: GUIMARÃES, Antônio Sérgio.; AGIER, Michel.; CASTRO, Nadya. **Imagens e identidades do trabalho**. São Paulo: Hucitec, 1995

\_\_\_\_\_.; CRAVO, Christian. **Salvador de Bahia**. Rome Noire, ville métisse. (Local?): Éditions Autrement, 2005.

ALMEIDA, Silvio de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de. **Políticas públicas e arquitetura moderna na infraestruturação da periferia de Salvador: o caso do Alto da Cruz do Cosme/Pau Miúdo (1947-1951)**. In: XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2014, Brasília. Tempos e escalas da cidade e do urbanismo. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. v. 1. p. 1-30.

ARAGÃO, Ricardo Pereira. **Ser rodante é ser-com-outros: a possessão como experiência de alteridade num candomblé de Salvador**. Dissertação (mestrado) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2012.

ARANTES, Rafael. O(s) espaço(s) público(s) numa cidade desigual e segregada. **Caderno CRH**, Salvador, v. 34, p. 1-19, 2021.

ARAUJO, James Amorim. **Modernização capitalista e reprodução social da classe trabalhadora na periferia de Salvador: o Pero Vaz e as formas e práticas derivadas da escravidão**. Tese (doutorado) faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

AZEVEDO, Thales de. **As elites de cor: Um estudo de ascensão social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BACELAR, Jeferson. O negro em Salvador: os atalhos raciais. In: **Rev. História**, São Paulo, n. 129-131, p. 53-65, ago.-dez./93 – ago.-dez./94.

\_\_\_\_\_. A sociologia da sócio-antropologia do negro na Bahia. **Rev. Anuário Antropológico**. v. 4 n. 1. 1980.

\_\_\_\_\_. Donald Pierson e os brancos e pretos na Bahia. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, n. 7, p. 129-143, nov. 1997.

\_\_\_\_\_. Mulheres de galícia. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 237-253, maio-agosto/2004

BAHIA, CONDER (Companhia de desenvolvimento urbano do estado da Bahia). **Painel de informações**: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

BARNES, J. A. Redes Sociais e o processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org). **Antropologia das sociedades contemporâneas**: métodos. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BAUMAM, Zygmunt. Comunidade: em busca de segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECKER, Howard. **A escola de Chicago**. MANA 2(2): p. 177-188, 1996.

BERNARDES, Kátia Jane Chaves. **Envelhecer em Salvador**: uma página na história (1850-1900). Tese (Doutorado em História) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2010.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da habitação social no Brasil. In: **Rev. Análise Social**, v. XXIX (127), 1994, 711-732.

BRANDÃO, Maria de Azevedo. O último dia da criação: mercado, propriedade e uso do solo em Salvador. In: Valladares, Lícia do Prado (org.) **Habitação em questão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

BURGUESS, Ernest. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In: Pierson, D. **Estudos de organização social**. Tomo I. São Paulo: Martins, 1970

CABANES, Robert; TELLES, Vera da Silva (orgs.). **Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CARDOSO, Ruth; DURHAM, Eunice. A investigação antropológica em áreas urbanas. In: Cardoso, Ruth. **Obra reunida**. São Paulo: Mameluco, 2011.

CARDOSO, Célia Rosana Carneiro. As fábricas na península. Itapagipe como sítio industrial da Salvador Moderna. In: **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 132.06, Vitruvius. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.132/3894>>. Acesso: 15/07/2018

CARVALHO, IMM.; PEREIRA, G.C.; (orgs). Como anda Salvador e sua região metropolitana [online]. 2nd. ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008.

CARVALHO, Inaiá; BARRETO, Vanda. Segregação residencial, condição social e raça em Salvador. In: **Cadernos metrópole 18** - 2º sem. 2007.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 16ª ed. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. **Ekabó!** Trabalho escravo, condições de moradia e reordenamento urbano em Salvador no século XIX. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1989.

CÔRREA, Roberto Lobato. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. In: **Cidades**, v. 4, n. 6, 2007, p. 62-72.

\_\_\_\_\_. Segregação residencial: classes sociais e espaço urbano. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida. Corrêa, Roberto Lobato. Pintaudi, Silvana Maria (orgs). **A cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2016

CORTINA, Adela. Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia. Trad. Daniel Fabre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

COUTO, Márcia Thereza. Estudo de famílias populares urbanas e a articulação com gênero. In: **Rev. Antropológicas**, ano 9, vol. 16(1), 2005.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, 1997.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes de suas ruas**. Salvador: Edufba, 2006.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.



FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes (o legado da "raça branca"**. Vol. 1. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. Desafrikanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador (1890-1937). In: **Afro-Ásia**, 21-22 (1998-1999).

FIGUEIREDO, Angela. **Classe média**: trajetórias e perfis. Salvador: Edufba, 2012.

FLEXOR, Maria Helena. Salvador e higienismo nos séculos XIX e XX. In: Gama, Hugo; Nascimento, Jaime (orgs.). **A urbanização de Salvador em três tempos. Colônia, Império e República**. Textos críticos de história urbana, vol. I. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 7.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

GAMA, Hugo; NASCIMENTO, Jaime (orgs.). A urbanização de Salvador em três tempos. Colônia, Império e República. In: **Textos críticos de história urbana. Vol. I**. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2011.

GARCIA, Antonia dos Santos. **Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas capitais**: Salvador, cidade D'Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GATO, Maria Assunção. **Pode o espaço ser agente de poder e identidade(s)?**. CIES e-WORKING PAPER N.º 96/2010. Lisboa.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. Escravidão e cidade: notas sobre a ocupação da periferia de Salvador no século XIX. In: **Revista de Urbanismo e Arquitetura**, v. 3, n. 1, p. 9-19, 1990. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3102>. Acesso: 04 abr. 2018.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GORDILHO-SOUZA, Angela. **Limites do habitar**: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século XX. 2. ed ver. e ampl. Salvador: Edufba, 2008.

GUERREIRO, Goli. O drible do Candéal: o contexto sociomusical de uma comunidade afro-brasileira. **Afro-Ásia**, 33 (2005)

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Guimarães. Cor, classes e *status* nos estudos de Pierson, Azevedo e Harris na Bahia: 1940-1960. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996.

\_\_\_\_\_. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. Formações nacionais de classe e raça. In: **Rev. Tempo Social**, v. 28, n. 2, ago-2016.

\_\_\_\_\_. As elites de cor e os estudos de relações raciais. *Tempo Social*; In: **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 8(2): 67-82, outubro de 1996.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. 1954. Disponível em: [http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20ohabitar,%20opensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20ohabitar,%20opensar.pdf). Acesso: 24 abr. 2018.

IVO, Anete. Questão social e questão urbana: laços imperfeitos. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 17-33, Jan./Abr. 2010

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Maria das Graças Bispo de. Abordagens geográficas a partir do resgate cultural e dinâmica sócio-espacial: o estudo do bairro do Rio Vermelho-Salvador/Bahia-Brasil. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo: USP, 2005

JORGE, Maria do Rosário *et al.* Mudar de casa em Lisboa: perfis socioeconômicos de recente mobilidade residencial. In: **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 20, n. 41, p. 123-149, jan./abr. 2018.

KELLY, Kevin. **Inevitável**: as 12 forças tecnológicas que mudarão nosso mundo. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: HSM, 2017

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991 [1969].

\_\_\_\_\_. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 2000.

\_\_\_\_\_. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002

\_\_\_\_\_. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: fev./2006.

LIMA, Adriana Nogueira Vieira. **Do direito autoconstruído ao direito à cidade: porosidades, conflitos e insurgências em Saramandaia**. Salvador: Edufba, 2019.

LIMA, Maria Helena Beozzo de. Em busca da casa própria: autoconstrução na periferia do Rio de Janeiro. In: Valladares, Lícia do Prado (org.) **Habitação em questão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LOURAU-SILVA, Julie Sarah, Comércio informal em tempos de festa. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 235, p. 74-92, 2015

MACEDO, Márcio; BACELAR, Jeferson (resenha). Mário Gusmão: um príncipe negro na terra dos dragões da maldade. Rio de Janeiro, Pallas, 2006. In: **Rev. Tempo Social**, v. 18, n. 2 nov-2006.

MAGALHÃES, D.J.A.V.; RIOS-NETO, E.L.G. **Uma abordagem multinível para análise da mobilidade residencial na RMBH**. Est. Pop., Campinas, v. 21, n. 1, p. 137-156, jan./jun. 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. In: **Anuário Antropológico/2012**, Brasília, UnB, 2013, v. 38 n.2, p. 53-72.

\_\_\_\_\_. O circuito dos jovens urbanos. *Tempo Social*. In: **Revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2.

\_\_\_\_\_. O Circuito: proposta de delimitação da categoria. In: **Ponto Urbe** [Online], 15, 2014. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/2041>; DOI:10.4000/pontourbe.2041. Acesso: 22 abr. 2016.

\_\_\_\_\_.; TORRES, Lillian de Lucca (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1996.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade: segundo as letras de canções**. Salvador: Edufba, 2019

MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo baiano. In: **Mana**, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999.

MARICATO, Ermínia. Autoconstrução, a arquitetura do possível. In: Maricato, Ermínia. (org.) **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. Trad. James Amado. São Paulo: Currupio; [Brasília]: CNPq, 1988.

\_\_\_\_\_. **Bahia, século XIX**: Uma província no império. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MCCALLUM, Cecília; BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. In: **Revista Etnográfica**, Lisboa, v. 16, n.2, p. 221-246. 2012. Disponível em: <https://etnografica.revues.org/1476>. Acesso: 25 abr. 2018.

MENDES, Bartolomeu de Jesus. **Entre blocos e afros e afoxés**: Liberdade - Salvador/BA no último quartel do Séc. XX. (identidade e diferença na intersubjetividade). Tese (doutorado em História Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Anna Amélia Vieira. **Dez freguesias da cidade do Salvador**: aspectos sociais e urbanos do século XIX. Salvador: Edufba, 2007.

NASCIMENTO, Luiz Cláudio. **Bitedô** - onde moram os nagôs: redes de sociabilidades africanas na formação de candomblé jêje-nagô no Recôncavo baiano. Rio de Janeiro: CEAP, 2010.

NEGRO, Antonio Luigi. No caminho da areia: política, coexistência e conflito em Salvador (1945-1949). **Tempo**. v. 17. n. 33. 2012

NOGUEIRA, Azania Mahin Romão. A construção conceitual e espacial dos territórios negros do Brasil. In: **Revista de Geografia** (Recife), v. 35, n. 1 (especial), 2018.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito social de origem. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. 2006

NUNES, Erivaldo Sales. **Contribuição para a história do Candomblé Congo-Angola na Bahia**: o terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916 -1946) / Erivaldo Sales Nunes. - 2017.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. **As Fortalezas e a Defesa de Salvador**. Brasília-DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 2000.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. (org). **O fenômeno urbano**. Trad. Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967

PEREIRA, Sandra Marques. **Casa e mudança social**: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa. Lisboa: Calendoscópio, 2016.

PINA-CABRAL, João de; SILVA, Vanda Aparecida da. **Gente livre**: consideração e pessoa no Baixo-Sul da Bahia. Terceiro Nome, 2013.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia**: estudo de contato social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

PINHEIRO, Eloisa Petti. **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio, Salvador). Salvador: Edufba, 2011

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. In: **Revista Novos Rumos**. Ano 17, n. 37, 2002.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros**: uma lacuna nos Estudos urbanísticos- Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da federação, Salvador (Bahia). Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) da Universidade federal da Bahia. 2013

\_\_\_\_\_. **Território afrodescendente**: leitura da cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia). Dissertação (mestrado) Faculdade de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2007.

REIS, J. J. Domingos Pereira Sodré: um sacerdote africano na Bahia oitocentista. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 34, 2006.

REIS, Sarah Nascimento dos. **“Charme é poder viver aqui!”**: A atual oferta imobiliária habitacional do município de Salvador-BA. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 2015.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Editora nacional, 1935.

ROSA, Thais Troncon. **Cidades Outras**: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas limiares. Tese (doutorado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

SALVADOR. **Lei nº 9.278/2017**. Dispõe sobre a delimitação e denominação dos bairros do município de Salvador, Capital do Estado da Bahia, na forma que indica, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 1038/1960.** Fixa a delimitação urbana e suburbana dos distritos e sub-distritos do município do Salvador, divide a cidade e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 2181/1968.** Autoriza a alienação de bens dominicais e dá outras providências.

SAMPAIO, Antonio Heliodoro Lima. **10 necessárias falas:** cidade, arquitetura e urbanismo. Salvador: Edufba, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2010.

SANGODEYI-DABROWSKI, Delphine. As raízes ideológicas da segregação no Brasil: o exemplo de Salvador. In: Esteves Júnior, Milton; Uriarte, Urpi Montoya (orgs). **Panoramas Urbanos:** reflexões sobre a cidade. Salvador: Edufba, 2003.

SANTOS, Elisabete; PINHO; Moraes, José Antônio Gomes de.; **Santos**, Luiz Roberto; **Fischer**, Tânia. (org.) **O caminho das águas em Salvador:** bacias Hidrográficas, bairros e fontes. Salvador: CIAGS/UFBA; SEMA, 2010.

SANTOS, Joel Rufino. O negro como lugar. In: MAIO, Marcos Chor. (org.). **Raça, ciência e sociedade.** Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB: 1996

SANTOS, Milton. **O centro da cidade do Salvador.** Estudo de geografia urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Livraria Progresso Editora, 1959.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido:** dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pobreza urbana.** 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SCHNEIDER, David M. **Parentesco americano:** uma exposição cultural. Petrópolis: Vozes, 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo":** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SEGAUD, Marion. **Antropologia do espaço:** Habitar, fundar, distribuir, transformar. Tradução: Eric R. R. Heneault. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.

SILVA, Maria Nilza. **Nem para todos é a cidade:** segregação urbana e racial em São Paulo. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SILVA, Paula Cristina. Raça e trabalho: categorias de cor entre trabalhadores metalúrgicos baianos. In: **Revista Alteridades**, n. 2, abr.-set./95.

SOUZA, Cristiane Santos. **Trajetórias de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana**. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade estadual de campinas, Campinas, 2013.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

\_\_\_\_\_. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. Tempo Social; In: **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000.

\_\_\_\_\_. A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. In: **RBCS**. v. 16. n. 45. Fev. 2001

TELLES, Edward. Entrevista. PLURAL. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 143-158, 2011.

URIARTE, Urpi Montoya. **Entra em beco, sai em beco** - formas de habitar o centro: Salvador e Lisboa. Salvador: Edufba, 2019.

\_\_\_\_\_. O centro histórico de Salvador à luz da antropologia e da história. In: LUDENA URQUIZO, Wiley. HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos. **Territórios, cidades y arquitecturas sur-sur: procesos históricos y desafios, dialogos metropolitanos Lima | Salvador**. Lima, Salvador: Fondo Editorial de la Pontífica Universidad Católica del Perú; centro de Investigación de la Arquitectura y la Ciudad; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, 2020.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com**. Rio de Janeiro-RJ, FGV, 2005.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador: transformações e permanências (1549-1999)**. Salvador: Edufba, 2016.

\_\_\_\_\_. Pobreza urbana e a formação de bairros populares em Salvador na Longa duração. **Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 20, 2006.

\_\_\_\_\_. Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades. In: Vasconcelos, Pedro de Almeida; Corrêa, Roberto Lobato; Pintaudi, Silvana Maria (orgs). **A cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2016.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.

\_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004

VIANNA, Hildergardes. **A Bahia já foi assim**: crônicas de costumes. São Paulo: GRD, Brasília: INL, 1979.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo-SP: Studio Nobel, 2001.

VOLPINI, Lorena. **A rede CAMMPI**. Cidadania e política do espaço na Península de Itapagipe. Uma etnografia do fazer cidade em Salvador, Brasil. Tese (Doutorado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

WACQUANT, Loic. **Os condenados da cidade**: estudo sobre marginalidade avançada. Trad. José Roberto Martins Filho, et al. Rio de Janeiro: Revan, FASE, 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. H.H. Gerth and C. Wright Mills (orgs.). Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 1982. Cap. VII - Classe, Estamento e Partido.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, O. **O fenômeno urbano**. Trad. Marina Corrêa Treuherz. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967

WOORTMANN, Klaas. Casa e família operária. In: **Rev. Anuário Antropológico**. V. 5, n. 1, 1981.

\_\_\_\_\_. A ideia de família em Malinowski. In: **Rev. Campos**, 2. 2002.

\_\_\_\_\_. **A família Trabalhadora**. Série Antropológica. mimeo, 1984.

\_\_\_\_\_.; WOORTMANN, Ellen. Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, Contexto e circunstâncias. In: **Série Antropológica**. Brasília: UNB, 2004.

### *Jornais, periódicos e mídia eletrônica*

12 IMÓVEIS tombados pelo IPHAN que poucos turistas conhecem em Salvador. **Direto da Bahia**. Disponível em:

<https://blog.panrotas.com.br/diretodabahia/2017/08/26/12-imoveis-tombados-pelo-iphan-que-poucos-turistas-conhecem-em-salvador>. Acesso: 16 set. 2020.

ABRIGO Dom Pedro II. **Cidade Salvador**. Disponível em: <http://www.cidade-salvador.com/patrimonios/abrigo-dom-pedro/abrigo.html>. Acesso: 16 set. 2020.



ACÃO de policiais assusta moradores do bairro da Liberdade, em Salvador. **Bahia no ar**. Disponível em: <https://bahianoar.com/acao-de-policiais-assusta-moradores-do-bairro-da-liberdade-em-salvador>. Acesso: 10 set. 2020.

ACM Neto determina criação de sete novos bairros em Salvador. **G1**. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/09/01/acm-neto-determina-criacao-de-sete-novos-bairros-em-salvador-veja-lista-completa.ghtml>. Acesso: 10 mai. 2021.

AFROJOB: empreendedores negros unem forças para montar loja colaborativa na Liberdade, em Salvador. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/11/20/afrojob-empreendedores-negros-unem-forcas-para-montar-loja-colaborativa-na-liberdade-em-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

Alto do Cabrito. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alto\\_do\\_Cabrito](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alto_do_Cabrito). Acesso: 10 set. 2020.

AS CHUVAS recentes e a luta pelo espaço urbano de Salvador. Disponível em: <https://passapalavra.info/2015/06/104761>. Acesso: 30 mai. 2021.

AS MARGENS da cidade e o que elas nos contam. **Observatório de Geografia Política**. Disponível em: <https://www.observatoriodegeografiapolitica.com/post-unico/2019/11/18/as-margens-da-cidade-e-o-que-elas-nos-contam.html>. Acesso: 29 set. 2020.

ATAQUE a tiros deixa morto e feridos na Liberdade, em Salvador. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/04/11/ataque-a-tiros-deixa-morto-e-feridos-na-liberdade-em-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

BAHIA. SUCOM. **Legislações**. Disponível em: <http://www.sucom.ba.gov.br/category/legislacoes/pddu>. Acesso: 29 set. 2020.

BAIRRO da Liberdade volta a ter ações restritivas da prefeitura. **Ibahia**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/detalhe/noticia/bairro-da-liberdade-volta-a-ter-acoes-restritivas-da-prefeitura>. Acesso: 9 set. 2020.

BAIRRO da Liberdade terá medidas de restrição e ambulantes se preocupam com o fechamento das feiras. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/19/bairro-da-liberdade-tera-medidas-de-restricao-e-ambulantes-se-preocupam-com-o-fechamento-das-feiras-vivo-disso.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

BATIDA entre ônibus deixa ferido em bairro de Salvador. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/02/13/batida-entre-onibus-deixa-ferido-em-bairro-de-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

BOÇAL. In: MICHAELIS On line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=bo%C3%A7al> . Acesso em: 25/08/2020

Caixa D'Água. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa\\_d%27%C3%81gua](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_d%27%C3%81gua). Acesso: 10 set. 2020.

CAMPO Grande. **Salvador Antiga**. Disponível em: <http://www.salvador-antiga.com/campo-grande/cricket.html>. Acesso: 29 set. 2020.

CARNAVAL nos bairros começa neste sábado. **Bahia.ba**. Disponível em: <https://bahia.ba/carnaval/carnaval-nos-bairros-comeca-neste-sabado-22-veja-locais>. Acesso: 10 set. 2020.

CARNAVAL na Liberdade reúne ritmos para todos os gostos. **Ibahia**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/ondeestameutrio/detalhe/noticia/carnaval-na-liberdade-reune-ritmos-para-todos-os-gostos-veja-programacao-desta-terca-25>. Acesso: 9 set. 2020.

CARRO não é bonde: Vasco da Gama era Rio Vermelho de baixo e tinha linha para o Campo Grande. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/carro-nao-bonde-vasco-da-gama-era-rio-vermelho-de-baixo-e-tinha-linha-para-o-campo-grande>. Acesso: 29 mai. 2021.

CASAS brasileiras: 9 exemplos da arquitetura residencial vernacular. **Arch Daily**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/906932/casas-brasileiras-9-exemplos-da-arquitetura-residencial-vernacular>. Acesso: 29 set. 2020.

CHACINA deixa quatro mortos na Liberdade. **Voz da Bahia**. Disponível em: <https://vozdabahia.com.br/salvador-chacina-deixa-quatro-mortos-na-liberdade>. Acesso: 10 set. 2020.

Cidade Nova. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade\\_Nova](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_Nova). Acesso: 10 set. 2020.

COLETIVA. **Entrevista com Antônio Bispo**. Disponível em: <https://www.coletiva.org/entrevista-antonio-bispo>. Acesso: 08 nov. 2021.

CONTRA a Covid-19, moradores da Liberdade realizam higienização em ruas do bairro. **G1**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/15/contra-a-covid-19-moradores-da-liberdade-realizam-higienizacao-em-ruas-do-bairro.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

CULTURA todo dia. Disponível em:

[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=3&cod\\_polo=19](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=3&cod_polo=19). Acesso: 16 set. 2020.

DA MORADIA de ciganos mouros ao atual bairro da Mouraria. **Ibahia**. Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/detalhe/noticia/da-moradia-de-ciganos-mouros-ao-atual-bairro-da-mouraria>. Acesso: 9 set. 2020.

DICIONÁRIO Tupi-Guarani. Disponível em:

<https://www.dicionariotupiguarani.com.br>. Acesso: 16 set. 2020.

DUQUE de Caxias. **Filosofia PIBID-UFBA**. Disponível em:

<http://filosofiapidufba.blogspot.com/p/duque-de-caxias.html>. Acesso: 16 set. 2020.

Fazenda Grande do Retiro. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda\\_Grande\\_do\\_Retiro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Grande_do_Retiro). Acesso: 10 set. 2020.

FAZENDA Grande do Retiro e Paripe são os bairros mais denunciados por paredões.

**Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fazenda-grande-do-retiro-e-paripe-sao-os-bairros-mais-denunciados-por-paredoes>. Acesso: 9 set. 2020.

FESTA, baba e feira: moradores do Bonfim, Lobato e Liberdade quebram isolamento.

**Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/festa-baba-e-feira-moradores-do-bonfim-lobato-e-liberdade-quebram-isolamento>. Acesso: 9 set. 2020.

FESTA de reis: serviços terão esquema especial para evento na Lapinha. **Ibahia**.

Disponível em: <https://www.ibahia.com/salvador/detalhe/noticia/festa-de-reis-servicos-terao-esquema-especial-para-evento-na-lapinha/>. Acesso: 9 set. 2020.

FESTIVAL de música negra. **Regulamento**. Disponível em:

[https://festivaldemusicanegra.com.br/regulamento/tema\\_2021-liberdade.pdf](https://festivaldemusicanegra.com.br/regulamento/tema_2021-liberdade.pdf). Acesso: 29 set. 2021.

FGM. Sem título. Disponível em:

<http://www.culturafgm.salvador.ba.gov.br/images/stories/SitiosHistoricos/bustos/pdf/generallabatut.pdf>. Acesso: 9 set. 2020.

GOVERNO da Bahia. **Cultura Todo dia**. Disponível em: [http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=5&cod\\_polo=67](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=5&cod_polo=67). Acesso: 29 set. 2020.

HISTÓRIA do Colégio Duque de Caxias. **Slide Share**. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/uranoandrade/histria-colgio-duque-de-caxias>. Acesso: 16 set. 2020.

HOMEM apontado como líder do tráfico na Liberdade é morto por rivais. **Bahia no ar**. Disponível em: <https://bahianoar.com/homem-apontado-como-lider-do-trafico-na-liberdade-e-morto-por-rivais>. Acesso: 10 set. 2020.

HOMEM é detido após roubar carro e tombar veículo durante perseguição policial em Salvador **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/31/homem-e-detido-apos-roubar-carro-e-tombar-veiculo-durante-perseguiacao-policial-em-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

HOMENAGENS controversas: Pedro Rodrigues Bandeira. **Salvador escravista**. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/homenagens-controversas/pedro-rodrigues-bandeira>. Acesso: 29 set. 2020.

HOMENAGENS controversas: Padre Antônio Vieira. **Salvador escravista**. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/homenagens-controversas/padre-ant%C3%B4nio-vieira>. Acesso: 29 set. 2020.

IAPI: o primeiro conjunto habitacional de Salvador. **Correio**. Disponível em: <https://blogs.correio24horas.com.br/salvadorconcreta/iapi-o-primeiro-conjunto-habitacional-de-salvador>. Acesso: 16 set. 2020.

IAPI. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/IAPI>. Acesso: 10 set. 2020.

JOÃO da Gomeia: o rei do candomblé. **Carta Capital**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/joaozinho-da-gomeia-o-rei-do-candomble.html>. Acesso: 16 jan. 2021.

Lapinha. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lapinha>. Acesso: 10 set. 2020.

LARGO da Madragoa. **Salvador História da Cidade Baixa**. Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com/2009/10/largo-da-madragoa.html>. Acesso: 16 set. 2020.

LARGO do Papagaio. **Salvador História da Cidade Baixa**. Disponível em: <http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com/2009/10/largo-do-papagaio.html>. Acesso: 16 set. 2020.

LIBERDADE e Itapuã foram bairros com mais denúncias de som alto no fim de semana. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/liberdade-e-itapua-foram-bairros-com-mais-denuncias-de-som-alto-no-fim-de-semana>. Acesso: 9 set. 2020.

LIBERDADE ganha unidade de acolhimento com capacidade para 80 pessoas em situação de rua. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/liberdade-ganha-unidade-de-acolhimento-com-capacidade-para-80-pessoas-em-situacao-de-rua>. Acesso: 9 set. 2020.

LIBERDADE e Centro Histórico terão mudanças nesta quarta. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/liberdade-e-centro-historico-terao-mudancas-no-trafego-nesta-quarta-20/>. Acesso: 9 set. 2020.

Liberdade. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade>. Acesso: 10 set. 2020.

LIMA, Ivani. **Big bairro branco**. Disponível em: <https://soteropolitanosdecastelobranco.wordpress.com/2007/11/01/big-bairro-branco>. Acesso: 23 mai. 2021.

Lista de rios de Salvador. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_rios\\_de\\_Salvador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_rios_de_Salvador). Acesso: 29 set. 2020.

LOJA em Salvador é assaltada por homens vestidos com uniformes de gari. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/20/video-loja-em-salvador-e-assaltada-por-homens-vestidos-com-uniformes-de-gari.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

LUGARES esquecidos. **Salvador escravista**. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/lugares-esquecidos/esta%C3%A7%C3%A3o-da-cal%C3%A7ada>. Acesso: 29 set. 2020.

LUGARES esquecidos: Quarentena de escravizados. **Salvador escravista**. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/lugares-esquecidos/quarentena-de-escravizados>. Acesso: 29 set. 2020.

LUGARES esquecidos: sociedade protetora dos desvalidos. **Salvador escravista**. Disponível em: <https://www.salvadorescravista.com/lugares-esquecidos/sociedade-protetora-dos-desvalidos>. Acesso: 29 set. 2020.

MÃE Hilda: bairro da Liberdade ganha circuito oficial n carnaval de Salvador. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/09/30/mae-hilda-bairro-da-liberdade-ganha-circuito-oficial-no-carnaval-de-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

MAPA deixa clara a concentração de homicídios em bairros pobres. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/mapa-deixa-clar-a-concentracao-de-homicidios-em-bairros-pobres/# = .> Acesso: 9 set. 2020.

Marechal Rondon. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marechal\\_Rondon](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marechal_Rondon). Acesso: 10 set. 2020.

MEMÓRIA da Avenida General San Martin. Disponível em: <http://memoriadaavenidageneralsanmartin.blogspot.com>. Acesso: 31 mai. 2021.

MORADORES do Jardim Vera Cruz reclamam de assaltos. **A Tarde**. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1908966-moradores-do-jardim-vera-cruz-reclamam-de-assaltos>. Acesso: 29 mai. 2021.

NUNES, Davi. **Gringo de periferia**: pequena crônica sobre o bairro Beiru. Disponível em: <https://ungareia.wordpress.com/2015/07/09/gringo-de-periferia-pequena-cronica-sobre-o-bairro-beiru>. Acesso: 17 mai. 2021.

NUNES, Davi. **Cabula**: resistência quilombola, uma ascendência cabulosa. Disponível em: <https://ungareia.wordpress.com/2015/07/05/cabula-resistencia-quilombola-uma-ascendencia-cabulosa>. Acesso: 17 mai. 2021.

O ALABAMA. **A Tarde**. Disponível em: <http://mundoafro.atarde.uol.com.br/tag/o-alabama>. Acesso: 10 mai. 2021.

O HIDROPORTO de Itapagipe, o primeiro aeroporto da Bahia. **Ibahia**. Disponível em: <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2017/12/20/o-hidroporto-de-itapagipe-o-primeiro-aeroporto-da-bahia>. Acesso: 9 set. 2020.

O MORRO da paciência. **Blog do Rio Vermelho**. Disponível em: <https://blogdoriovermelho.blogspot.com/2020/08/o-morro-da-paciencia-e-suas13.html>. Acesso: 16 set. 2020.

O ÓLEO de Lobato: a primeira jazida de petróleo brasileira. **Brasil de Fato**.

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/04/o-oleo-de-lobato-a-primeira-jazida-de-petroleo-brasileira>. Acesso: 16 jan. 2021.

OBRA de contenção da encosta São José em Salvador é entregue pelo governo da

Bahia. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/19/obra-de-contencao-da-encosta-sao-jose-em-salvador-e-entregue-pelo-governo-da-bahia.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

Oportunidade. MICHAELIS On line. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=oportunidade> Acesso em : 15 set. 2021

OS MORADORES. **Vila Laura**. Disponível em: <https://vilalaura.wordpress.com/os-moradores>. Acesso: 20 set. 2021.

PAI é preso em flagrante horas após estuprar filha na Liberdade. **Correio**.

Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/pai-e-preso-em-flagrante-horas-apos-estuprar-filha-na-liberdade>. Acesso: 9 set. 2020.

Pau Miúdo. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau\\_Mi%C3%BAdo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_Mi%C3%BAdo). Acesso: 10 set. 2020.

Pero Vaz. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pero\\_Vaz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pero_Vaz). Acesso: 10 set. 2020.

POLÍCIA desfaz videomonitoramento de traficantes na Liberdade. **A Tarde**.

Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2132422-policia-desfaz-videomonitoramento-de-trafficantes-na-liberdade>. Acesso: 10 set. 2020.

POLICIAIS militares flagrados ao agredir jovens com pedaço de madeira em Salvador. **G1**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/03/05/video-policiais-militares-sao-flagrados-ao-agredir-jovens-com-pedaco-de-madeira-em-salvador.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

PRÉDIO onde funcionou o abrigo Dom Pedro II tem futuro incerto. **A Tarde**.

Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1972636-predio-onde-funcionou-o-abrigo-dom-pedro-ii-tem-futuro-incerto>. Acesso: 16 set. 2020.

PROCISSÃO reúne devotos dos santos gêmeos na Liberdade. **A Tarde**. Disponível

em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2095679-procissao-reune-devotos-dos-santos-gemeos-na-liberdade>. Acesso: 10 set. 2020.

QUADRILHA é presa com cerca de 65kg de drogas. **A Tarde**. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2092005-quadrilha-e-presa-com-cerca-de-65-kg-de-drogas>. Acesso: 10 set. 2020.

REVOLTAS na Bahia: uma cronologia. Disponível em: <https://uranohistoria.blogspot.com/search?q=s%C3%A3o+caetano>. Acesso: 08 mar. 2021.

RUÍNAS de maternidade no Rio Vermelho recontam parte da história e de figuras ilustres do bairro mais boêmio de Salvador. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/bahia/noticia/ruinas-de-maternidade-no-rio-vermelho-recontam-parte-da-historia-e-de-figuras-ilustres-do-bairro-mais-boemio-de-salvador.ghtml>. Acesso: 29 mai. 2021.

SALVADOR em bairros: Liberdade e sua diversidade cultural premium. **A Tarde**. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1669344-salvador-em-bairros-liberdade-e-sua-diversidade-cultural-premium>. Acesso: 10 set. 2020.

SALVADOR tem a 2ª maior população morando em favelas, diz IBGE. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-tem-a-2a-maior-populacao-do-pais-morando-em-favelas-diz-ibge/>. Acesso: 9 set. 2020.

SALVADOR. **Amaralina**. Disponível em: <http://www.salvador-turismo.com/amaralina/amaralina.html>. Acesso: 29 set. 2020.

SALVADOR entra em nível de atenção por causa de chuva forte, alerta CODESAL. **Correio**. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/salvador-entra-em-nivel-de-atencao-por-causa-de-chuva-forte-alerta-codesal>. Acesso: 9 set. 2020.

SALVADOR. **Amaralina / Capela**. Disponível em: <http://www.salvador-turismo.com/amaralina/capela.html>. Acesso: 29 set. 2020.

SALVADOR de ontem nos dias de hoje. **G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/bahia/fotos/2012/03/salvador-de-ontem-nos-dias-de-hoje-veja-fotos-antigas-e-atuais-da-capital.html#F407711>. Acesso: 29 mai. 2021.

Santa Mônica. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa\\_M%C3%B4nica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_M%C3%B4nica). Acesso: 10 set. 2020.

SANTOS, Maria Aparecida Souza. **A importância de Salvador-BA**. Disponível em: <https://aminhainfancianocastelobranco.blogspot.com/2017/06/a-importancia-de-salvador-ba-salvador-e.html#comment-form>. Acesso: 23 mai. 2021.



São Caetano. In: **WIKIPEDIA**. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Caetano](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Caetano). Acesso: 10 set. 2020.

SEM presença do povo, celebração ao 2 de julho em Salvador tem imagens dos caboclos e flores em estátua de Labatut. **G1**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/02/sem-presenca-do-povo-celebracao-ao-2-de-julho-em-salvador-tem-imagens-dos-caboclos-e-flores-em-estatuade-labatut.ghtml>. Acesso: 10 set. 2020.

SEM título. Fotografia. **Brasiliana fotográfica**. Disponível em:

<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/3760>. Acesso: 16 set. 2020.

SOLAR Bandeira será tombado pelo estado da Bahia. **Jornal Grande Bahia**.

Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2010/06/salvador-solar-bandeira-sera-tombado-pelo-estado-da-bahia/observatorio-de-geografia.html>.

Acesso: 29 set. 2020.

SOLAR Bandeira. **I-Patrimônio**. Disponível em:

<http://www.ipatrimonio.org/salvador-solar-bandeira/#!/map=38329&loc=-12.959054000000007,-38.50046699999999,17>. Acesso: 29 set. 2020.

TERCEIRA cena urbana de contrastes. **A Tarde**. Disponível em:

<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/terceira-metropole-do-pais-tem-cena-urbana-de-contrastes-1579819>. Acesso: 10 set. 2020.

TIROTEIO deixa um homem morto e quatro feridos no bairro da Liberdade, em Salvador. **P Notícias**. Disponível em:

<https://www.pnoticias.com.br/noticia/policia/235858-tiroteio-deixa-um-homem-morto-e-quatro-feridos-no-bairro-da-liberdade-em-salvador>. Acesso: 10 set. 2020.

UNEB. Disponível em: <https://portal.uneb.br/salvador>. Acesso: 10 mai. 2021.

VER A CIDADE. “Foi isso que eu fiz na vida: fazer História”. **Entrevista com Cid Teixeira**. Disponível em:

[http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v6/index.php?option=com\\_content&view=article&id=8&Itemid=3](http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v6/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3). Acesso: 29 set. 2021.

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues. **Nem só de afoxés brincam os homens**: manifestações carnavalescas negras em Salvador Bahia no final do século XIX e princípios do XX. Disponível em:

[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911531\\_ARQUIVO\\_Final.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911531_ARQUIVO_Final.pdf). Acesso: 10 mai. 2021.

VILA Laura: E da fazenda fez-se o bairro. **A Tarde**. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1290542-vila-laura:-e-da-fazenda-fez-se-o-bairro>. Acesso: 20 mai. 2021.

VILA Laura: um bairro com história e tradição. **JVF Empreendimentos**. Disponível em: <https://jvfempreendimentos.com.br/blog/vila-laura-salvador/#:~:text=Hist%C3%B3ria%20da%20Vila%20Laura%2C%20Salvador&text=H%C3%A1%20mais%20de%2070%20anos,homenagem%20%C3%A0%20sua%20esposa%20Laura>. Acesso: 20 mai. 2021.